UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

AMANDA PERUCHI

NO RASTRO DOS JORNAIS FRANCESES OITOCENTISTAS

Os anúncios e a vida social no Rio de Janeiro (1827-1896)

FRANCA
2016

AMANDA PERUCHI

NO RASTRO DOS JORNAIS FRANCESES OITOCENTISTAS

Os anúncios e a vida social no Rio de Janeiro (1827-1896)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.
Área de Concentração: História e Cultura Social.
Orientadora: Prof.ª Dr. ª Milena da Silveira Pereira

FRANCA

2016

Peruchi, Amanda.
No rastro dos jornais franceses oitocentistas. Os anúncios e a vida social no Rio de Janeiro (1827-1896) / Amanda Peruchi. – Franca: [s.n.], 2016.
169 f.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
Orientador: Milena da Silveira Pereira.

1. Rio de Janeiro (RJ) – História – Séc XIX. 2. Jornalismo. 3. Brasil – Usos e costumes – Séc. XIX. I. Título.
CDD – 981.04

AMANDA PERUCHI

NO RASTRO DOS JORNAIS FRANCESES OITOCENTISTAS

Os anúncios e a vida social no Rio de Janeiro (1827-1896)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.
Área de Concentração: História e Cultura
Linha de Pesquisa: História e Cultura Social

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE:_____

Profa. Dra. Milena da Silveira Pereira

1º EXAMINADOR:_____

2º EXAMINADOR:_____

Franca, __ de _____ de 2016.

À Michelle

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pelo financiamento integral desta pesquisa.

À Profa. Dra. Milena da Silveira Pereira pela orientação, pela confiança e pelo apoio durante toda a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França e à Profa. Dra. Karina Anhezini de Araújo pela leitura do meu trabalho no exame de qualificação e pelas observações que foram prestimosas para a finalização desta pesquisa.

À Michelle por ter lido minuciosamente cada etapa e cada versão deste trabalho, pela confiança e estímulo nas horas certas e, principalmente, por ser a minha companheira de vida.

Às amigas Simone de Almeida e Susani Silveira Lemos França, ao amigo Felipe Pagliuca, à minha família e aos meus sobrinhos, Estevão, Flávia e Arthur.

PERUCHI, Amanda. **No rastro dos jornais franceses oitocentistas. Os anúncios e a vida social no Rio de Janeiro (1827-1896)**. 2016. 169 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2016.

RESUMO

No século XIX, a cidade do Rio de Janeiro passou por um significativo processo de modernização, impulsionado, entre outros motivos, pela redefinição do cenário urbano e pelo advento da imprensa. Nesse palco, os jornais franceses publicados na capital do Império tornaram-se cada vez mais numerosos e legaram diversos escritos a respeito dos acontecimentos e das mudanças da cidade. Entre as diversas seções e notícias registradas por esses periódicos, a seção dos anúncios teve um papel de destaque ao apresentar os produtos adquiridos, os serviços contratados e os lugares que os homens daquele tempo frequentavam – especialmente os cafés, confeitarias e restaurantes. Partindo do mapeamento dos anúncios de lojas de comidas e bebidas e dos cafés, confeitarias e restaurantes, o principal objetivo desta pesquisa é analisar o que eles informaram sobre tais lugares, isto é, delinear as comidas e as bebidas vendidas e os serviços e os espaços físicos disponibilizados e apresentar de que maneira eles buscaram promover esses estabelecimentos como lugares de passeio e de *rendez-vous* dos cariocas daquela época. Para este propósito, a esta dissertação procura investigar os porquês de publicar uma folha francesa no Rio de Janeiro, os principais temas abordados que diziam respeito à capital do Império e como os impressos franceses buscaram afirmar a chegada de uma *vie moderne* nas terras fluminenses. Em outras palavras, os questionamentos buscam apreender o papel dos periódicos franceses na redefinição de certos gostos, hábitos e costumes da sociedade carioca oitocentista.

PALAVRAS-CHAVE: Anúncios, Imprensa Francesa, Rio de Janeiro, Século XIX

PERUCHI, Amanda. **In pursuit of the nineteenth-century French newspapers. The ads and social life in Rio de Janeiro (1827-1896)**. 2016. 169 f. Dissertation (Masters in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2016.

ABSTRACT

In the nineteenth century a significant process of modernization occurred in Rio de Janeiro driven by changings in the urban landscape and the advent of printing. In this scene, the French newspapers published in the capital of the empire became increasingly numerous and bequeathed several writings about the events and changes of the city. Among all the sections and news recorded by these journals, the ads' section had an important role in presenting the products, contracted services and the places attended by brazilian society - especially the cafes, pastry shops and restaurants. After mapping the ads about food and drinks, coffee shops, pastry shops and restaurants, we have as main goal to analyze what were informed about such places, that is, outline the foods, drinks, services and the places to show how these journals sought to promote these establishments as passenger seats and rendez-vous to Rio society. Thereby, this dissertation investigates the reasons to publish a French paper in Rio de Janeiro, the main themes that concerned to the capital of the Empire and also how these printed sought to affirm a *vie moderne* in Rio de Janeiro. In other words, these questions are heading in order to understand the role of French journals in redefining certain tastes, habits and customs of the eighteenth century carioca society.

KEYWORDS: Ads, French Press, Rio de Janeiro, XIX Century

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 10

CAPÍTULO I

A IMPRENSA FRANCESA NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA 14

1.1. A chegada dos franceses e o envolvimento com a produção dos impressos 16

1.2. Os porquês de publicar um jornal francês 27

CAPÍTULO II

O RIO DE JANEIRO NOS ESCRITOS DOS JORNAIS FRANCESES 49

2.1. Impressões sobre um Rio urbano e moderno 49

2.2. Impressões sobre a política imperial 61

2.3. Impressões sobre a vida social: o teatro 70

CAPÍTULO III

IGUARIAS E PRAZERES NAS PEÇAS DE PROPAGANDAS 81

3.1. As lojas de comidas e bebidas francesas 82

3.2. Os lugares de comer e beber 96

CONSIDERAÇÕES FINAIS 118

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 121

Apêndice 1

Tradução dos editoriais de primeira edição dos jornais franceses publicados no Rio de Janeiro no século XIX 130

Apêndice 2

Tabela dos jornais franceses publicados no Rio de Janeiro no século XIX 163

APRESENTAÇÃO

Em 1827, um editor francês recém-chegado ao Rio de Janeiro registrou, no editorial de apresentação da primeira folha francesa da capital imperial, o *L'Indépendant*, que por diversas vezes os homens "desejaram, e esperaram em vão, ter à disposição um meio de publicidade" que estivesse "ao alcance dos homens". Em razão desse desejo ainda não alcançado, Pierre Plancher informou que, dentre os diversos conteúdos estampados em seu jornal, destinaria um lugar de destaque à publicidade para que seu impresso suprisse as dificuldades de comunicação – que diziam respeito ao comércio, aos serviços, enfim, aos avisos em geral – entre os moradores da capital do Império naquela época.[1] Décadas mais tarde, em 1859, Altève Aumont – editor de outro jornal francês do Rio, o *L'Écho du Brésil et de L'Amérique du Sud* –, ao apresentar os assuntos de sua folha, assinalou que iria "falar de publicidade, pois aqui no Brasil, mais do que em qualquer outro lugar, ela influencia a opinião pública".[2] Já no fim do século, em 1895, a exemplo dos citados Pierre Plancher e Altève Aumont, o editor do *Almanach du Brésil Republicain* enfatizou o prestígio que os escritos de publicidade teriam em seu impresso, tanto pela importância dos anúncios para o sucesso de sua folha quanto pela eficiência de tais registros para o fortalecimento do comércio na cidade.[3] No *Almanach*, disse A. F. Reynaud, os anúncios, "intercalados ao longo do texto e impressos em papéis coloridos e brilhantes", receberiam um destaque para não passarem desapercebidos,[4] e assim as lojas da cidade do Rio de Janeiro seriam especialmente beneficiadas por obterem "um proveito permanente" da publicidade destas páginas, visto que, toda vez que o almanaque fosse folheado, os estabelecimentos comerciais ali fixados seriam conhecidos pelos leitores e "forçadamente gravados em suas memórias".[5]

Escritos e publicados em diferentes momentos do Oitocentos, com estas afirmações os periódicos franceses demonstram a importância que teve a publicidade, nomeadamente os anúncios, para seu funcionamento e manutenção e para a sociedade carioca oitocentista. Os anúncios foram largamente estampados nas últimas páginas dos 22 impressos franceses que conheceram as ruas da capital do Império entre os anos de 1827 e 1896 e trouxeram notícias e novidades sobre livros e livrarias; modistas, alfaiates e sapateiros; venda ou aluguel de casas e

[1] Todas as citações foram livremente traduzidas. *L'Indépendant*: feuille de commerce, politique, et litteraire. Rio de Janeiro, abr. 1827, n. 1, p. 1.
[2] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*: ce journal parait tous les dimanches. Rio de Janeiro, 1º maio 1859, n. 1, p. 1.
[3] *Almanach du Brésil Republicain*. Rio de Janeiro, 1895, n. 1, p. 8-9.
[4] *Almanach du Brésil Republicain*, n. 1, p. 8-9.
[5] *Almanach du Brésil Republicain*, n. 1, p. 8-9.

apartamentos, residenciais ou comerciais; hotéis; escolas de ensino básico ou de música; remédios, médicos, farmácias e hospitais; lojas de comidas e bebidas; e lugares de comer e beber, isto é, cafés, confeitarias e restaurantes. Esses registros tornaram-se gradativamente mais numerosos e mais chamativos, trazendo, por vezes, ilustrações, desenhos ou molduras, bem como tornaram-se minuciosos nas descrições dos estabelecimentos comerciais e dos serviços oferecidos. Para se ter uma ideia dos detalhes que os anúncios forneciam aos seus leitores, a publicidade da casa de moda de Madame Haugonté – que por sinal tinha sido escrita em língua portuguesa – informava, em meados do Oitocentos, que vendia diversos modelos de espartilhos como os de "puxar a barbatana", os de "preguiçosa", os "ditos elásticos com ilhós para as senhoras grávidas", os "ditos superiores", os "ditos ordinários", os "ditos sem costuras de Welly", os "ditos de chamalote" e os de "cinta para sair do parto".[6] O mesmo detalhe ocorria com os anúncios de remédios, que apareciam majoritariamente acompanhados de explicações sobre as doenças ou de instruções sobre as formas de uso dos medicamentos, como foi o caso das pílulas *Holloway*, anunciadas como o "remédio mais eficaz para as doenças do estômago [...] infalível contra a bílis, a icterícia, as doenças hepáticas", uma "pílula maravilhosa; que tem realizado milhares de curas nas colônias e nas regiões de climas quentes".[7]

É certo, pois, que no decorrer do século XIX os jornais franceses apresentaram em suas páginas finais variados produtos e estabelecimentos comerciais; entretanto, dois conjuntos de anúncios ganharam mais espaço: o das lojas de comidas e bebidas e o dos lugares de comer e beber. O número deste tipo de anúncio aumentou nesses impressos ao mesmo tempo que os referidos estabelecimentos se tornavam mais numerosos e se espalhavam pelas ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro. Tal fato, como será abordado ao longo deste estudo, esteve relacionado primeiramente às mudanças ocorridas na cidade após o desembarque da família real – que visavam a tornar o Rio mais urbano e moderno, aos moldes das capitais europeias, principalmente Paris –; depois, à chegada dos franceses, após o Tratado de Paz em 1814, que se instalaram na capital do Império e, em geral, tornaram-se proprietários de comércios de diversas naturezas; e, dadas essas modificações da cidade, ao aparecimento de um novo costume de seus moradores: realizar passeios fora de casa que incluíam, eventualmente, alimentar-se e/ou se entreter nos restaurantes, confeitarias e cafés localizados próximos aos passeios públicos, teatros e lojas diversas do centro da capital.

---

[6] *Courrier du Brésil*: ce journal parait tous les dimanches. Rio de Janeiro, [s.d.] 1854, n. 2, p. 8.
[7] *Courrier du Brésil*, 13 jan. 1856, n. 2, p. 8.

Os anúncios das lojas de comestíveis, das confeitarias, dos cafés e dos restaurantes publicados nos jornais franceses eram recheados de anotações sobre o que serviam e sobre os espaços físicos desses estabelecimentos. Com o objetivo de analisar o papel desses anúncios de lojas de comestíveis e de lugares de comer e beber na construção de novos gostos e de novos hábitos dos cariocas oitocentistas, algumas indagações vêm à tona no terceiro capítulo deste estudo, a saber: quais foram as comidas e bebidas mais anunciadas pelas lojas de comestíveis? Quais eram os principais pratos, bebidas, doces e serviços ofertados pelos lugares de comer e beber? Quais características desses lugares foram mais recorrentemente destacadas? E, de que maneira os ambientes desses lugares foram descritos?

Antes, porém, de examinar as diversas informações contidas nos anúncios desses estabelecimentos comerciais, é preocupação deste trabalho mapear os porquês de publicar jornais franceses no Rio e analisar os principais assuntos referentes à capital imperial, por eles anotados. Partindo de uma leitura detalhada dos editoriais de apresentação das primeiras edições dos impressos, pretende-se, no primeiro capítulo, narrar quais foram as justificativas elencadas pelos próprios editores para produzir jornais franceses no Rio de Janeiro e os propósitos dessas folhas. Compõem também as preocupações do primeiro capítulo descrever o envolvimento de alguns franceses na produção das artes gráficas no Rio de Janeiro, as razões que os levaram a atravessar o Atlântico e estabelecer seus negócios na capital imperial, bem como destacar a importância de tais homens para o crescimento e o desenvolvimento da imprensa carioca no século XIX.

A partir desses questionamentos sobre a produção dos impressos franceses no Rio, torna-se indispensável para este trabalho conhecer um pouco sobre o que esses periódicos publicaram a respeito da capital imperial. Divididas em seções que contemplavam desde assuntos referentes às políticas interna e externa, os acontecimentos das cidades do Império do Brasil, da Europa ou do continente americano até notícias das atividades culturais, as folhas francesas destinaram ao Rio de Janeiro grande parte de suas páginas. Assim, com o propósito de analisar os escritos específicos sobre a capital do Império, o segundo capítulo procura mapear as notícias acerca das mudanças na paisagem urbana e o papel da administração imperial, as publicações relacionadas à política, com destaque para os Imperadores, e as informações sobre ao teatro, tomado por essa imprensa francesa como o principal espaço de divertimento dos cariocas daquele tempo. O objetivo desta parte do estudo, portanto, é traçar um breve esboço das notícias mais recorrentes acerca da capital imperial, ou seja, descrever como o Rio de Janeiro foi apresentado por tais jornais.

A respeito do *corpus* documental utilizado nesta pesquisa, é importante dizer que este estudo, ao explorar os impressos franceses publicados no Rio de Janeiro no decurso do século XIX,[8] procurou evidenciar, dada a quantidade de edições lançadas, especialmente duas partes: os editorais de apresentação e os anúncios. Estas são, pois, seções que estão diretamente relacionadas aos propósitos do trabalho de pensar o lugar dos periódicos franceses no Rio de Janeiro daquele tempo e como as peças de propaganda estiveram diretamente ligadas à instauração de novos hábitos e gostos dos cariocas. Os editoriais de apresentação das folhas francesas, aliás, foram integralmente traduzidos e encontram-se anexados ao final deste trabalho, juntamente com uma tabela que informa os nomes dos 22 impressos franceses analisados, o preço do jornal ou do anúncio, a tipografia, o endereço do escritório do jornal, entre outros dados.

É igualmente importante mencionar que esta pesquisa se propôs analisar os escritos das folhas francesas não como meros mediadores de um tempo passado, isto é, como narrações que refletiram a verdade e a totalidade sobre o que foi o Rio de Janeiro do século XIX, mas sim como um conjunto de traços de uma época em que a imprensa se tornava o principal meio de comunicação entre os habitantes da capital imperial. Os jornais franceses, nesse sentido, integraram a produção impressa carioca, e seus escritos são parte daquilo que os homens oitocentistas consideravam importante noticiar sobre o Rio de Janeiro de então. Em suma, os periódicos que serão observados ao longo deste estudo, embora geralmente se definam como jornais voltados para a comunidade francesa, oferecem indícios dos acontecimentos e do cotidiano da capital imperial.

[8] Os jornais franceses publicados no Rio de Janeiro no século XIX estão disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital, site associado à Biblioteca Nacional, e no acervo do Google Books.

CAPÍTULO I

A IMPRENSA FRANCESA NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA

Em abril de 1827, Pierre Plancher escreveu, em seu editorial de apresentação da primeira edição do jornal *L'Indépendant* (1827), que "o meio de comunicação exclusivo ao alcance das inteligências um pouco desenvolvidas [era] a língua francesa" e fez uso dessa ideia, dentre outras apresentadas, para justificar a publicação de sua folha francesa na capital do Império brasileiro. O idioma, segundo o editor, utilizado somente por aqueles pertencentes à parcela "superior da população" era, naquele momento, o mais adequado para refletir sobre "as questões mais árduas e as mais delicadas da organização social" sem que houvesse qualquer engano. Ou melhor, apontou que um jornal publicado em língua francesa contribuiria para que certas interrogações fossem "discutidas sem perigo", proporcionando o melhor entendimento possível àqueles homens.[1] Anos mais tarde, em abril de 1867, o editor do *La Gazette du Brésil* (1867-1868), Louis Sauvages, também escreveu sobre os propósitos de se publicar uma folha francesa na corte e ressaltou que "um jornal francês publicado no Rio de Janeiro [era] chamado para fazer um serviço a todos", isto é, oferecer notícias locais e do mundo aos franceses e aos brasileiros, mantendo-se "em boas relações, boa inteligência, com todo o mundo".[2]

Ainda sobre os argumentos para a publicação de jornais franceses na capital do Império, o editor do *France et Brésil* (1874-1875) indicou em seu primeiro número, em setembro de 1874, que "desde muito tempo a colônia francesa no Rio de Janeiro estava privada de um jornal para bem defender seus interesses" que se encontravam, na maioria das vezes, prejudicados. Isso, porque pessoas de outras nacionalidades que moravam na capital imperial – como os ingleses ou os alemães – tinham seus interesses defendidos pelo *Anglo-Brésilian-Times* e pelo *Allegemeine-Deudschezeiteag*, respectivamente.[3] Os portugueses, do mesmo modo, tinham como seus intercessores os "jornais publicados no Rio de Janeiro no idioma nacional que [era] comum para as duas nações" e, por isso, não precisavam se preocupar. Os franceses, por sua vez, não teriam até aquele momento nenhum jornal francês que suprisse tal necessidade e por isso, de acordo com o editor, acabavam ficando sozinhos,

[1] *L'Indépendant:* feuille de commerce, politique, et litteraire. Rio de Janeiro, abr. 1827, n. 1, p. 1.
[2] *La Gazette du Brésil*: journal international, politique, commercial, agricole et littéraire. Rio de Janeiro, 23 abr. 1867, n. 1, p. 1.
[3] *France et Brésil*: journal français. Rio de Janeiro, 2 set. 1874, n. 1, p. 1.

isolados "dessa grande confraternização dos povos". O *France et Brésil*, nesse sentido, mostrava que teria sido fundado com o objetivo de interceder a favor dos franceses, ou melhor, de servir como interlocutor dos interesses franceses na cidade do Rio de Janeiro.[4]

Escritos dessa natureza, que sublinharam os porquês e os propósitos de publicar um jornal francês no Rio de Janeiro, foram recorrentes nos editoriais de apresentação dos diferentes periódicos franceses que ganharam as ruas da capital imperial no século XIX. Algumas justificativas destacadas pelos editores, como será desdobrado na segunda parte deste capítulo, foram similares, e outras acabaram suscitando questões específicas aos interesses de cada jornal; mas, apesar de certa diversidade em razão das próprias conveniências, tais escritos nutriram o mesmo objetivo: explicar os motivos que levaram seus editores a publicar um jornal francês no Rio de Janeiro e o que pretenderam com cada uma de suas folhas. Esses editoriais de apresentação poderiam ocupar apenas algumas linhas ou até uma ou mais páginas, estavam sempre na página inicial de cada número e tinham por funções principais, além de pontuar os objetivos dos periódicos, indicar os assuntos que seriam tratados, o tom utilizado pelo jornal, o tipo do periódico e, em alguns casos, qualificar seus respectivos impressos na tentativa de oferecer argumentos que conquistassem mais leitores. Sobre essa tentativa de atrair o leitor, o editor C. H. Furcy, por exemplo, assinalou em 1839 na *Revue Française* (1839-1840), a seguinte questão: "Qual é o pai de família, de qualquer nação que seja, que não apreciará uma acolhida destinada a oferecer constantemente, para a escolha de seus artigos, a reunião dos princípios fundamentais da moral"?[5] O objetivo de Furcy com tal interrogação era, muito provavelmente, conquistar mais leitores ao indicar que sua folha periódica poderia ser um importante instrumento para os interessados nos bons princípios morais, chamando, assim, a atenção de um público específico para o seu impresso. De modo geral, os editoriais disponibilizavam as mais variadas informações a respeito dos jornais e até mesmo de seus editores, que, em geral, estavam envolvidos também na publicação de outros impressos na capital do Império.

No século XIX, como será apresentado ao longo deste capítulo, foram muitas as tentativas de publicação de jornais franceses no Rio de Janeiro, alguns de curta duração, publicados durante poucos meses, e outros chegando a ocupar o cenário dos impressos da corte por quase dez anos. No entanto, antes de serem mapeados os prováveis porquês de tais publicações e os respectivos anseios de seus editores, serão observados os possíveis interesses e motivos que levaram esses franceses, já envolvidos com o processo gráfico na produção de

[4] *France et Brésil*, set. 1874, n. 1, p. 1.
[5] *Revue Française*: littérature, sciences, beau-arts, politique, commerce. Rio de Janeiro, 1º maio 1839, n. 1, p. 1.

livros e periódicos na França, a transferir seu ofício para um país que dava os primeiros passos com os impressos. Primeiramente será analisada a participação dos editores-livreiros franceses não apenas na fabricação de jornais franceses na capital do Império, mas também será considerado o papel que tiveram na elaboração, na publicação e no desenvolvimento da imprensa carioca.

1.1. A chegada dos franceses e o envolvimento com a produção dos impressos

Impulsionados, entre outros motivos, pela abertura das terras brasileiras aos estrangeiros e pelo recente *Tratado de Paz*[6] estabelecido entre a França e os principais países europeus – entre esses, Portugal, em 1814, após a queda de Napoleão –, muitos foram os franceses que chegaram ao Brasil em busca de novas oportunidades. Acerca desse momento de mudanças, que definiu novos rumos para as relações entre o Brasil e a França, o padre Luiz Gonçalves dos Santos, mais conhecido como padre Perereca, relatou em sua obra *Memórias para servir a história do reino do Brasil* (1825) que "o Brasil começa[va] a ver entrar nos seus Portos os navios daquela mesma Nação, cujo pavilhão tricolor por tantos anos assombrou os mares e tantos danos causou ao nosso Comércio".[7] E, em tom irônico, complementou: "os Franceses, quem o diria, arvorando agora a bandeira branca, símbolo da paz, procuram os Portos do Brasil, trazendo em competência com os Ingleses os produtos das suas manufaturas, e indústria artificiosa". De acordo com o padre, os franceses procuravam, "ao exemplo dos mesmos ingleses, e de outros de diversas Nações", estabelecer-se "nesta terra da Promissão" e "concorrer com os seus braços, talentos e indústria para a prosperidade do Brasil".[8]

O Rio de Janeiro desse tempo tornava-se aos poucos um lugar atrativo para a vinda de muitos europeus, e os franceses, após as guerras napoleônicas, foram os que mais vieram para as terras brasileiras em busca de novas oportunidades. Por outro lado, o Brasil igualmente precisava dos europeus para que uma sociedade culta e ilustrada – com a importação de livros

---

[6] O Tratado de Paz de 1814, ou o Tratado de Paris, foi um acordo assinado entre a França e os principais países europeus que versava sobre a saída de Napoleão do governo francês e o restabelecimento das fronteiras francesas. A partir dessa decisão, a França voltou a ter relações com os demais países como, por exemplo, Portugal e suas colônias, que passaram a negociar novamente com os franceses. Cf. Tratado de Paz entre o Príncipe Regente D. João e seus aliados e Luís XVIII Rei da França. *In: Coleção de tratados, convenções, contratos e atos públicos celebrados entre a Coroa de Portugal e as mais potências desde 1640 até ao presente por José Ferreira Borges Castro*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1857, p. 474-509, tomo IV.

[7] SANTOS, Padre Luiz Gonçalves dos. *Memórias para servir a história do reino do Brasil*: divididas em três épocas da felicidade, honra, e glória, escritas na Corte do Rio de Janeiro no ano de 1821 e oferecidas à S. Majestade El Rey Nosso Senhor D. João VI. Lisboa: Impressão Régia, 1825, p. 307, tomo I.

[8] SANTOS, Padre Luiz Gonçalves dos. *Memórias para servir a história do reino do Brasil*, p. 307-308, tomo I.

estrangeiros para o Rio de Janeiro, por exemplo –,[9] inspirada nos luxos e nas modas da Europa e de modo especial da França, pudesse ser moldada nas terras que até então eram uma colônia portuguesa.[10] O quadro se apresentava favorável para a chegada de muitos franceses envolvidos com as artes da fabricação de impressos, produção de artesanatos, manufaturas e com as atividades ligadas ao comércio.[11] No entanto, por hora o destaque ficará para os franceses ligados ao mercado de impressos. A tentativa, pois, é mapear alguns desses franceses que se envolveram com essa ocupação e analisar de que maneira eles contribuíram para o desenvolvimento da imprensa carioca, com publicação, venda, e/ou inserção de novas técnicas e o porte de moderno maquinário para exercer a atividade.

Um dos primeiros franceses que, percebendo essa nova oportunidade de comércio, atravessou o Atlântico para importar e vender livros no Rio de Janeiro foi Pierre Constant Dalbin, natural de Versalhes. Logo após sua chegada em 4 de abril de 1816, inaugurou a *Casa de P. C. Dalbin e C.ª*, onde oferecia um grande número de obras de autores estrangeiros, como Cervantes, Camões e Fénelon, para citar os mais célebres.[12] Além de vender e fazer circular livros estrangeiros nas terras brasileiras, Dalbin publicou na *Typographia Régia*, em 1820, o *Catálogo de livros portugueses que se acham de venda em casa de P. Dalbin & Cª*, listando os mais de 170 títulos em língua portuguesa encontrados à venda em sua loja. O francês de Versalhes foi, segundo afirmam alguns estudiosos,[13] uma importante figura nos primórdios da importação e venda de livros no Rio de Janeiro e se tornou um dos principais livreiros da capital imperial no começo do século XIX, contribuindo para a chegada de novas

[9] FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. A presença francesa no mundo dos impressos, p. 41-52. In: KANAUSS, Paulo... (et al.) organizadores. *Revistas Ilustradas*: Modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2011.

[10] MARTINS, Ana Luiza. Presença imigrante francesa no Brasil: entre visões do paraíso e mercado de trabalho. In: VIDAL, Laurent. LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil* - séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 29.

[11] DUMONT, Juliette. Preciosos súditos, emigrantes atravancadores: a França e os franceses no Brasil no início do século XIX. In: VIDAL, Laurent. LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil*, p. 109.

[12] NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Livreiros franceses no Rio de Janeiro*: 1799-1824, p. 7. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/bb3aea30006796253008218e5bdda0c1.pdf>. Acessado em 30/05/2015.

[13] BERGER, Paulo. *A Tipografia no Rio de Janeiro*: impressores bibliográficos 1808-1900. Rio de Janeiro: Cia. Industrial de Papel Pirahy, 1984, p. 5. Cf. também: FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. A presença francesa no mundo dos impressos. In: KANAUSS, Paulo... (et al.) organizadores. *Revistas Ilustradas*, p. 41-52; ABREU, Márcia. Libraires et editeurs français à Rio de Janeiro: les cas de Paul Martin et Pierre Constant Dalbin, p. 17-30. In: COOPER-RICHET, Diana et MOLLIER, Jean-Yves. *Le Commerce Transatlatique de Librairie*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012. Para mais informações das obras vendidas por Dalbin conferir: *Catálogo de livros portugueses que se acham à venda em casa de P. C. Dalbin & Ca.* Rio de Janeiro: Tip. Régia, 1820.

ideias e para o desenvolvimento da circulação de livros e periódicos na corte, apesar de ter sido, por vezes, perseguido pela censura régia.[14]

Oito anos após o aparecimento de Pierre Constant Dalbin, chegou ao Rio de Janeiro, em fevereiro de 1824, aquele que seria considerado pela historiografia[15] o principal editor-livreiro francês da primeira metade do século XIX: Pierre Plancher. Plancher teria fugido da França, após a ascensão do conde d'Artois – sob o título de Carlos X – ao trono francês, com a intenção de procurar um lugar que lhe oferecesse melhores condições de vida e prosperidade para o seu negócio, pois sofria várias ameaças de prisão por ser um defensor de Napoleão.[16] Nessa busca, a Suécia, os Estados Unidos e o Brasil estavam entre os poucos lugares que recebiam os estrangeiros franceses; no entanto, os dois primeiros não se mostraram acessíveis para acolher o editor-livreiro: a Suécia não era um lugar que oferecia oportunidades para o comércio de livros, já os Estados Unidos não era, na visão de Plancher, um lugar muito atrativo.[17] O Brasil, por sua vez, tinha acabado de se tornar independente e já apresentava firmes ligações com a França desde 1814, por meio do citado *Tratado de Paz*, e parecia ser um lugar propício para que homens do outro lado do Atlântico tentassem a sorte.[18] Assim, Plancher aportou na cidade do Rio de Janeiro carregando em sua bagagem "uma tipografia completa, com prelos e caixas de tipos, e um grande número de catálogos e livros por ele editados", além de seu impressor Justin Victor Cremière, e abriu rapidamente na rua do Ouvidor, n. 80, a *Typographia de P. Plancher-Seignot*.[19]

O maquinário trazido pelo bonapartista declarado e casado em "segundas núpcias"[20] com Jeanne Seignot, que deu seu sobrenome à empresa, era dos mais modernos que existiam naquele período, como o prelo Stanhope, recém-desenvolvido em 1800 na Inglaterra, pelo Lorde Stanhope.[21] Com o estabelecimento de sua tipografia, Plancher publicou uma grande quantidade de impressos, principalmente se comparado com as publicações de outras tipografias existentes no Rio de Janeiro desse tempo – como a casa tipográfica de Zeferino

---

[14] ABREU, Márcia. Libraires et editeurs français à Rio de Janeiro: les cas de Paul Martin et Pierre Constant Dalbin, p. 17-30. In: COOPER-RICHET, Diana et MOLLIER, Jean-Yves. *Le Commerce Transatlatique de Librairie*, p. 23-24.
[15] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*: sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 156-157.
[16] MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*: Da era colonial à Regência (1500-1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 232-233.
[17] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, p. 150.
[18] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, p. 150.
[19] BERGER, Paulo. *A Tipografia no Rio de Janeiro*, p. 15. Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 109.
[20] BERGER, Paulo. *A Tipografia no Rio de Janeiro*, p. 15.
[21] A Impressão Régia, é verdade, segundo apontam alguns registros, também possuía esse prelo em sua tipografia, mas ele acabou não sendo bem aproveitado em razão da falta de mão-de-obra especializada para seu manuseio e correta manutenção. Cf. MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*, p. 432-433.

Vito de Meirelles, que teria publicado, até o ano de 1827, apenas o *Diário do Rio de Janeiro*.[22]

Já a tipografia de Pierre Plancher tinha publicado, segundo os registros do *Almanak dos negociantes do Império do Brasil*, mais de dez impressos escritos em língua portuguesa, de 1824, quando foi aberta, a 1827, ano da publicação do *Almanak*. Eram eles: *O Spectador Brasileiro; A Constituição do Império do Brasil; Do Império do Brasil*, "pelo Coronel Labaumelle, e traduzido pelo Padre Luiz Gonçalves dos Santos"; *Guia de Conversação Brasileira e Francesa; As folhinhas de algibeira e de porta para 1825; A pauta d'Alfandega; Parecer da Comissão da Fazenda ou Budget das Finanças; As folhinhas d'algibeira e de porta para 1827; Últimos momentos de Sua Majestade a Imperatriz, ou coleção de tudo que tem sido impresso na ocasião da moléstia e morte de Sua Majestade; Coleção das Leis e Decretos do Império do Brasil desde a feliz época de sua Independência* – publicação destacada pelo *Almanak* como o primeiro conjunto de leis publicado em um só livro, pois "o que existia" até aquele momento eram "folhas avulsas, e impressas em tipos tão diferentes" que a novidade da publicação seria de grande interesse "aos curiosos ou homens da Lei" –;o *Propagador das Sciencias Médicas*; e, por fim, o *Jornal de Medicina*.[23] Tais publicações demostram o grande envolvimento de Plancher com a produção de importantes impressos nas primeiras décadas do Oitocentos, principalmente porque em sua grande maioria eram de caráter governamental, indiciando a boa relação entre Plancher e o Imperador do Brasil.[24]

Ainda a respeito das publicações de Plancher, Joaquim Manoel de Macedo escreveu em um dos volumes do *Anno Biographico Brazileiro* (1876) – livro biográfico dos homens mais ilustres do século XIX – que o francês "teve a abençoada fortuna de ver sair de sua acanhada oficina tipográfica uma das mais antigas e por certo a mais espalhada e numerosa edição da constituição política do império do Brasil" de 1824.[25] Contou Macedo que Plancher não teve ação efetiva alguma contra a *Constituição* ou muito menos era um constitucionalista aos moldes do Império brasileiro, somente viu na impressão do tal livrinho uma venda fácil para tempos em que a "tipografia bem pouco tinha a imprimir, e, portanto, quase nada a lucrar".[26] A publicação da *Constituição*, ainda de acordo com Macedo, foi muito mais do que apenas um serviço de impressão, o trabalho abriu a possibilidade para que Plancher

[22] *Almanak dos negociantes do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1827, p. 200. Para mais informações sobre o *Diário do Rio de Janeiro*, ver: MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*, p. 220-228.
[23] *Almanak dos negociantes do Império do Brasil*, 1827, p. 198-200.
[24] *Almanak nacional do comércio do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1832, p. 183.
[25] MACEDO, Joaquim Manoel de. *Anno Biographico Brazileiro*: Primeiro Volume. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico, 1876, p. 408.
[26] MACEDO, Joaquim Manoel de. *Anno Biographico Brazileiro*: Primeiro Volume, p. 408.

estabelecesse um "pacto fundamental" com o Império brasileiro para futuros acordos de negócios. Além disso, como se não bastasse esse acordo com o Imperador, Plancher recebeu de D. Pedro I, em 15 de maio de 1824, "o título de *Impressor Real"*[27] que o acompanharia na assinatura de todos os periódicos produzidos por sua casa tipográfica.[28]

Depois de encerrar a publicação da *Constituição Brasileira*, o francês, desfrutando de tal concordância com o Imperador do Brasil, deu início ao primeiro jornal publicado em sua tipografia: *O Spectador Brasileiro* (1824-1827). O jornal, que saiu pela primeira vez em 28 de junho de 1824 e foi publicado até o dia 23 de maio de 1827, manteve, em face da relação de Plancher com D. Pedro I, uma posição favorável à figura do monarca. Em seu primeiro número, por exemplo, Plancher registrou que, após conquistada a Independência brasileira, apenas "um Príncipe cingido de tradição religiosa" poderia ser o defensor perpétuo dos brasileiros, pois "Ele conhece o que vós sois, e o que podereis ser; Ele se apresenta no campo da Glória, quer enlaçar os seus troféus com os vossos; Ele quer ser grande convosco".[29]

Sempre polêmico em suas opiniões e debatendo com folhas contrárias ao governo, Plancher publicou no *O Spectador Brasileiro*, em maio 1827, uma carta que foi considerada agressiva à Assembleia Geral do Império. A carta, que tinha por objetivo assinalar a incompetência do órgão frente ao governo brasileiro, deu início a uma polêmica entre o Imperador e a Assembleia, e, aproveitando-se da situação, o próprio Imperador resolveu atacá-la por meio da *Gazeta do Brasil* (1827-1828) – órgão financiado pelo governo. Diante da polêmica da carta que estremeceu os laços entre D. Pedro I e a Assembleia, Plancher tentou se defender dizendo que o jornal não se responsabilizava pelo conteúdo das correspondências dos leitores. Todavia, a situação ficou insustentável, e a única solução foi encerrar *O Spectador Brasileiro* para que a tipografia de Plancher não se desgastasse ainda mais.[30] O fim do periódico, no entanto, não representou a saída de Plancher do cenário editorial e de publicação, pois, conforme mencionado, ele se envolveu com a produção de outros impressos, tais como almanaques e o conhecido *Jornal do Commercio*. Mesmo depois dos citados entreveros, ele continuou a ter um papel fundamental para o desenvolvimento da imprensa carioca na primeira metade do século XIX.

Publicados sempre uma vez por ano, os almanaques tiveram como principal objetivo oferecer rápidas informações a respeito das novidades da corte, dos estabelecimentos

---

[27] BERGER, Paulo. *A Tipografia no Rio de Janeiro*, p. 15.
[28] MACEDO, Joaquim Manoel de. *Anno Biographico Brazileiro*: Primeiro Volume, p. 408.
[29] *O Spectador Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1824, n. 1, p. 1.
[30] Alguns pesquisadores atribuem ao episódio da carta o encerramento do *O Spectador Brasileiro*, outros, todavia, acreditam que o episódio teria sido usado por Plancher apenas como um pretexto para encerrar o periódico. Cf. MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*, p. 233 e 235.

comerciais e dos negócios que poderiam ser encontrados – eram praticamente um manual sobre tudo o que existia na corte.[31] Plancher foi um dos primeiros a se dedicar e a contribuir para a afirmação desse novo tipo de publicação quando a Impressão Régia[32] parou de produzi-lo. Além disso, acabou revigorando esta modalidade, tornando-a um sucesso de vendas.[33] Para citar os mais conhecidos: em 1827, saiu de sua tipografia o *Almanak dos negociantes do Império do Brasil* e, em 1832, o *Almanak nacional do comércio do Império do Brasil*. Os almanaques de Plancher ofereceram, a saber, informações a respeito das transações do Banco do Brasil, criado em 1808, uma lista dos nomes dos principais médicos, uma relação dos empregados militares e civis do Império e também uma lista das oficinas tipográficas existentes na corte naquele ano com os principais periódicos publicados por cada uma delas.[34]

Além da produção dos almanaques, Plancher foi o responsável pela criação daquele que seria o jornal mais lido do Império: o *Jornal do Commercio* (1827-2016). Encerrada a publicação do *O Spectador Brasileiro*, o editor francês comprou, pela quantia de um conto de réis, de Francisco Manuel Ferreira & Cia, o *Diário Mercantil* (1824-1827), que já contava com três anos de existência e era publicado até aquele momento pela tipografia da Impressão Régia. Todavia, ao invés de continuar o trabalho anteriormente desenvolvido pelo antigo dono, Plancher traçou um novo plano para a folha recém-comprada e mudou seu nome para *Jornal do Commercio*.[35] Para a impressão deste periódico, que saiu pela primeira vez em 1º de outubro de 1827, o francês teve, segundo conta Joaquim Manoel de Macedo, "uma ideia luminosa" ao lembrar o "interesse que os negociantes da praça do Rio de Janeiro tomariam por notícias de entrada e saída de navios, portanto do movimento do porto, de anúncios de leilões, e de outros relativos ao comércio", e resolveu publicar uma folha que tratasse exclusivamente de tais assuntos.[36] Foi o francês, dono daquela simples e pequena tipografia, quem primeiro percebeu a necessidade que os moradores do Rio tinham de obter conhecimentos sobre as "notícias do movimento do porto" ou outras sobre o comércio em geral, de acordo com a observação de Macedo.

---

[31] MEYER, Marlyse. *Do Almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 33.
[32] A tipografia da Impressão Régia começou a publicar o *Almanach do Rio de Janeiro* já em 1816 e assim o fez até o ano de 1827, no entanto, até onde foi possível observar, só se encontram disponíveis para acesso os almanaques dos anos de 1816, 1817, 1824, 1825, 1826 e 1827.
[33] FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. Comércio de Livros: livreiros, livrarias e impressos. *Escritos*. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, ano 5, n. 5, 2011, p. 45.
[34] Cf. *Almanak dos negociantes do Império do Brasil*, 1827 e *Almanak nacional do comércio do Império do Brasil*, 1832.
[35] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, p. 153.
[36] MACEDO, Joaquim Manuel de. *Anno Biographico Brazileiro*: Primeiro Volume, p. 408.

Aos poucos, Plancher fez o *Jornal do Commercio* prosperar e de tal modo que se tornou o "jornal mais lido do Império", alcançando-se "quase treze mil assinantes" no final do Oitocentos, segundo apontou Moreira de Azevedo, anos mais tarde, na obra *Origem e desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro* (1865).[37] No entanto, apesar de todo o empreendimento inicial de Plancher, o *Jornal do Commercio* não chegou ao seu auge tendo como proprietário o francês bonapartista. Preocupado com a instabilidade dos negócios na área dos impressos após a abdicação de D. Pedro I, em 1831, e com a possibilidade de retorno à França com a queda de Carlos X, em 1830, Plancher resolveu vender sua empresa e regressar a sua terra de origem.[38] Seus compradores foram outros dois franceses, Junius C. Villeneuve e Réol-Antoine Mougenot, que vieram juntos ao Rio de Janeiro contratados para servirem como oficiais na denominada Marinha de Guerra.

Villeneuve e Mougenot ficaram por algum tempo na Marinha, mas deixaram seus respetivos cargos e foram trabalhar na tipografia de Pierre Plancher. O jovem Villeneuve, que assumiu a posição de editor do *Jornal do Commercio* por dois anos, segundo Joaquim Manoel de Macedo, recebeu "em Paris sua educação literária, a que ajuntou o cultivo de algumas belas artes, especialmente a da música, da qual foi notável amador", serviu "por algum tempo como oficial da marinha" e, sem demora, começou "a preparar sua honrada fortuna".[39] Em 1832, esses dois funcionários compraram a "propriedade e a tipografia do *Jornal do Commercio* por 52:664$000" réis. Mas, passados dois anos da sociedade, Villeneuve adquiriu a parte de Mougenot pelo valor de 25:765$000 réis, tornando-se o único proprietário.[40] Com a compra integral do jornal, Villeneuve, levando em consideração a demora na fabricação do impresso, investiu na melhoria de sua nova empresa com aquisição dos mais modernos equipamentos, como um prelo mecânico importado da França. O prelo mecânico, apontado pelos estudiosos como o primeiro que passou pela linha do Equador, realizava as impressões em duas horas – o antigo prelo de ferro levava onze horas – o que facilitava e resolvia os problemas de distribuição do jornal, com melhora, inclusive, das técnicas de sua produção.[41]

Do mesmo modo que Plancher, Junius Villeneuve investiu em maquinário mais avançado para melhor atender à demanda de seu jornal. Na década de 1840, o editor

---

[37] AZEVEDO, Dr. Moreira de. Origem e desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro. *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 4º trimestre de 1865, p. 191.
[38] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, p. 160.
[39] MACEDO, Joaquim Manoel de. *Anno Biographico Brazileiro*: Segundo Volume. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico, 1876, p. 401.
[40] MACEDO, Joaquim Manoel de. *Anno Biographico Brazileiro*: Segundo Volume, p. 402.
[41] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, p. 159. Cf. MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*, p. 240-241.

incorporou à sua empresa novas técnicas de impressão, com a introdução das xilogravuras, isto é, as primeiras ilustrações publicadas em jornais brasileiros.[42] Isso mostra, em grande medida, o investimento e a contribuição desses franceses para a imprensa brasileira. Com todas essas mudanças que impactaram inclusive a arte editorial, o *Jornal do Commercio*, ao longo do mais de meio século que ficou nas mãos da família Villeneuve, deixou de ser apenas uma folha comercial e passou a ser reconhecido também pelo seu importante papel na divulgação das notícias, sendo considerado o principal meio de comunicação na capital do Império. Assim, chegava a atingir, já em 1836, mais de 2 mil assinantes e estimulou, como mencionado anteriormente, a modernização de suas formas de impressão.[43]

Além dos citados Pierre Plancher e Junius Villleneuve, merecem ainda destaque os editores-livreiros René Ogier e Pierre Gueffier. Ambos também instalaram suas casas de impressão no Rio de Janeiro, publicaram diversas obras e foram igualmente significativos no desenvolvimento da imprensa carioca no século XIX. René Ogier chegou à capital imperial em 29 de dezembro de 1826 e estabeleceu sua *Typographia de R. Ogier* na rua da Cadeia, n. 142.[44] Publicou, além do jornal *O Americano* (1831)[45] e do livro *História Geral dos Animaes* (1840),[46] o *Manual da Tipografia Brasiliense* (1832), que pode ser considerado uma autopromoção de sua tipografia. No manual, por exemplo, estavam indicados todos os passos que deveriam ser seguidos para os que desejassem uma boa impressão. Constavam desde a correta aplicação das normas, seus usos na produção dos impressos, até as prescrições de como os equipamentos deveriam ser espacialmente distribuídos, e destacava ainda que todas essas instruções já se operavam na empresa de René Ogier.[47]

Já Pierre Gueffier inaugurou, em 1830, na rua da Quitanda, n. 79, a *Typographia de P. Gueffier et C,*[48] em sociedade com Emile Senesse. A sociedade, todavia, durou somente cinco anos, e por isso Gueffier transferiu sua tipografia para a cidade de Niterói "na rua da Praia, à esquerda do embarque",[49] sob o nome de *Typ. de P. Gueffier*. Dentre os vários periódicos lançados por esta empresa, destaca-se *O Anarchista Fluminense* (1835), o qual fazia questão de assinalar que era uma "folha que publica[va] em dias indeterminados, quando [fosse] a

[42] FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra*: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 148-152.
[43] MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*, p. 241.
[44] BERGER, Paulo. *A Tipografia no Rio de Janeiro*, p. 19.
[45] *Almanak nacional do comércio do Império do Brasil*, 1832, p. 185. Para maiores informações sobre os almanaques publicados no século XIX, ver: MEYER, Marlyse. *Do Almanak aos almanaques*.
[46] FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra*, p. 152.
[47] SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos tipógrafos. *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2004, p. 4.
[48] BERGER, Paulo. *A Tipografia no Rio de Janeiro*, p. 31.
[49] *O Anarchista Fluminense*. Cidade de Nietheroy, 1835, n. 1, p. 1.

vontade de seus redatores".[50] Com esta prédica da desobrigação, Gueffier ajudou a introduzir um novo modelo de periódico na imprensa brasileira, que dizia tratar os assuntos com mais desprendimento, de maneira pouco organizada. Fazendo jus a seu nome, *O Anarchista Fluminense* não dava muita atenção às regras de publicação, como pode ser observado ao longo de suas poucas edições – apenas entre os meses de fevereiro, março e abril de 1835.

Além de abrir novas livrarias e casas tipográficas na cidade do Rio de Janeiro, contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento e a consolidação da imprensa no país, alguns franceses que vieram habitar a capital do Império também trouxeram livrarias já conhecidas na França, como a *Irmãos Garnier.*[51] Baptiste Louis Garnier, membro de uma família tradicional de impressores livreiros, ao chegar ao Rio de Janeiro na década de 1840 não demorou para inaugurar um pequeno comércio na rua do Ouvidor, n. 69.[52] A loja, de nome *Irmãos Garnier*, tinha como principal atividade importar as obras produzidas pela matriz francesa – comandada por seus irmãos Auguste Garnier e François-Hippolyte Garnier – para vender na corte. A princípio, o negócio no Rio de Janeiro seria de propriedade dos três irmãos, no entanto, e não se sabe bem quais foram os motivos que os levaram a um rompimento, a sociedade chegou ao fim por volta de 1860, e o nome do comércio foi mudado para *B. L. Garnier.* Como proprietário único, Baptiste Louis Garnier começou a se envolver também com a publicação de obras de autores brasileiros, as quais mandava imprimir na Europa ou mesmo na sua *Typografia Franco-Americana*, inaugurada em 1873, impulsionando a produção e a venda de tais escritos na corte. Em sua tipografia, Garnier publicou, segundo apontam alguns estudos sobre a imprensa, mais de 660 obras de autores brasileiros, dentre as quais estavam as dos célebres Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar – o brasileiro mais publicado por ele.[53]

O próprio José de Alencar registrou a importância que teve este editor na publicação e na venda de suas obras. Em seu livro *Como e porque sou romancista* (1873), Alencar declarou que depois de "vinte e dois anos de gleba na imprensa" teria achado finalmente "um editor, o Senhor B. Garnier, que espontaneamente [ofereceu-lhe] um contrato vantajoso em meados de 1870".[54] Essa relação foi tão próspera que Alencar chegou a destacar que suas obras teriam "povoado as estantes do Sr. Garnier".[55] Machado de Assis, também

[50] *O Anarchista Fluminense*, 1835, n. 1, p. 1.
[51] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, p. 220.
[52] BERGER, Paulo. *A Tipografia no Rio de Janeiro*, p. 56. Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*, p. 207.
[53] BERGER, Paulo. *A Tipografia no Rio de Janeiro*, p. 56. Cf. HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*.
[54] ALENCAR, José. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893, p. 55.
[55] ALENCAR, José. *Como e porque sou romancista*, p. 8.

reconhecendo a relevância de Garnier na publicação e nas vendas das obras de escritores brasileiros e, em especial, nas de José de Alencar, escreveu em 1864, sob o pseudônimo de Sileno, sobre "um volumezinho que há dias desafia a curiosidade dos passantes, nas vidraças do Garnier", de nome *Diva* (1864), do mesmo autor de *Lucíola* (1862).[56] Ainda no mesmo ano, Machado de Assis registrou que o francês teria acabado de "receber de Paris os exemplares de uma edição que mandou fazer da comédia do Sr. Conselheiro J. de Alencar – *O demônio familiar*".[57] Desse modo, levando ao público fluminense – nas palavras de Machado de Assis – "a produção daquela pena culta e delicada, entre as mais delicadas e cultas do país", Garnier abriu as portas da "esfera das publicações literárias" e foi um dos grandes animadores dos "esforços dos escritores".[58]

Anos mais tarde, em 1895, foi igualmente lembrado por Adolfo Caminha, que reconheceu seu importante papel na produção das obras dos brasileiros, principalmente na segunda metade do século XIX. Segundo o registro de Caminha, Garnier era um homem honrado, e sua "melhor qualidade [...] era ser trabalhador e fazer pela vida honestamente". Por esse motivo, "quase todos os escritores brasileiros, desde Alencar, tem pago seu tributo ali, ao velho".[59] De acordo com a observação de Caminha, Garnier não desprestigiava o trabalho dos brasileiros, ele era o melhor editor para os que desejavam ser reconhecidos e, consequentemente, bem remunerados por suas obras.[60] Além de publicar e vender as obras desses escritores, a livraria de Garnier foi um importante ponto de encontro dos letrados daquela época e fomentou, em grande medida, a vida intelectual dos brasileiros – até mesmo depois de sua morte, quando o negócio passou a ser dirigido por Lansac, a partir de 1901.[61] Ali, já no começo do século XX, de acordo com o escrito de Luiz Edmundo, *O Rio de Janeiro do meu tempo* (1938), vários foram os grupos de literatos que se encontravam depois do expediente. Entre as 4 e 5 da tarde, o grupo de Machado de Assis, por exemplo – "com José

---

[56] SILENO (ASSIS, Machado de.) Correspondência. Imprensa Acadêmica. São Paulo, 17 de abril de 1864, p. 1. In: AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro (org.). *Machado de Assis*: crítica literária e textos diversos. São Paulo: Editora UNESP, 2013, p. 156. Segundo Ubiratan Machado a livraria do Garnier "foi uma das primeiras, se não a primeira livraria fluminense a expor livros em vitrine". Cf. MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 59.
[57] ASSIS, Machado de. *Diário do Rio de Janeiro*, ano XLIV, nº 170, Folhetim, Ao acaso (Crônica da Semana), segunda-feira, 20 de junho de 1864, p. 1. In: AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro (org.). *Machado de Assis*, p. 160.
[58] ASSIS, Machado de. *Diário do Rio de Janeiro*, ano XLIV, nº 170, Folhetim, Ao acaso (Crônica da Semana), segunda-feira, 20 de junho de 1864, p. 1. In: AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro (org.). *Machado de Assis*, p. 160.
[59] CAMINHA, Adolfo. Editores. In: CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1895, p. 153.
[60] CAMINHA, Adolfo. Editores. In: CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*, p. 153.
[61] EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003, p. 434.

Veríssimo, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Rui (às vezes), Constâncio Alves, Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Coelho Neto (às vezes), Medeiros Albuquerque, Araripe Júnior, Rodrigo Otávio, Mário de Alencar e Clóvis Beviláqua"[62] –, chegava para discutir as novidades políticas e literárias.[63]

O editor francês Garnier abriu espaço tanto para a publicação e circulação das obras dos brasileiros quanto para discussões das que seriam escritas, contribuindo significativamente para a produção intelectual do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX e também nas primeiras décadas do século XX. A figura de Garnier, do mesmo modo, e muito provavelmente em face dessa grande participação com as produções da vida intelectual daquele tempo, sempre esteve presente nas recordações ou nas narrativas dos escritores brasileiros quando se lembravam do cenário da fabricação dos impressos, ou melhor, quando refletiam sobre como eram produzidas e vendidas suas respectivas obras ou sobre os lugares onde eles se encontravam para debatê-las. Em muitas dessas narrativas, como a do citado Adolfo Caminha, Garnier foi considerado o melhor livreiro-editor de toda a capital imperial, e não porque era um homem bondoso ou mesmo porque publicou quase todas as obras que a ele foram levadas, mas sim pelo fato de que foi um homem justo no trabalho que realizava e, inclusive, pelo seu grande envolvimento com a produção e venda de impressos no Rio de Janeiro do Oitocentos.[64]

Em linhas gerais, a grande maioria dos editores-livreiros franceses tentou uma nova vida no Brasil por enxergarem oportunidades de enriquecimento no solo brasileiro, proporcionada, entre outros motivos, pela abertura dos portos às outras nações, após a chegada da corte em 1808,[65] e a consequente possibilidade de se estabelecer uma relação comercial entre o Brasil e a França em razão do *Tratado de Paz*.[66] Com a vinda dos primeiros franceses competentes às artes gráficas, o maquinário e as formas de produzir periódicos ou livros foram rapidamente remodelados de acordo com as instruções desses homens, que se

---

[62] EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*, p. 435.
[63] MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*, p. 59.
[64] CAMINHA, Adolfo. Editores. In: CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*, p. 153. Cf. MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das letras*. São Paulo: EDUSP, 1973, p. 77-86.
[65] DUMONT, Juliette. Preciosos súditos, emigrantes atravancadores: a França e os franceses no Brasil no início do século XIX. In: VIDAL, Laurent. LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil*, p. 107-108 e SCHWARCZ, Lilia Moritz. A arcádia francesa chega ao Brasil: as telas melancólicas de Nicolas-Antoine Taunay. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). *Cinco séculos de presença francesa no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013, p. 58.
[66] LIMA, OLIVEIRA. *D. João VI no Brasil*: 1808-1821. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1908. Cf. LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I*: um herói sem nenhum caráter. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 32.

envolveram inteiramente com a elaboração dos impressos no Rio de Janeiro oitocentista.[67] A possibilidade desse envolvimento se deu, como mencionado anteriormente, pela retomada das relações entre o Brasil e a França, mas também, muito provavelmente, por causa de outro fator: a existência de uma liberdade de imprensa que, a partir de 1821, garantiu a instalação de outras casas tipográficas na corte, contribuindo para o exercício da atividade impressora dos franceses – e dos brasileiros.[68]

Neste cenário de mudanças e de valorização da cultura impressa, muitas possibilidades se abriram aos olhos de todos, e diante disso, ao mesmo tempo que os franceses enxergavam o Rio de Janeiro como um bom lugar para se instalar, a capital do Império também se aproveitava das novidades que a presença francesa poderia oferecer.[69] Os franceses, portanto, se envolveram com a instalação de tipografias particulares na corte e com produção de variados impressos em língua portuguesa – dentre os quais o *Jornal do Commercio*, o mais lido de todo o Império – e também, como será exposto a seguir, impressos escritos em língua francesa. Participaram igualmente da editoração e da venda das obras de escritores brasileiros, ao incentivar a produção literária e intelectual no Rio de Janeiro, como foi o caso de Louis Baptiste Garnier.

Tendo-se em vista essas primeiras considerações acerca da presença e da participação francesa desde os primórdios da imprensa carioca, o capítulo passará agora às justificativas relatadas pelos editores dos jornais franceses em seus editoriais de apresentação sobre os interesses e as motivações de publicar tais impressos na corte.

1.2. Os porquês de publicar um jornal francês

Os franceses sempre estiveram envolvidos com a produção de impressos ao longo de todo o século XIX e, além de obras escritas em língua portuguesa, conforme mencionado, também se dedicaram a publicar folhas francesas no Rio de Janeiro. Tal foi o empenho na produção desses periódicos em língua francesa que eles foram constantemente lembrados pelos escritores brasileiros oitocentistas e receberam críticas tanto positivas quanto negativas a seu respeito e à maneira como os assuntos concernentes ao Rio de Janeiro e ao Brasil foram discutidos em suas páginas. Em um desses momentos, um leitor do *A Aurora Fluminense*

[67] HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*, p. 156. Cf. também: FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra*.
[68] MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro*: 1808-1822. São Paulo: EDUSP; Kosmos, 1993, p. xxi.
[69] EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006, p. 18.

(1827-1839), preocupado com o posicionamento dos jornais franceses sobre a questão do aumento dos impostos, enviou em 1829 um comentário para a seção *Variedades – Correspondências* do jornal, um espaço reservado para a publicação das cartas dos leitores,[70] seguinte:

> Os jornais franceses que aqui se publicam debaixo de alta proteção, não nos pregam todos os dias, senão tributos, e mais tributos: *des Impôts* grita o *Courrier* – Impostos repete o *Jornal do Commercio*, e como os julgo órgãos naturais da opinião Francesa no Rio de Janeiro, essa me parece decidida em favor dos tributos.[71]

O leitor, que assina ironicamente como "um admirador das Folhas Francesas no Rio de Janeiro", argumentou que a ideia de estabelecer "novos tributos no Brasil" nunca teria lhe passado pela cabeça, pois sabia como o aumento seria prejudicial para o país. A indústria, para citar apenas um exemplo, que já se encontrava "escassa e apoucada" em razão da redução da "produção de gêneros, que se exportam em bruto", seria ainda mais prejudicada com a instituição de novos tributos.[72] Escreveu, todavia, que teria mudado de opinião e passado a aceitar a cobrança dos impostos devido aos argumentos dos jornais franceses. Porém, ironizando a postura desses órgãos, registrou que os comerciantes franceses instalados no Rio de Janeiro que deveriam pagar impostos mais altos, mesmo porque, como era sabido, "a casa de um pobre vendedor de bonecos" não trazia tantos lucros "como a de uma Modista brilhante, e afreguesada".[73] Segundo sua afirmação, se cada uma das "lojas francesas estabelecidas nesta capital" pagasse o novo valor dos impostos estabelecidos pelo governo brasileiro e defendido pelas folhas francesas, os problemas da falta de dinheiro e de arrecadação de tributos estariam resolvidos.[74] Independentemente dos diferentes pontos de vistas defendidos pelos jornais franceses ou pela carta sobre, especificamente, a questão dos impostos, interessa aqui o destaque do leitor para a opinião das folhas francesas ao registrar, de certo modo, o peso destas para os brasileiros daquele tempo.

Evaristo Ferreira da Veiga, a esse respeito, na septuagésima quinta edição do *A Aurora Fluminense*, de 1828, também teceu algumas notas sobre a circulação dos jornais franceses no

---

[70] Juarez Bahia escreve que do segundo número do *A Aurora* em diante, foi abrigada "uma ininterrupta" seção de "correspondência dos leitores". Nas cartas, os leitores emitiam suas "opiniões políticas e literárias" e assinavam com sugestivos pseudônimos como *Um Jovem Brasileiro*, *O Amigo da boa vida*, *Um negociante que não pode negociar*, entre outros. Cf. BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*: história da imprensa brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 47-48, v. 1.
[71] *A Aurora Fluminense*: jornal político e literário. Rio de Janeiro, 10 abr. 1829, n. 176, p. 4.
[72] *A Aurora Fluminense*, 10 abr. 1829, n. 176, p. 4.
[73] *A Aurora Fluminense*, 10 abr. 1829, n. 176, p. 4.
[74] *A Aurora Fluminense*, 10 abr. 1829, n. 176, p. 4.

Rio. Entretanto, o conhecido editor não emitiu comentários a favor ou contra estes, apenas citou-os como um dos vários tipos impressos existentes na corte para ilustrar as dificuldades de publicar um jornal no Rio de Janeiro.[75] O *L'Écho de la Amerique du Sud* (1827-1828), por exemplo, de acordo com as observações de Evaristo Ferreira da Veiga, "depois de ter exercido o seu *bel esprit* à custa de nossos usos" e após estar "envolvido em uma luta com o *Joven*" chegou ao fim cedendo seu espaço "ao *Courrier*, que na mesma língua e com mais discreta moderação" ocupou seu lugar.[76] O *Espelho Diamantino* (1827), por sua vez, publicado pela tipografia do francês Plancher, foi caracterizado como uma folha destinada às senhoras. Era um periódico "bilíngue, destinado para enfeite dos toucadores" e chegava raras vezes a seu lugar de destino. Teria encontrado seu fim muito provavelmente porque as *Madamas* pouco se interessavam "nas mestiças narrações da guerra da Turquia, ou nos amáveis versos Italianos, e a prosa Francesa, com que engrossava os seus cadernos". O último listado foi a *Folhinha d'Algibeira* (1828), também produzida por Plancher, que "finou-se, e não se sabe como, e nem ao menos se despediu dos seus diminutos assinantes".[77]

É verdade que Evaristo Ferreira da Veiga não tomou partido sobre a presença dos jornais franceses no Rio de Janeiro. Mas evidenciou de certo modo que, assim como as publicações em língua portuguesa, estes também tinham dificuldades de se manter no mercado dos impressos. Já o editor do *Correio Mercantil* (1848-1868), um dos grandes jornais dos meados do século XIX – momento em que a imprensa se modificava e se tornava indústria de publicidade –,[78] demonstrou grande apreço pelas notícias e pelo jornalismo exercido pelas folhas francesas. Em 1855, por exemplo, ao elogiar e indicar que uma das notícias publicadas no *Courrier du Brésil* (1854-1862) seria traduzida para seu jornal, o editor do *Correio Mercantil* caracterizou o editor do jornal francês, Ad. Hubert, como um "talentoso redator".[79] Aliás, o editor do *Correio Mercantil* fez constantes referências ao *Courrier du Brésil* em suas páginas, assinalando que sempre que alguma notícia interessante fosse publicada pelo jornal francês ela rapidamente seria traduzida e publicada em seu periódico. O *Correio Mercantil*, de grande expressividade nesses meados do século e que contava com a

[75] *A Aurora Fluminense*, 4 ago. 1828, n. 75, p. 2.
[76] *A Aurora Fluminense*, 4 ago. 1828, n. 75, p. 2.
[77] *A Aurora Fluminense*, 4 ago. 1828, n. 75, p. 2.
[78] FONSECA, Gondim da. *Biografia do Jornalismo Carioca* (1808-1908). Rio de Janeiro: Livraria da Quaresma, 1941, p. 167. Na imprensa carioca, em meados do século XIX, surge uma imprensa "mais identificada com o espírito industrial", pois, levando em consideração a "expansão comercial" daquele tempo, se dedicava a informar os interessados nessa questão. O Correio Mercantil, assim como o A Pátria e o Jornal do Commercio, por exemplo, são alguns dos jornais que se dedicaram a esse "objetivo empresarial" dos impressos. Cf. BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*, p. 61-62. 1 v.
[79] *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 1 ago. 1855, n. 211, p. 1.

colaboração e revisão de muitos escritores brasileiros como Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Gonçalves Dias – que publicou sob pseudônimo algumas crônicas, entre outros –, deu ao *Courrier du Brésil* reconhecimento e notoriedade em suas páginas.[80]

Em 1895, o deputado "Sr. Nilo Peçanha", em uma sessão da Câmara dos Deputados transcrita pelo *Cidade do Rio* (1895-1902), de propriedade de José do Patrocínio, posicionou-se contrário aos jornais franceses. De acordo com o jornal, o deputado teria ido "à tribuna reclamar contra a subvenção" que recebiam alguns jornais franceses que se publicavam no Rio de Janeiro.[81] Isso porque, segundo o discurso de Peçanha, que, assim como o jornal *Cidade do Rio*, era um defensor da república brasileira,[82] os jornais franceses não tinham o menor apreço pelo governo brasileiro, ainda que recebessem verbas da administração pública. As folhas francesas, como o *Étoile du Sud*, de acordo com a arguição, distribuíam "pelas bancadas" escritos que faziam "sangrar (...) o coração dos patriotas" do Brasil e que iam contra o novo governo do Brasil, contra os princípios da república brasileira e que deixavam o deputado explicitamente incomodado com a presença e com a opinião dos jornais franceses.[83] Como se vê, muitas foram as referências às folhas francesas encontradas nas folhas nacionais. Malgrado seja possível descrever alguns registros, não se pode mapear com certeza o público leitor desses jornais franceses, em razão da ausência de listas de assinantes, de números de tiragens ou de cartas de leitores. É possível afirmar, no entanto, por esses e outros depoimentos impressos, que essas folhas francesas circulavam entre os letrados brasileiros daquele tempo, especialmente pela publicação de diversos artigos e anúncios em língua portuguesa ou bilíngue ou, inclusive, pela produção integral de uma ou outra folha francesa nos dois idiomas.[84]

Ao mesmo tempo que os brasileiros legaram registros sobre os jornais franceses publicados no Rio de Janeiro ao longo do século XIX, os próprios editores dessas publicações se dedicaram a argumentar, ou melhor, a justificar a produção de seus impressos na capital do Império brasileiro. Em abril de 1827, Pierre Plancher escreveu, na primeira edição do *L'Indépendant*, que era "necessário explicar em poucas palavras" os motivos que o teriam levado a publicá-lo, pois o aparecimento no Rio de Janeiro de uma folha periódica escrita em francês poderia "causar certa surpresa ao público".[85] Retomando seus argumentos sobre a superioridade da língua francesa, mencionada no início deste capítulo, Plancher registrou que

[80] FONSECA, Gondim da. *Biografia do Jornalismo Carioca* (1808-1908), p. 312-313.
[81] *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, 1 ago. 1895, n. 173, p. 2.
[82] BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*, p. 114, v. 1.
[83] *Cidade do Rio*, 1 ago. 1895, n. 173, p. 2.
[84] Em 1884, as primeiras quarenta e uma edições do *Le Messager du Brésil* foram bilíngues.
[85] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1.

qualquer nação que se propusesse a discutir questões sobre seu próprio futuro deveria fazê-lo com uso da língua francesa, pois ela seria o idioma perfeito para as reflexões intelectuais. "Os próprios turcos", de acordo com Plancher, assim como os alemães, os ingleses, os italianos e os holandeses já o faziam, "no momento em que sentiram a necessidade de influenciar a opinião pública na Europa, perceberam que não poderiam empregar para isso um idioma cuja universalidade" não fosse reconhecida. Por esse motivo acabaram aderindo à língua francesa e compreenderam sua relevância.[86] Os brasileiros que desejassem manter discussões sobre o futuro do Brasil, ou mesmo influenciar a opinião pública, deveriam aceitar e auxiliar a publicação de folhas francesas no Rio. Tal assertiva indicou ainda que a publicação de um jornal francês no Rio de Janeiro não era, segundo Plancher, voltada apenas para os franceses habitantes da cidade, mas para qualquer um que quisesse estar envolvido com uma cultura mais intelectualizada.[87]

Entre as várias razões colocadas pelo editor francês para a publicação do seu periódico estava, além da importância da língua francesa para debates mais ilustrados, o grande sucesso que as "folhas periódicas redigidas em francês" tiveram nos países onde começaram a ser produzidas.[88] As cidades que já tinham uma elite intelectual leitora de impressos publicados em suas respectivas línguas nacionais – como, por exemplo, Londres, Frankfurt e Nova York – seriam mais favoráveis ao êxito das folhas francesas. Por essa razão, e levando em consideração que o Rio de Janeiro era uma "capital rica, populosa, esclarecida", em pleno crescimento e que já contava com jornais publicados em língua portuguesa, o aparecimento de um jornal francês seria de grande proveito para o desenvolvimento e propenso ao sucesso, segundo argumentou Plancher.[89] Era para o francês, um bom investimento a publicação de sua folha, tanto para ele quanto para os brasileiros, ou melhor, para a cidade do Rio de Janeiro.

Além disso, o fato de o Rio de Janeiro ser, de acordo com os elogios interessados de Plancher, a "verdadeira metrópole da América do Sul", ou melhor, o "ponto central das relações entre a Índia, a Europa e o Grande Oceano Pacífico" – de tal modo que as notícias desses lugares tão distantes estavam centralizadas na capital do Império brasileiro –, também favoreceu a publicação de seu periódico em língua francesa. A localização geográfica do Rio de Janeiro, conforme seu ponto de vista, seria de suma importância para a chegada de informações de todos os lados, tendo-se em vista que à capital imperial chegavam e dela partiam muitos navios com rotas as mais diversas. Por esse motivo, seu jornal francês sempre

[86] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1.
[87] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1.
[88] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1.
[89] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1.

poderia apresentar notícias atualizadas e adquiridas, algumas vezes, diretamente de homens que as tinham vivenciado. Para Plancher, tal era essa vantagem geográfica que uma folha francesa em terras brasileiras seria muito mais proveitosa se comparada ao que já se sustentava em Buenos Aires, pois, segundo seus argumentos, a localização da cidade argentina não era tão boa quanto à do Rio de Janeiro.[90]

Outros editores partilharam com Pierre Plancher da concepção de que a capital imperial gozava de uma localização geográfica privilegiada que deveria ser explorada para o bem dos negócios, especialmente os negócios tipográficos. E. Sevène, em seu texto de apresentação do *L'Écho de l'Amerique du Sud*, de 30 de junho de 1827, afirmou que o Rio de Janeiro seria "o ponto central das relações entre a América do Norte, a Europa, a Índia e o Oceano Pacífico". Ou seja, seria um lugar favorável para o estabelecimento das "comunicações com outros países", o que contribuiria positivamente para o sucesso de seu jornal.[91] Esse discurso dos editores sobre o privilégio geográfico da capital do Império foi fomentado, muito provavelmente, pelo fato de o Rio de Janeiro, desde o século XVI, ter um papel de destaque no reabastecimento das navegações que corriam as rotas do ocidente para o oriente, ou vice-versa.[92] Apesar de ser um ponto estratégico para as navegações, demorou para que os navegantes pudessem ultrapassar o porto da cidade, algo que dificultou a troca de informações entre a até então colônia portuguesa e os demais países do mundo, ainda no século XIX. Nas palavras do britânico John Armitage, até no início do Oitocentos, mesmo que "os navios dos aliados da Metrópole" conseguissem "ancorar nos seus portos", não era "permitido aos passageiros e à gente das equipagens desembarcar", estavam sempre "vigiados por escoltas de soldados".[93]

John Armitage – um dos vários viajantes que veio para o Brasil e registrou especificamente sobre o período que abarca a chegada da família real portuguesa (1808) e a abdicação que D. Pedro I (1831) – escreveu ainda que, em razão da política estabelecida por Portugal, "uma das mais belas nações e férteis regiões do Globo havia sido privada de toda a comunicação e comércio com as outras nações da Europa".[94] O resultado desta medida, de

---

[90] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1.
[91] *L'Écho de l'Amerique du Sud*: journal politique, commercial e littéraire. Rio de Janeiro, 30 jun. 1827, n. 1, p. 1.
[92] O Rio de Janeiro no século XIX, assim como ocorreu nos dois séculos anteriores, XVII e XVIII, foi um importante ponto de parada para as embarcações que tinham como rotas a Europa e o Oriente. Cf. FIGUEIREDO, Cláudio; SANTOS, Nubia Melhem; LENZI, Maria Isabel Ribeiro (org.). *O Porto e a cidade*: o Rio de Janeiro entre 1565 e 1910. Rio de Janeiro, Editora: Casa da Palavra, 2005 e MENEZES, Pedro da Cunha; BANDEIRA, Júlio. *O Rio de Janeiro na rota dos Mares do Sul*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2004.
[93] ARMITAGE, John. *História do Brazil*: desde a chegada da Real Família de Bragança em 1808, até a abdicação do Imperador D. Pedro I, em 1831. Rio de Janeiro: J. Villeneuve e Comp., 1837, p. 2.
[94] ARMITAGE, John. *História do Brazil*, p. 1-2.

acordo com o célebre viajante britânico, foi que os europeus pouco sabiam sobre o Brasil e, consequentemente, também os brasileiros não tinham informações sobre a Europa. A restrição, no entanto, terminou com a mudança da corte portuguesa para o Rio de Janeiro e com os novos acordos entre Portugal e os países europeus. O resultado foi que os estrangeiros começaram a ter acesso ao Rio de Janeiro e ao restante do Brasil, livres da até então costumeira vigilância dos soldados.[95] Navios começaram a chegar e deixaram de ser recebidos com desconfiança. Quase todos os viajantes que passaram pelo Rio depois da abertura dos portos, inclusive o citado John Armitage, registraram a mudança no cenário das embarcações, que se tornava paulatinamente mais variado.[96] À proporção que os navios estrangeiros obtinham mais liberdade para aportar na capital do Império, as informações de fora eram transmitidas aos brasileiros por seus ocupantes, que também levavam as novidades do Brasil para outros lugares. Dessa forma, o Rio de Janeiro tornou-se aos poucos a verdadeira metrópole da América do Sul, ligando várias regiões do mundo e propagando diversas notícias.

Além da significativa posição geográfica estratégica do Rio, outros motivos – como a liberdade de imprensa – concorreram para que os citados editores decidissem publicar em língua francesa nessa cidade. Em 1821, D. Pedro I determinou dois decretos que versavam sobre a livre imprensa no Brasil: *Sobre a liberdade de imprensa*, em 2 de março, e *Sobre a extensão da liberdade da imprensa*, em 12 de julho. O primeiro tinha como principal objetivo resolver os "embaraços que a prévia censura dos escritos" ocasionava à "propagação da verdade" e discutir sobre como uma "ilimitada liberdade de imprensa" poderia trazer abusos "à religião, à moral, ou à pública tranquilidade".[97] Tomando como base essa problemática, D. Pedro I retirou as leis que proibiam a instalação e a produção de impressos por outras casas tipográficas – note-se que de 1808 a 1821 o Rio de Janeiro só teve a tipografia da Impressão Régia –,[98] mas alertou que "todo o impressor" que publicasse fora da Impressão Régia estaria "obrigado a remeter ao Diretor dos Estudos, ou quem suas vezes fizer, dois exemplares das provas que se tirarem de cada folha na imprensa".[99] D. Pedro I intentava com isso melhorar a liberdade de imprensa, mas sem perder o controle do que era publicado, já que todas as folhas tinham que ser analisadas e aceitas pelos censores. A primeira lei de regulamentação da

[95] ARMITAGE, John. *História do Brazil*, p. 1-2.
[96] FIGUEIREDO, Cláudio; SANTOS, Nubia Melhem; LENZI, Maria Isabel Ribeiro (org.). *O Porto e a cidade*, p. 66.
[97] *Coleção das leis do Brasil de 1821*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889, p. 25. vol. II.
[98] BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*, 1990, p. 17, v. 1. A censura prévia existente no Brasil fez com que o *Correio Braziliense* (1808-1822), de Hypólito da Costa, fosse publicado integralmente em Londres. Cf. MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*, p. 94.
[99] *Coleção das leis do Brasil de 1821*, p. 25. vol. II.

liberdade de imprensa decretada por D. Pedro I, portanto, serviu apenas para agilizar a publicação e a circulação dos escritos, mas não para liberar sua produção.[100]

No segundo decreto de 1821, a diferença em relação ao primeiro era que as folhas publicadas não precisariam mais passar pelos olhos dos censores régios, de tal modo que "toda pessoa" poderia, "da publicação desta Lei em diante, imprimir, publicar, comprar e vender nos Estados Portugueses quaisquer livros ou escritos sem prévia censura". Desde, claro, que obedecessem a algumas das prescrições listadas anteriormente, principalmente aquela relacionada aos assuntos que poderiam ser tratados.[101] A liberdade de imprensa naquele momento assegurava que os jornais pudessem ser publicados por outras tipografias além da Impressão Régia e dava autonomia para a decisão de quando seriam feitas as publicações, mas não as liberava quanto aos conteúdos abordados. Temas contra a religião católica romana, o Estado, os bons costumes ou particulares, por exemplo, estavam proibidos.[102] Embora a ação de D. Pedro I tenha sido inicialmente apenas para regulamentar a liberdade de imprensa, com mais rapidez na publicação dos impressos autorizados pela corte, seus decretos acabaram por impulsionar a produção editorial.

Cada vez mais publicados na capital imperial, os impressos foram o grande instrumento dos letrados daquele período para defender ideias favoráveis ou contrárias ao governo – a princípio, o governo de D. Pedro I – e chegaram a protagonizar uma verdadeira "guerra das penas".[103] Tiveram papel de destaque, por exemplo, na campanha do Fico, em 1821, e principalmente nos fervorosos debates que cimentaram a Independência brasileira, em 1822.[104] A regulamentação da liberdade de imprensa, em 1821, foi certamente um dos momentos mais importantes da história da imprensa oitocentista e constou da pauta das reflexões daquele período, despertando posicionamentos diferentes tanto entre os editores franceses como entre os brasileiros. Destarte, do mesmo modo que os editores das folhas francesas elegeram tal fato como um dos principais motivos para publicar um jornal francês, eles igualmente emitiram opiniões favoráveis ou contrárias à liberdade de imprensa, como também fizeram os brasileiros.

---

[100] *Coleção das leis do Brasil de 1821*, p. 26. vol. II.
[101] *Coleção das leis do Brasil de 1821*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889, p. 20. vol. I.
[102] *Coleção das leis do Brasil de 1821*, p. 20. vol. I.
[103] A historiadora Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves definiu esse momento como uma "guerra das penas", tendo-se em vista os grandes debates entre os letrados brasileiros sobre a situação do Brasil. Cf. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. A "guerra das penas": os impressos políticos e a independência do Brasil. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, dez. 1999, p. 41-65.
[104] Os debates políticos nos anos que precedem e também nos posteriores à Independência foram, em sua grande maioria, realizados nos jornais daquele período e se tornaram tema de muitos trabalhos realizados, por exemplo, pela historiadora Isabel Lustosa. LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos*: a guerra dos jornalistas na Independência, 1821-1823. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 e LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I*, p. 78.

Versando sobre a liberdade de imprensa, o editor francês Pierre Plancher destacou, na conclusão de seu editorial de apresentação, que o "L'Indépendant, escrito sabiamente nos princípios monárquicos e francamente constitucionais", seria, em decorrência da livre imprensa, "uma arena sempre aberta" às polêmicas, na qual seria discutido todo tipo de assunto, e não somente os de interesse de seu proprietário.[105] Por mais que tenha evidenciado a importância da liberdade de imprensa na publicação e na discussão dos temas em sua folha, Plancher também apontou, nesse primeiro escrito, que "a garantia de toda a liberdade [...] poderia ter, no entanto, graves inconvenientes quando" as ideias fossem colocadas para um povo "sem uma experiência revolucionária e cuja formação política ainda [estava] por fazer".[106] Os habitantes do Brasil, segundo Plancher, não estavam preparados para discutir questões que inflamassem os espíritos porque "a imensa maioria de seus cidadãos não [tinha] os princípios fixos que somente a experiência dá aos povos". Faltavam, principalmente, as "noções necessárias" que preservassem "o efeito contagioso de uma polêmica apaixonante".[107] Registrou, igualmente, que até mesmo a França, que já havia passado por uma revolução, e por isso estaria mais bem preparada para os debates dessa natureza, não teria toda sua população instruída para as necessárias discussões de uma mudança revolucionária. "Durante a memorável revolução francesa", continuou Plancher, os franceses considerados mais instruídos e mais bem preparados teriam desejado "que a parte bruta desse mesmo povo" fosse deixada de lado dos debates.[108] Ou seja, a liberdade de imprensa poderia ser, para este editor, um problema para o Rio de Janeiro, porque os brasileiros não estavam prontos para entrar nos debates intelectuais que visavam às necessárias mudanças na ordem política do país.

Mesmo antes de Plancher, que escreveu em 1827, argumentos que denunciavam os perigos da liberdade de imprensa encontravam-se em diversos escritos brasileiros e, de certo modo, difusos na sociedade carioca desde o ano de 1821, aquando dos decretos de D. Pedro I. Nos primórdios da imprensa brasileira, algumas figuras de destaque, como o jornalista e político conservador José da Silva Lisboa, o visconde de Cairu,[109] defenderam que os impressos, mesmo que fossem publicados fora da Impressão Régia, tinham um papel político esmerado: defender a monarquia e o Império do Brasil. O citado visconde de Cairu destaca-se

[105] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1. (Grifos do autor).
[106] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1.
[107] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1.
[108] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1.
[109] ROCHA, Antonio Penalves (org.). *Visconde de Cairu*. São Paulo: Ed. 34, 2001; LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I*, p. 78; e, BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*, p. 85-92, v. 1. Para maiores informações sobre a participação de José da Silva Lisboa na política brasileira, ver: MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*, p. 185-190.

ainda por ter ocupado vários cargos do governo, dentre os quais o de Censor Régio – desde 1808, por ter sido um grande defensor da manutenção do Reino Unido do Império luso-brasileiro e por ter produzido os primeiros impressos na corte.[110] Além disso, esses primeiros impressos consistiram em uma imprensa de caráter panfletário, isto é, eram publicados em recortes de papel simples e pequenos, que tinham como principal objetivo polemizar, discutir, apresentar ideias diante das circunstâncias políticas, sociais e econômicas que envolviam aquele tempo.[111] Dentre os jornais que contribuíram radicalmente para o panorama da imprensa brasileira nesse momento figurava *O Conciliador do Reino Unido* (1821), de propriedade do visconde de Cairu, juntamente com outros três jornais, o *Revérbero* (1821-1822), o *Espelho* (1821-1823) e a *Malagueta* (1821-1832).[112] Por ser um defensor do governo, Silva Lisboa refletiu nas páginas do seu *O Conciliador do Reino Unido* sobre os perigos que a liberdade de impressa poderia causar ao regime monárquico de D. Pedro I. A esse respeito, escreveu em 1821 que D. Pedro I se propôs a resolver "um dos mais difíceis problemas da Legislação Liberal" e que poderia ser comparado à insolúvel questão da Pedra Filosofal "com que os Alquimistas, desde a alta antiguidade, têm em vão procurado transmudar os metais inferiores em ouro e prata": a liberdade de imprensa.[113] A imprensa livre, declarava Silva Lisboa sobre o decreto do D. Pedro I, estava relacionada com a liberdade natural dos cidadãos. Essa afirmação, porém, não convencia à maioria das pessoas, pois os "direitos naturais vêm a ser fantasias metafísicas, e não realidades práticas".[114] O argumento da época, explorado por Silva Lisboa, era que os cidadãos teriam apenas os direitos sociais conferidos pela "união dos homens na sociedade". Desse modo, por mais que o governo defendesse a imprensa livre e que ela estivesse respaldada pela vontade de seu monarca, seria muito difícil mantê-la dentro dos ideais prometidos, mesmo porque "a ilimitada liberdade da Imprensa nunca existiu em parte alguma, e muito menos" existiria "em tempo de comoções do Estado, em que ninguém ousa, nem se lhe tolera, dizer, e menos imprimir, as suas opiniões contra a OPINIÃO DOMINANTE".[115]

A alternativa aos editores dos jornais, de acordo com Silva Lisboa – já que uma ilimitada liberdade de imprensa nunca existiria –, era não emitir opiniões muito abertas, isto é, contrárias às opiniões dominantes, pois, em vários países, as injúrias cometidas pelas palavras determinavam "graves penas". Ele defendia que, se os editores ficassem soltos quanto aos

[110] ROCHA, Antonio Penalves. Introdução. In: ROCHA, Antonio Penalves (org.). *Visconde de Cairu*, p. 15 e 19.
[111] BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*, p. 84, v. 1.
[112] BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*, p. 85, v. 1.
[113] *O Conciliador do Reino Unido*. Rio de Janeiro, 7 abr. 1821, n. 5, p. 2.
[114] *O Conciliador do Reino Unido*, 7 abr. 1821, n. 5, p. 2.
[115] *O Conciliador do Reino Unido*, 7 abr. 1821, n. 5, p. 3. (Grifos do autor).

entendimentos de seus impressos, as calúnias contra o "Governo" ou aos "Empregados Públicos" poderiam ser facilmente manifestadas, ocasionando um ponto negativo à imagem do soberano.[116] Visconde de Cairu tentou alertar, em escrito publicado no *O Conciliador do Reino Unido*, assim como fez anos depois Pierre Plancher no *L'Indépendant*, que a liberdade de imprensa poderia ser algo ruim para o Brasil, principalmente porque, mesmo que fosse vigiada pelos censores, como planejado, ocasionalmente ela permitiria a publicação de assuntos considerados proibidos e daria prejuízos ao governo. É notório que a principal intenção de Silva Lisboa era convencer os editores das folhas periódicas a não reproduzir informações que atacassem o governo imperial, pois, do mesmo modo que ele as usava para defender a monarquia de D. Pedro I, outros poderiam usá-las para o ataque. Apesar de apontar vários argumentos contra a instauração da liberdade de imprensa, o visconde de Cairu reconhecia a importância que ela detinha e por isso se propôs moderá-la para que o governo não fosse prejudicado.

Embora as críticas de visconde de Cairu e de Plancher conservem algumas diferenças, as constantes críticas à liberdade de imprensa, feitas desde o ano de 1821, demonstram que os decretos de D. Pedro I e o impacto que tiveram na propagação das folhas impressas – principalmente na capital imperial – não deixaram de causar incômodos aos defensores da monarquia, que viam nos jornais uma ameaça constante à imagem do governo. A liberdade de imprensa continuou recebendo críticas ao longo do Oitocentos, e, mesmo que a preocupação não fosse exclusivamente a imagem da monarquia, os jornais se dedicaram a mostrar os riscos que ela poderia trazer caso não fosse bem utilizada. Em 1867, Louis Sauvages, do *La Gazette du Brésil*, partilhando de alguns pontos da posição de Plancher, escreveu que a liberdade de imprensa não era algo simples de ser assimilada pelos brasileiros e que, por isso, muitas vezes acabava sendo "mal compreendida" e sujeita a fortes abusos.[117]

Não foi apenas com críticas negativas, contudo, que a liberdade de imprensa teve de conviver no Oitocentos. Participando dos mesmos debates da imprensa panfletária de Silva Lisboa, mas com opinião diferente, Evaristo Ferreira da Veiga, editor do *A Aurora Fluminense*, registrou em 1827 que "a liberdade de imprensa que se acha aclamada no Brasil é a arma poderosa, que nossas ainda jovens e débeis mãos devem aprender a manejar com destreza, para lutarem contra o despotismo e contra o governo absoluto".[118] Em sua opinião, a liberdade de imprensa era essencial para que fossem garantidos os direitos do povo e não

[116] *O Conciliador do Reino Unido*, 7 abr. 1821, n. 5, p. 4.
[117] *La Gazette du Brésil*, 23 abr. 1827, n. 1, p. 1.
[118] *A Aurora Fluminense*, 21 dez. 1827, n. 1, p. 2.

apenas o de seu soberano, além de auxiliar nas frutíferas discussões sobre o futuro do país.[119] Os franceses, igualmente, não se limitaram às críticas contrárias e exaltaram a liberdade de imprensa na tentativa de justificar a produção de seus impressos. E. Sevène, editor do *L'Écho de l'Amerique du Sud*, escreveu, em 1827, que no Rio de Janeiro "as folhas periódicas, animadas do fôlego criativo da liberdade da impressa, espalham os bons feitos da instrução" e atestam "as poderosas vantagens dessa mesma liberdade" com a multiplicação das folhas existentes.[120] Declarou, inclusive, que "ao mesmo tempo que os novos governantes da América do Sul" permitiram "o livre desenvolvimento do pensamento" também introduziram seus povos "no único caminho da salvação": a liberdade, garantindo-se "sua futura existência".[121] Para Sevène, a possibilidade de publicar livremente as ideias no Rio de Janeiro era um ponto positivo para a propagação de certas noções, bem como para a instrução do povo, abrindo-se o caminho não somente para a liberdade de pensamento, mas, sobretudo, para a preparação dos novos rumos do país.

Do mesmo modo, os editores do *L'Écho de l'Atlantique* (1858) destacaram e defenderam, em 1858, a existência da liberdade de imprensa ao afirmar que caberia à "imprensa do país tocar as questões de grande importância", ou seja, que era por meio dela que os brasileiros se informariam e construiriam suas opiniões. Essa mesma imprensa, segundo eles, também poderia "perturbar a autonomia do Império", o que era de fato o objetivo do *L'Écho de l'Atlantique*, já que seu grande propósito era combater o segundo reinado, conforme apresentado em seu editorial de primeira edição.[122] Esse posicionamento do *L'Écho de l'Atlantique* dialogava com o de outros jornais franceses e também brasileiros que, além de dissertar sobre a liberdade de imprensa, emitiram opiniões sobre o governo monárquico de D. Pedro II. Alguns jornais franceses, como o citado *L'Écho de l'Atlantique*, eram contrários; outros, porém, eram favoráveis, como o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* (1859-1860), que dizia que "os homens e as coisas do Império de D. Pedro II" receberiam grande destaque em seu jornal.[123] A prática de usar os jornais como palco das discussões foi recorrente em todo o século XIX, visto que era o principal meio de comunicação daquele tempo, por isso os ataques e as defesas ao governo continuaram

[119] *A Aurora Fluminense*, 21 dez. 1827, n. 1, p. 2.
[120] *L'Écho de l'Amerique du Sud*, 30 jun. 1827, n. 1, p. 1.
[121] *L'Écho de l'Amerique du Sud*, 30 jun. 1827, n. 1, p. 1.
[122] *L'Echo de l'Atlantique*: organe des intérêts franco-brèsilliene, paraissant les dimanche et jeudi de chaque semaine. Rio de Janeiro, 10 jan. 1858, n. 1, p. 1.
[123] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud,* 1 maio 1859, n. 1, p. 2.

ocupando as páginas dos impressos quando o golpe da maioridade e a ascensão ao trono, em 1840, pouco alteraram a estrutura política vigente desde o Primeiro Reinado.[124]

Todavia, por mais que tentasse manter um governo forte, tendo como base a figura do monarca, D. Pedro II, assim como D. Pedro I, acabou por exercer uma política ambígua em seu governo. Ao mesmo tempo que pregava uma superioridade e a não existência de reclamações frente a seu governo, mantinha a liberdade de imprensa, abrindo espaço para que as discussões continuassem a existir.[125] Conscientes desta situação, os editores do *L'Écho de l'Atlantique* alertaram que, por mais que a crítica do jornal ferisse algum interesse dos habitantes do Império, eles estariam protegidos, pois a "liberdade de imprensa consiste, não em dizer" apenas "o que é bom", mas também "o que pode desagradar". Tais editores, além de caracterizar positivamente a liberdade de imprensa, demonstraram em suas defesas como ela era um fator fulcral para a publicação de seu periódico, pois garantia a livre expressão em relação a vários assuntos, dentre os quais, discorrer contra o governo monárquico brasileiro.[126]

Em 1878, a liberdade de imprensa foi novamente destacada como um importante instrumento para a publicação e manutenção do *Le Messager du Brésil* (1878-1884), segundo seu editorial de apresentação. O *Le Messager du Brésil*, conforme as informações de seu editor, seria o novo nome do já conhecido *Le Gil-Blas* (1877-1878), que, ao longo de suas últimas edições, já anunciara as mudanças que ocorreriam no periódico:[127] "desde o dia de sua aparição tanto para o público francês como para o brasileiro", o *Le Gil-Blas* conheceu a simpatia do leitor, justificada provavelmente pela necessidade de preencher a lacuna deixada por outras folhas publicadas no Rio;[128] e, graças à sua consequente prosperidade e pela confiança conferida pelos seus leitores, o jornal estaria ganhando um novo formato para melhor atender às "justas aspirações da maioridade", pois o *Gil-Blas* já era um "homem feito" e deveria buscar novos objetivos.[129] Por fim, disse que o sucesso do periódico se devia, sobretudo, "à imprensa livre", que continuamente encorajou a publicação de suas notícias e aos seus fiéis leitores ao longo de quase um ano.[130]

Esses registros dos editores franceses sobre a liberdade de imprensa indicam que ela foi importante tanto para a produção de seus respectivos impressos – dada a escolha de poder

---

[124] MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 47.
[125] BARMAN, Roderick J. *Imperador Cidadão*. Trad. Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 179.
[126] *L'Echo de l'Atlantique*, 10 jan. 1858, n. 1, p. 1.
[127] Cf. os números 45 e 46 do *Le Gil-Blas* em 1878.
[128] *Le Messager du Brésil*, 7 set. 1878, n. 48, p. 1.
[129] *Le Gil-Blas*: journal politique, satyrique et artistique. Rio de Janeiro, 18 ago. 1877, n. 45, p. 1.
[130] *Le Messager du Brésil*, 7 set. 1878, n. 48, p. 1.

publicar fora da Impressão Régia – quanto para incentivar a contínua circulação dos jornais. Parte dos editores das folhas francesas evidenciou certas preocupações em relação à imprensa livre no Brasil. Plancher e Sauvages, por exemplo, defenderam ser necessário cultivar uma liberdade de imprensa com certo cuidado, já que nem todos estavam preparados para as discussões que ela poderia suscitar. Outros, porém, indicaram que esta instituição contribuiu para o desenvolvimento de seu próprio jornal e que ela foi muito importante para lhes encorajar a abordagem de determinados assuntos, isto é, tornar públicas suas reflexões, de modo a auxiliar a opinião de seus leitores. A liberdade de imprensa no Rio de Janeiro oitocentista foi, em suma, reconhecida por alguns editores dos jornais franceses como um importante motivo para a publicação de seus impressos e, ao mesmo tempo, foi pauta de reflexões dessas folhas, que não se eximiram de legar registros a respeito do tema, independentemente do posicionamento.

Além das justificativas relacionadas à privilegiada posição geográfica do Rio de Janeiro e à liberdade de imprensa na capital do Império, os jornais franceses também registraram explicações mais pontuais para a publicação de seus impressos na capital. Os editores do *L'Écho de l'Atlantique* escreveram que para reforçar os laços entre o Brasil e a França era necessário, primeiramente, realizar um trabalho de recuperação do "jornalismo francês", visto que este estaria tão "degradado" no Rio de Janeiro que "uma espécie de indisposição desfavorável parecia pesar sobre ele".[131] O *France et Brésil*, em 1874, mostrou preocupação em melhorar a imagem da imprensa francesa perante aos franceses estabelecidos no Rio de Janeiro, como uma das razões para justificar sua produção. De acordo com seu editor, o *France et Brésil* tinha como um de seus propósitos "elevar" o "moral abatida" dos filhos da França moradores do Rio de Janeiro que ali estavam em "busca de prosperidade" e lembrá-los de que ainda existia uma pátria mãe, pronta para os amparar.[132] Para tal objetivo, o jornal deveria tornar a França realmente conhecida no Brasil, tanto para os franceses moradores do Rio de Janeiro quanto para os brasileiros, a fim de retomar a "posição que ela [França] tem direito" no que dizia respeito "a civilização, ciência, indústria e comércio" e apagar a "posição fantasmagórica" que ela estava ocupando. Isso porque, em relação aos jornais de outras nações que se publicavam no Rio de Janeiro, os da França, de acordo com este editor, encontravam-se apagados, principalmente em face das "dolorosas memórias" do

[131] *L'Echo de l'Atlantique*, 10 jan. 1858, n. 1, p. 1.
[132] *France et Brésil*, set. 1874, n. 1, p. 1.

"último Bonaparte e seus assassinos", que fizeram desaparecer a imagem da França como "nação civilizada, amiga do progresso e da ordem".[133]

O já citado Louis Sauvages escreveu que, atendendo aos novos vínculos firmados entre o Brasil e os países europeus, sua folha periódica, *La Gazette du Brésil*, teria sido fundada "com o objetivo de aumentar as relações entre o Brasil e a Europa e, particularmente, com a França".[134] Além disso, ele também defendeu que seu periódico deveria ter um lugar de destaque no Império para ajudar, sempre que possível, no desenvolvimento do Brasil. Por esse motivo, destacou que uma das principais justificativas para a publicação de seu jornal era contribuir com a colonização do país pós-independente. A questão ganhava força com o fim do tráfico de escravos, em 1850, e fazia parte das discussões políticas após o decreto da lei nº 601,[135] de 18 de setembro de 1850, no qual admitia-se que as terras brasileiras poderiam ser ocupadas por estrangeiros e, ao mesmo tempo, estimulava-se a colonização estrangeira.[136]

A partir de meados do século XIX, muitas foram as discussões sobre a chegada dos estrangeiros para ocupar as terras e participar do comércio local.[137] O governo, por sua vez, dada a importância do assunto da chegada dos estrangeiros, designou Ignácio da Cunha Galvão – ativo participante do governo imperial, como "diretor do banco comercial e agrícola do Rio de Janeiro, diretor da estrada de ferro de D. Pedro II" e "presidente das províncias do Espírito Santo e Santa Catarina" –[138] para o cargo de agente de colonização. Galvão publicou artigos em vários jornais brasileiros, principalmente na década de 60 do Oitocentos,[139] elencando os diversos proveitos que a chegada dos estrangeiros poderia oferecer para o desenvolvimento do Brasil, desde ocupar as terras brasileiras até participar do comércio. O *La Gazette du Brésil*, participando da discussão daquele momento, argumentou que falaria em suas páginas a respeito da colonização, pois "o Império do Brasil tem uma necessidade absoluta de colonização". Desse modo, Sauvages atentou para o fato de que "o grande

---

[133] *France et Brésil*, set. 1874, n. 1, p. 1.
[134] *La Gazette du Brésil*, 23 abr. 1827, n. 1, p. 1.
[135] LEI n. 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim601.htm. Acessado em: 22/06/2015.
[136] RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, p. 47.
[137] COSTA, Emília Viotti da. Política de terra no Brasil e nos Estados Unidos. In: COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*: momentos decisivos. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 171-195.
[138] *Diccionario Bibliographico Portuguez*: estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870, p. 552, tomo nono (Segundo do suplemento: C-G).
[139] Ignácio da Cunha Galvão escreveu, a respeito da problemática da colonização brasileira, além de vários artigos nos jornais brasileiros, o *Manual de emigrantes para o Brazil ou collecção das disposições da legislação brasileira, que mais particularmente interessam os estrangeiros que vem estabelecer residência no Brazil, acompanhada de algumas tabellas estatísticas e de conversão de pesos e medidas e de um mappa geral do império*, em 1865; *Estudos sobre a emigração*. *Collecção de artigos publicados no Correio Mercantil*, em 1866; *Relatorio da agencia oficial de colonização*, em 1867; e, *Relatorio da agencia oficial de colonização*, em 1869. Cf. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, p. 552. Tomo Nono (Segundo do suplemento: C-G).

Império, cuja qualquer província é maior que a França" precisava "ser povoado". Para o editor francês, era "necessário que as cidades, os vastos campos, os ricos vales, as belas montanhas", enfim, "todo o país" recebesse os cinco povos que, de acordo com seu conhecimento, poderiam "vantajosamente colonizar o Brasil": "os alemães, os portugueses, os ingleses, os americanos e os franceses". Os alemães não precisavam, segundo Sauvages, provar o seu valor já que eram "os melhores do mundo" para tal feito, pois ou "eles morrem ou eles se anexam", assim como os "descendentes de Vasco da Gama", que "já fizeram suas provas" e tinham qualidades que poderiam ser facilmente elencadas pelo *La Gazette du Brésil*. "Os ingleses", por sua vez, "são sempre colonos úteis" e prontamente poderiam ajudar.[140]

Apesar de todas essas qualidades dos referidos povos aos olhos do editor, os colonos americanos eram os que mais poderiam contribuir para a colonização do Brasil. Em sua opinião, a participação desses colonos deveria ser "melhor compreendida", pois, tais homens estavam divididos entre os do Norte e os do Sul e tinham características diferentes. Os do Norte "dificilmente conseguiriam se estabelecer no Brasil, sua raça anglo-saxônica, seus modos, sua natureza, se opõem ao sucesso de sua colonização".[141] Em contrapartida, os americanos do Sul eram provenientes "de uma raça latina" e tinham "a religião, os modos e os hábitos dos brasileiros".[142] O Brasil, desse modo, deveria "se beneficiar desta situação e oferecer uma parcela a mais de hospitalidade" para esses "homens orgulhosos e resolutos". Por fim, os franceses também foram lembrados por Sauvages como bons colonizadores para o Brasil. Segundo ele, haveria "braços na França mais do que suficientes para a cultura da terra": os "agricultores bascos, os do Sul, do país de Bigorres, da Franche Comté, da Normandia, etc.". E, além de participar efetivamente da agricultura, "a colonização francesa" poderia contribuir com seus serviços de indústria e de comércio.[143]

A defesa da chegada de estrangeiros no Brasil, embora tenha recebido grande atenção por parte do governo brasileiro e ocupado as páginas de alguns jornais, não foi uma das pautas privilegiadas pelos editores franceses, com exceção, até onde foi possível observar, do citado *La Gazette du Brésil*. Entre as pautas privilegiadas pelos editores das folhas francesas estavam a singular localização geográfica da cidade do Rio de Janeiro, a existência da liberdade de imprensa, segundo já mencionado, e a defesa da utilidade dessas folhas para os seus leitores.

[140] *La Gazette du Brésil*, 23 abr. 1867, n. 1, p. 1.
[141] *La Gazette du Brésil*, 23 abr. 1867, n. 1, p. 1.
[142] *La Gazette du Brésil*, 23 abr. 1867, n. 1, p. 1.
[143] *La Gazette du Brésil*, 23 abr. 1867, n. 1, p. 1.

Altève Aumont,[144] editor do *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, registrou a esse respeito que teria fundado "uma nova folha francesa no Rio de Janeiro com a firme convicção de que" poderia "ter qualquer utilidade" aos seus "conterrâneos no Brasil, ao Brasil e às pessoas envolvidas com a Europa e a América do Sul".[145] Destacou que, apesar de já existirem outros dois jornais franceses no Rio de Janeiro, a intenção de seu impresso não era se afirmar como adversário aos demais, muito pelo contrário, ele desejava "uma vida longa e próspera" a seus concorrentes, pois seria mais proveitoso "se os interesses franceses no Brasil" fossem "defendidos por muitos".[146]

Esses mesmos propósitos pareceram nutrir o trabalho do editor do *L'Écho de l'Amerique du Sud*, em 1827. Sevène escreveu que seu compromisso era dar bons proveitos para a cidade do Rio de Janeiro e a todos os seus moradores, independentemente de sua nacionalidade. Além disso, seu principal objetivo, ao publicar "uma folha periódica em francês", era

> [...] sustentar os princípios da legislação que os novos governos da América do Sul proclamaram desde sua Independência. Nosso objetivo é desenvolver, na esfera desses incontáveis benefícios, o governo representativo, presente na magnanimidade de S. M. Dom Pedro à nação brasileira. Para cumprirmos dignamente esses deveres de tal importância, não serão esquecidos nossos zelos e nossos esforços.[147]

Como era de esperar de um jornal que pretendia manter boas relações com a sociedade e as autoridades brasileiras, Sevène assinalou que uma de suas intenções era manter a nova política recentemente estabelecida no país, em 1822. E, igualmente, levando sempre em consideração a "bondosa" participação de D. Pedro I nessa nova fase da vida da nação brasileira, deixava evidente seu posicionamento político frente ao momento pós-independência vivido pelo Brasil. Esse editor francês considerava que seu jornal poderia ser um bom instrumento para auxiliar na manutenção do governo monárquico de D. Pedro I frente aos demais governos da América do Sul, ou melhor, se prontificaria a ajudar o Brasil a construir um "importante papel na história das nações do continente americano". Por esse

---

[144] Altéve Aumont foi citado na lista elaborada por Georges D'Heilly no Dicionnaire des Pseudonymes, de 1869. Segundo D'Heilly, Altève Aumont, que era pseudônimo de Altève Morand, já teria se envolvido com a produção de folhas periódicas na França em 1855 e 1856 publicando, respectivamente, *l'Appel* e *Triboulet*, mas não obteve êxito. No entanto, "mesmo após a queda" dessas duas folhas continuou escrevendo, ainda que o produto que saísse de sua pena não fosse suficiente para sua sobrevivência, pois era "um moço de espírito e de talento". Cf. D'Heilly, Georges. *Dicionnaire des Pseudonymes*. Paris: E. Dentu, Libraire-Éditeur, 1869, p. 230.
[145] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 1 maio 1859, n. 1, p. 1.
[146] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 1 maio 1859, n. 1, p. 1.
[147] *L'Écho de l'Amerique du Sud*, 30 jun. 1827, n. 1, p.1.

motivo, precisava marcar "vantajosamente seu lugar na história contemporânea" das monarquias constitucionais.[148] O editor do *L'Écho de l'Amerique du Sud* pontuou enfaticamente os porquês de produzir o impresso, ou seja, defender a Independência e a monarquia constitucional que, segundo seus princípios, era a melhor forma de governo que o Brasil poderia adotar. Tendo em vista esses propósitos, afirmou, por fim, que sempre colocaria em suas páginas argumentos que contribuíssem para a manutenção desse tipo de governo no país, tão proveitoso para o crescimento e o desenvolvimento do Brasil.

O tom sério utilizado nas apresentações dos editoriais deu lugar, em alguns jornais franceses, a uma escrita mais leve, cheia de humor e ironia, despertando, inclusive, certa disputa entre os editores franceses a respeito de qual seria o melhor estilo jornalístico naquele momento. O *Ba-ta-clan* (1867-1871), que se autodefinia como uma *chinoiserie*[149] franco-brasiliense, por exemplo, deixou evidente logo em sua primeira edição, em 1867, que fora "fundado com o objetivo de rir de vocês através de seus ridículos". Os alvos privilegiados desta nova folha, segundo seu editor, seriam os outros jornais franceses contemporâneos e, principalmente, seus programas de apresentação, considerados tão insignificantes como qualquer "discurso do trono", pois não estariam "comprometidos com absolutamente nada".[150] Todavia, apesar desta postura singular, isto não significava que o *Ba-ta-clan* seria escrito sem uma finalidade. Para seu editor, os objetivos e os propósitos de uma folha deveriam ser construídos aos poucos, ao longo de suas edições, para que os leitores pudessem acreditar no jornal.[151] Assim, o melhor a fazer era dispensar as ditas promessas, tão comumente registradas por outros periódicos, para que ninguém ficasse insatisfeito com sua postura e, consequentemente, para que o *Ba-ta-clan* não fosse indiciado por não ter tratado daquilo que previamente mencionara, como acontecia com outros impressos franceses e seus programas de apresentação.[152]

Os jornais-alvos rapidamente começaram a se defender. O *La Gazette du Brésil*, apresentado pelo *Ba-ta-clan* como um jornal que tinha "a pretensão de ser escrito em francês", não tardou em responder às provocações com indagações, igualmente irônicas, do tipo: é com "plumas de ganso ou de pombo que as damas escrevem seus artigos"?[153] O *Ba-ta-clan*, por sua vez, defendeu-se do ataque afirmando que as próprias referenciadas "senhoras vão cuidar elas mesmas de responder" tais insultos. E "se plumas de ganso ou de pombo não"

[148] *L'Écho de l'Amerique du Sud*, 30 jun. 1827, n. 1, p.1.
[149] Uma imitação ou evocação dos estilos chineses na arte ou na arquitetura ocidentais.
[150] *Ba-ta-clan*: chinoiserie franco-brésilienne. Rio de Janeiro, 1 jun. 1867, n. 1, p. 2.
[151] *Ba-ta-clan*, 1 jun. 1867, n. 1, p. 2.
[152] *Ba-ta-clan*, 1 jun. 1867, n. 1, p. 2.
[153] *Ba-ta-clan*, 1 jun. 1867, n. 1, p. 2.

forem suficientes, poderiam tomar seu lugar "pequenas abelhas de aço" com ferrões "bem pontudos e bem afiados" que perfurariam facilmente milhares de buracos. Ou melhor, que perfurariam milhares de palavras nas páginas do jornal, na tentativa de mostrar a sua força.[154] E, complementou, em resposta a todos os que não acreditavam em seu comprometimento, dizendo que o "*Ba-ta-clan* promet[ia] ter uma independência característica que o permitir[ia] mudar de opinião com a mesma facilidade como se fosse um grande jornal sério". Por fim, concluiu que "com o apoio de seus numerosos protetores e protetoras, e com ajuda de sua pluma e de seu lápis", o *Ba-ta-clan* conquistaria "o seu lugar ao sol" e se defenderia das críticas recebidas "entoando a *Marseillaise* chinesa, o canto terrível do *Ba-ta-clan*".[155]

Outro editor que também deixou de lado o tom mais sério foi Arthur du Mouton, que logo na apresentação do *Figaro-Chroniqueur* (1859) evidenciou o teor cômico de sua folha ao escrever a respeito dos porquês de publicar um jornal no Rio de Janeiro. A crônica de Mouton, que propunha evidenciar as dificuldades de publicar um periódico naquele momento, simulava um diálogo entre o proprietário de uma tipografia chamado Georges Bertrand, narrador da história, e seu amigo, que desejava produzir um jornal francês no Rio de Janeiro:

> - Então, você vai publicar um jornal?
> - Sim.
> - *Um jornal*!!??
> - Sim.
> - UM JORNAL!!!???
> - Sim! Sim! SIM!
> - Bem. Onde podemos alugar um Hipogrifo?
> - Um Hipogrifo?
> - Amigo, o que acontece? Você não sabe o que é um Hipogrifo?
> - Sim, por Hipogrifo eu entendo um animal fantástico com asas e patas, ou com patas e asas, como você preferir, irmão de Pégaso, que foi montado por Astolfo quando ele foi pedir a Lua o juízo de Orlando Furioso, a Lua lhe deu e o fez Furioso Orlando. É isso.
> - Isso mesmo. Agora, onde eu poderia alugar um?
> - Por que fazer?
> - Sem dúvida para ir buscar seu juízo, para que eu comece a acreditar...[156]

Neste irônico trecho, Bertrand fez referência ao épico poema escrito pelo italiano Ludovico Ariosto, em 1516, *Orlando Furioso*,[157] que, em certa altura do poema, narra sobre a viagem até a Lua do duque inglês Astolfo, montado em seu Hipogrifo e acompanhado de São

---

[154] *Ba-ta-clan*, 1 jun. 1867, n. 1, p. 2.
[155] *Ba-ta-clan*, 1 jun. 1867, n. 1, p. 2. (Grifos do autor)
[156] *Figaro-Chroniqueur*: jornal critique, comique, satyrique, anecdotique, récréatif et amusant. Publication anti-politique et anti-scientifique paraissant tous les dimanches. Rio de Janeiro, 3 abr. 1859, n.1, p.1. (Grifos do autor).
[157] A conhecida peça foi publicada e comentada no Rio de Janeiro pelo *L'Indépendant* em sua quinta edição, em 1827.

João Evangelista, para recuperar o juízo que o protagonista Orlando perdeu quando sua amada Angélica o trocou por outro homem – nesta narrativa, tudo o que homens perderam na Terra é encontrado na Lua.[158] Ao querer alugar o animal fantástico, fruto da união de um grifo e uma égua, o personagem Georges Bertrand deixou claro a sua opinião de que publicar jornais no Rio de Janeiro era coisa de gente sem juízo. Além da alusão à história do Hipogrifo, Bertrand defendeu a tese de que nenhuma folha periódica poderia ser um negócio lucrativo.[159] O amigo, ao contrário, tentou convencê-lo de que ele teria sucesso, já que seu jornal seria diferente, pois se ocuparia de "fazer rir sem ofender". Ele se distanciaria dos jornalistas sérios que "honram o país", mas que nem sempre obtêm sucesso. Bertrand, no entanto, argumentou que um jornal "crítico, cômico, satírico" não poderia ser respeitado por seus leitores, pois não apresentaria uma decente discussão a respeito de nenhum tema. Continuando o diálogo, o amigo, como resposta, disse que perdoaria as feias palavras do pobre Bertrand porque sabia "que elas [emanavam] de sua amizade e de seu bom coração" e defendeu que era sim possível "aprender enquanto se diverte" e que "os jornalistas deve[ria]m escrever para todos os gostos".[160] Bertrand, ao concluir, respondeu que, apesar de tudo e mesmo que a amizade entre eles tivesse chegado ao fim, em razão das opiniões divergentes, gostaria que a ele fosse oferecida uma assinatura daquele novo jornal francês que ganharia as ruas da cidade do Rio de Janeiro.[161]

Arthur du Mouton, de maneira satírica a esse respeito, argumentou que seu objetivo ao publicar um jornal francês no Rio de Janeiro era fazer um jornalismo diferente daquele oferecido até o momento. Seu desejo era publicar um jornal que atendesse ao gosto de uma maior parte da população e que não deixasse ninguém de fora, honrando, especialmente, o fundamento principal do jornal: a instrução. Para ele, o mais importante não era o modo como as notícias seriam transmitidas, mas elas deveriam ser levadas ao público a fim de o informar.[162]

Esse estilo de jornalismo leve e satírico, mas não menos crítico, esteve presente nos jornais franceses publicados no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX e, assim como as folhas que se denominavam mais sérias, apresentaram preocupações acerca do futuro do Brasil bem como noticiaram as novidades do Rio. Os escritos de cunho humorístico sempre vivenciaram as páginas da imprensa carioca, contudo gozavam de pouca

[158] Cf. PERIQUITO, Margarida. O Orlando Furioso. Génese. In: ARIOSTO, Ludovico. *Orlando Furioso*. Tradução Margarida Periquito. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2007.
[159] *Figaro-Chroniqueur*, 3 abr. 1859, n.1, p.1.
[160] *Figaro-Chroniqueur*, 3 abr. 1859, n.1, p.1.
[161] *Figaro-Chroniqueur*, 3 abr. 1859, n.1, p.1.
[162] *Figaro-Chroniqueur*, 3 abr. 1859, n.1, p.1.

expressividade: nas primeiras décadas do Oitocentos ocupavam as margens dos impressos; já na Regência e no Segundo Reinado chegaram a produzir alguns folhetos, mas não tiveram muito êxito. Ganharam mais espaço apenas na virada do século XIX para o XX, quando o aperfeiçoamento técnico das oficinas gráficas possibilitou a inserção de textos acompanhados de figuras coloridas, que favoreciam o humor e abriam espaço para as caricaturas.[163] Os impressos franceses, todavia, deram a conhecer jornais inteiros dedicados ao humor, ainda na segunda metade do Oitocentos, e contribuíram, de certo modo, para a consolidação desse tipo de jornalismo. Foi o caso do *Ba-ta-clan*, sempre lembrado pela historiografia como um importante jornal do estilo humorístico do Oitocentos.[164] De maneira geral, independentemente do estilo adotado para a escrita de seus periódicos, os editoriais de primeira página dos jornais franceses indiciam os variados motivos de publicar suas folhas na corte.

O envolvimento dos franceses na história da imprensa carioca oitocentista produziu não somente diversos impressos escritos em língua portuguesa como igualmente estimulou a produção de folhas francesas. Eis aqui um dos propósitos de buscar compreender os motivos que levaram os franceses a produzirem periódicos na capital do Império. Esse breve mapeamento evidenciou que tais justificativas estavam alicerçadas na boa localização geográfica da cidade do Rio de Janeiro para a troca de informações entre vários lugares do mundo, na existência de certa liberdade de imprensa, regulamentada em 1821, que, além de possibilitar a produção dos impressos, suscitou reflexões a seu respeito, bem como na tentativa de melhorar a imagem dos franceses, da França ou mesmo do jornalismo francês na sociedade brasileira, pois, segundo alguns editores, era necessário que a França recuperasse seu lugar de destaque no Brasil. A noção de que o jornal deveria ter o papel de instruir seus leitores, tão cara ao século XIX, também foi sempre retomada em tais escritos, principalmente no que dizia respeito à defesa de que nas folhas francesas as opiniões deveriam ser debatidas frontalmente, independentemente do posicionamento ou do estilo de escrita de cada jornal.

Lançados esses questionamentos a respeito da produção e organização dos jornais franceses na capital imperial, torna-se indispensável conhecer um pouco do Rio de Janeiro descrito nessas folhas francesas. Assim, partindo de algumas tópicas desses impressos, a proposta do próximo capítulo é indagar o que essas folhas francesas disseram sobre a capital e alguns acontecimentos da sociedade carioca, ou seja, o propósito é tentar entender como as

---

[163] SALIBA, Elias Tomé. *Raízes do Riso*: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 38-39.
[164] SALIBA, Elias Tomé. *Raízes do Riso*, p. 38.

mudanças da paisagem urbana, a política imperial e a vida cultural do Rio de Janeiro foram narradas nas páginas desses impressos.

CAPÍTULO II

O RIO DE JANEIRO NOS ESCRITOS DOS JORNAIS FRANCESES

> *Cada número conterá um Boletim com o resumo dos principais fatos políticos da semana, um rápido resumo das discussões e do trabalho do Senado e da Câmara dos Deputados [...] [e] uma Gazette de la Ville resumirá a semana literária, artística e teatral [...].*
>
> **L'Écho du Brésil1 et de L'Amérique du Sud, 1 de maio de 1859**

> *A capital do Brasil e seus arredores, isto é, o cérebro do Império, o seu ponto dirigente, será o primeiro [lugar] de nossas atenções.*
>
> **L'Empire du Brésil, 1887**

Escritas em diferentes momentos do Oitocentos, essas passagens extraídas das folhas francesas apresentam três dos principais assuntos tratados em suas páginas. Embora estivessem divididos em seções variadas – notícias da Europa e local, política interna e externa, variedades e anúncios –, os impressos franceses destinaram à capital do Império um grande número de folhas. Como protagonista das publicações, o Rio de Janeiro foi abordado sob diferentes ângulos, entre os quais saltam aos olhos os três temas anunciados nos excertos do *L'Écho du Brésil et de L'Amérique du Sud* e do *L'Empire du Brésil* que, de certa maneira, apresentam um pouco da cidade daquele tempo, a saber: as diversas mudanças ocorridas em sua paisagem urbana; a política imperial, em que se destacavam principalmente os imperadores; e o teatro, considerado por essas publicações o principal lugar de divertimento dos cariocas oitocentistas. Tais temas, segundo alguns periódicos franceses, reúnem importantes informações que permitem tornar o Rio de Janeiro conhecido pelos leitores da época.

2.1. Impressões sobre um Rio urbano e moderno

Ao longo do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro passou por significativas transformações em seu espaço físico, contando com algumas reformas, construções ou instalações que visavam a uma melhoria em seu cenário. Grande parte dessas mudanças foi

registrada em diversos textos e em imagens do período. As folhas francesas, como não poderia deixar de ser, também colaboraram para esse rol de registros sobre a capital imperial e fizeram constar suas impressões sobre essas mudanças na paisagem da urbe carioca em muitas de suas folhas. Dentre uma série de escritos publicados nos jornais franceses, destaca-se, primeiramente, aquela que diz respeito às intervenções do governo imperial na iluminação das vias públicas, por serem as ruas e as luzes símbolos de "progresso", ou melhor, de cidade moderna. Em 1832, em um artigo intitulado *Iluminação da cidade*, o *Le Messager*, ao relatar mais uma tentativa de instalação da iluminação a gás, anotou que os integrantes da Câmara Municipal,[1] que deixariam seus respectivos cargos no final do ano, pareciam também querer deixar uma honorável lembrança de sua administração. Durante o mandato de quatro anos,[2] eles teriam realizado melhorias na cidade como "a limpeza das praias e das ruas" e a colocação de calçamentos, contribuindo favoravelmente para a higienização e para a "comodidade" dos habitantes da capital, segundo o jornal. Compunha ainda essas iniciativas dos administradores a melhoria na iluminação noturna da cidade. O objetivo dos municipais, escreveu o *Le Messager*, era substituir "as tenebrosas lanternas do bom tempo do rei D. João VI [...] pelas lâmpadas refletoras" e deixar os cariocas admirados com o novo sistema de iluminação que, num primeiro momento, seria instalado nas "ruas do Ouvidor e da Quitanda".[3]

Essa proposta foi uma das várias iniciativas da administração carioca, que tentava suprir algumas carências, reveladas, principalmente, com a chegada da família real e o aumento da população carioca. A segurança do Rio dependia, por exemplo, da iluminação das ruas para que o trabalho da polícia pudesse ser realizado.[4] Alguns anos antes do citado projeto dos municipais, o *Le Courrier du Brésil* registrou que a primeira tentativa para efetivar a iluminação a gás teria ocorrido quando o então Ministro José Clementino Pereira concedeu por decreto imperial, em 23 de outubro 1828, ao senhor Antônio da Costa uma autorização para organizar uma companhia de acionistas que substituísse as lâmpadas de azeite.[5] Embora

---

[1] Até 1828, a responsabilidade de iluminar o Rio de Janeiro tinha sido passada do Ministério do Império para a Câmara Municipal, e desde então competia à municipalidade essa questão. Cf. RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, p. 118.

[2] Em 1828, D. Pedro I reformou o processo eleitoral e constitutivo da Câmara Municipal. A Câmara, assim, passou a contar com nove membros que eram eleitos de quatro em quatro anos. Cf. *O Poder Legislativo no Rio* - Império. Disponível em: http://www.camara.rj.gov.br/historia_imperio.php?m1=acamrio&m2=historia_camara. Acessado em 11/07/2016.

[3] *Le Messager*: journal politique, littéraire et commercial. Rio de Janeiro, 15 dez. 1832, n. 207, p. 2.

[4] PONDÉ, Francisco de Paulo e Azevedo. *O Gás na Iluminação e na Calefação da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Companhia Estadual de Gás - CEG - GB, 1971, p. 15.

[5] *Le Courrier du Brésil*: feuille politique, commerciale et littéraire. Rio de Janeiro, 15 nov. 1828, n. 64, p. 2. Para mais informações sobre a primeira tentativa de iluminação a gás no Rio de Janeiro, ver: PONDÉ, Francisco de

a iniciativa estivesse sob a proteção imperial e financiada por recursos privados,[6] a empresa, que contava com acionistas brasileiros e ingleses, não conseguiu cumprir a obrigação de iluminar a cidade até outubro de 1830, de modo que a concessão prescreveu, abrindo-se o caminho para novos projetos e novas tentativas, como a citada proposta dos integrantes da Câmara Municipal.[7]

Todavia, antes do empreendimento dos municipais, um novo projeto inflamava a esperança dos moradores da capital do Império, segundo contou o *Le Courrier du Brésil*. Na ocasião, teria chegado ao Rio de Janeiro o famoso *lampiste* de Toulouse, Monsieur Forobert, com a missão de substituir os conhecidos "vapores nocivos e fétidos"[8] pelo gás na iluminação das casas teatrais.[9] O jornal francês registrou que a expectativa dos cariocas era outra, ou seja, eles esperavam que o *lampiste* igualmente apresentasse um projeto para a melhoria do sistema de iluminação das ruas, visto que naquele tempo os "meios de empregar o óleo para a iluminação" eram muito difíceis de operar. De acordo com a nota do periódico, as lâmpadas frágeis eram colocadas pelas mãos de "negros desajeitados" e se tornavam inúteis na falta de um operário qualificado para repará-las quando necessário.[10] Os lampiões tinham que ser diariamente acesos, e nem sempre os responsáveis pela tarefa os ligavam ou voltavam a acender os que, ao longo da noite, se iam apagando. O senhor Forobert, apesar de não ter cruzado o Atlântico com tal objetivo, indicou, segundo informou o *Le Messager* tempos depois, que para melhorar o sistema de iluminar as ruas era necessário substituir as velhas lanternas de azeites de peixe pelas lâmpadas refletoras do sistema a gás de hidrogênio carbonado,[11] as quais, uma vez acesas, dificilmente se apagavam. Além disso, o sistema de combustão era mais eficiente que o do óleo de peixe, e sua luminosidade era maior e melhor se comparada ao fogo turvo do sistema instalado.

Apesar de as folhas francesas publicadas no Rio de Janeiro destacarem essas iniciativas de modernização da iluminação da capital carioca, foi somente em meados do

---

Paulo e Azevedo. *O Gás na Iluminação e na Calefação da Cidade do Rio de Janeiro*, p. 19 e RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*, p. 118.

[6] Nessa primeira tentativa de iluminação a gás, o governo brasileiro autorizou que o Sr. Antônio da Costa organizasse uma companhia para angariar investidores brasileiros e ingleses. Era uma parceria entre a iniciativa pública e a privada. PONDÉ, Francisco de Paulo e Azevedo. *O Gás na Iluminação e na Calefação da Cidade do Rio de Janeiro*, p. 19.

[7] PONDÉ, Francisco de Paulo e Azevedo. *O Gás na Iluminação e na Calefação da Cidade do Rio de Janeiro*, p. 19.

[8] *Le Courrier du Brésil*, 22 jul. 1829, n. 130, p. 2.

[9] Segundo Gilberto Freyre, a iluminação a gás, por volta de meados do XIX, alcançou principalmente nos teatros as suas primeiras vitórias. Cf. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2004, p. 253.

[10] *Le Courrier du Brésil*, 22 jul. 1829, n. 130, p. 2.

[11] *Le Messager*, 15 dez. 1832, n. 207, p. 2.

Oitocentos e com o envolvimento de Irineu Evangelista de Souza, o futuro Barão de Mauá, que as ruas da capital conheceram as lâmpadas a gás.[12] O *Courrier du Brésil*, assim como outros jornais franceses, registrou, em 1862, a aprovação do governo imperial de uma das propostas do Barão de Mauá relativa à iluminação da cidade do Rio de Janeiro.[13] Relatou que, no acordo, o concessionário Barão de Mauá prometia iluminar cada bico com intensidade correspondente a "nove velas de ceras acesas",[14] "ao preço de 27 réis [...] durante uma hora", e que tal preço era cobrado tanto para as casas comerciais quanto para os lugares de responsabilidade da administração pública. Cumprida a promessa, nos anos iniciais da década de 60 do Oitocentos os primeiros lampiões a gás podiam ser avistados no Largo do Paço, na rua da Direita, na rua do Ouvidor, na rua do Rosário, na rua do Sabão e na rua de S. Pedro.[15] O envolvimento do Barão de Mauá acelerou o processo de mudança, tanto que o *Courrier du Brésil* comemorou, escrevendo em português, que nunca mais iriam dizer que "*O gaz virou lamparina!!*".[16]

As ruas do centro do Rio de Janeiro, então, ganharam um novo perfil, apesar de os bairros mais afastados continuarem sendo iluminados pelos lampiões de azeite de peixe.[17] Esses bairros, pois, tiveram sua iluminação modificada apenas em 1874, momento em que foi dado ao tenente-coronel Antônio José da Silva a missão de o fazer com o *Gaz-globo* – um novo dispositivo de iluminação a gás extraído do óleo de nafta –, substituindo-se finalmente os remanescentes postes de azeite.[18] Alguns anos depois, as próprias casas dos cariocas começaram a fazer uso do *Gaz-Globo*. Em 1878, o *Le Messager du Brésil* informou que o novo sistema consistia de um "pequeno dispositivo" com essência à base de nafta, capaz de fornecer uma luz incandescente a toda a casa.[19] O dispositivo, exaltou o jornal, era facilmente preparado, oferecia "uma economia [de combustível] de mais de 20% em relação aos outros" sistemas de iluminação e tinha uma combustão tão perfeita que nenhum outro produto do tipo poderia concorrer com o *Gaz-Globo*. A nova técnica era, inclusive, benéfica ao meio

[12] PONDÉ, Francisco de Paulo e Azevedo. *O Gás na Iluminação e na Calefação da Cidade do Rio de Janeiro*, p. 29.
[13] *Courrier du Brésil*: ce journal parait tous les dimanches. Rio de Janeiro, 1 jun. 1862, n. 22, p. 7.
[14] *Courrier du Brésil*, 1 jun. 1862, n. 22, p. 7.
[15] CRULS, Gastão. *A Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1965, p. 456.
[16] Lamparina era o nome dado ao aparelho do sistema de iluminação à base de óleo de peixe. *Courrier du Brésil*, 1 jun. 1862, n. 22, p. 7. (Grifos do autor).
[17] CRULS, Gastão. *A Aparência do Rio de Janeiro*, p. 456.
[18] PONDÉ, Francisco de Paulo e Azevedo. *O Gás na Iluminação e na Calefação da Cidade do Rio de Janeiro*, p. 39-40.
[19] *Le Messager du Brésil*: journal français. Rio de Janeiro, 15 set. 1878, n. 49, p. 3.

ambiente por "não emitir monóxido de carbono para a atmosfera", cumprindo a almejada "condição de uma iluminação higiênica".[20]

Nas últimas décadas do século XIX, a iluminação à base de nafta ficou cada vez mais presente nas ruas, nas casas e nos comércios do Rio de Janeiro, contribuindo para a consolidação de um novo perfil da cidade, bem como auxiliando na solução de parte das questões de segurança relacionadas à pouca claridade dos espaços públicos.[21] Além disso, esses novos sistemas foram importantes para que os cariocas pudessem realizar com mais tranquilidade os passeios noturnos aos teatros, às festas de igrejas, aos estabelecimentos comerciais, entre outros lugares públicos.[22] Conforme escreveram os jornais franceses, a iluminação da cidade do Rio de Janeiro foi uma das modificações mais necessárias à vida de seus moradores tendo em vista às melhorias da urbe carioca. O governo imperial, por sua vez, sozinho ou em parceria com alguma iniciativa privada, participou de diversos projetos que tentavam resolver essa questão e, embora não tenham conseguido um sucesso total, aos poucos, esses projetos, segundo os impressos franceses, conseguiram melhorar e diminuir os problemas de iluminação.

Assim como a questão da iluminação pública, recorrente nos registros das folhas francesas sobre as melhorias urbanas da cidade do Rio de Janeiro, o abastecimento e o escoamento de água foram outros dois temas registrados por alguns desses impressos produzidos na capital do Império ao longo do Oitocentos. Em janeiro de 1829, o *Le Courrier du Brésil* avisou aos cariocas que a chuva dos últimos dias teria trazido um "grande alívio", pois o volume de água seria suficiente para o abastecimento da população por algumas semanas. De acordo com o jornal francês, as medidas tomadas pela polícia para enfrentar a falta de água também deveriam ser elogiadas.[23] O abastecimento de água era um problema enfrentado pelos cariocas desde os séculos XVI e XVII, e a solução desse problema apareceu nas folhas francesas como mais um passo importante rumo à repaginação da capital do Império. Esse destaque às ações da polícia se dava porque, desde 1811, ela era a responsável pela construção e pela fiscalização das obras referentes ao abastecimento de água.[24]

---

[20] *Le Messager du Brésil*, 15 set. 1878, n. 49, p. 3.
[21] PONDÉ, Francisco de Paulo e Azevedo. *O Gás na Iluminação e na Calefação da Cidade do Rio de Janeiro*, p. 15.
[22] FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*, p. 253.
[23] *Le Courrier du Brésil*, 3 jan. 1829, n. 77, p. 1.
[24] RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*, p. 98-99.

Infelizmente, segundo o jornal, embora a polícia tenha se dedicado a melhorar a situação, a falta de água no Rio de Janeiro continuou a existir por muito tempo.[25]

Ainda a respeito das ações da polícia, o *Le Courrier du Brésil* destacou, em 1829, – no artigo *Prescrições da polícia relativa à falta de águas*, publicado nesse mesmo número do jornal citado anteriormente – que contra a carência de água a polícia teria indicado o major José Joaquim Vieira Souto para "mudar a condução das águas para São Cristóvão" e propor alguma solução mais eficaz para o fornecimento daquele líquido tão precioso.[26] Desse modo, o major examinaria "se o rio que flu[ía] para a praia de São Cristóvão" poderia ser utilizado pelos moradores da região e, em caso positivo, deveria impedir que tanto embarcações quanto lavadeiras o utilizassem. Outra medida consoante ao artigo era exigir que o militar responsável pela administração das obras fizesse com mais rapidez a substituição dos "barris das fontes públicas".[27] As ações da polícia, segundo o jornal francês, exalavam "sabedoria e humanidade" e mostravam uma grande capacidade em interpretar tão bem as "vozes de uma monarquia caridosa".[28]

Todavia, nem sempre esses periódicos registravam positivamente as ações tomadas pelo governo para a modernização da cidade. Em meados do século XIX, o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, contrariando as anotações otimistas do *Le Courrier du Brésil* feitas no começo do Oitocentos, registrou a ineficiência do governo na construção ou reforma de fontes e chafarizes da cidade, demandados tendo-se em vista o aumento da população e o afastamento cada vez mais frequente das casas em relação ao centro.[29] A canalização dos rios Maracanã e Carioca e a construção do reservatório do chafariz do Catumbi,[30] em 1860, exemplificou a folha, teriam custado alguns milhões de réis, mas diversas "pequenas veias" eram vistas saindo de sua "artéria principal", ou seja, os tubos tinham sido tão irregularmente

[25] Os primeiros moradores, nos séculos XVI e XVII, utilizavam o rio da Carioca para o abastecimento, mas, para chegar até ele, tinham que fazer uma longa caminhada ou ir de barco. Os dois trajetos, contudo, eram morosos e insatisfatórios. Com a chegada de novos homens e com o aumento da população, passou a ser necessário um novo sistema de abastecimento que fosse mais eficaz. O primeiro aqueduto, que tinha o propósito de melhorar o procedimento existente, foi edificado em 1723 e objetivava transportar a água do alto do Corcovado por meio dos Arcos da Carioca até o campo de Santo Antônio. A partir dessa canalização, foram construídas diversas fontes e chafarizes, e vários pontos do Rio passaram a ser abastecidos por esse sistema. RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*, p. 98.
[26] *Le Courrier du Brésil*, 3 jan. 1829, n. 77, p. 1.
[27] *Le Courrier du Brésil*, 3 jan. 1829, n. 77, p. 1.
[28] *Le Courrier du Brésil*, 3 jan. 1829, n. 77, p. 1.
[29] RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*, p. 99. Cf. também: CRULS, Gastão. *A Aparência do Rio de Janeiro*, p. 494-495.
[30] O chafariz do Catumbi recebi a água canalizada do rio Comprido e abastecia a cidade do Rio de Janeiro em seu perímetro norte.

"soldados" que "uma grande quantidade de água se escapava através das circulações".[31] Desse modo, a falta de água no verão de 1860 – ano em que as reformas teriam sido realizados –, somada à ineficiência na construção do reservatório e na canalização dos rios, fora tão grande que seu valor chegou a "320 réis o barril".[32] A solução encontrada, conforme destacou o jornal francês, foi obrigar que "os dutos de concessões particulares fossem abertos duas horas por dia" para consumo do restante da população.[33] O propósito do *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* era denunciar que o problema da água teria se intensificado mais em razão da má administração de seus responsáveis do que propriamente pela falta de chuva. Apesar de o mencionado reservatório não ter utilidade comprovada, ressaltou a folha, ele deveria permanecer onde estava para "atestar que por vezes são gastas somas enormes para construções que nada tem de útil ou de elegante". Além disso, completou o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, a população do Rio deveria se revoltar contra a "brutalidade de uns, a incapacidade e o descuido de outros", que, ao invés de sanar as dificuldades do abastecimento de água, conseguia contribuir para sua piora.[34]

A incapacidade administrativa do governo imperial, de acordo com os registros dos jornais franceses, não ficou restrita apenas à questão do abastecimento de água. As dificuldades com o escoamento igualmente figuraram numa série de registros a respeito das transformações pelas quais havia passado ou ainda precisava passar a capital imperial. Embora seja possível encontrar algumas linhas sobre o problema do escoamento de água nos impressos franceses da primeira metade do Oitocentos, foi no final deste século, especificamente no ano de 1887, que o referido problema mereceu especial destaque. O *L'Empire du Brésil* escreveu que, naquele ano, as ruas do centro da cidade ainda eram estreitas e que com o cair das chuvas elas se transformavam em verdadeiros rios que ultrapassavam o nível do piso térreo de algumas casas comerciais ou residenciais.[35] Para tentar melhorar essa vazão das águas pluviais, o governo imperial construiu "um sistema especial de esgoto" para conduzir as águas até o mar. Todavia, em razão de o solo da cidade ter no máximo quatro metros acima do nível do mar e de as galerias, construídas de tijolos, se

[31] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*: ce journal parait tous les dimanches. Rio de Janeiro, 30 set. 1860, n. 74, p. 2.
[32] Para se ter uma ideia do valor do barril de água, cada número do *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* custava 250 réis.
[33] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 30 set. 1860, n. 74, p. 2.
[34] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 30 set. 1860, n. 74, p. 2.
[35] *L'Empire du Brésil*: les guides de l'Etoile du Sud. Rio de Janeiro, n. 1, p. 16-17.

encherem rapidamente de terra e de areia, o sistema projetado não evitava o transtorno e a água, que deveria chegar ao mar, voltava e ultrapassava o nível das casas.[36]

Outra providência para melhorar o escoamento do esgoto e águas da chuva, segundo esse mesmo impresso francês, foi a canalização das ruas "através de tubos de arenito", que, diferentemente daqueles que levavam as águas até o mar, deveriam guiá-las para uma usina de tratamento. Todavia, a "falta de inclinação" na instalação dos tubos e "as conexões defeituosas" prejudicaram o bom resultado do projeto e as poças e o mau cheiro continuavam degradando as condições de higiene e de saúde pública.[37] De acordo com as anotações do *L'Empire du Brésil*, o escoamento de água, no final dos anos 80 do século XIX, continuava a representar uma dificuldade administrativa do governo imperial. As tentativas de resolver ou pelo menos de melhorar a situação do escoamento de água, assim como do abastecimento de água, anotou a folha francesa, não foram suficientes e a precária administração foi vista mais uma vez como a principal culpada pela calamidade.[38]

Além de registrar problemas e soluções da cidade do Rio de Janeiro para o abastecimento, o escoamento de água e a iluminação da via pública, os impressos franceses publicaram informações sobre as construções ou reformulações dos jardins públicos.[39] Esses lugares tiveram um papel fulcral na vida social dos cariocas oitocentistas, especialmente na segunda metade do Oitocentos – momento em que a prática de passear pelas ruas da cidade tornou-se mais comum.[40] Eram os jardins públicos uns dos locais escolhidos pelos cariocas para a realização de passeios diurnos e noturnos em busca de lazer e diversão, melhor dizendo, eram uns dos principais pontos de encontros da população carioca.[41] A partir de meados do século XIX, as mudanças nesses espaços, segundo as publicações francesas, foram mais constantes e ajudaram a compor o projeto de melhoria da aparência da cidade. A chegada de um jardineiro francês que iria embelezar algumas regiões do Rio de Janeiro foi recebida com grande entusiasmo pelo *Courrier du Brésil*, em um artigo publicado em 1854. No texto, intitulado *Projetos de passeios sobre horticultura*, o jornal mostrou como a capital

---

[36] *L'Empire du Brésil*, 1887, n. 1, p. 16-17.
[37] *L'Empire du Brésil*, 1887, n. 1, p. 16-17.
[38] Para maiores informações sobre o escoamento das águas das chuvas, ver: RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*, p. 96-97.
[39] O primeiro jardim público do Rio de Janeiro, o Passeio Público, foi inaugurado ainda no século XVIII, em 1783, e foi o único da cidade até meados do Oitocentos quando foi construído, em 1853, o Campo ou Praça da Aclamação. FRANÇA, Jean M. C. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1999, p. 47.
[40] FRANÇA, Jean M. C. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*, p. 47. Cf. também: FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. São Paulo: Global, 2008.
[41] TERRA, Carlos Gonçalves. O prazer no jardim. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (org.). *Vida divertida*: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 87.

do Império poderia se transformar em "uma das mais atraentes capitais do mundo" a partir das obras realizadas por esse profissional das plantas:

> O Rio irá, portanto, se tornar um paraíso terrestre!, pois o jardineiro se apresentará, sem dúvida, como um arquiteto horticultor. Veja como tudo vai se embelezar, se reviver; como esses jardins, esses lugares, esses cais vão ganhar um aspecto risonho, como os pulmões se expandirão às impressões do perfume da vegetação e das flores! Quantas cabeças de jovens e de velhos vão se abrigar sob os numerosos ramos das belas árvores dos passeios!"[42]

O trabalho do famoso jardineiro, sugeriu o *Courrier du Brésil*, deveria começar pelo Largo do Rocio, que ficava ao lado do frequentado Theatro de S. Pedro. Neste local, segundo os conselhos da folha francesa, cada canto poderia ser "ocupado por uma fonte monumental" e uma estátua do "soberano, cercado de emblemas consagrados às ciências, ao comércio e às artes", poderia ser erguida bem no meio do Largo.[43] A natureza do espaço era, sem dúvida, rica e exuberante, mas de nada valia se não houvesse alguém capaz de organizá-la e fazer conhecidas as "bem feituras do Criador".[44] O jardineiro deveria colocar, ressaltou o jornal, "ricos tapetes verdes", "bordados de flores em milhares de cores brilhantes e perfumadas" e "grandes árvores majestosas" espalhadas por todos os lados, proporcionando ao local a "transformação mais surpreendente" da cidade do Rio.[45] A chegada deste jardineiro, por fim, mostrava, "melhor do que quaisquer palavras, a vontade" do governo em levar o Império ao "progresso".

Para a folha francesa, destacar a chegada do famoso jardineiro e o trabalho que ele possivelmente faria era uma das formas de propagandear para seus leitores como o Rio de Janeiro tornava-se mais atrativo, urbano e moderno. A exemplo do *Courrier du Brésil*, o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* registrou, em 1859, algumas recomendações para melhorar o Campo da Aclamação, apontando que este era um dos lugares mais bonitos da capital imperial, contudo, era também o mais negligenciado – a sensação era de que este espaço, localizado no centro da cidade, estava bem longe da capital do Império, tendo-se em vista sua situação precária.[46] Para uma melhor organização do Campo da Aclamação – ou Campo de Santana –, o jornal sugeriu que uma fonte "poderia ser colocada no meio do

---

[42] *Courrier du Brésil*, 29 out. 1854, n. 4, p. 1. (Pontuações do autor).
[43] *Courrier du Brésil*, 29 out. 1854, n. 4, p. 1. A estátua foi inaugurada em 1862 como o próprio *Courrier du Brésil* também anunciou. *Courrier du Brésil*, 30 mar. 1862, n. 13, p. 4. Cf. CRULS, Gastão. Estátua de D. Pedro I. In: CRULS, Gastão. *A Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, p. 490 e 491.
[44] *Courrier du Brésil*, 29 out. 1854, n. 4, p. 1.
[45] *Courrier du Brésil*, 29 out. 1854, n. 4, p. 2.
[46] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 20 nov. 1859, n. 30, p. 1.

espaço; avenidas de árvores" poderiam formar "agradáveis passeios, e os espaços entre as avenidas e os caminhos de travessas seriam cobertos dessa *gazon* tão abundante no Brasil, conhecida pelo nome de grama e que não sofre com os rigores do sol". As árvores escolhidas seriam aquelas que exigissem quase nenhum cuidado e que fizessem pouca sujeira. Além disso, se "o jardim botânico fornecesse algumas de suas palmeiras", em poucos anos "veríamos adoráveis passeios" no Campo da Aclamação. Em 50 anos, assegurou o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, a cidade se aproveitaria de "todas essas melhorias realizadas" e conseguiria, finalmente, tirar proveito "dessa imensidão de terras" tão pouco utilizada, e o Campo, portanto, tornar-se-ia o lugar mais frequentado da cidade.[47]

Quase 10 anos depois, o Campo da Aclamação foi novamente destacado por outro jornal francês, o *La Gazette du Brésil*, que informou que, se até pouco tempo o lugar precisava de melhorias, agora, em 1868, ele já teria começado "a se *jardiniser*".[48] O Largo do Rocio, do mesmo modo, até quase aquela data também era considerado uma "fossa enlameada", entretanto, nesse final da década de 60, estava se transformando em um "charmoso passeio".[49] De forma geral, os jornais franceses defenderam e divulgaram que o Rio de Janeiro necessitava de intervenções para se tornar uma cidade mais bonita e mais atrativa a seus moradores. Em suas observações, esses periódicos buscaram divulgar os jardins públicos reformados como importantes espaços para a construção de um Rio urbano e moderno e para a criação de uma nova dinâmica da vida social dos cariocas, baseada no lazer e o divertimento.

Nos escritos dos jornais franceses, não apenas os espaços de diversão, construídos ou reformados no século XIX no Rio de Janeiro, foram importantes na transformação do perfil da cidade; as estradas de ferro – e a principal delas, a Estrada de Ferro de D. Pedro II – também tiveram uma participação ativa nas mudanças ocorridas na capital imperial no Oitocentos. Em 14 de março de 1858, dias antes da inauguração da Estrada de Ferro de D. Pedro II,[50] o *L'Écho de l'Atlantique* assinalou que o evento seria recebido com a esperança de um novo

[47] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 20 nov. 1859, n. 30, p. 1 e 2.
[48] *La Gazette du Brésil*: journal international, politique, commercial, agricole et littéraire. Rio de Janeiro, 15 out. 1868, n. 67, p.1.
[49] *La Gazette du Brésil*, 15 out. 1868, n. 67, p.1.
[50] A Estrada de Ferro de D. Pedro II começou a ser planejada em 1855 quando o Governo Imperial firmou um acordo com o engenheiro britânico Edward Price. O objetivo da construção era ligar a cidade do Rio de Janeiro a localidades que ficavam no interior do país, ou melhor, a intenção era criar uma integração do território brasileiro através dos trilhos. Christiano Benedicto Ottoni foi o diretor deste empreendimento que construiu, primeiramente, o trecho que eles chamavam de espinha dorsal da estrada. O primeiro trecho que ia da Estação Aclamação até Belém, atual Japeri, foi inaugurado em 1858. Cf. SILVA, Maria Lais Pereira da. *Os transportes coletivos na cidade do Rio de Janeiro*: tensões e conflitos. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992, p. 43-55.

progresso para a cidade e para o país[51] e uma nova era seria aberta para os moradores, pois, além de a Estrada facilitar o transporte de muitas mercadorias, ocasionando uma queda nos preços de alguns produtos, ela carregaria o "progresso" para vários cantos do Império. A Estrada de Ferro, que inicialmente faria o trajeto do Rio a Belém,[52] possibilitaria aos passageiros conhecer "todas as belezas deste país tão pitoresco, tão rico em vegetação" e facilitaria as trocas de mercadorias com outras localidades do Império.[53] O Rio de Janeiro, ponto de partida e chegada daqueles trilhos, poderia se aproveitar das novidades que seriam trazidas pela instalação da Estrada de Ferro. Os moradores de outros bairros, e não somente os do centro, igualmente se beneficiariam com os produtos que seriam levados através destes trilhos.

A respeito da rota percorrida, o *L'Empire du Brésil*, ao escrever o artigo *A cidade do Rio de Janeiro. Considerações gerais*, em 1887, registrou que, depois de muitos anos da inauguração da Estrada de Ferro, ela passava pelos bairros de Todos os Santos, de Engenho de Dentro e oferecia inúmeras vantagens para essas localidades.[54] As anotações do jornal francês informaram que a Estrada de Ferro atendia a uma grande parte da cidade do Rio de Janeiro, que anteriormente estava isolada dos acontecimentos por estar longe do centro, e mostraram como sua instauração contribuiu para a capital ter ares mais modernos. Além de as estradas de ferro participarem do desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro e das regiões mais próximas, elas ganharam o interior do país e tiveram sempre o mesmo objetivo: transportar mercadorias e pessoas para as diversas localidades do território imperial, contribuindo assim para o "progresso" do Império.

Em 1859, o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, ao informar sobre o desenvolvimento das estradas de ferro, listou todas as existentes no país. De acordo com o escrito, nas terras do Norte existiam as de Recife e da Bahia: a primeira ia da cidade de Recife até o rio São Francisco, e a segunda ia de Tamandaré, ainda na província de Pernambuco, até Una, no sul da Bahia. Já nas terras do Sul existiam na província de São Paulo a Santos-Jundiaí e no Rio de Janeiro a D. Pedro II, para onde todas as outras se encaminhavam e que ia até o "Porto Novo do Cunha em Paraíba, na província de Minas Gerais". O Rio possuía, ainda, a do

---

[51] *L'Écho de l'Atlantique*: journal des étrangers, publié sous la protection des lois brésiliennes. Rio de Janeiro, 14 mar. 1858, n. 13, p. 1.

[52] O trajeto citado pelo jornal significava que sairia do centro do Rio de Janeiro, na Estação Aclamação, e iria para Belém, atual município de Japeri no Estado do Rio de Janeiro. O trajeto era formado por seis estações, em 1858: Campo da Aclamação, Engenho Novo, Cascadura, Maxambomba, Queimados e Belém. Cf. GLABER, Louise. Estrada de Ferro de D. Pedro II. *Mapa*: Memória da Administração Pública Brasileira, 22 jun. 2015. Disponível em: http://linux.an.gov.br/mapa/?p=8369. Acessado em 18/12/2015.

[53] *L'Écho de l'Atlantique*, 14 mar. 1858, n. 13, p. 1.

[54] *L'Empire du Brésil*, 1887, p. 49.

Porto das Caxias com destino final em Cantagalo, a de Niterói a Campos e a do centro da cidade até a Tijuca. Segundo o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, as estradas de ferro eram imprescindíveis para fazer circular pessoas, e, com elas, dinheiro, novas ideias, bens e mercadorias.[55]

Se por um lado eram muitas as vantagens trazidas pela Estrada de Ferro de D. Pedro II, por outro lado começaram a surgir novas preocupações e novos cuidados que, anteriormente, não faziam parte do cotidiano daqueles homens, como, por exemplo, os acidentes, que passaram a frequentar as folhas franceses. Em 1859, o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* noticiou que um trem, saído do Rio de Janeiro às 6h da manhã, teria se chocado em "Maxambomba com outro vindo de Belém". A batida teria sido causada por um mal-entendido nos horários de saídas dos trens e deixou "mais ou menos onze pessoas gravemente feridas".[56] Na edição seguinte desse mesmo impresso, foram contados outros dois acidentes envolvendo a Estrada de Ferro. O teto de uma das estações pelas quais o trem passava teria desabado sobre sete trabalhadores, deixando-os feridos. E ainda uma locomotiva teria saído dos trilhos, mas não tinha deixado ninguém ferido.[57] Os registros dos jornais franceses, e especificamente do *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, mostram que foram muitas as dificuldades encontradas para o funcionamento das estradas de ferro, no entanto, divulgam também que, apesar das adversidades, a estrada de ferro de D. Pedro II paulatinamente ganhou as imediações do Rio de Janeiro, facilitando o contato entre o centro e os bairros mais afastados e colaborando para a sua afirmação como uma cidade moderna.

Ao escrever sobre o Rio de Janeiro oitocentista, como visto, as folhas francesas deram atenção às benfeitorias urbanas e os serviços públicos, como a iluminação, o abastecimento e escoamento de água, o lazer e o transporte da cidade, foram os que mais sofreram alterações e, consequentemente, foram os mais citados. Essas mudanças relatadas constituem, pois, um dos três temas mais recorrentes sobre o Rio de Janeiro noticiados pelas folhas francesas para fazer conhecida a capital imperial; uma cidade que tentava, por meio de intervenções e melhorias urbanas, fazer com que seus moradores desfrutassem de uma *vie moderne*, conforme apontou tais impressos. Inclusive, ao divulgarem as alterações no perfil da cidade, os jornais franceses deram a conhecer os novos gostos daquela sociedade como, por exemplo, a prática dos passeios e o uso de meios de transportes mais modernos.

---

[55] Para maiores informações sobre esse importante papel desempenhado pelas estradas de ferro ver: ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997, p. 36.
[56] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 12 jun. 1859, n. 7, p. 4.
[57] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 19 jun. 1859, n. 8, p. 5.

A descrição das alterações ocorridas no cenário da cidade, de acordo com o anunciado, não foi o único tema elencado para se conhecer o Rio. Outros dois temas, como será visto a seguir, relacionados à política e ao divertimento, também disputaram a atenção dos editores franceses na apresentação da capital do Império para seus leitores.

2.2. Impressões sobre a política imperial

Em 1859, o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* declarou que os franceses moradores do Rio de Janeiro eram muito ignorantes sobre os acontecimentos desta cidade que tão bem os recebia, por isso ele reservaria "*para a política, os homens e as coisas do Império de D. Pedro II um lugar especial: o primeiro*". Em sua opinião, nada melhor do que as informações acerca das atividades políticas para fazer o Rio de Janeiro conhecido pelos que nele moravam.[58] Os temas políticos, desde quando os impressos começaram a ser publicados na capital do país, a partir da instalação da Imprensa Nacional em 1810, foram o grande protagonista das folhas, as quais participaram ativamente das discussões que culminaram na Independência do Brasil,[59] como mencionado no capítulo anterior, e posteriormente nas discussões sobre a organização administrativa do Império. Os jornais franceses, publicados a partir de 1827, vivenciaram este momento de organização do Império e destinaram à política muitas de suas páginas.

Em um discurso proferido na abertura da Assembleia Geral e transcrito[60] pelo *L'Indépendant* em 1827, D. Pedro I pediu a atenção dos deputados para a resolução de algumas questões de ordem administrativa, a saber: as finanças e a justiça. Segundo o monarca, o sistema de finanças carecia de melhora porque ele não era somente ruim, ele era "o pior de todos os tipos". Do mesmo modo, o poder judiciário ainda não tinha um Código de Leis para o Brasil,[61] as formas processuais não estavam em "harmonia com as luzes do século", as próprias leis se contradiziam entre elas, os juízes não sabiam em que eram

[58] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 1 maio 1859, n. 1, p. 1. (Grifos do autor).
[59] Sobre a participação dos impressos nas lutas de Independência, ver: LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos*: a guerra dos jornalistas na Independência, 1821-1823. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
[60] A transcrição dos discursos foi uma prática comum também dos jornais brasileiros.
[61] Em 1827, embora já existisse uma Constituição do Império (1824) outorgada por D. Pedro I, ainda não tinham sido firmados o Código Criminal do Império do Brasil (1830), o Código do Processo Criminal (1832) e o Código Comercial (1850). Melhor dizendo, as bases legais que fundariam o Império e que permaneceriam, com algumas pequenas modificações, até a Proclamação da República, em 1889, ainda não existiam. MALERBA, Jurandir. *O Brasil Imperial* (1808-1889): Panorama da história do Brasil no século XIX. Maringá: Eduem, 1999, p. 49.

baseadas suas respectivas sentenças e seus ganhos eram tão poucos que eles ficavam à mercê dos subornos.[62] Nesse sentido, D. Pedro I alegou que era:

> [...] necessário, portanto, que essa Assembleia se ocupe de regrar, com todo o cuidado e com toda a diligência possível, um ramo tão importante da felicidade e da reposição pública. Sem finanças e sem justiça, uma nação não saberá existir. Eu reconheço que essa Assembleia tem muito a fazer; que tudo não pode ser resolvido em uma única sessão; por isso cada sessão deixará para a seguinte os trabalhos já empreendidos; mas é necessário começarmos e começarmos juntos para resolvermos esses dois temas.[63]

A deliberação dessas questões era, conforme o escrito, importante para a existência de uma nação, principalmente para uma nação que, naqueles anos pós-Independência,[64] se firmava e passava por muitas transformações.[65] O discurso transcrito pelo *L'Indépendant* oferece diversos indícios sobre a situação política do governo imperial naquele momento e mostra que a justiça e as finanças eram os principais temas administrativos que deveriam ser discutidos.

As novas leis referentes à governabilidade do país, todavia, não aconteceram de uma hora para outra. Para se ter uma ideia, três anos depois do discurso registrado pelo *L'Indépendant*, D. Pedro I, em outro discurso, pediu que os deputados debatessem sobre a criação de um código penal brasileiro, segundo anotou a *Révue Bresilienne*, em 1830.[66] Desta vez os políticos brasileiros parecem ter atendido ao pedido e a criação do Código Criminal foi pauta da sessão do dia 15 de setembro de 1830 – semana seguinte ao discurso do imperador.[67] Ainda nesse mesmo discurso de 1830, o monarca também solicitou que os deputados discutissem sobre a criação do Banco do Brasil – o primeiro, empreendido por D. João VI em 1808, teria sido fechado em 1829 – e que aprovassem a lei do orçamento da nação. A

---

[62] *L'Indépendant*: feuille de commerce, politique, et litteraire. Rio de Janeiro, 5 maio 1827, n. 3, p. 1.
[63] *L'Indépendant*, 5 maio 1827, n. 3, p. 1.
[64] Raymundo Faoro, em *Os Donos do Poder*, assinalou que logo depois de 1822, a organização política do país - que tinha um povo disperso e desarticulado, o Rio de Janeiro como capital e D. Pedro I como governante - se mostrava propensa ao absolutismo monárquico defendido pelo imperador e por alguns outros políticos. No entanto, as ideias que incitaram à Independência não permitiram que esse sistema de governo entrasse em vigor. Nesse momento, além do absolutismo monárquico, existiam outras duas linhas políticas no Brasil: a democrática e a liberal. A primeira, filiada a Rousseau, fazia do rei obra do país, e não de condições preexistentes. Já a segunda defendia que a monarquia e o imperador preexistiam à Constituição e à própria Independência. Ambas as vertentes, embora contrárias, se uniram e fizeram frente ao absolutismo monárquico de D. Pedro I e propuseram outro sistema de governo: a monarquia constitucional, em que a autoridade do monarca teria um fundamento, e seu limite seria colocado em um documento. FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*: formação do patronato político brasileiro. Rio de Janeiro: Globo, 2001, p. 329-331.
[65] Sobre esse momento de afirmação do Império, ver: LIMA, Oliveira. *História Diplomática do Brasil*: o reconhecimento do Império. Rio de Janeiro: Garnier, 1897.
[66] *Révue Bresilliene*. Rio de Janeiro, 1830, n. 1, p. 69.
[67] MALERBA, Jurandir. *O Brasil Imperial*, p. 118.

formação de um novo banco nacional, segundo a anotação do jornal, era indispensável para o país, ou seja, era "um remédio pronto e eficaz para melhorar, assim que possível, a circulação do papel moeda e da moeda de cobre".[68] A lei do orçamento, expôs a folha, também precisava ser concluída para que o país pudesse mostrar suas forças perante as outras nações; afinal, um país seguro em suas contas públicas era considerado um país forte.[69] A folha francesa, assim, procurou mostrar, a partir da transcrição deste discurso, como o monarca estava envolvido com as questões concernentes ao futuro e ao "progresso" do Império.

Ao publicar discursos de D. Pedro I, os impressos franceses pretendiam dar a conhecer um pouco mais da capital carioca por meio das medidas tomadas e das leis anunciadas pelo imperador do Brasil. Tal procedimento, como pode ser notado pela análise das folhas francesas, se estendeu ao longo de todo século e, portanto, ao Segundo Reinado. Em 1856, o *Courrier du Brésil* publicou um discurso de D. Pedro II pronunciado na abertura da Assembleia Legislativa, onde este declarou que "apesar das condições desfavoráveis" dos dois últimos anos, a receita pública teria ultrapassado as previsões. Naqueles anos, de acordo com o registro do *Courrier du Brésil*, a preocupação com as finanças continuava e, para agravar o cenário, uma grande epidemia de cólera[70] teria invadido a capital imperial, suas províncias e as demais regiões do país causando enormes prejuízos.[71] O governo, desse modo, não teria poupado esforços para ajudar as populações atingidas, dando provas de "numerosos atos de caridade e de devoção" e merecendo o reconhecimento dos moradores dessas regiões. Todavia, "os males causados por essa terrível doença" não pararam de afligir os moradores do Império, e as mortes continuaram a ser registradas, ocasionando-se uma grande perda de pessoas que trabalhavam no cultivo da terra. Por esse motivo, conforme o discurso publicado no impresso, passou a ser necessário atrair "colonos industriais e honestos para manter e desenvolver os recursos da produção" e não haver uma diminuição drástica no cultivo dos alimentos e, consequentemente, na receita financeira. Como alento, D. Pedro II finalizou o discurso dizendo que o orçamento do país apresentava um excedente de receita, mesmo com o aumento das despesas públicas e com a queda no número de trabalhadores.[72] O *Courrier du*

[68] *Révue Bresilliene*, 1830, n. 1, p. 69.
[69] Era importante mostrar, tanto para os moradores do país quanto para os de outros lugares, que o Brasil não tinha problemas financeiros, principalmente porque no governo de D. Pedro I, a situação financeira do país não era nenhum pouco favorável, visto que os cofres públicos estavam desfalcados e as receitas previstas tinham sido finalizadas com a partida de D. João VI. MALERBA, Jurandir. *O Brasil Imperial*, p. 171. Cf. também: NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. A Vida Política. In: SILVA, Alberto da Costa e. *Crise Colonial e Independência*: 1808-1830. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011, v. 1, p. 93.
[70] A *cholera morbus* é uma doença bacteriana que se propaga através de água ou alimento contaminado e que causa diarreia e desidratação intensa. É fatal se não for tratada de maneira adequada e imediatamente.
[71] *Courrier du Brésil*, 11 maio 1856, n. 19, p. 2.
[72] *Courrier du Brésil*, 11 maio 1856, n. 19, p. 2.

Brésil, nessa divulgação do discurso de Pedro II, não deixou de ressaltar os elogios ao país proferidos pelo monarca em razão da receita positiva e do combate à epidemia.

Pouco tempo depois, em 1859, o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* publicou a fala do Ministro da Fazenda, Francisco de Salles Torres Homem, na Câmara dos Deputados e contou mais sobre as contas públicas referente aos anos de 1860 e 1861. Na ocasião, o Ministro mostrou as receitas e as despesas do Império para os próximos anos e alegou que o dinheiro arrecadado deveria ser dividido entre o Ministério do Império, o Ministério da Justiça, o Ministério das Relações Exteriores, o Ministério da Marinha, o Ministério da Guerra e o Ministério da Fazenda.[73] O jornal, a esse respeito, comentou que tornar a arrecadação condizente com as despesas era algo necessário para a governabilidade do Império brasileiro e para que os mencionados ministérios continuassem a existir. Publicada na seção que se dispunha a contar os acontecimentos da vida política do Império e do Rio de Janeiro, a transcrição do discurso de Torres Homem, além de informar sobre o orçamento da nação, mostra que no *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* as informações políticas não se limitavam às ações dos monarcas, tendo ganhado espaço igualmente nas folhas francesas os discursos sobre a vida pública de ministros, deputados e senadores.[74]

Na tentativa de tornar o Império e, consequentemente, a cidade do Rio de Janeiro conhecida por seus leitores, os jornais franceses, além de publicarem os discursos proferidos pelos políticos, registraram os acontecimentos da Câmara dos Deputados e do Senado e, por vezes, emitiram algumas opiniões sobre os ocorridos. Em junho de 1831, após a abdicação de D. Pedro I, o *Le Messager* informou que, ao longo de todo o mês de maio, a Câmara discutiu o projeto de lei sobre as atribuições da Regência – que governaria o Império até a maioridade de D. Pedro II.[75] Entre as competências desse regime provisório destacadas pelo jornal estava expresso que "os membros da Regência não poder[iam] exercer nenhum outro cargo, nem mesmo o de deputado, durante o período" que ela vigorasse;[76] bem como recomendava a nomeação de "uma comissão que, no menor tempo possível, apresentaria à Assembleia os meios mais eficazes para assegurar a tranquilidade pública, perturbada principalmente na

[73] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 15 maio 1859, n. 3, p. 4.
[74] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 15 maio 1859, n. 3, p. 4.
[75] Após a morte de D. João VI, D. Pedro I "torna-se ao mesmo tempo imperador do Brasil e herdeiro do trono de Portugal", como conta o historiador Marco Morel no livro *O período das Regências*. Nesse sentido, D. Pedro I "assume por algum tempo as duas coroas", mas depois acaba renunciando ao trono em nome de sua filha D. Maria Glória. A questão, porém, não fica resolvida, pois D. Miguel, irmão de D. Pedro I, "arroga para si o trono", e é depois desse evento que D. Pedro I volta para Portugal na tentativa de recuperar o posto para D. Maria Glória. Cf. MOREL, Marco. *O período das Regências* (1831-1840). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 11.
[76] *Le Messager*, 29 jun. 1831, n. 57, p. 1.

capital" do Império.[77] O objetivo principal dessa comissão, proposta pelo deputado Senhor Xavier de Carvalho, era auxiliar a Regência em alguns atos governamentais. Todavia, por mais que a sugestão tivesse sido aclamada por uma parte dos deputados, ela não foi aprovada pela Câmara. Essas discussões políticas figuraram no cenário político daquele tempo e consequentemente ganharam um grande espaço nos escritos dos impressos franceses. O próprio *Le Messager*, ao comemorar um ano de vida em dezembro de 1831, registrou que nunca deixaria de noticiar os diversos acontecimentos políticos do Império porque era graças a esse tema que ele teria conseguido estabelecer um público fiel, que não pretendia decepcionar.[78]

Ainda sobre as atividades da Câmara dos Deputados e do Senado, em 1827, o *L'Écho de l'Amérique du Sud* contou que os deputados, após uma pausa de aproximadamente cinco meses em relação à primeira sessão, voltaram a se reunir e deram um "impulso nos trabalhos legislativos".[79] Ali, pontuou a folha, algumas das questões mais importantes para a "organização das leis fundamentais do Império" teriam sido propostas e discutidas com grande atenção e com uma enorme rapidez. O *L'Écho de l'Amérique du Sud* registrou que as discussões dessas leis não deveriam ser lembradas pela velocidade com que foram encaminhadas, mas sim "pelo bom espírito que anim[ou] a Câmara e, especialmente, pelas luzes dos principais oradores que consagraram o intervalo das sessões com o estudo da legislação e da economia política".[80]

Esse impresso noticiou que as brilhantes exposições de alguns deputados ficariam marcadas na história dessa sessão da Câmara dos Deputados. Com discursos inflamados e eloquentes, muito comum em todos os âmbitos da vida pública,[81] o *L'Écho de l'Amérique du Sud* escreveu que muitos desses homens públicos teriam feito "verdadeiros progressos na arte das discussões parlamentares" como, por exemplo:

> [...] os Senhores Vasconcellos, Calmon, Paulo Souza, Ledo e Vergueiro, que constantemente trataram as principais questões legislativas de acordo com os princípios de uma boa instrução, empregaram em seus discursos as formas

[77] *Le Messager*, 29 jun. 1831, n. 57, p. 1.
[78] *Le Messager*, 3 dez. 1831, n. 102, p. 1.
[79] *L'Écho de l'Amerique du Sud*: journal politique, commercial e littéraire. Rio de Janeiro, 3 out. 1827, n. 27, p. 2.
[80] *L'Écho de l'Amerique du Sud*, 3 out. 1827, n. 27, p. 2.
[81] Roberto Acízelo de Souza em *O império da eloquência* fez um mapeamento sobre os estudos de retórica e poética no Brasil e procurou mostrar a importância da eloquência para os homens daquele tempo. O pesquisador mostra, ainda, que, historicamente, a retórica e a grade curricular em que estava inserida também faziam parte de repertórios anteriores e exteriores ao Brasil, isto é, que o discurso eloquente não era uma exclusividade brasileira. Para maiores informações sobre a retórica e a presença desta disciplina no currículo do Colégio Pedro II, ver: SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência*: retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Ed. UFF, 1999.

> de raciocínio inteligente, trazendo um método claro na exposição dos fatos, na dedução das provas e combinando, enfim, com arte os meios de ataque ou de defesa.[82]

Segundo o jornal, a eloquência desses políticos fez com que os temas fossem discutidos e guiados "pelos princípios de uma sabedoria libertadora" e que fosse cumprida a ideia de que bons legisladores "desejam dar à sua pátria uma durável existência". Embora essa sessão da Câmara dos Deputados estivesse longe do "espetáculo das assembleias deliberativas da Europa", ela mostrou, conforme assinalou a folha, como alguns políticos brasileiros estavam preparados para o exercício de suas funções e, por esse motivo, esta sessão deveria ser lembrada. Após deliberar sobre o comportamento dos políticos, o *L'Écho de l'Amérique du Sud* registrou as leis e os decretos adotados pela Câmara dos Deputados que foram enviados ao Senado e que esperavam a sanção imperial.[83] O trecho citado dá mostras de como os jornais franceses abordaram as decisões políticas daquele tempo e informa que, além de descreverem os acontecimentos, esses jornais registraram suas opiniões sobre os assuntos que eram discutidos.

O *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, desde sua primeira edição, defendeu que ofereceria informações sobre as atividades políticas do Império porque, como já destacado, essa era uma das maneiras mais eficientes de tornar a capital do Império conhecida por seus leitores. Na quarta edição de 1859, por exemplo, o impresso relatou que em uma das sessões do Senado, os senhores ministros da Marinha, da Guerra e da Fazenda apresentaram seus respectivos relatórios anuais contendo o objetivo de cada um dos ministérios, para que os senadores pudessem começar a discutir questões sérias sobre o futuro do país. Publicar as propostas contidas nos relatórios dos ministros, anotou o jornal, eram importantes para esclarecer os leitores sobre os andamentos da política, pois "a prosperidade desse Império muito interessa[va]" ao *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*. [84] O jornal, além de registrar a importância das questões ministeriais para os seus leitores, também argumentou, nessa mesma edição, que muitos outros temas ainda precisavam ser debatidos para que o Império pudesse progredir, como os assuntos que diziam respeito às questões financeiras:

> Para nós, o nó górdio que deve ser cortado pelo Brasil com uma espada afiada é a colonização, é a classificação e é a divisão do trabalho, a multiplicação dos braços para o meio de aplicação da força mecânica em relação à força bruta, aberta pelos caminhos e pelas vozes da comunicação, e

[82] *L'Écho de l'Amerique du Sud*, 3 out. 1827, n. 27, p. 2.
[83] *L'Écho de l'Amerique du Sud*, 3 out. 1827, n. 27, p. 2-4.
[84] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 22 maio 1859, n. 4, p. 1.

> é a liberdade civil, política e religiosa para todos os habitantes do país, sejam estrangeiros residentes ou nacionais.[85]

Eram esses os temas, de acordo com o jornal francês, que deveriam ser abordados pelos deputados e senadores, tendo em vista as melhorias nas finanças do império. O *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* não chegou a esmiuçar a importância de cada um desses assuntos, mas informou que só voltaria a falar de política em suas páginas quando os políticos brasileiros finalmente iniciassem as "discussões palpitantes" sobre os temas destacados. Nesse sentido, enquanto estivesse à espera das ações dos deputados e dos senadores, o impresso agiria somente como um "simples cronista" anotando "as escaramuças" que nada fazem avançar o Império. Porém, tão logo as discussões começassem a ocorrer, voltaria a informar os leitores de uma "maneira mais clara e mais completa" sobre a situação política do país, como um verdadeiro "publicista e cronista da política brasileira".[86] Com esses princípios, o periódico não somente narrou as atividades políticas, como também questionou a seriedade das ações dos políticos e cobrou que as questões relevantes para o andamento do país fossem resolvidas.

Ainda sobre a cobertura da política no século XIX, os jornais franceses não deixaram de noticiar a participação dos homens públicos, especialmente os monarcas, nas festividades religiosas e/ou nacionais.[87] Em 1827, o *L'Indépendant*, logo em sua primeira edição, narrou os eventos da festa religiosa mais noticiada e frequentada pelos homens de poder daquele tempo, a Semana Santa. Em detalhes, a folha descreveu que na quinta-feira santa D. Pedro I "lavou os pés de doze pobres", encenando o gesto de Jesus Cristo assinalado na Bíblia, quando este lavou os pés de seus doze apóstolos. Ainda neste mesmo ritual, o monarca distribuiu "dez moedas de prata de 900 réis, uma vestimenta completa e um buquê de flores" aos pobres. No período da noite, ele visitou, na companhia de sua filha, algumas das igrejas mais importantes da cidade: a de Nossa Senhora de Monte Carmelo e a de São Francisco de Paula. E na sexta-feira da Paixão, no Domingo de Páscoa e na segunda-feira seguinte, participou de um "canto divino na Capela Imperial".[88] Nessa ocasião, D. Pedro I foi caracterizado pelo jornal como uma figura protetora, que cuidava das necessidades de seu

[85] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 22 maio 1859, n. 4, p. 1.
[86] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 22 maio 1859, n. 4, p. 1.
[87] As festividades reais foram muito comuns durante o Império. A historiadora Lilia Moritz Schwarcz lembrou, por exemplo, que D. Pedro II estabeleceu, em 1843, que, a partir daquela data, as comemorações de gala deveriam ser respeitadas e celebradas com cortejo no Paço da Cidade. Os aniversários dos reais, não só de nascimento, mas também os de coroação, sempre mereciam uma atenção especial e precisavam ser, a cada ano, cada vez mais celebrados. Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 328 e 329.
[88] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 1 e 2.

povo, fazendo jus ao título de defensor perpétuo – título esse que o acompanhava e que era motivo de orgulho.[89] Além disso, ao retratar a imagem de um D. Pedro I bondoso e cuidadoso, o *L'Indépendant* o comparava com o Salvador de todos, o Senhor Jesus Cristo. Essa comparação, por si só, tinha muitos efeitos positivos para os governantes, visto que a religião católica era a oficial do Império brasileiro e pautava a vida moral dos cariocas daquele tempo. Além disso, com essas anotações o jornal deixava evidente o seu posicionamento favorável e até bajulador do regime imperial e do imperador.[90]

Já nos finais do século, D. Pedro II, assim como seu pai, deu mostras de caridade em uma comemoração da Semana Santa. Segundo escreveu o *Le Messager du Brésil*, em 1883, o monarca perdoou uma quantidade de condenados da justiça e distribuiu esmolas aos moradores da cidade do Rio de Janeiro. Os pedidos de esmolas neste ano teriam chegado a 2500 e, como contou o jornal, o imperador teria doado a "cada um dos peticionários a soma de 25 réis", mostrando uma "verdadeira generosidade real".[91] A "caridade imperial" era muito comum nos dias que antecediam a Páscoa da Ressureição do Senhor. Essas festas, muito mais do que simples comemorações religiosas, tinham uma importância política, pois eram nesses momentos que a imagem do monarca se fortalecia diante de seus governados, além de contribuir, tendo em vista a divulgação dessas ações dos monarcas, para que os leitores do jornal conhecessem um pouco da vida política imperial.

As festas de comemoração dos aniversários dos monarcas, da Independência do Brasil e da coroação dos imperadores foram igualmente registradas pelos jornais franceses como mais uma tentativa de informar aos leitores as principais datas cívicas da cidade e ressaltar a importância do governante. O *Le Courrier du Brésil*, por exemplo, em 1828, noticiou os eventos comemorativos do sexto aniversário da coroação de D. Pedro I. De acordo com a divulgação, na manhã de 1º de dezembro de 1828, o imperador teria assistido no período da manhã a uma missa celebrada na Capela Imperial e no restante do dia teria participado de um ritual de beija-mão[92] no Palácio da cidade. As atividades comemorativas duraram por vários dias e alcançaram outras regiões da cidade. Enfatizando como os brasileiros e, principalmente, os moradores da cidade do Rio de Janeiro deveriam ficar satisfeitos por terem D. Pedro I

[89] LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I*: um herói sem nenhum caráter. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 88.
[90] *L'Indépendant*, abr. 1827, n. 1, p. 2.
[91] *Le Messager du Brésil*, 29 mar. 1883, n. 298, p. 2.
[92] O ritual de beija-mão, vale dizer, foi um costume trazido de Portugal por D. João VI e, continuado por seu filho, era realizado todos os dias às oito horas da noite, momento que o monarca voltava sua atenção para os pedidos do povo. Mas, não só o monarca se prestava a ouvir o povo, este, também, cumpria no ritual o seu papel obediente e servil. Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*, p. 839.

como governante,[93] o *Le Courrier du Brésil* escreveu que a importância da data se devia ao fato de que, a partir do 1º de dezembro 1822, o país tinha colocado toda sua força para lutar contra um "sistema contrário ao seu crescimento" com a coroação de D. Pedro I como imperador do Brasil, portanto, este acontecimento nunca poderia deixar de ser comemorado. Era imprescindível que os moradores do Império lembrassem e reconhecessem o papel fundamental que D. Pedro I teve para a Independência do Brasil.[94]

Os aniversários de D. Pedro II também foram contados pelas folhas francesas. Em 1832, antes mesmo de ele assumir o trono, o *Le Messager* escreve sobre as comemorações que tinham sido realizadas na ocasião de seu aniversário de sete anos. Conforme a folha, diante de "fortes rajadas de navios de guerra nacionais e estrangeiros" e de uma iluminação noturna deslumbrante, o destaque da festa teria ficado para o "sentimento de calma, de doce satisfação e de uma terna benevolência" dos moradores do Rio de Janeiro por D. Pedro II.[95] No desfile no Campo da Honra, D. Pedro II, em "estado de órfão, inocentemente charmoso e com todas as graças de sua idade, passou montado em seu pequeno cavalo, todo arrumadinho, revistando a guarda nacional". A emoção produzida pelo "contraste da fraqueza da idade" e de "sua importância política", anotou a folha, tinha sido tão forte que "lágrimas de ternuras" escorreram pelo rosto de várias pessoas.[96] O *Le Messager*, ao narrar esse acontecimento, mostrou uma grande aproximação entre o jovem imperador e seus futuros governados, reforçando a boa relação dos jornais franceses com os monarcas e, ao mesmo tempo, apresentando para seus leitores uma das datas mais importantes do Império comemoradas na cidade do Rio de Janeiro.

Tempos depois, o *Courrier du Brésil*, na ocasião dos 30 anos de D. Pedro II, contou sobre as atividades dessa comemoração. Na manhã do dia do aniversário, um grande movimento de gentes e de veículos, indicando a solenidade da data, podia ser avistado nas ruas da capital imperial.[97] O exército e a guarda nacional igualmente marcavam presença nessa festividade e foram apresentados à Majestade Imperial por oficiais das duas corporações em uma cerimônia grandiosa. Já no período da noite, o público carioca finalmente pôde se encontrar com D. Pedro II. Em uma apresentação no teatro, a família imperial e toda sua comitiva de ministros e cavalheiros eram avistadas em um luxo deslumbrante pelos que ali

[93] *Le Courrier du Brésil*, 3 dez. 1828, n. 69, p. 1.
[94] *Le Courrier du Brésil*, 3 dez. 1828, n. 69, p. 2.
[95] *Le Messager*, 5 dez. 1832, n. 205, p. 1.
[96] *Le Messager*, 5 dez. 1832, n. 205, p. 1.
[97] *Courrier du Brésil*, 9 dez. 1855, n. 56, p. 2.

estavam presentes.[98] E mais uma vez, as folhas francesas buscavam narrar com grandiosidade os aniversários dos importantes Pedros do Rio de Janeiro.

A política imperial e o cotidiano político sempre tiveram um espaço reservado nos jornais franceses, seja pelo seu papel central na produção impressa ou pela crença desses periódicos de que um país estável necessitava de uma política sólida e saudável. Falar e fazer conhecida a política imperial era, portanto, uma das maneiras de apresentar a cidade aos leitores e de colaborar com o progresso do Império. Em suas páginas podem ser observados assuntos referentes às contas públicas e a criação de novas leis, que eram considerados importantes para o fortalecimento do país, notícias sobre o comportamento de homens públicos dentro de suas respectivas instituições políticas, ou mesmo descrições de comemorações e de algumas datas festivas do Império. Esses assuntos, embora sejam, em grande parte, transcrições de discursos públicos, dão mostras do cotidiano político da capital do império e, inclusive, dão a conhecer as escolhas dos jornais franceses para narrar a política no Rio de Janeiro naquele tempo.

Para finalizar esse breve percurso, compõem o rol de principais informações acerca da capital do Império publicadas nos impressos franceses, como mencionado no início do capítulo, as notícias sobre a vida social dos cariocas, especialmente aquelas voltadas para as casas teatrais, que, como será desdobrado, foram consideradas por essas publicações francesas o principal lugar de divertimento dos cariocas oitocentistas.

2.3. Impressões sobre a vida social: o teatro

Em 1887, o periódico francês *L'Empire du Brésil* (1887) expôs em seu *Table des Matières* os assuntos que seriam abordados ao longo daquele primeiro número. Segundo este índice analítico, a presente edição ofereceria diversas informações sobre a cidade do Rio de Janeiro relacionadas ao clima, às atividades políticas, às localidades vizinhas – como Niterói, Petrópolis, Nova Friburgo –, e aos lugares de se divertir.[99] Entre esses assuntos, a parte do impresso dedicada ao entretenimento acabou se destacando pelo volume e pela recorrente referência às casas teatrais. Dos nove lugares que tinham por objetivo a diversão no Rio de Janeiro, listados nas páginas do *L'Empire du Brésil*, um era o famoso *Passeio Público* e os outros oitos referiam-se aos teatros. Eram eles o *Teatro Imperial D. Pedro II*, *Teatro Imperial S. Pedro d'Alcantara, Teatro Sant'Anna, Teatro Recreio Dramático, Teatro Lucinda, Teatro*

[98] *Courrier du Brésil*, 9 dez. 1855, n. 56, p. 3.
[99] *L'Empire du Brésil*,1887, p. 3-5.

Polytheama Fluminense, Fênix Dramática e *Teatro Príncipe Imperial*.[100] As casas teatrais, pois, foram caracterizadas, pelo *L'Empire du Brésil* e pelos demais impressos franceses publicados no Rio de Janeiro no século XIX, como verdadeiros lugares de entretenimento daquele tempo, que ganhavam cada vez mais espaço com o fortalecimento do Império.[101]

Em sua grande maioria, os escritos sobre a atividade teatral no Rio de Janeiro estiveram presentes nas seções dos jornais franceses que diziam respeito às letras, denominadas algumas vezes de seção de *varietés*, de *revue theatrale* ou simplesmente de *theatre*. Esse tipo de informação foi aos poucos conquistando um lugar reservado nas folhas francesas oitocentistas, algo que se justificava, muito provavelmente, pelo crescente interesse da sociedade carioca por uma vida divertida. Em 1827, no primeiro jornal francês publicado no Rio de Janeiro, por exemplo, as notícias concernentes às atividades teatrais tinham muito pouco destaque e eram, quando mencionadas, colocadas junto com os assuntos políticos. Assim, ao mesmo tempo que os escritos sobre as casas teatrais, os artistas, as peças, as dificuldades e os êxitos na manutenção dos estabelecimentos ganhavam espaço nas folhas francesas, o teatro se consolidava como o principal palco do divertimento daquele tempo.

Em um artigo sobre as novidades do Rio de Janeiro, o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* escreveu que para se divertir na cidade carioca existiam quatro teatros: três para o público em geral, *Theatro São Pedro de Alcântara*,[102] o *Theatro Gymnasio Dramático*[103] e o *Theatro Lírico Italiano*,[104] e um para os jovens, o *Alcazar Lyrique*.[105] Todos eles, de acordo com o jornal, eram bem vistos pelo público graças, principalmente, aos seus diretores ou aos seus artistas. O *Theatro São Pedro de Alcântara* tinha como diretor João Caetano dos Santos,[106] um ator de grande talento que, por conhecer bem o público, sabia

---

[100] *L'Empire du Brésil*, 1887, p. 148 e 149.

[101] HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de História do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 21-22.

[102] O *Real Theatro de São João* passou a se chamar *Imperial Theatro São Pedro de Alcântara*, em 1826, depois de ser reconstruído após o incêndio ocorrido em 1824. CAFEZEIRO, Edwaldo; GADELHA, Carmen. *História do Teatro Brasileiro:* um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, EDUERJ, FUNARTE, 1996, p. 115. O *Imperial Theatro São Pedro de Alcântara* estava localizado na Praça da Constituição. Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=40&cdP=18. Acessado em 18/11/2015.

[103] O *Theatro Gymnasio Dramático* (1855-deixou de existir antes da Proclamação da República), localizado na Rua São Francisco de Paula, foi adquirido em 1841, ainda com o nome de *Theatro São Francisco*, por João Caetano dos Santos e tornou-se o berço do teatro nacional. Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=55&cdP=19. Acessado em 18/11/2015.

[104] Até o momento a presente pesquisa não localizou o citado *Theatro Lírico Italiano* em bases de acervos ou historiografia.

[105] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 8 maio 1859, n. 2, p. 3.

[106] João Caetano dos Santos foi, segundo Dr. Moreira de Azevedo, um daqueles homens que "que personificam uma época, constituem a história de uma geração, imprimem por seus talentos, suas ideias, atividade, trabalhos e tentativas um caráter peculiar às letras, às artes no tempo em que vivem". E complementa: "enquanto (ele)

agradar a todos nas escolhas das apresentações das peças, garantindo prestígio e sucesso ao teatro.[107] O *Theatro Gymnasio Dramático* não ficava atrás e contava, segundo o jornal, com dois atores de verdadeiro talento: Monsieur Moitinho e Monsieur Martins, que constantemente reuniam um grande público e não deixavam a sala vazia. O *Theatro Lírico Italiano* era igualmente aclamado e tinha como principal atração Madame de la Grange e seu público fiel, que sempre ia "aplaudir e admirar a amada cantora".[108]

Madame de la Grange, inclusive, recebeu grandes elogios do *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, sobre sua última apresentação. Segundo o comentário contido nessa mesma edição de 1859, ela teria alcançado um grau de perfeição que ninguém antes teria conseguido; a dificuldade de interpretação, tão comum aos demais artistas, parecia não incomodar essa renomada atriz. Ela era capaz de "se fazer admirada e aplaudida cem vezes seguidas em uma mesma ópera", ela era capaz de fazer as pessoas assistirem "pela vigésima vez a *Traviata, Lucrecia Borgia, Norma, il Trovatore*", com a percepção de sempre ter algo novo.[109] "Ela não se repete", continuava o jornal em tom bastante elogioso, "ela tem sempre novidade em seus gestos, em suas pausas, em suas poses. É o talento mais completo que nunca" antes teria sido visto ou ouvido.[110] Os artistas, portanto, foram peça fundamental na apresentação e divulgação das casas teatrais pelos impressos franceses e, inclusive, foram anunciados como importantes para o bom funcionamento dos teatros.

Retomando o trecho anterior do *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* sobre as quatro casas teatrais do Rio de Janeiro, o jornal, ao falar da principal atração da cidade para os jovens, ressaltava o *Alcazar Lyrique*[111] como o lugar predileto dos mancebos cariocas, pelas atividades oferecidas e pelos artistas que ali se apresentavam.[112] Segundo as anotações, o teatro contava, em 1859, com os talentos de "Madame Maire, uma cantora fora de série de um café-concerto; Mademoiselle Pauline, uma charmosa atriz de *vaudeville*; Monsieur D'Ilôte, um cantor cômico de muita originalidade e, com razão, o favorito do público. E a dançarina

existiu, exerceu manifesta influência sobre a arte dramática no Brasil; todos conheceram-no, e quase todos glorificaram-no, porque ele era um gênio [...]". Cf. AZEVEDO, Dr. Moreira de. Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. João Caetano dos Santos. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro, t. XXXIII, parte segunda, p. 337-357, 3º trimestre de 1870.

[107] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 8 maio 1859, n. 2, p. 3.

[108] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 8 maio 1859, n. 2, p. 3.

[109] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 8 maio 1859, n. 2, p. 4.

[110] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 8 maio 1859, n. 2, p. 4.

[111] Segundo o livro *Dicionário do teatro brasileiro*, o *Alcazar Lyrique* foi fundado em 17 de fevereiro de 1859, pelo empresário Joseph Arnaud, inaugurando a opereta no Rio de Janeiro. Cf. GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de, (orgs.). *Dicionário do teatro brasileiro*: temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva; SESC São Paulo, 2006, p. 227.

[112] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 8 maio 1859, n. 2, p. 4.

Mademoiselle Prévot [..]".[113] Esses artistas de grande prestígio, de acordo com o impresso francês, contribuíram para o surgimento do *Alcazar Lyrique* como um dos primeiros cafés-concertos da corte.[114]

Os cafés-concertos começaram a aparecer em Paris em meados do século XVIII, mas ganharam força e chegaram ao Rio de Janeiro somente um século depois, na segunda metade do Oitocentos.[115] O *Alcazar Lyrique,* seguindo o padrão dos cafés-concertos daquele tempo, contava com atrações musicais e teatrais em seu repertório e tinha várias mesas dispostas em frente ao palco, onde os frequentadores apreciavam bebidas ou refrescos enquanto assistiam às apresentações,[116] alcançando a predileção de grande parte dos jovens. O *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* anunciou, a esse respeito, que quando os jovens desejavam "relaxar sobre os problemas do dia", mas não sabiam o que fazer, iam ao *Alcazar Lyrique* "para rir, para fumar um cigarro e para escutar os artistas, cujo talento é bem apropriado ao estabelecimento".[117] Além disso, essa casa teatral foi uma das que contribuíram para a consolidação do teatro lírico no Rio de Janeiro, trazendo um grande número de artistas franceses para seu palco.[118] Tal cenário, juntamente com o fato de os artistas destacados serem de nacionalidade francesa, colaborou para que as novas edições das folhas francesas, publicadas a partir da chegada da companhia, que deu nome ao estabelecimento, e da inauguração do *Alcazar Lyrique*, passassem a legar mais registros sobre essa casa teatral em relação às outras da capital do Império. Além do mais, o público mais fino do Império procurava se deliciar com o teatro lírico e com a apresentação dos artistas europeus nas casas teatrais cariocas.[119] Destacar e caracterizar positivamente os artistas que se apresentavam nos

---

[113] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 8 maio 1859, n. 2, p. 4.
[114] Os cafés-concertos em Paris eram tidos como lugares onde os moços frequentavam, tendo em vista uma fácil diversão, pois era conhecido por ser um lugar que escandalizava as famílias e estimulava a curiosidade masculina. Na cidade do Rio de Janeiro, porém, alguns pesquisadores, como Gilberto Freyre, afirmaram que eles eram frequentados pelos homens da mais alta corte. Cf. MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de. *Vida Divertida*, p. 105 e FREYRE, Gilberto. Vida social no Brasil nos meados do século XIX. São Paulo: Global, 2008, p. 108.
[115] Os cafés-concertos remontam à segunda metade do Setecentos quando surgiram em Paris, mas encontraram seu auge de popularidade entre os anos de 1850 e 1914. Foram os primeiros estabelecimentos onde se podia beber e ouvir músicas ao mesmo tempo. Atraía para o divertimento principalmente o público masculino, porque lá se podia fumar, beber e conquistar algumas amantes. Por obter um grande sucesso em Paris, rapidamente chamou a atenção dos cariocas e chegou ao Rio de Janeiro em 1858 em um salão de nome *Folies Parisienses*. O segundo café-concerto na capital imperial, e o que mais fez sucesso entre o público, foi o *Alcazar Lyrique*, inaugurado em 1859. Cf. GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de, (orgs.). *Dicionário do teatro brasileiro*, p. 69.
[116] GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de, (orgs.). *Dicionário do teatro brasileiro*, p. 69.
[117] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 8 maio 1859, n. 2, p. 4.
[118] CAFEZEIRO, Edwaldo; GADELHA, Carmen. *História do Teatro Brasileiro,* p. 299.
[119] FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*, p. 108.

teatros cariocas foi comum no noticiário dos jornais franceses, e os artistas da companhia *Alcazar Lyrique* foram, senão os mais, uns dos mais comentados.

Em 1858, o *Courrier du Brésil*, ao contar sobre a importância dos teatros para a vida divertida dos cariocas, promoveu os integrantes da companhia teatral *Alcazar Lyrique*. Na ocasião, os diretores da companhia desejavam utilizar o *Theatro de São Januário* para apresentar alguns espetáculos enquanto o teatro de mesmo nome da companhia francesa, localizado na rua da Vala, era finalizado. Segundo o jornal, a valorosa companhia era composta por 12 artistas, seis mulheres e seis homens, dos quais alguns receberam maior atenção.[120] Madame Maire, por exemplo, foi a primeira "cantora de *roulades*[121] que interpretou papéis de ópera cômica nos principais teatros da França: Lyon, Bordeaux, Montpellier, etc." Já Mademoiselle Prévôt foi a "primeira dançarina no teatro real de Bruxelas, de Madrid, de Dublin, de Marselha, de Rouen, de Liverpool, de Batavia, etc." e, além de ser uma excelente artista, oferecia aulas de coreografia para as jovens que tivessem interesse. Madame Celine, a terceira e última mulher a ser destacada, interpretava o "*vaudeville*"[122] e cantava músicas cômicas de um antigo repertório com "versos alegres e bacanais", bem recebidos pelo público carioca "graças a Beranger, a Désaugiers e a tantos outros" do mesmo estilo.[123]

Em relação aos homens pertencentes à companhia, o *Courrier du Brésil* ressaltou Monsieur Troiller, que já era "bem conhecido" do público, e Monsieur Amédée Isaac, "o primeiro cômico do grande café de Bolonha", que cantavam versos "cômicos e irônicos", interpretando o *vaudeville* e a opereta. Monsieur Giraudon, era o chefe desse grupo de artistas e "um dos melhores alunos do conservatório imperial de Paris, onde ganhou prêmios em todos os concursos" de que participou, ao provar "suas capacidades musicais" compondo "romances e melodias".[124] Esses grandes e poderosos nomes do teatro lírico, como os jornais

---

[120] *Courrier du Brésil*, 21 nov. 1858, n. 47, p. 3.
[121] *Roulade* é a execução de várias notas em uma única sílaba. No *Le guide de conversation bresilienne et française*, roulade é traduzido da seguinte maneira: "on dit qu'elle chante à ravir, que sa voix est douce, et que ses modulations et ses roulades sont charmantes", em português ficaria, "ouviremos huma cantora que pela primeira vez apparece no theatro, dizem que canta às mil maravilhas, que sua voz he suave, e que nas modulações e garganteados he encantadora". HAMONIÈRE, G. *Le guide de conversation bresilienne et française en trois parties*: la première contenant un Vocabulaire de mots usuels par ordre alphabétique; la seconde, soixante dialogues sur differens sujets; et la troisième, um recueil d'idiotismes, d'expressions familières et de proverbes: le tout suivi d'un Tableau comparatif des Monnaies de France et du Brésil. Rio de Janeiro: Imprimeur-Libraire de sa Majesté l'Empéreur, 1825, p. 62.
[122] O termo francês *vaudeville* significa uma comédia musicada, isto é, um gênero de apresentação teatral no qual aparecem algumas músicas, na maioria das vezes alguns refrãos, cantadas pelo público a fim de deixar a peça com mais ação. Cf. GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de, (orgs.). *Dicionário do teatro brasileiro*, p. 305-306.
[123] *Courrier du Brésil*, 21 nov. 1858, n. 47, p. 3.
[124] *Courrier du Brésil*, 21 nov. 1858, n. 47, p. 3.

franceses buscavam noticiar, estimularam a presença de um público significativo e contribuíram para que o *Theatro de São Januário* se fortalecesse como um dos lugares de diversão dos cariocas.[125]

Esses jornais, com a preocupação de tornar conhecido dos seus leitores um Rio de Janeiro de divertimentos, também registraram algumas preocupações relacionadas à permanência ou não de determinados atores nos teatros da cidade. Em 1867, o satírico *Ba-ta-clan* apontou as diversas qualidades de Mademoiselle Aimée para mostrar a falta que ela faria ao *Alcazar Lyrique*. Esse jornal tinha uma coluna intitulada *L'Alcazar em robe de chambre*, na qual eram expostos os acontecimentos do teatro e comentários sobre a exibição dos artistas ao longo da semana anterior.[126] Em uma dessas colunas, publicou que com "um rosto provocante, de olhos tão brilhantes que explodem só de olhar toda uma fileira de caixas de artilharia, um nariz fino como sua bochecha [...], uma boca graciosa, de ombros e pernas perfeitas, adicionado a uma bela voz e a uma perfeita inteligência de cena", Mademoiselle Aimée era "a personificação do teatro lírico francês". Em razão de todos esses predicados, o *Ba-ta-clan* argumentava que era questão de tempo para que essa renomada artista francesa desfilasse o seu talento nas "cenas parisienses".[127] O jornal dizia que era grande a preocupação do *Alcazar* com a possibilidade da saída da artista francesa, após finalizada a temporada da peça. Entretanto, naqueles meados de 1867, Mademoiselle Aimée teria mostrado que poderia ficar mais algum tempo na casa de espetáculos, pois tanto ela não queria se separar de um público "que a ama e adora" quanto a administração do *Alcazar* não parecia querer se "privar de um bom rendimento".[128] Nesse caso, de acordo com a informação do *Ba-ta-clan*, o final teria sido feliz, visto que, pelo menos até aquela data, Mademoiselle Aimée teria permanecido no Rio de Janeiro. Porém, a partida de alguns artistas para a Europa era algo muito comum naquele tempo, e poderiam ocasionar, inclusive, o fechamento de um ou outro teatro.

Um exemplo dessa relação entre o sucesso do elenco e a longevidade do teatro foi a saída da principal atração do *Alcazar Lyrique* no ano de 1878, Monsieur Rébelly, que deixou

---

[125] *Courrier du Brésil*, 21 nov. 1858, n. 47, p. 4.
[126] A historiadora Lená Medeiros de Menezes afirmou que o *Ba-ta-clan* "tinha no *Alcazar* e em suas atrizes o seus temas principais na sessão, dedicando a estas uma coluna intitulada L'Alcazar em robe de chambre, a partir de 1867". Cf. MENEZES, Lená Medeiros de. Facetas marginais do sonho de civilização: imigração francesa e prostituição no Brasil (1816-1930). In: VIDAL, Laurent. LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil* - séculos XIX e XX. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 240. Apesar da importância do Alcazar para os escritos do jornal francês e a partir de uma análise nas edições do *Ba-ta-clan*, não foram todos os números que tiveram essa sessão específica.
[127] *Ba-ta-clan*: chinoiserie franco-brésilienne. Rio de Janeiro, 8 jun. 1867, n. 2, p. 6.
[128] *Ba-ta-clan*, 8 jun. 1867, n. 2, p. 6.

para trás uma grande incerteza sobre a continuidade do teatro. A "última apresentação em benefício"[129] de Monsieur Rébelly, como contou o *Le Gil-Blas*, mostrou que ele era muito querido pelo público do Rio de Janeiro, que desejava mais uma vez aplaudi-lo no papel de *Gaspard des Cloches* de *Corneville*.[130] Os cariocas, segundo escreveu o jornal, por muito tempo permaneceram decepcionados com a partida do ator e com o fechamento temporário da casa de espetáculo. No entanto, o clima mudou com reabertura do *Alcazar Lyrique* anunciando a peça *La Grâce de Dieu*, em benefício do convidado e "excelente cômico *Briet* e de vários de seus colegas". Segundo o *Le Gil-Blas*, a iniciativa do teatro deveria ser elogiada, pois havia a certeza de que os artistas remanescentes eram bons o suficiente para continuar com os espetáculos. Além disso, a folha francesa também assinalou que esperava poder "ouvir de tempos em tempos um desses belos dramas que deixam algo a mais na memória dos espectadores, como o mais frenético *cancan*".[131]

Pelo lugar que o teatro ocupou nas folhas francesas, não poderia faltar um espaço para a crítica teatral. Apesar de o discurso crítico ser ainda incipiente no século XIX,[132] opiniões sobre como as peças eram encenadas e de que modo elas poderiam ser melhoradas foram igualmente recorrentes nesses escritos. Em meados do século XIX, os administradores das casas de espetáculos, bem como o próprio público carioca, passaram a ser cada vez mais exigentes com o desempenho dos artistas e das peças encenadas. Tal cuidado pareceu mais intenso após a criação do *Conservatório Dramático Brasileiro* no Rio de Janeiro, em 1843, cujo objetivo era o aperfeiçoamento das técnicas dos artistas ou mesmo a troca de experiências. O local não era exatamente uma escola de teatro, era uma instituição de incentivo à dramaturgia e importante para os artistas aprimorarem suas interpretações.[133] Os

---

[129] As representações em benefícios - que já acontecia na França desde o século XVIII e que foi regulamentado com o Decreto Imperial de Napoleão em 1807 - era um acordo entre os atores das peças e o teatro, onde eram encenadas, no qual uma vez por mês o valor obtido era revertido apenas a um dos atores. Cf. LUCHET, Auguste. Une répresentation a bénéfice. In: *Paris, ou le livre des cent-et-un*. Paris: Ladvocat, 1832, p. 57-77, tome neuvième; e Decreto de Napoleão sobre as representações em benefício. In: DUVERGIER, J. B. *Collection complète des lois, décrets, ordonnances, réglemens, et avis du conseil-d'état*. Paris: Guyot et Scribe; Charles-Béchet, 1826, tome seizième. Na tentativa de resolver os problemas de pagamentos dos artistas que se apresentavam na corte, os teatros do Rio de Janeiro também aderiram à essa prática no século XIX.

[130] *Le Gil-Blas*: journal politique, satirique et artistique. Rio de Janeiro, 21 jul. 1878, n. 41, p. 4.

[131] *Le Gil-Blas*, 21 jul. 1878, n. 41, p. 4.

[132] Milena da Silveira Pereira no seu *A crítica que fez história* escreve que embora "a crítica literária tenha ganhado contorno mais definidos no final do século XIX, é possível dizer que os primeiros esboços desse tal discurso foram lançados nas páginas dos periódicos das sociedades literárias" do Oitocentos. Para maiores informações sobre essa incipiente crítica literária no Brasil e sobre o posicionamento de alguns letrados sobre a crítica, como Silvio Romero e Machado de Assis, ver: PEREIRA, Milena da Silveira. *A crítica que fez história*: as associações literárias no Oitocentos. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015, p. 127-148.

[133] GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de, (orgs.). *Dicionário do teatro brasileiro*, p. 128.

artigos dos jornais franceses, nesse sentido, apontam que a preocupação com uma boa atuação era cada vez constante entre os artistas, especialmente na segunda metade do Oitocentos.

Em 1867, o *La Gazette du Brésil* escreveu que para as peças serem aperfeiçoadas era necessário observar como elas eram conduzidas por seus respectivos diretores e solicitar aos integrantes do "teatro lírico francês do Rio de Janeiro uma encenação tão boa quanto a do Bouffes ou do Porte St. Martin".[134] O teatro lírico no Rio de Janeiro naquele momento ainda era recente, pois o estilo teria chegado apenas com a já citada companhia *Alcazar Lyrique*, em 1858. Desse modo, fazer com que os diretores estimulassem seus artistas a exibirem performances tão boas quanto às de Paris era uma das maneiras de aperfeiçoar as apresentações de teatro lírico nas casas teatrais do Rio imperial. Essas novas exigências foram largamente anunciadas nos jornais franceses, como forma de divulgação desse entretenimento, e acabaram impulsionando uma melhora nas apresentações, tanto que, aos poucos, novas técnicas foram incorporadas. Uma dessas novas técnicas foi a utilizada no "repertório de Offenbach", que ganhou execuções mais aprimoradas, segundo contou o *La Gazette du Brésil*, em 1867.[135]

Ainda sobre o aprimoramento das encenações, o *La Gazette du Brésil* escreveu a respeito dos perigos da "mitologia fantasiosa" – um termo usado pelo jornal para caracterizar a situação em que os diretores consideravam determinada peça a melhor de todos os tempos com o propósito de lotar os teatros. Esta folha anotou que esse era um perigo iminente e mesmo um exagero afirmar que certa interpretação tinha sido tão boa que não precisava melhorar. Além do mais, elogiar excessivamente uma peça, acreditavam os críticos desse jornal, era "mais prejudicial do que uma crítica" negativa, pois, considerar que os "atores da rua Uruguaiana eram tão bons quanto os de Paris seria prejudicá-los e deixá-los despreparados para as cruéis decepções que poderiam encontrar mais tarde" ou, mesmo, concordar que a encenação de "*Orphée aux enfers* e *Barbe bleu*" teria sido "igual ao do *Passage Choiseul*[136] era um desserviço à administração do M. Arnaud".[137] As duras críticas feitas pelo *La Gazette du Brésil* demostram que, por mais que as casas teatrais tivessem um grande prestígio na sociedade carioca, ainda estavam longe das principais casas teatrais de Paris.[138]

---

[134] *Theatre de Bouffes Parisiens* foi fundado em 1855 pelo compositor Jacques Offenbach e criador das operetas e das óperas de bouffes e o *Theatre de la Porte St. Martin* também está situado em Paris.
[135] *La Gazette du Brésil*, 3 out. 1867, n. 15, p. 3.
[136] A *Passage Choiseul* é uma área de passagem coberta para compras e alimentação localizada na região dos teatros de ópera em Paris. A referência do jornal a essa localidade se deu porque a entrada do *Theatre de Bouffes Parisiens* está localizada nessa passagem.
[137] *La Gazette du Brésil*, 3 out. 1867, n. 15, p. 3.
[138] *La Gazette du Brésil*, 3 out. 1867, n. 15, p. 3.

Outro detalhe noticiado pelos jornais franceses para atrair o público dizia respeito aos registros sobre a estrutura física dos estabelecimentos teatrais. Em 1833, ao caracterizar o *Theatrinho da Rua dos Arcos*[139] como um dos lugares que poderiam ser utilizados para as apresentações da sociedade de atores franceses amadores, o *Le Messager* elencou diversas qualidades sobre seu espaço físico. O *Theatrinho*, fundado em 1826, ao lado do morro do Santo Antônio nos fundos de uma casa,[140] era "conhecido pelas apresentações da sociedade particular dos jovens brasileiros amadores" e pela "honra que poucos, dos mais famosos teatros da Europa, poderiam se vangloriar".[141] A sala do *Theatrinho* era pequena, mas "muito bem decorada, alegre e clara". Tinha um "vasto palco" e "estava em harmonia com as dimensões do espaço destinado aos espectadores". Os espectadores ficavam dispostos em "uma galeria, elevada sobre colunas", que abraçava a "plateia como um meio eclipse".[142] Diante da exposição do jornal, o *Theatrinho* parecia ser um bom lugar para a apresentação dos artistas daquele tempo, principalmente para os artistas franceses residentes no Rio de Janeiro e pertencentes ao *Theatre de Societé* – uma sociedade de atores franceses amadores.[143]

Por mais que as casas teatrais recebessem certos elogios referentes a seus espaços físicos, os periódicos franceses não deixaram de assinalar a má administração de alguns teatros. Em 1827, ainda nos primórdios da atividade teatral na capital do Império,[144] o *L'Écho de l'Amérique du Sud*, ao relatar um roubo que teria acontecido, deixou igualmente registrado o descaso dos administradores do *Imperial Theatro São Pedro de Alcântara* com a limpeza.[145] Tendo em vista a demora com a limpeza e com a arrumação do teatro, os administradores teriam percebido com grande atraso que "a cabine de S. M. o imperador" tinha sido roubada. Um dos funcionários, ao começar "os preparativos da cabine" para a recepção de D. Pedro I, que daria a honra de sua presença no próximo espetáculo, notou que haviam sido roubadas "franjas e rendas de ouro, vasos de porcelana, de bronze, etc. De acordo com os esclarecimentos do próprio teatro, não era possível afirmar o exato momento do roubo, dado

---

[139] O *Theatrinho da Rua dos Arcos*, fundado em 1826, despareceu em 1834 quando foi vendido pelo leiloeiro Frederico Guilherme. Era particular e pertencia à Sociedade do Theatrinho da Rua dos Arcos. Cf.: Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=51&cdP=18. Acessado em 02/11/2015. Segundo Brasil Gerson, em *História das ruas do Rio de Janeiro*, o *Theatrinho* foi o que houve de mais interessante na história da Rua dos Arcos. Cf. também: GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Souza, 1954, p. 225.

[140] GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*, p. 225.

[141] *Le Messager*, 13 mar. 1833, n. 231, p. 1.

[142] *Le Messager*, 13 mar. 1833, n. 231, p. 1.

[143] *Le Messager*, 13 mar. 1833, n. 231, p. 1.

[144] Em 1827 existiam apenas dois teatros no Rio de Janeiro: o *Theatrinho da Rua dos Arcos* (1826-1834) e o *Imperial Theatro de São Pedro de Alcântara* (1826-1831). Cf. Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/temahistorico.asp?cod=18. Acessado em 09/11/2015.

[145] *L'Écho de l'Amerique du Sud*, 11 jul. 1827, n. 4, p. 1 e 2.

que parecia "ser a obra de um único homem" cometida por vários dias. Essa "pequena lição de negligência", como definiu o jornal francês, teria custado à administração do *Imperial Theatro* um valor de "três mil cruzados". O caso, conforme atentou o *L'Écho de l'Amérique du Sud*, poderia ter sido evitado se a administração do teatro operasse uma limpeza mais atenciosa, olhando os cantos na hora de "varrer os camarins e corredores" para que a falta de determinados objetos fosse rapidamente percebida e os ladrões devidamente punidos.[146]

Anos mais tarde, em 1847, o mesmo *Imperial Theatro São Pedro de Alcântara*, agora com o nome de *S. Pedro d'Alcântara*,[147] foi novamente mencionado como um lugar abandonado, que não recebia a devida atenção de seus administradores. Em um artigo que tinha por objetivo destacar a importância dos teatros para o "crescimento civilizado" da capital imperial, o *Le Nouvelliste* (1847-1848) acabou dando grande destaque para o abandono não só dos administradores como também do governo brasileiro com a manutenção do *S. Pedro d'Alcântara*. A folha considerava que as casas teatrais eram "úteis às artes e à civilização" e "constantes objetos de especial interesse dos governos civilizados", por isso mereciam ser considerados pelo jornal francês e pelo governo imperial.[148] De acordo com o registro do *Le Nouvelliste*, o *S. Pedro d'Alcântara* era "o mais belo teatro de toda a América, mas o governo pouco" se preocupava com sua manutenção. O teatro, aliás, estava em completa decadência desde a última administração, que transformou seu palco em uma "grande arena onde todas as paixões artísticas esta[vam] lutando continuamente". Para o *Le Nouvelliste*, "toda a inteligência teria sido banida do *S. Pedro d'Alcantara*, todo talento nascente" acabava ali sendo sufocado, era "uma terrível desordem, uma verdadeira Babilônia".[149] Malgrado essas afirmações nada otimistas, com o advento de uma nova administração, o *Le Nouvelliste* acreditava que o *S. Pedro d'Alcantara* iria finalmente encontrar uma luz no fim do túnel após tantos anos de desprezo e agonia. Novos ares chegariam ao teatro, e para comemorar a ocasião a peça *Semírames: o reino da Babilônia*, teria sido escolhida para a reestreia, algo que "não poderia ter sido uma coincidência mais perfeita".[150] Em tom de crítica ao monarca, a folha francesa apontou que o *S. Pedro*

---

[146] *L'Écho de l'Amerique du Sud*, 11 jul. 1827, n. 4, p. 1 e 2.
[147] Os teatros do Rio de Janeiro passavam constantemente por uma mudança de nomes. O *Theatro S. Pedro de Alcântara* (1839-1851), localizado na Praça da Constituição, foi o novo nome do *Theatro Constitucional Fluminense* (1831-1838), que fechou as portas para uma pequena reforma e acabou voltando com a nova denominação. Para mais informações sobre esse teatro ver: Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=64&cdP=18. Acessado em 16/11/2015.
[148] *Le Nouvelliste*. Rio de Janeiro, 16 dez. 1847, n. 551, p. 3.
[149] *Le Nouvelliste*, 16 dez. 1847, n. 551, p. 3.
[150] *Le Nouvelliste*, 16 dez. 1847, n. 551, p. 3.

d'Alcantara teria ficado tanto tempo sem receber qualquer manutenção pelo fato de que esse viés da vida social dos cariocas parecia importar pouco ao governo imperial. Embora D. Pedro II apareça como um impulsionador da vida cultural carioca,[151] tais denúncias de má administração relacionam-se à necessidade que o *Le Nouvelliste* tinha de resgatar a importância das casas teatrais para a cidade do Rio de Janeiro, pois os teatros eram essenciais para a existência de uma capital mais civilizada e mais moderna.[152]

O funcionamento das casas teatrais, tanto no que dizia respeito à manutenção física quanto à permanência dos artistas, era muito difícil, por isso o clamor das folhas francesas, e não só delas,[153] por mais empenho de seus administradores. Os teatros foram, como foi propósito desdobrar, o principal lugar da vida social dos cariocas do Oitocentos divulgado pelos periódicos franceses, quer para exaltar a atuação dos atores conterrâneos, quer para informar sobre os acontecimentos das atividades teatrais, quer, ainda, para promovê-lo como principal motor da vida divertida e do entretenimento. Em suma, retomando os excertos iniciais do capítulo sobre os principais temas noticiados nos periódicos franceses, ao narrarem diversos aspectos da cidade relacionados aos seus melhoramentos, à política e aos traços da vida cultural, os jornais franceses objetivaram tornar o Rio de Janeiro conhecido para seus leitores e, sobretudo, difundiram a ideia de que os moradores da capital do Império poderiam partilhar de uma *vie moderne*, já que as instituições políticas estavam se consolidando e a cidade dava passos largos rumo à urbanização e modernização de suas vias, passeios, praças e teatros.

Terminado esse breve panorama do Rio de Janeiro apresentado pelos jornais franceses, o último capítulo busca explorar, mais em detalhes, algumas imagens dessa *vie moderne* carioca oitocentista descritas por esses impressos, a partir de uma seção específica desses periódicos: os anúncios de estabelecimentos comerciais, especialmente aqueles sobre as lojas de comidas e bebidas e os de confeitarias, cafés e restaurantes.

---

[151] Sobre o envolvimento de D. Pedro II com vida cultural ver: SCHWARCZ, Lilia M. *As Barbas do Imperador*; GUIMARÃES, Lucia M. Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 156, n. 388, jul./set., p. 459-613; GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, n. 1, caminhos da historiografia. Rio de Janeiro, 1988, p. 5-27.

[152] *Le Nouvelliste*, 16 dez. 1847, n. 551, p. 3.

[153] Os jornais nacionais também clamavam por uma melhor manutenção dos teatros da cidade.

CAPÍTULO III

IGUARIAS E PRAZERES NAS PEÇAS DE PROPAGANDAS

Na seção *Petite Gazette*, destinada a contar as novidades semanais da cidade do Rio de Janeiro, o editor do *Figaro-Chroniqueur* escreveu, na sétima edição de 1859, sobre a inauguração de um novo estabelecimento francês situado na rua da Ajuda, n. 66:

> É um café elegante e ricamente organizado, onde podem ser encontradas excelentes bebidas para se refrescar, um jardim para passear e bons bilhares para se distrair, numa palavra, é um café que podemos considerar com legitimidade como um dos mais belos do Rio de Janeiro. O conforto está aliado à elegância e o serviço é realizado de uma maneira que nada deixa a desejar.[1]

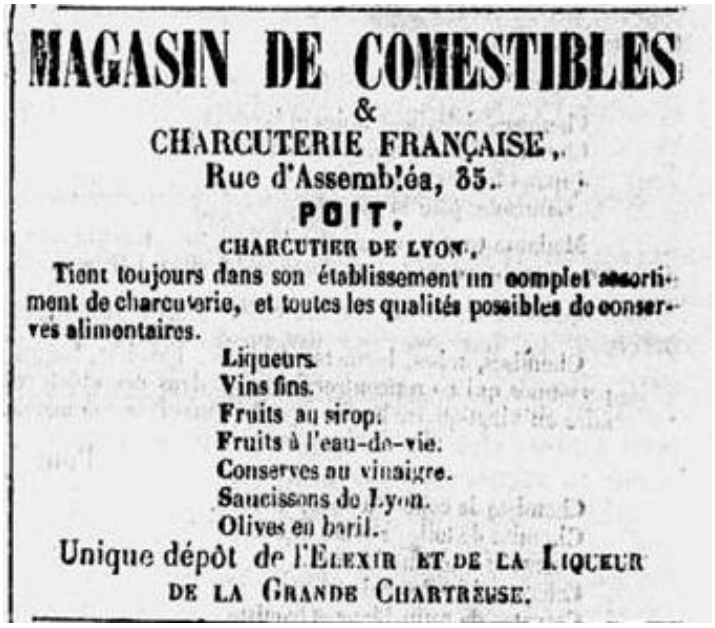
Malgrado não tenha informado o nome do café, o editor, ao destacar as bebidas, o espaço físico, os bilhares, o conforto, a elegância e o serviço, registrou algumas das características que se tornaram cada vez mais recorrentes nos escritos dos jornais franceses que procuraram descrever os cafés, as confeitarias e os restaurantes da capital imperial no século XIX. As notícias sobre esses estabelecimentos comerciais eram encontradas em diferentes seções, como a citada *Petite Gazette,* além das que procuravam versar sobre a vida dos moradores ou os divertimentos da cidade; contudo, era na última seção desses impressos, a dos anúncios, que se apresentavam de forma mais extensa e detalhada as descrições sobre esses lugares de comer e beber. Desde os anúncios publicados na primeira metade do Oitocentos até os da sua penúltima década, quando os jornais franceses deixaram de ser publicados, é perceptível o cuidado e o detalhe dos anúncios ao divulgarem as casas comerciais, com informações sobre as comidas e as bebidas, a estrutura física desses espaços de lazer e os nomes de seus proprietários – que tinham por finalidade particularizar cada estabelecimento.

Tais anúncios, juntamente com os das lojas francesas de bebidas e de gêneros alimentícios, foram se consolidando como importantes meios de divulgação dos alimentos originários da cultura francesa e, inclusive, de alguns costumes, como a prática de comer fora de casa, conforme será abordado ao longo deste capítulo. O propósito deste capítulo, portanto, é tentar explicitar como os produtos e os estabelecimentos de comer e beber foram anunciados

[1] *Figaro-Chroniqueur*: journal critique, comique, satyrique, anecdotique et amusant. Publication anti-politique et anti-scientifique paraissant tous les dimanches. Rio de Janeiro, 19 maio 1859, n. 7, p. 3.

pelos impressos franceses e, em que medida, tais lugares podem ser considerados peças-chave para a definição de novos gostos e hábitos dos cariocas do século XIX.

3.1. As lojas de comidas e bebidas francesas


MAGASIN DE COMESTIBLES
&
CHARCUTERIE FRANÇAISE,
Rue d'Assemblée, 35.
POIT,
CHARCUTIER DE LYON,
Tient toujours dans son établissement un complet assortiment de charcuterie, et toutes les qualités possibles de conserves alimentaires.
Liqueurs.
Vins fins.
Fruits au sirop.
Fruits à l'eau-de-vie.
Conserves au vinaigre.
Saucissons de Lyon.
Olives en baril.
Unique dépôt de l'Elexir et de la Liqueur de la Grande Chartreuse.

Fonte: *L'Écho de l'Atlantique*: journal des étranges, publié sous la protection des lois brésilliennes. Rio de Janeiro, 10 jan. 1858, n. 1, p. 4.

LOJA DE COMESTÍVEIS
&
Charcuterie[2] francesa,
Rua da Assembleia, 35.
POIT,
Charcutier[3] de Lyon,
Sempre mantém em seu estabelecimento uma seleção completa de *charcuterie* e todas as qualidades possíveis de alimentos enlatados.
Licores,
Vinhos finos,
Frutas em calda,
Frutas em conserva,
Conservas no vinagre,
Saucissons[4] de Lyon,
Azeitonas em barril.
Único depósito de elixir e de licor da *Grande-Chartreuse*.[5]

Este anúncio, publicado pelo *L'Écho de l'Atlantique* em 1858, apresenta alguns dos principais produtos que eram vendidos pelas casas comerciais francesas na cidade do Rio de Janeiro em meados do Oitocentos. Esse tipo de loja – também chamada armazém ou casa de pasto – já existia, como é sabido, desde a colônia e foi essencial para o abastecimento de gêneros alimentícios às cidades e vilas.[6] Por muito tempo, tais lugares venderam alimentos produzidos na própria cidade do Rio ou em outras cidades da colônia ou, ainda, importados de

[2] *Charcuterie*, segundo o *Larousse Gastronomique*, é a técnica de preparação da carne, principalmente a de porco, para apresentá-las de diversas maneiras. MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*. Paris: Librairie Larousse, 1938, p. 321.
[3] *Charcutier* é o que prepara e vende as carnes da c*harcuterie*. AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*. Lisboa: Bertrand Editora, 1992, p. 287. No século XIX, o trabalho do *charcutier*, depois de ter sido considerado durante um bom tempo algo simples e primitivo, passou a ser elevado ao grau de uma arte. Cf. DRONNE, L.-F. *Charcuterie ancienne et moderne*: traité historique et pratique. Paris: Eugène Lacroix, 1869, p. 5.
[4] Uma salsicha grande e gordurosa que pode ser fabricada a partir da carne de porco à qual pode ser adicionada carne bovina, de carneiro ou de vitela. MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 976.
[5] É um licor francês que começou a ser fabricado em 1605, feito pelos monges da *Grande-Chartreuse*, convento situado na região da cidade de Grenoble, na França.
[6] SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Vida Privada e Quotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 221.

Portugal. Com o Tratado de Paz de 1814, já mencionado no primeiro capítulo, e o restabelecimento das relações entre França e Portugal e suas colônias, alguns desses armazéns passaram a comercializar uma variedade maior de produtos importados.[7]

No que dizia respeito ao Brasil e, principalmente, ao Rio de Janeiro, essa relação comercial – entre Portugal e França – foi um importante incentivo à importação de produtos e mesmo à entrada de franceses, que olhavam para a capital imperial com expectativa de enriquecimento.[8] Atraídos por esse momento favorável, muitos foram os franceses que se envolveram nas atividades comerciais,[9] alguns, como visto, participando ativamente do desenvolvimento da imprensa periódica com a publicação de impressos ou com a instalação de tipografias, trazendo técnicas até então desconhecidas ou pouco utilizadas pelos brasileiros. Outros, como será aqui explorado, se dedicaram a incrementar o paladar dos cariocas, trazendo novas comidas e instalando seus armazéns de secos e molhados e comércio de produtos importados nas vias do Rio de Janeiro.[10] Além disso, a presença da corte portuguesa, que tinha muito de seus hábitos inspirados na cultura francesa,[11] acabou incentivando a predileção dos brasileiros e, especialmente, dos cariocas por tudo o que era francês.[12] O comércio de alimentos da culinária francesa, portanto, se mostrava vantajoso, pois ter acesso ao que se comia e ao que se bebia na França agradava, e muito, aos moradores da cidade[13] e

[7] BELLUZZO, Rosa. *Machado de Assis*: relíquias culinárias. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 19.
[8] BELLUZZO, Rosa. *Machado de Assis*, p. 19.
[9] Delso Renault escreveu que a chegada dos primeiros franceses, em 1815, era um dos "primeiros sinais de que a leve indústria francesa iria pouco a pouco esparramar-se pelas Ruas do Ouvidor e Ourives, no comércio a varejo, concorrendo com o mercado inglês de atacado, de utilidades mais pesadas". O gosto pelo francês também contribuiu para que não apenas os produtos franceses fossem bem-vistos, as lojas de propriedade dos franceses igualmente agradavam aos moradores da cidade. RENAULT, Delso. *O Rio Antigo nos anúncios de jornais* (1800-1850). Rio de Janeiro: José Olympio, 1969, p. 26-27.
[10] DUMONT, Juliette. Preciosos súditos, emigrantes atravancadores: a França e os franceses no Brasil no início do século XIX. In: VIDAL, Laurent. LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil* - séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 107-109; BELLUZZO, Rosa. *Machado de Assis*, p. 19.
[11] CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*: cozinha brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968, p. 370-371, v. 2.
[12] Durante o século XIX, foi muito comum o gosto dos brasileiros por tudo o que era de procedência francesa, tanto que alguns letrados do período afirmaram que a sociedade brasileira passava por um intenso processo de afrancesamento em seus gostos. Outros letrados, todavia, apesar de não negarem a existência desse afrancesamento, acabaram por elaborar diversas críticas a esse respeito como, por exemplo, Martins Pena. Segundo contou Lilia Moritz Schwarcz em *As Barbas do Imperador*, Martins Pena ironizava, no texto *Os dois ou O inglês maquinista* "a mania da corte de estudar francês". Ou, ainda, na obra *Sertanejo na corte*, quando assinalou o "descompasso entre a moda e a realidade local" em razão da "mania do francês". De maneira geral, por mais que alguns autores ironizassem o afrancesamento, a vontade dos brasileiros de ter modos de vida e objetos de procedência francesa não pode ser negada. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 155-156. Cf. também: CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*, p. 371, v. 2.
[13] Gilberto Freyre apontou que a maioria dos restaurantes existentes no Brasil, principalmente na primeira metade do século XIX, eram de franceses ou de ingleses. Cf. FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. São Paulo: Global, 2008, p. 62.

era, aliás, uma das maneiras mais rápidas de aqueles homens do outro lado do Atlântico partilharem um pouco da tão estimada cultura francesa.[14]

Os anúncios dos jornais franceses que circularam durante o século XIX mostraram que foram de diversas qualidades os produtos oferecidos pelas lojas comerciais instaladas no centro do Rio.[15] O já mencionado anúncio da loja de comestíveis do senhor Poit, publicado ininterruptamente nas 17 edições do *L'Écho de l'Atlantique*, de janeiro a abril de 1858,[16] indicou que ali se comercializavam vinhos, licores, embutidos, doces, entre outras iguarias.[17] Os embutidos, descritos em detalhes pelo anúncio, eram produzidos por um cozinheiro vindo diretamente de Lyon[18] para fazer ali mesmo, naquele endereço, as *charcuteries* francesas – alimentos preparados à base de carnes cruas ou cozidas. Segundo os anúncios dos jornais, os embutidos eram dos produtos mais característicos da culinária da França[19] e foram constantemente vendidos pelas lojas francesas instaladas no Rio de Janeiro. Alguns estabelecimentos, inclusive, se mostravam especialistas na produção desses embutidos como a "*charcuterie* à moda francesa", localizada na rua dos Latoeiros,[20] n. 22, em 1859, ou a

[14] Segundo Massimo Montanari, a cozinha com sua comida, assim como a linguagem, "contém e expressa a cultura de quem a pratica". Desse modo, ela constitui "um extraordinário veículo de autorrepresentação e de comunicação: não apenas é um instrumento de identidade cultural, mas talvez seja o primeiro modo para entrar em contato com culturas diversas, já que consumir o alimento alheio parece ser mais fácil - mesmo que apenas na aparência - do que decodificar-lhe a língua". MONTANARI, Massimo. Introdução. A cozinha, lugar de identidade e das trocas. In: MONTANARI, Massimo (org.). *O mundo na cozinha*: história, identidade, trocas. Trad. Valéria Pereira da Silva. São Paulo: Estação Liberdade: Senac, 2009, p. 11.

[15] Segundo Delso Renault, nem todos os gêneros alimentares eram adquiridos em um só lugar, alguns – como a carne – eram encontrados em açougues espalhados no centro da cidade. RENAULT, Delso. *O Rio Antigo nos anúncios de jornais*, p. 125.

[16] A Loja de Comestíveis do senhor Poit foi novamente anunciada pelo *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* nos meses de janeiro e fevereiro de 1860.

[17] Rosa Belluzzo registrou que a maioria dos produtos trazidos pelos primeiros franceses que vieram ao Rio de Janeiro eram os consumidos pela nobreza e por estrangeiros que estavam acostumados a eles na terral natal. Cf. BELLUZZO, Rosa. *Machado de Assis*, p. 19.

[18] A partir de 1830, a cozinha francesa já tinha sido introduzida no paladar dos cariocas, todavia, começou também a ser necessário que tais pratos fossem feitos pelos próprios cozinheiros franceses. O ar de requinte era maior e mais apreciado. RENAULT, Delso. *O Rio Antigo nos anúncios de jornais*, p. 131.

[19] A *charcuterie*, ou melhor, esse método utilizado na feitura da carne que lhe garantia um longo período de conservação, começou a fazer parte da culinária que, posteriormente, viria a ser a francesa na época do Império Romano. Segundo contou o *charcutier* e membro da Sociedade de Agricultura de Louhans, o francês Louis François Dronne, até o século V a *charcuterie* era muito respeitada entre os gauleses - que ocuparam, grosso modo, as regiões que hoje correspondem a parte do território da França, da Bélgica e da Itália - tanto que eles enviavam para Roma e para outras cidades do Império Romano uma grande quantidade de presuntos, salsichas, cervelat (um tipo de linguiça). DRONNE, Louis François. *Charcuterie ancienne et moderne*, p. 6.

[20] A rua dos Latoeiros tinha início na rua do Rosário, cortava as do Ouvidor, do Cano e da Assembleia e terminava no Largo da Carioca ao se encontrar com a rua da Vala. Cf. *Planta da cidade do Rio de Janeiro* (1858). Rio de Janeiro, 1858. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart230730/cart230730.jpg. Acessado em: 22/07/2016.

Charcuterie Speciale, localizada na rua Gonçalves Dias,[21] n. 24, em 1883, e posteriormente na rua da Assembleia,[22] n. 54, em 1885.

A loja localizada na rua dos Latoeiros tinha como proprietária a "viúva Madame Treuffart, ex-funcionária da *charcuterie* do senhor Joseph Bernard, na rua da Vala", e vendia uma grande variedade de "salsichas, salsichões, chouriços, presuntos, entre outros", servidos das "seis horas da manhã" até as "dez horas da noite, a preços bem moderados e mais barato do que qualquer outro lugar".[23] Já a *Charcuterie Speciale* informou, em 1883, que vendia "chouriços, pés de porco, presuntos, salsichões e tudo mais o que dizia a respeito a esse gênero de comércio".[24] Em outro anúncio, publicado dois anos depois, a mesma casa mostrou que, além dos alimentos já comercializados e bem conhecidos por seus clientes, vendia "chouriços brancos recheados", "*langue fourré*",[25] "salsichão de *Malakoff*", uma comuna francesa da região de *Île de France*, e "pé de porco recheado".[26]

Os embutidos franceses anunciados pelos jornais eram de diversas qualidades e podiam ser tanto produzidos no Rio quanto importados diretamente das casas comerciais da França. Concorriam diretamente com os embutidos nos anúncios das lojas francesas, as carnes cruas vendidas nas *boucheries*. Eram os *bouchers* –[27] especialistas na arte de matar e vender a carne de porco, de vaca, de ovelha, entre outras variedades – os responsáveis por oferecer tal serviço em seus açougues. Por volta de 1830, por exemplo, existiam duas casas de carnes no centro do Rio de Janeiro: a do senhor Brunet, na rua dos Latoeiros, n. 19,[28] e a "*boutique de boucher*" na rua da Cadeia,[29] n. 167.[30] Havia também aquelas lojas que não se denominavam

---

[21] Neste momento, a rua dos Latoeiros já teria recebido o nome de Gonçalves Dias. Cf. GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Souza, 1954, p. 89-90.

[22] A rua da Assembleia tinha início na Praça de D. Pedro II, cortava as do Carmo, da Quitanda, do Ourives, Gonçalves Dias e terminava no Largo da Carioca. *Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro levantada pelo engenheiro Luiz Schreiner* (1879). Rio de Janeiro: Casa de G. Leuzinger e Filhos, 1879. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1360096/cart1360096.jpg. Acessado em: 22/07/2016. Cf. também: GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*, p. 44-46.

[23] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*: ce journal parait tous les dimanches. Rio de Janeiro, 6 nov. 1859, n. 28, p. 14. A loja da viúva Madame Treuffart foi anunciada pelo *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* nas quatro edições do mês de novembro em 1859. Nos anos seguintes, 1860, 1861 e 1862, a loja foi novamente anunciada, mas então pelo *Courrier du Brésil*.

[24] *Le Messager du Brésil*: journal français. Rio de Janeiro, 12 jul. 1883, n. 328, p. 4.

[25] Língua de vaca, de porco, de carneiro, entre outros animais, cozida e coberta com uma pele sem ser a do próprio animal. AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*, p. 713.

[26] *L'avenir du Brésil*: journal français. Rio de Janeiro, 28 nov. 1885, n. 1, p. 3.

[27] A respeito dessas mudanças, Louis François Dronne escreveu que no final do século V os alimentos de *charcuterie* foram perdendo "sua importância primitiva" e cedendo lugar para a *boucherie*. Os *bouchers* passaram a ter a responsabilidade de matar e vender a carne de porco crua. DRONNE, Louis François. *Charcuterie ancienne et moderne*, p. 6.

[28] *Le Courrier du Brésil*: feuille politique, commerciale e littéraire. Rio de Janeiro, 17 fev. 1830, n. 187, p. 4.

[29] A rua da Cadeia é o antigo nome da rua da Assembleia. Cf. GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*, p. 44.

[30] *Le Courrier du Brésil*, [s.d.], n. 34, p. 4.

boucheries, açougues ou casas de carnes, mas que vendiam carnes enlatadas importadas da Europa. Um anúncio publicado pelo *Le Courrier du Brésil*, em 1828, informou que a casa comercial, na rua da Ajuda,[31] n. 58, tinha recebido, diretamente de Nantes, na França, "*pâtés* de lebres, de sardinha e de *foie gras truffés*; *filets mignons, perdrix*[32] aux *truffes*" – uma qualidade de pássaros recheados – "perus, lebres, (...) aves de pequeno porte, faisões, frangos, lebres inteiras recheadas, salmões, entre outras variedades de carnes".[33]

Pela quantidade de anúncios sobre as *charcuteries* e as *boucheries*, esse tipo de estabelecimento, muito provavelmente, foi sucesso entre os moradores nacionais e estrangeiros, e seus produtos, de tradição secular na França,[34] ganharam o paladar do carioca mais abastado. Tal como os embutidos e as carnes, alguns doces, também muito tradicionais e valorizados na França, eram constantemente anunciados nos impressos franceses. De acordo com os anúncios, os doces ganharam mais espaço nas prateleiras das lojas franceses na segunda metade do século XIX, como no caso da loja de comestíveis do senhor Poit, mencionado acima, que vendia "frutas em calda" e "frutas em conserva".[35] Em 1860 "uma grande variedade de frutas cristalizadas" estava à venda na rua dos Ourives,[36] n. 16 B, em "caixas de 1$000, 1$200 e 1$400".[37] Um ano antes, em 1859, uma loja na rua S. José,[38] n. 60,

---

[31] A rua da Ajuda nascia da conjugação entre a rua dos Ourives e a de São José que terminava no Largo da Ajuda. *Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (1852). Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1852. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart309952/cart309952.html. Acessado em 22/07/2016. Para mais informações sobre a rua da Ajuda, ver: GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*, p. 110-111.

[32] Perdrix é o nome vulgar utilizado para denominar os pássaros selvagens. A espécie foi levada para a França no século XV por René, rei de Nápoles, toda ela comestível. MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 801. Para mais informações sobre o preparo desse tipo de pássaro, ver: CARÈME, Antoine. *Le cuisinier parisien*: l'art de la cuisine française au XIXe siècle. Paris: Bétruse et Plon, p. 67. / 91

[33] *Le Courrier du Brésil*, [s.d.] set. 1829, n. 148, p. 4.

[34] Estes produtos eram típicos das práticas alimentares francesas e existiam nessa culinária desde o tempo em que a França fazia parte da Gália. DRONNE, Louis François. *Charcuterie ancienne et moderne*, p. 6-9.

[35] *L'Écho de l'Atlantique*: journal des étrangers, publié sous la protection des lois brésiliennes. Rio de Janeiro, 10 jan. 1858, n. 1, p. 4. Para mais informações sobre a grande variedade de frutas cristalizadas e em compotas, ver: MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 346.

[36] A rua dos Ourives começava no Largo da Santa Rita e cortava as ruas da Viola, de São Pedro, do Sabão, da Alfândega, do Hospício, do Rosário, do Ouvidor, do Cano, da Assembleia e terminava na rua São José, passando, assim, no meio do centro da capital imperial. *Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (1852). Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart309952/cart309952.html. Acessado em 22/07/2016.

[37] *Courrier du Brésil*: ce journal parait tous les dimanches. Rio de Janeiro, 15 jul. 1860, n. 29, p. 6 e *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 8 jul. 1860, n. 62, p. 16. Para se ter uma ideia sobre os valores desses produtos, 10 réis daquela época equivalem a 1 centavo dos dias de hoje, 100 réis, a 10 centavos, e assim sucessivamente. Uma assinatura de três meses do *Courrier du Brésil* custava 3$000 réis, ou seja, se considerarmos que em cada mês se produziam quatro edições, cada número saía pelo preço de 250 réis. Portanto, uma caixa fechada com 25 garrafas de sucos de frutas chegava a custar 100 vezes mais que uma edição do *Courrier du Brésil*.

[38] A rua São José começava na rua da Misericórdia e, ao se encontrar com a rua dos Ourives, originava a rua da Ajuda de um lado da bifurcação e a rua do Porto do outro lado. *Planta da muito leal e heroica cidade de São*

tinha à disposição diversas qualidades de doces de frutas e doces em geral. O *Courrier du Brésil* publicou, entre os meses de dezembro de 1859 e maio de 1860, a venda de pequenas caixas de "frutas preparadas pela casa do M. Ysambert", que assinava as embalagens de "doces de ameixas *mirabelle*"[39] ao custo de 4$600, "doces de damasco sem caroço a 3$" e diversas variedades de "doces de frutas a 2$500". Em caixas ainda menores, poderiam ser compradas "ameixas *mirabelle*" pelo preço de 5$400", "doces de damascos a 2$" e "doces de cereja" ao custo de 2$500 cada caixa.[40]

As *prunes d'ente*,[41] um tipo de ameixas secas, também eram vendidas pela loja da rua S. José n. 60 ao preço de "2$000 a caixa de 3 libras" ou de "3$500 a caixa de 6 libras".[42] Outros produtos, como os "sucos de frutas", do mesmo modo, compunham esse rol de doces. Os diversos sabores eram comercializados por "1$100 ou por 2$000 as garrafas grandes" e se o cliente desejasse comprar uma caixa fechada com 24 garrafas pagaria a quantia de 23$000 ou 25$000 por cada uma delas, dependendo do sabor escolhido. A loja tinha ainda à disposição de seus clientes o nogado,[43] um doce feito com amêndoas e mel, vendido por 1$000 a 500 réis, e as *dattes*, as tâmaras, por "700 réis a caixa".[44] As tâmaras, originárias da região desértica do sul da Argélia e da Tunísia e de grande valor nutritivo – protagonizavam diversos pratos franceses como o conhecido *Dattes fourrées*,[45] em que elas eram abertas e recheadas com um creme de amêndoas.[46] Os tamarindos e a sua polpa ácida, de que eram feitos sucos ou mesmo utilizados como substituto do vinagre,[47] igualmente eram importados e vendidos na citada loja por 500 réis cada caixa pequena ou por 1$000 réis as caixas maiores.[48] O açúcar, ingrediente de muitos doces e de diversos tipos de confeitos, era vendido pelas lojas francesas na forma de *candi*, ou seja, na forma de grandes cristais usados principalmente para adoçar o café ou o chá diretamente nas xícaras. Essa forma de açúcar, que surgiu na Europa

---

Sebastião do Rio de Janeiro (1852). Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart309952/cart309952.html. Acessado em 22/07/2016.

[39] *Mirabelle* é uma espécie de ameixa.

[40] *Courrier du Brésil*, 4 dez. 1859, n. 49, p. 8.

[41] MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 899.

[42] *Courrier du Brésil*, 23 jan. 1859, n. 4, p. 6.

[43] MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 724.

[44] *Courrier du Brésil*, 23 jan. 1859, n. 4, p. 6.

[45] Para mais informações sobre a receita do *Dattes fourrées*, ver: *Cuisine à la française*: un patrimoine à partage. Disponível em: http://www.cuisinealafrancaise.com/fr/recettes/desserts-et-boulangerie/glaces-sorbets-confiseries/dattes-fourrees. Acessado em 04/06/2016.

[46] MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 415.

[47] MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 1018.

[48] *Courrier du Brésil*, 4 dez. 1859, n. 49, p. 8.

em meados do XIX, podia ser encontrado na capital do Império no depósito da rua do Cano,[49] n. 33, como anunciou o *Courrier du Brésil,* em 1855.[50]

Até o começo do século XIX, as mencionadas conservas diziam respeito às frutas e flores comestíveis mergulhadas em uma calda de açúcar. Foi só a partir de 1810 que o confeiteiro francês Nicolas Appert, em seu livro *L'Art de conserver pendant plusieurs années toutes les substances animales et végétales*, mostrou que legumes, carnes e laticínios também poderiam ser mantidos em conservas, a partir de um procedimento que se dava pela "imersão de frascos hermeticamente fechados em banho-maria".[51] Esse método de conservação dos alimentos passou a ser utilizado pelos europeus e adotados em outras localidades, visto que facilitava o transporte e a conservação dos produtos. Na França, tal procedimento se tornou recorrente na culinária e foi trazido para o Rio imperial pelos estabelecimentos franceses. Os doces em compota, vale mencionar, fizeram muito sucesso entre os brasileiros e, inclusive, era uma das sobremesas preferidas de D. Pedro II.[52]

Dos doces franceses vendidos no Rio de Janeiro, foi o chocolate um dos produtos mais anunciados e apreciados pelos cariocas daquele tempo. Descoberto pelos espanhóis na América Central, o chocolate, consumido como bebida pelos nativos, não demorou para ser levado à Espanha e se espalhar por outras regiões da Europa. Na França ele começou a ser saboreado no início do século XVII, quando o rei francês Luís XIII se casou com a princesa da Espanha Ana da Áustria que, como grande apreciadora do produto, levou para Paris todos os instrumentos necessários para a fabricação de sua bebida favorita.[53] Servido primeiramente como bebida, com o passar do tempo o chocolate foi conquistando o paladar dos franceses. No final do século XVIII e início do XIX, alguns franceses começaram a se envolver com a produção do chocolate no país, e assim surgiram as primeiras fábricas: a de "Pelletier e a chocolataria régia *Le Grand d'Aussy*". Pelletier, em 1819, pouco tempo depois de abrir sua empresa, passou a utilizar uma máquina a vapor para a feitura do chocolate, melhorando a

---

[49] A rua do Cano começava no Largo do Paço, cruzava as ruas do Carmo, da Quitanda, a Travessa do Ouvidor, a rua dos Ourives, dos Latoeiros, da Vala e terminava em frente ao Theatro de S. Pedro e o Largo do Rocio. Atualmente, a rua do Cano é a rua Sete de Setembro. *Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (1852). Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart309952/cart309952.html. Acessado em 22/07/2016.

[50] *Courrier du Brésil*, 7 out. 1855, n. 47, p. 8.

[51] FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. Trad. Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 780-781. Para mais informações ver o capítulo 43, chamado *O gosto pelas conservas* por Alberto Capatti. In: MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*, p. 779-791.

[52] MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*, p. 784. D. Pedro II, em uma de suas festas de aniversário, comemorava comendo compotas de pêssego e peras de sobremesa. BELLUZZO, Rosa. *Machado de Assis*, p. 24.

[53] FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*, p. 613-615.

qualidade do produto. Do mesmo modo, Antoine Menier abriu uma empresa que rapidamente se tornou um negócio extremamente conhecido, chegando a exportar seus produtos para o Rio de Janeiro nas décadas finais do Oitocentos.[54]

As fábricas francesas de chocolates, conhecidas como *chocolateries*, conquistaram um grande prestígio em toda a Europa durante o século XIX,[55] e seus produtos, conforme registro dos anúncios dos jornais, cruzaram o Atlântico e chegaram às prateleiras das lojas francesas do centro do Rio de Janeiro. Em 1882, um anúncio publicado pelo *Le Messager du Brésil* dizia que um chocolate com grande fama na Europa, vindo diretamente de Paris, estava disponível na capital do Império: o *Chocolat Menier*.[56] O anúncio informava aos consumidores que eles deveriam verificar se o nome do chocolate estava grafado na embalagem para que as imitações fossem evitadas, tendo-se em vista o sucesso do produto. Infelizmente, não há informações a respeito de qual era a loja ou mesmo o endereço do estabelecimento que vendia o citado chocolate Menier. Sabe-se, contudo, de acordo com os anúncios, que o produto foi divulgado em quase todos os números deste jornal francês e que foi comercializado pelo menos até 1884 – momento em que a folha encerrou as suas atividades.

Fonte: *Le Messager du Brésil*: journal français. Rio de Janeiro, 23 jun. 1882, n. 246, p. 4.

Na capital do Império não só eram vendidos os chocolates trazidos da França, como também era fabricada aqui tal especiaria. Na década de 50, os jornais franceses anunciaram a *Fabrique de Chocolat et de café*, em 1854, a loja do senhor E. Boudeau,[57] localizada na rua S. José, n. 69,[58] em 1858, e a *Fabrique Française de Chocolat de Firmin & Nozeran*, em 1859. A primeira, na rua da Vala,[59] n. 48, se apresentou como o único comércio de chocolate do Rio de Janeiro que tinha como proprietário um trabalhador de Paris que fabricava e vendia "todo o

[54] FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*, p. 616.
[55] FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*, p. 616.
[56] *Le Messager du Brésil*, 23 jun. 1882, n. 246, p. 4.
[57] A loja do senhor E. Boudeau foi anunciada cinco vezes entre os meses de setembro e dezembro de 1858 pelo *Courrier du Brésil*.
[58] *Courrier du Brésil*, 31 set. 1858, n. 44, p. 6.
[59] A rua da Vala começava na rua da Prainha, cortava as ruas Estreita de São Joaquim, das Violas, de São Pedro, do Sabão, da Alfândega, do Hospício, do Rosário, do Ouvidor, do Cano, da Assembleia e chegava no Largo da Carioca. Era paralela entre as ruas do Latoeiros e a do Fogo. *Planta da cidade do Rio de Janeiro* (1858). Rio de Janeiro, 1858. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart230730/cart230730.jpg. Acessado em: 22/07/2016.

tipo de chocolate ao creme".[60] Tempos depois em outro anúncio, essa mesma fábrica de chocolate, então de propriedade da Madame Auvigne, reforçou as propagandas e afirmou que ali sempre eram encontrados "chocolates de todas as qualidades, no varejo e no atacado".[61] E a *Fabrique Française de Chocolat de Firmin & Nozeran*, também localizada na rua da Vala, informou em um de seus anúncios a chegada de uma nova máquina de chocolate vinda diretamente da França, para que os produtos fossem produzidos com maior qualidade e seus clientes fossem mais bem atendidos, conforme se pode observar abaixo.

FABRIQUE FRANÇAISE DE CHOCOLAT
DE FIRMIN & NOZERAN

24 RUE DA VALLA 24

Pour répondre à la confiance qu'ils ont déjà obtenue de leurs nombreuses pratiques, les sieurs Firmin & Nozeran ont fait venir une machine qui amène au plus haut dégré de perfection la fabrication du chocolat.

Cette machine, œuvre remarquable du meilleur fabricant de France, est arrivée et elle travaille déjà aussi bien qu'il est possible de le désirer.

Les sieurs Firmin & Nozeran font cette annonce pour prouver au respectable public qu'à partir d'aujourd'hui ils peuvent lui fournir avec la plus grande facilité leur chocolat, déjà connu comme le meilleur de Rio de Janeiro et pareil à celui des premières maisons de Paris.

Fonte: *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 13 nov. 1859, n. 29, p. 14 e *Courrier du Brésil*, 25 dez. 1859, n. 52, p. 6.

FABRIQUE FRANÇAISE DE CHOCOLAT
DE FIRMIN & NOZERAN
24 Rua da Vala 24

Para responder à confiança que eles já possuem de seus numerosos clientes, os senhores Firmin & Nozeran trouxeram uma máquina que traz o mais alto grau de perfeição na fabricação do chocolate.

Esta máquina, trabalho notável do melhor fabricante da França, chegou e, assim como é possível desejar, já está trabalhando.

Os senhores Firmin & Nozeran veem por meio deste anúncio mostrar ao respeitável público que, a partir de hoje, eles fornecem, com maior facilidade, o chocolate já conhecido como o melhor do Rio de Janeiro e agora parecido com o das primeiras casas de Paris.

Segundo os anúncios publicados no *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, entre novembro e dezembro de 1859, e no *Courrier du Brésil*, de dezembro de 1859 a janeiro de 1860, a loja já fabricava os melhores chocolates do Rio de Janeiro, e a nova máquina prometia "o mais alto grau de perfeição na fabricação de chocolate", equiparando-se aos produzidos em Paris.

Além de o chocolate ter sido vendido como alimento, suas qualidades medicinais foram igualmente noticiadas nos jornais franceses. Em 1859, um ano depois de sua inauguração, a loja do já mencionado senhor E. Boudeau anunciou que teria se juntado com a farmácia do senhor J. F. A. Blanc, na rua Nova do Príncipe dos Cajueiros,[62] n. 75, e que

[60] *Courrier du Brésil*, 15 set. 1854, n. 1, p. 8.
[61] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 21 ago. 1859, n. 17, p. 15.
[62] A rua Nova do Príncipe dos Cajueiros, antes conhecida apenas por Príncipe dos Cajueiros, estava localizada a três quadras do Campo de Santana ou da Aclamação. Ela começava na rua da Formosa, passava pelas ruas de Santana, de São Lourenço, da Costa e da Imperatriz, e terminava na rua Nova da Conceição. *Planta da muito*

ambos fabricariam chocolates em uma máquina a vapor e os venderiam como medicamento.[63] O chocolate já era consumido como remédio desde a época em que fora descoberto pelos espanhóis na América Central e levado para ser consumido pelos europeus.[64] Os franceses, desse modo, parecem ter continuado a considerá-lo um medicamento com o passar dos séculos e não deixaram de trazer esse costume para as terras do outro lado do Atlântico. A venda de chocolates como um medicamento foi mais uma forma dos franceses comercializarem esse rico produto no Rio de Janeiro. Os anúncios dos jornais franceses, de maneira geral, mostram que os chocolates à moda francesa, seja na forma de remédio – como no caso do comércio dos senhores Boudeau e Blanc – ou de alimento, produzidos na própria capital imperial ou por vezes importados diretamente da França, foram bem recebidos pelos moradores do Rio.

O número de casas que vendiam chocolates, contudo, em nada pode ser comparada com a quantidade de lojas que anunciavam bebidas alcóolicas. Para se ter uma ideia, durante todo o século XIX são observadas pouco mais de 5 lojas de chocolate, enquanto que nos anúncios de estabelecimentos de bebidas a soma ultrapassava 40 lojas.[65] Essas casas podiam trabalhar somente com bebidas ou com bebidas e outros produtos alimentícios. A esse exemplo, a já mencionada loja do senhor Poit informou que, além dos comestíveis, vendia "vinhos finos" e "licores", como o famoso licor da *Grande-Chartreuse*, fabricado desde 1605 pelos monges do convento *Grande-Chartreuse*, situado na região da cidade de Grenoble, na França.[66]

Até os primeiros anos do Oitocentos, a propósito, os únicos vinhos importados pelos moradores do Rio de Janeiro eram os portugueses.[67] Porém, com a abertura dos portos às nações amigas, as bebidas de origem francesa passaram a ser importadas,[68] e vários foram os anúncios dos jornais franceses sobre as lojas que vendiam bebidas alcóolicas estrangeiras, especialmente francesas. Em 1828, um anúncio indicou que o senhor Ange Charles

---

leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (1852). Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart309952/cart309952.html. Acessado em 22/07/2016.

[63] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 11 set. 1859, n. 20, p. 15 e *Courrier du Brésil*, 11 set. 1859, n. 37, p. 8. O anúncio foi publicado simultaneamente por esses dois jornais franceses entre os meses de setembro e dezembro de 1859.

[64] FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*, p. 614.

[65] Para a realização desta pesquisa, foram isolados e separados por tipos todos os anúncios dos jornais franceses publicados no Rio de Janeiro no século XIX e que chegaram até nós. A partir deles é possível quantificar o número de estabelecimentos de cada tipo, bem como outras informações.

[66] *L'Écho de l'Atlantique*, 10 jan. 1858, n. 1, p. 4.

[67] ALGRANTI, Leila Mezan. Tabernas e Botequins: cotidiano e sociabilidades no Rio de Janeiro (1808-1821). In: *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, jul./dez. 2011, p. 35.

[68] RENAULT, Delso. *Rio de Janeiro*: a vida da cidade refletida nos jornais (1850-1870). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978, p. 165.

Heroquelle tinha aberto, na rua do Cano, n. 85, "uma Loja de comestíveis e de vinhos de todas as qualidades".[69] Dois anos depois, na rua da Ajuda, n. 105, em frente ao Beco do Propósito, uma "loja de vinhos e de licores" também tinha sido inaugurada e colocava à disposição de seus clientes uma variedade de "artigos à bons preços".[70] Na década de 30, outros três anúncios ofereciam uma grande variedade de bebidas e outros produtos. Em 1831, uma loja na rua da Misericórdia,[71] n. 12, que vendia no atacado e no varejo, tinha "vinhos, licores e compotas da Europa e do Brasil", bem como "sementes de várias qualidades e sanguessugas".[72] Na rua da Direita,[73] n. 15, em 1832, um estabelecimento vendia diversos vinhos franceses como os produzidos pela região de Bordeaux[74] e fabricados pelas vinícolas de *Château-Laffitte*, de *Château-Margaux*, de *Château Haut-Brion*, de *Becquel*, de *St. Estèphe*, de *St. Émilio*, de *Haut Barsac*, de *Haut Sauterne*, de *Sauterne;*[75] ou da região da Borgonha,[76] *Romanée-Conti*, produzido em *Vosne-Romanée-Conti*,[77] e ainda os espumantes da região de *Champagne*.[78] Os "excelentes vinhos de Bordeaux" também podiam ser comprados em uma loja na rua da Quitanda,[79] n. 70, ao custo de "30$000 réis o barril", em 1833, segundo o anúncio do *Le Messager*.[80]

Foi na segunda metade do século, porém, que as lojas em geral foram mais divulgadas nos jornais franceses e, consequentemente, os anúncios de bebidas alcóolicas francesas

---

[69] *Le Courrier du Brésil*, 16 ago. 1828, n. 38, p. 4.
[70] *Le Courrier du Brésil*, 13 fev. 1830, n. 186, p. 4.
[71] Rua da Misericórdia é o nome que se dá ao prolongamento da rua da Direita, atual 1° de março, depois de atravessado o Largo do Paço. Cf. *A Capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Lithog. De Steinmann e Cia, 1831. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart326112/cart326112.jpg. Acessado em: 23/07/2016.
[72] *Le Messager*: journal politique, littéraire et comercial. Rio de Janeiro, 22 out. 1831, n. 90, p. 4.
[73] A rua da Direita começava no Largo do Paço e ia até a rua da Bragança – continuação da rua Nova de São Bento onde ficava o Mosteiro de São Bento. A rua da Direita, além disso, cortava as ruas do Ouvidor, do Rosário, da Alfândega, do Sabão, de São Pedro, das Violas, dos Pescadores e o beco e a rua de Bragança. *A Capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Lithog. De Steinmann e Cia, 1831. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart326112/cart326112.jpg. Acessado em: 23/07/2016.
[74] Para mais informações sobre os vinhos da região de Bordeaux, ver: MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 210.
[75] Sauternes é um vinho branco, de sobremesa, originário de Sauternes, França.
[76] Sobre os vinhos da Borgonha, ver: MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 233.
[77] A história desse vinhedo remonta ao século III, momento em que os romanos dominavam a Gália, originando-se o nome *romanée*, que significa romanizado. No século XVIII, em 1760, o vinhedo teria sido vendido ao Príncipe de Conti, agregando seu nome e transformando-o em *Romanée-Conti*. Cf. *Borgonha e Bordeaux, o tao do vinho.* Disponível em: http://www.degustadoresemfronteiras.com.br/dsf/cursos-e-palestras/artigos/borgonha-e-bordeaux-o-tao-do-vinho-da-franca/. Acessado em 26/05/2016.
[78] A maioria dos vinhos mencionados no anúncio são produzidos pela região de Bordeaux, na França. Nesta região, aliás, até os dias de hoje, são fabricados os vinhos mais prestigiados e mais famosos do mundo. *Le Messager*, 19 maio 1832, n. 147, p. 4.
[79] A rua da Quitanda ia da rua São José até em frente ao Mosteiro de São Bento. Cf. *A Capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Lithog. De Steinmann e Cia, 1831. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart326112/cart326112.jpg. Acessado em: 23/07/2016.
[80] *Le Messager*, 14 dez. 1833, n. 308, p. 4.

puderam ser vistos com mais regularidade nas páginas finais dos impressos.[81] Neste período, podem ser mapeados nos anúncios aproximadamente 36 estabelecimentos que vendiam vinhos importados de Bordeaux e de outras regiões da França ou que ofertavam distintas qualidades de bebidas alcóolicas como licores e conhaques. O comércio dos senhores E. Pechade, O. d'Augeront et C., na rua dos Ourives, n. 58, a esse respeito noticiava "aos moradores do Rio de Janeiro e ao público em geral que se tinha aberto uma loja" que vendia vinhos, licores, além de alguns tipos de comestíveis. [82] Já o *Aux Caves Bordelaises*, de propriedade de J. Ferrand & C., na rua da Assembleia, n. 27, contava com uma "seleção completa de vinhos franceses e estrangeiros, conservas alimentares, frutas, licores", "conhaques" e "óleos", além de possuir um depósito de licor de "cassis" e de "licor da *Grande Chartreuse* de R. P. L. Garnier".[83] Três semanas depois, a mesma *Aux Caves Bordelaises* anunciou que, além dos produtos anteriormente mencionados, comercializava "sucos de frutas", "aguardente", "ameixas", "cervejas", "pães com açúcar refinado de Bordeaux", "água de flor de laranjeira", "xarope de ponche ao rum e ao *kirsch* para as noites", uma "seleção de patês *truffés*", "travessas de fígados de pato *truffés*", "doces e geleias de groselhas", "marmelos", "damascos" e "*truffés*".[84]

Vinhos, licores, conhaques e runs foram as bebidas alcóolicas mais anunciadas aos moradores da capital do Império e, muito provavelmente, pelo volume de publicidade, passaram frequentar a mesa do carioca, contribuindo para um afrancesamento no paladar daqueles homens. Com o passar do Oitocentos, mais variedades de bebidas, como champanhes, água mineral, limonadas gaseificadas e groselhas, ajudaram a compor o rol de ofertas dos anúncios. Em 1860, localizado na rua do Ouvidor,[85] n. 69, um comércio informava que tinha acabado de receber "certa quantidade de garrafas" de um "excelente rum".[86] Já o estabelecimento dos *Irmãos Lajoux* revelou ter à disposição de seus clientes os "vinhos de Bordeaux, finos ou comuns", vendidos "em barris, engradados ou em garrafas",

---

[81] CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*, p. 383, v. 2.
[82] *Courrier du Brésil*, 21 set. 1856, n. 38, p. 8.
[83] *L'Écho de l'Atlantique*, 10 jan. 1858, n. 2, p. 4. Este anúncio foi publicado apenas três vezes ao longo do mês de janeiro de 1858.
[84] *L'Écho de l'Atlantique*, 21 jan. 1858, n. 3, p. 3. Este anúncio foi publicado entre os meses de janeiro e abril de 1858.
[85] A rua do Ouvidor começava na frente do mercado, cortava as ruas do Mercado, da Direita, do Carmo, da Quitanda, dos Ourives, dos Latoeiros e da Vala e terminava no Largo de São Francisco de Paula. *Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro levantada pelo engenheiro Luiz Schreiner* (1879). Rio de Janeiro: Casa de G. Leuzinger e Filhos, 1879. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1360096/cart1360096.jpg. Acessado em: 22/07/2016.
[86] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 20 maio 1860, n. 55, p. 15.

"*champagnes*", "conhaques" e "licores *Forestier*", todos de primeira qualidade e a preços bem moderados.[87]

Ainda neste mesmo ano, o estabelecimento do já mencionado senhor Poit apareceu novamente como uma opção para os cariocas que desejavam mercadorias francesas. Segundo um anúncio do *L'Écho du Brésil de l'Amérique du Sud,* a loja, agora localizada na rua da Assembleia, n. 55, teria passado a comercializar maior variedade de bebidas alcóolicas e de produtos alimentares. Dos produtos de beber, estava à disposição uma variedade de licores finos, vendidos em caixas, garrafas ou garrafões: "*Chartreuse* branco, amarelo ou verde", "Elixir de *Raspail* e da *Grande Chartreuse*", "curaçau", "marasquino", um licor de cereja,[88] "ratafia", um licor feito de aguardente, açúcar, sumo de certas frutas e essência de alguma flor,[89] e "aniseta", um licor feito de anis.[90] Além dos "runs", "conhaques de diferentes qualidades", "absinto" e "*Champagne Sillery* espumoso" que também eram encontrados nesse estabelecimento.[91]

Na primeira metade do século XIX, as bebidas alcóolicas eram vendidas majoritariamente pelas lojas que comercializavam todos os tipos de comestíveis. Já em meados do Oitocentos, os anúncios mostram que as lojas vão ficando cada vez mais especializadas em certos segmentos de produtos. O depósito do senhor A. Garnier, por exemplo, um dos maiores estabelecimentos de venda de bebidas, localizado na rua S. José, n. 33, anunciou, ao longo de todo o mês de novembro de 1867, que ali eram comercializados licores importados da França e de outros lugares do mundo, tais como os dos "beneditinos de *Fécamp*",[92] os de "aniseta de Bordeaux", os de "aguardente de *Dantzik*", os de "ratafia de cerejas", o "rosolio", produzido na Itália, o "licor higiênico de *Raspail*", o "marasquino", o "curaçau", o "bitter" e os "xaropes de groselha, de framboesa, de orchata, de morango, entre outros".[93]

Mas foi no último quartel oitocentista que essas lojas exclusivas de bebidas ganharam força. Nas duas últimas décadas são encontrados pelo menos 20 anúncios de diferentes estabelecimentos que divulgavam somente bebidas alcóolicas. Em 1880 a loja de Thibaut et Cie., na rua da Assembleia, n. 33, segundo um anúncio no *Le Messager du Brésil*, vendia

[87] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 9 set. 1860, n. 71, p. 15.
[88] AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*, p. 941.
[89] AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*, p. 1213.
[90] AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*, p. 62.
[91] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 15 jan. 1860, n. 38, p. 14.
[92] Uma comuna francesa na região da Alta-Normandia.
[93] *La Gazette du Brésil:* journal international, politique, commercial, agricole et littéraire. Rio de Janeiro, 2 nov. 1867, n. 14, p. 4.

"vinhos de Bordeaux", "vinhos finos e ordinários", "conhaques, licores, óleos, etc".[94] Na rua S. Pedro,[95] n. 8, a loja de Alfred Meyer se mostrava um excelente lugar para a compra de diversos tipos de bebidas como os vinhos de *pommard*, de *chambertin* e da Companhia dos grandes vinhos da Borgonha,[96] os de *tokaj*,[97] de *St. Estèphe*, de *St. Emillion*, de *St. Julien*,[98] e champanhes finos[99] de marcas superiores, ao longo do ano de 1883.[100] O comércio chamado *A la ville de Bordeaux*, ou como se apresentou mais tarde *A cidade de Bordeaux*, na rua dos Ourives, n. 23 e 25, de propriedade de A. F. Videau & C, como o próprio nome sugere, anunciava que vendia "vinhos de Bordeaux em barris ou em garrafas, vinhos finos em caixas, *Château Margaux*, *Larose*, *Lafite*, *St. Emilion*, *Leoville*, *St. Julien*, *St. Estèphe*, *Haut Sauterne*; vinhos da Borgonha, *Chambertin*, *Clos Vougoet*, *Pommard* e *Romanée*", além dos "conhaques finos, licores e uma grande variedade de conservas alimentares", conforme publicado entre julho e setembro de 1883.[101]

Ainda em 1883, o comércio dos *Irmãos Bonnard*, na rua da Alfândega,[102] n. 61, informou sobre a venda de vinhos franceses superiores e importados da casa Buisson Carpentier & C., de Bordeaux ou legítimos das vinícolas de "*Chambertin, St. Julien, St. Emilion, Pontet Canet, Château Haut Brion, Château Haut Margaux, Château Haut Laffite*", bem como os vinhos de "*Château Cos d'Estournel, Château Montrose, Château Rosan Segla, Château Latour Carnet, Château Bernon, Château d'Arvile e Château Sans Souci*". Todos eram "recomendados por suas excelentes qualidades e pelo preço relativamente bem reduzido".[103] Pouco depois, em 1885, na rua S. José, n. 30, o comércio do senhor Casimir Casenave se apresentava como o único importador e vendedor das bebidas dos *Irmãos*

---

[94] *Le Messager du Brésil*, 13 jun. 1880, n. 140, p. 4.
[95] A rua de S. Pedro começava na Praça da Aclamação, atravessava todo o centro do Rio de Janeiro e acabava na Praça do Comércio. *Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro levantada pelo engenheiro Luiz Schreiner* (1879). Rio de Janeiro: Casa de G. Leuzinger e Filhos, 1879. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1360096/cart1360096.jpg. Acessado em: 22/07/2016.
[96] *Le Messager du Brésil*, 13 maio 1883, n. 311, p. 4.
[97] *Le Messager du Brésil*, 13 maio 1883, n. 311, p. 4.
[98] *Le Messager du Brésil*, 20 maio 1883, n. 313, p. 4.
[99] *Le Messager du Brésil*, 17 maio 1883, n. 312, p. 4.
[100] *Le Messager du Brésil*, 31 maio 1883, n. 316, p. 4.
[101] *Le Messager du Brésil*, 19 jul. 1883, n. 330, p. 4. O *A la ville de Bordeaux* contou com três diferentes anúncios, sendo o primeiro escrito inteiramente em francês e os outros dois escritos com algumas palavras em língua portuguesa.
[102] A rua da Alfândega era paralela à rua de S. Pedro e, por isso, também começava na Praça da Aclamação, atravessava todo o centro do Rio de Janeiro e acabava na Praça do Comércio. *Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro levantada pelo engenheiro Luiz Schreiner* (1879). Rio de Janeiro: Casa de G. Leuzinger e Filhos, 1879. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1360096/cart1360096.jpg. Acessado em: 22/07/2016.
[103] *Le Messager du Brésil*, 19 ago. 1883, n. 339, p. 4.

Cousteau de Bordeaux.[104] Também em 1885, na rua S. Pedro, n. 31 C, um estabelecimento informava que vendia "licores franceses superiores de todas as qualidades e à preços módicos", conforme um anúncio no *L'avenir du Brésil*.[105]

Muitas foram as lojas francesas que importaram ou fabricaram, ali mesmo na capital do Império, bebidas e alimentos franceses para serem comercializados no Rio de Janeiro. Os anúncios de *charcuteries*, *boucheries*, doces de frutas cristalizadas, compotas de doces, chocolates em barra ou em pó, vinhos, licores, champanhes, entre outros produtos, contribuíram para incrementar o paladar e os gostos dos moradores da cidade, visto que naquela época, como reproduzem muitos escritos, tudo o que era francês gozava do maior prestígio. Essas comidas e bebidas ao passo que conquistavam mais espaço nos anúncios dos jornais ganhavam lugar na mesa dos cariocas. Os anúncios dessas lojas, portanto, além de oferecerem diversas características e detalhes sobre os produtos anunciados, dão mostras dos alimentos e das bebidas que aos poucos foram incorporadas à mesa e aos gostos daqueles homens do Oitocentos.

Juntamente com os anúncios das lojas de bebidas e de gêneros alimentícios, os cafés, os restaurantes e as confeitarias compuseram um importante conjunto de peças comerciais grafado nos jornais franceses sobre o que comer e beber na capital do Império. Os informes de cafés, restaurantes e confeitarias, como será visto a seguir, eram recheados de descrições sobre os serviços oferecidos, o espaço físico do estabelecimento e as formas de entretenimento disponibilizadas. Tais escritos descrevem o que se comia e bebia nesses lugares e, sobretudo, oferecem indícios das preferências que marcaram uma nova dinâmica na vida social dos cariocas, agora mais voltada para os passeios nas ruas, nas lojas e nos diversos lugares de comer e beber.

3.2. Os lugares de comer e beber

Era ali, no número 76 A da rua do Ouvidor, que os moradores da cidade do Rio de Janeiro encontravam, segundo informou um anúncio publicado pelo *Courrier du Brésil*, "a melhor" confeitaria francesa em 1857. Na ocasião, o anúncio dizia que o estabelecimento oferecia "uma grande variedade de *pâtés chauds*", um tipo de massa assada com recheios de carne, de *camarons* ou de amêndoas com creme e ovos. Estavam também à disposição "merengues ao creme" e "tortas de frutas de todas as qualidades" com amêndoas, creme ou

[104] *L'avenir du Brésil*, 28 nov. 1885, n. 1, p. 3.
[105] *L'avenir du Brésil*, 28 nov. 1885, n. 1, p. 3.

frangipanes;[106] pães de tipos variados e "bolos finos para o chá"; *macarons*[107] colocados em pequenas caixas; "frutas cristalizadas"; "amêndoas finas e extras finas" e "brioches[108] quentes a toda hora". Para beber, "licores finos" e "vinhos". A confeitaria, complementou o anúncio, aceitava "todo o tipo de encomenda" para "bailes, festas, casamentos e batizados", desde que fossem realizados nos arredores ou no centro da cidade, e os clientes do famoso estabelecimento seriam "servidos com cuidado e prontidão".[109] Os cariocas encontravam nessa confeitaria uma grande variedade de alimentos doces e salgados provenientes da culinária francesa e tais opções atraíam muitos clientes. Muito mais do que servir comidas e bebidas variadas, as confeitarias, assim como os restaurantes e os cafés, de acordo com o que será aqui explorado, ficaram conhecidas por seus diversos atrativos relacionados à arquitetura dos espaços e às opções de entretenimento, fomentando um hábito que, paulatinamente, tornou-se comum entre os moradores da cidade do Rio de Janeiro: sair de casa para passear.

Desde a chegada da corte, como já explorado por uma vasta bibliografia,[110] a capital do Império passou por transformações urbanas, que promoveram uma significativa mudança no perfil da cidade.[111] As ruas do centro do Rio, para citar um exemplo do interesse deste estudo, passaram a ter seus mangues cobertos de terras e seus calçamentos acomodados, contribuindo para que diversos comércios fossem ali instalados,[112] entre os quais destacam-se os restaurantes, cafés e confeitarias. Esses estabelecimentos, conforme será observado a seguir, aos poucos foram ganharam espaço nas ruas do centro do Rio bem como nas folhas dos jornais franceses que ali eram publicadas. Em comparação com as lojas de comestíveis exploradas no tópico acima, esses estabelecimentos de comer e beber, como a mencionada confeitaria na rua do Ouvidor, n. 76, também vendiam bebidas alcóolicas majoritariamente importadas, contudo, ofereciam uma variedade maior de alimentos. Essa diversidade estava relacionada ao fato de que os pratos servidos pelos cafés, restaurantes e confeitarias eram ali mesmo preparados e, por vezes, conjugavam pratos típicos da culinária francesa com iguarias

---

[106] *Frangipanes* é uma espécie de creme de amêndoas. AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*, p. 717.
[107] Um bolinho feito de amêndoa com açúcar. AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*, p. 924.
[108] Bolo de farinha, manteiga e ovos. AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*, p. 205.
[109] *Courrier du Brésil*, 13 set. 1857, n. 38, p. 7.
[110] Sobre as transformações da cidade do Rio de Janeiro após a chegada da corte, ver, por exemplo: LIMA, OLIVEIRA. D. João VI no Brasil: 1808-1821. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1908; FRANÇA, Jean M C. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1999; RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
[111] FRANÇA, Jean M C. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*, p. 17.
[112] Após ser nomeado por D. João VI, o Intendente organizou a polícia local na tentativa de combater a criminalidade, cobriu os mangues com terra, levou calçamento às ruas que ficavam fora do centro e construiu, em 1815, um passeio no Campo de Santana. RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, p. 116.

de outras partes – como as portuguesas –, o que garantia essa oferta de comestíveis variados. Além disso, segundo as anotações dos anúncios dos jornais franceses, os lugares de comer e beber destacavam-se também pela qualidade do serviço prestado, pelo ambiente vistoso e pelas opções de lazer para os seus clientes.

Foi na 41ª edição do *L'Écho de l'Amérique du Sud*, pelo que se tem notícia, que o primeiro anúncio deste tipo foi publicado em um jornal francês.[113] No escrito, datado de 1827, o proprietário informava que tinha inaugurado um "restaurante na rua da Cadeia, n. 36", onde eram oferecidos serviços de hospedaria e refeições – "tudo o que se dizia respeito a cozinha".[114] Segundo as informações, o local oferecia serviços de alimentação e de quarto para os que ali desejassem se hospedar e iniciava, desse modo, um novo tipo de estabelecimento: os hotéis-restaurantes – conforme designação atribuída posteriormente a esse comércio. Os conhecidos hotéis-restaurantes foram muito comuns no Rio de Janeiro oitocentista e chegaram a ocupar, nos finais do século XIX, até mesmo as regiões mais distantes do centro da cidade.[115] Durante a primeira metade do Oitocentos, no entanto, existem somente alguns anúncios sobre esses espaços onde se poderia tomar as refeições e/ou se hospedar. Dentre eles, pode ser destacado o recém-inaugurado estabelecimento do senhor Castagnier,[116] em 1829, na rua Nova do Ouvidor,[117] n. 45. Tal comércio se dizia especializado em servir "uma grande variedade de pratos e de *pâtisseries* de qualidade portuguesa e francesa" e em hospedar seus clientes em todos os horários do dia a preços justos.[118]

A maioria dos hotéis, ao serem inaugurados, já informava que possuía um restaurante onde hóspedes e visitantes poderiam realizar suas refeições. Os restaurantes, por sua vez, ao perceberem a importância de disponibilizar os dois serviços, passaram a também oferecer hospedagens a seus clientes. Um exemplo disso foi o restaurante do senhor Gaya que, alguns anos depois de sua inauguração, passou a alugar quartos em sua propriedade, conforme noticiou um anúncio publicado no *Le Messager*, em 1832.[119] A união do serviço de hospedagem com o de alimentação pareceu ter sido muito bem recebida pelos cariocas, tanto

---

[113] No *L'Indépendant*, primeiro jornal francês publicado no Rio de Janeiro, não existem anúncios dessa natureza, conforme foi possível observar nos números disponíveis.
[114] *L'Écho de l'Amérique du Sud*: journal politique, commercial e littéraire. Rio de Janeiro, 21 nov. 1827, n. 41, p. 4.
[115] FRANÇA, Jean M C. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*, p. 190.
[116] Adolfo Morales de los Rios Filho, ao falar sobre a presença das confeitarias francesas no Rio de Janeiro, destacou, entre outras, a de Castagnier, *Braço de Ouro.* Cf. DE LOS RIOS FILHO, Adolfo Morales. *O Rio de Janeiro Imperial*, p. 279.
[117] A rua Nova do Ouvidor é hoje a Travessa do Ouvidor, paralela à rua da Quitanda. Cf. GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*, p. 86.
[118] *Le Courrier du Brésil*, 26 ago. 1829, n. 140, p. 4.
[119] *Le Messager*, 17 mar. 1832, n. 132, p. 4.

que pode ser considerada uma das características fundamentais para o crescimento dos hotéis instalados no Rio naquele tempo. A capital imperial crescia, e com isso apareciam novos tipos de comércio que visavam atender à necessidade de sua população. Para se ter uma ideia, na segunda metade do século XIX, de acordo com os anúncios, o número de hotéis aumentou consideravelmente em relação ao da primeira metade.[120]

A oferta de restaurantes em seus respectivos estabelecimentos aparecia como um diferencial dos hotéis.[121] Seus anúncios, por esse motivo, priorizavam a descrição dos cardápios e ofereciam diversos serviços promocionais para os que ali fizessem suas refeições diárias. Em 1856, o *Hotel des Étrangers*, segundo os anúncios publicados entre março daquele ano e junho de 1858 no *Courrier du Brésil*,[122] servia em seu "restaurante à moda de Paris" almoços com "2 pratos, ½ garrafa de vinho, pão e sobremesa" e jantares compostos de "1 ceia, 3 pratos, ½ garrafa de vinho, pão e sobremesa", ao custo de 800 e 1$200 réis, respectivamente. Seus hóspedes pagavam 45$000 réis por mês pelas duas refeições diárias, desfrutando de um desconto de 500 réis por dia em relação aos que ali não estavam hospedados.[123] Outro estabelecimento que passou a oferecer, a partir de 1858, os mesmos serviços do *Hotel des Étrangers* foi o *Hotel du Havre*, localizado na rua S. José, n. 15. O cardápio, publicado junto com o anúncio entre os meses de junho e setembro deste ano, divulgava que o restaurante do hotel servia: "almoços com 2 pratos à escolha, vinho e sobremesa, ao preço de 1$000 réis" e "jantares com sopa, 3 pratos à escolha, vinho e sobremesa, a 1$500 réis".[124] Para as refeições, oferecia ainda um serviço chamado "*cachets*", isto é, um serviço de alimentação mensal ao custo de 20$000 réis para os almoços e 25$000 réis para os jantares. Esse sistema de serviço, conforme detalhou o anúncio, era o mais utilizado de Paris e seria muito "vantajoso para as pessoas que trabalhavam nas casas comerciais [localizadas no centro do Rio de Janeiro], tendo em vista a redução do preço".[125]

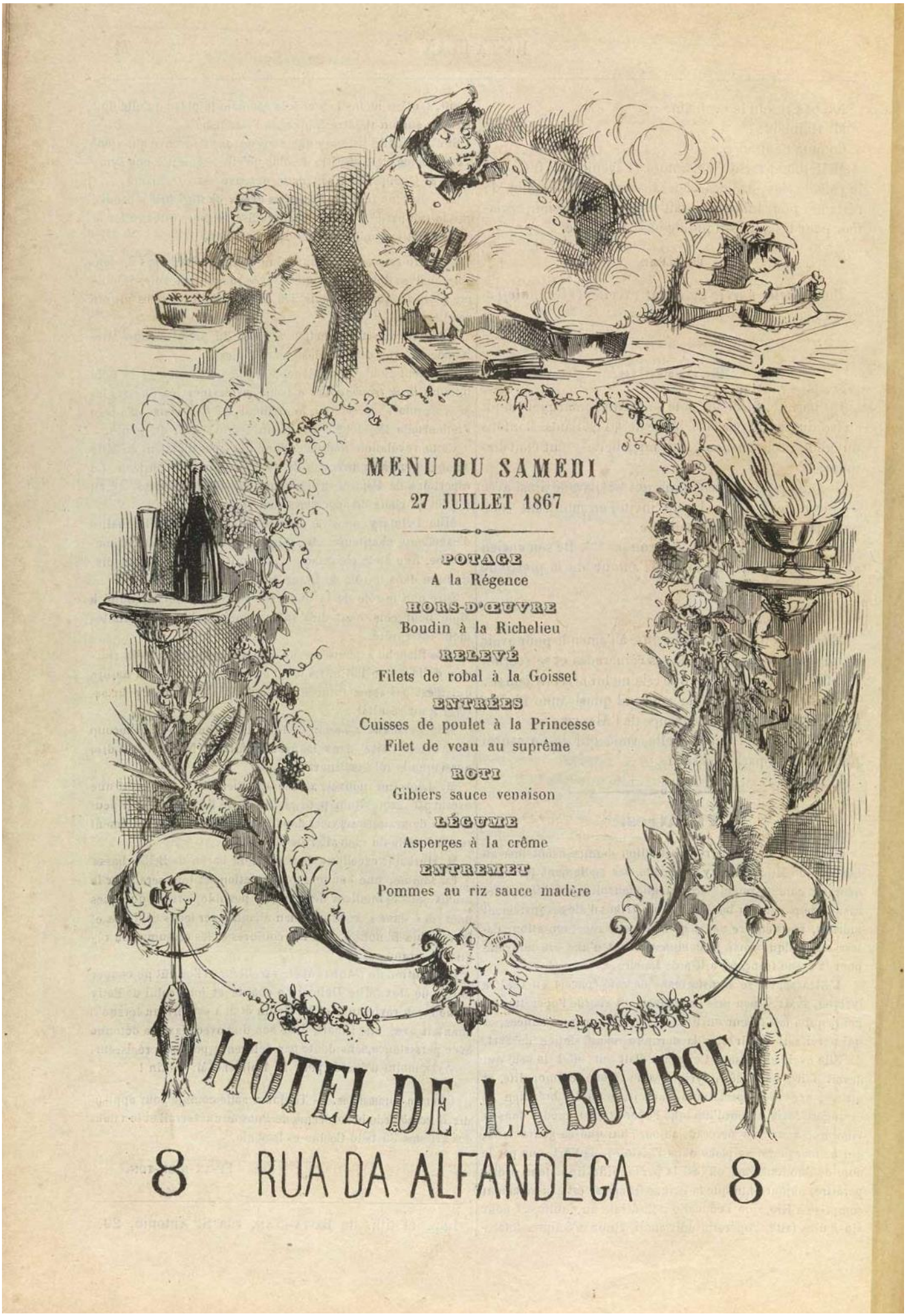
Inaugurado em 1848 e próximo às principais casas comerciais do centro do Rio, o *Hotel-Restaurant de la Bourse*, localizado na rua da Alfândega, n. 8, disponibilizava serviços parecidos com os outros hotéis-restaurantes mencionados. O anúncio, publicado seis vezes no

---

[120] RENAULT, Delso. *O Rio Antigo nos anúncios de jornais*, p. 170 e 206. Os anúncios dos jornais mostram que na primeira metade do século XIX podem ser mapeados aproximadamente oito hotéis; já na segunda metade, apenas nos anúncios publicados no *Courrier du Brésil* entre os anos de 1855 e 1862 são contados mais de 20 anúncios de hotéis que, em sua grande maioria, ofereciam serviços de hospedagem e de alimentação.
[121] Segundo Rosa Belluzzo, os hotéis franceses tinham "belíssimos salões e restaurantes refinados", algo que chamava a atenção dos clientes. Cf. BELLUZZO, Rosa. *Machado de Assis*, p. 93.
[122] O *Hotel des étrangers* contou com mais dois diferentes anúncios no *Courrier du Brésil*, totalizando três anúncios entre os anos de 1856 e 1860.
[123] *Courrier du Brésil*, 15 jul. 1860, n. 29, p. 6.
[124] *Courrier du Brésil*, 27 jun. 1858, n. 26, p. 8.
[125] *Courrier du Brésil*, 27 jun. 1858, n. 26, p. 8.

Le Nouvelliste no mês de janeiro de 1848, informava que o restaurante do hotel não contava com pratos muito variados, mas oferecia os melhores itens de consumo "à preços extremamente moderados".[126] Tempos depois, este *Hotel-Restaurant de la Bourse* foi novamente anunciado no *Courrier du Brésil*,[127] em 1860, e no *Ba-ta-clan*, em 1867, porém, apenas como *Hotel de la Bourse*. A pequena alteração no nome do estabelecimento vinha acompanhada de uma grande mudança no estilo do anúncio. O cardápio,[128] publicado junto com o anúncio, apresentava uma sofisticação e mostrava uma variedade de alimentos franceses para os que ali realizassem refeições, conforme pode ser observado a seguir:

[126] *Le Nouvelliste*. Rio de Janeiro, 15 jan. 1848, n. 563, p. 4.
[127] O *Hotel de la Bourse* aparece em quatro edições do *Courrier du Brésil*, nos meses de julho e agosto.
[128] A divisão dos serviços das refeições - potage, hors-d'oeuvres, entrées, rôtis, entremets, dessert - "atingiu renome e forma com Alexandre Barthasar Laurent Grimod de La Reynière, codificador do *Calendrier Nutritif* ou *Almanach des Gourmands*", segundo anotou Câmara Cascudo. As denominações já existiam, elas apenas foram colocadas em uma sequência disciplinar. CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*, p. 377, v. 2.



Fonte: *Ba-ta-clan*: chinoiserie franco-brésilienne. Rio de Janeiro, 27 jul. 1867, 9, p. 8.

MENU DU SAMEDI
27 de julho 1867
SOPA
À la Regence
APERITIVO
Chouriço *à la Richelieu*
RELEVÉ[129]
Filés de robalo *à la Goisset*
ENTRADAS
Coxas de frango *à la Princesse*
Filé de vitela *au suprême*
ASSADO
Aves ao molho de carne de veado
LEGUMES
Aspargos *à la crême*
SOBREMESA
Maçãs de arroz ao molho de *madère*

Neste escrito, diferentemente das outras duas ocasiões em que o estabelecimento foi anunciado, o cardápio publicado no anúncio informava minuciosamente os alimentos franceses que eram servidos pelo *Hotel de la Bourse*. Tais informações, juntamente com uma peça de propaganda cheia de figuras, era uma possível estratégia para atrair clientes para o restaurante do hotel. Outro exemplo desse tipo de anúncio que priorizava a publicação dos cardápios foi o *Hotel du Nord*, na rua da Quitanda, n. 7, que, em 1862, divulgou que tinha um "restaurante bem equipado" onde oferecia almoços com "2 pratos, ½ garrafa de vinho e sobremesa" por 800 réis e jantares com "sopa, 3 pratos, ½ garrafa de vinho e sobremesa", ao custo de 1$200 réis.[130] Essa prática de publicar anúncios acompanhados de imagens, molduras ou mesmo com fontes diferenciadas, foi algo que ganhou espaço com o desenvolvimento da imprensa, e, cada vez mais, os estabelecimentos comerciais optavam por esse tipo de publicidade que seduzia mais o leitor/consumidor pela apresentação e detalhamento dos pratos, bebidas e serviços, apesar de seus custos mais altos.

Além dos hotéis-restaurantes, os estabelecimentos especializados em servir à mesa foram também anunciados nos diversos jornais franceses da capital do Império. As peças de propaganda dos restaurantes, assim como nos anúncios dos hotéis, continham informações sobre as comidas e bebidas, os preços, os dias e os horários em que as refeições eram servidas. Em 1860, o *Grand Restaurant*,[131] de propriedade dos senhores Naderman et Comp., na rua dos Ourives, n. 17, dizia que para o almoço servia dois pratos à escolha do cliente,

[129] O *relevé* é um prato que é servido entre a sopa ou aperitivo e a entrada.
[130] *Courrier du Brésil*, 20 out. 1861, n. 42, p. 6.
[131] O *Grand Restaurant* contou com sete anúncios diferentes publicados no *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, entre agosto de 1859 e novembro de 1860, e com três no *Courrier du Brésil*, de maio 1860 e novembro de 1860.

sobremesa e ½ garrafa de vinho ao preço de 1$000 réis. Para o jantar, sopa, três pratos à escolha, sobremesa e novamente ½ garrafa de vinho, tudo por 1$500 réis.[132] Dois meses depois, o *Courrier du Brésil*, ao anunciar o mesmo estabelecimento, comunicou que além dos serviços de alimentação ofertados o restaurante teria passado a servir café depois do almoço e do jantar.[133] O *Grand Restaurant* foi anunciado pela primeira vez no *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, em 1859. Nesse tempo, seus proprietários eram os senhores Naderman & Beaumont e o local oferecia iguarias como "sopa de tartaruga" aos domingos e recebia "encomendas de *pâtisserie* e de cozinha de toda parte da cidade".[134] No ano seguinte, outro anúncio dizia que "Madame Lyon, ex-secretária do hotel Pharoux", teria se associado ao negócio de M. Naderman e, a partir daquela data, os proprietários passaram a ser os senhores Naderman et Comp. Além de informar sobre a mudança em relação aos donos do estabelecimento, o anúncio no *Courrier du Brésil* garantiu que "essa casa, vantajosamente conhecida no Rio de Janeiro, continuaria, como no passado, servindo seus clientes com cuidado e preços moderados".[135]

Outro estabelecimento que noticiou sobre seus serviços foi o *Restaurant Français*, no Largo da Carioca,[136] n. 11, ao publicar em um anúncio no *Le Nouvelliste*, em 1847, que servia "almoços das oito horas da manhã até ao meio dia e jantares do meia dia até a noite".[137] Esse mesmo restaurante, em 1859 e 1860, na rua da Ajuda, n. 116 e rua da Assembleia, n. 28, continuou a informar genericamente os serviços ofertados. Em 1859, o *Restaurant Français* dizia que tinha à disposição de seus clientes "comida caseira a um bom preço e bons vinhos franceses".[138] Aproximadamente seis meses depois, em 1860, o estabelecimento noticiou que além da comida caseira e dos vinhos franceses teria passado a oferecer "todos os dias, às cinco horas da manhã, um excelente café com leite".[139] Anos depois, em 1883, o *Restaurant de l'Europe*, na rua S. José, n. 111, igualmente informava que colocava à disposição de seus clientes "almoços ao custo de 700 réis com 3 pratos, ½ garrafa de vinho e café" e "jantares

---

[132] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 12 ago. 1860, n. 67, p. 16.
[133] *Courrier du Brésil*, 7 out. 1860, n. 41, p. 7.
[134] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 30 out. 1859, n. 27, p. 15.
[135] *Courrier du Brésil*, 6 maio 1860, n. 19, p. 7.
[136] Era para o Largo da Carioca que caminhavam as ruas da Carioca, da Vala, dos Latoeiros, da Assembleia e do Parto. O Largo ficava ainda em frente ao Convento e ao edifício da Ordem de São Francisco. *Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro* (1852). Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1852. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart309952/cart309952.html. Acessado em 22/07/2016.
[137] *Le Nouvelliste*, 30 nov. 1847, n. 544, p. 4.
[138] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 20 nov. 1859, n. 30, p. 15.
[139] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 27 maio 1860, n. 56, p. 13.

por 900 réis com 3 pratos, sopa, ½ garrafa de vinho e café".[140] Ou, ainda, o *Restaurant de la Renaissance* de Pierre Labarthe, na rua da Uruguaiana,[141] n. 41, em um de seus anúncios publicados no *Le Messager du Brésil* também em 1883 oferecia "2 pratos à escolha, um prato de arroz, sobremesa, café e ½ garrafa de vinho Bordeaux" no almoço, ao preço de 800 réis; e "sopa, 3 pratos à escolha, um prato de arroz, sobremesa, café e ½ garrafa de vinho Bordeaux" no jantar, a 1$000 réis.[142] Esse tipo de anúncio mais genérico, a propósito, com poucas especificações sobre os pratos, bebidas e outros serviços ofericidos, não foi, como se tem buscado mostar nessa parte do estudo, o mais recorrente nas peças de propagandas dos estabelecimentos de comer e beber.

O anúncio do *Restaurant-Comestibles* do senhor Long, na rua do Ouvidor, n. 107, por exemplo, pormenorizou as diversas qualidades de *pâtisserie* oferecidas, a saber: "bolos variados, *vol-au-vent*", um tipo de massa folheada com recheio "de pombo, de *volaille*"[143] ou "de *gibier*"[144]; "*pâtés chauds et froids*", isto é, uma massa assada e recheada; "*petites fours*", que são pequenos bolos recheados; "nogado", um doce feito com açúcar ou mel, castanhas assadas (amêndoas, nozes, pistache, avelãs, nozes de macadâmia), claras em neve e, às vezes, picado de frutas cristalizadas; "biscoitos" e "*pièces montées*", um bolo montado em camadas usado em festas como as de casamentos. Aos domingos e às quintas-feiras, eram colocados à venda "brioches, *savarins*[145] e *babas*".[146] Em outros anúncios, também publicados em 1856, o *Restaurant-Comestibles* continuou especificando os seus produtos, ao informar que servia "bandejas de morangos à 800 réis", "tortas de morango de diferentes preços; aspargos, couve-flor",[147] "doce de queijos à 200 réis",[148] "bolos de vários sabores, alcachofras, aspargos, manteiga fresca e conservas"; e, para acompanhar, eram servidos "vinhos e licores".[149] No ano seguinte, ao se qualificar de *au chevet brésilien*, ou seja, como um lugar que sempre estava na cabeça dos brasileiros, o estabelecimento informou que comercializava "licores

[140] *Le Messager du Brésil*, 24 jun. 1883, n. 323, p. 4.
[141] A rua Uruguaiana é a antiga rua da Vala. *Planta da cidade do Rio de Janeiro e subúrbios* (1900). Rio de Janeiro: Editores Laemmert e Cia, 1900. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart451453/cart451453.jpg. Acessado em 02/08/2016.
[142] *Le Nouvelliste*, 24 jun. 1883, n. 323, p. 4.
[143] *Volaille* é a denominação para aves domésticas, galinha, pato, pombo, peru, etc. Cf. MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 1086.
[144] *Gibier* é a denominação para animais de caça, javali, coelho, veados, etc. Cf. MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 544.
[145] Um bolo cozido em forma de anel e recheado de creme de chantilly. Cf. MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 987.
[146] Babas é um doce parecido com o *savarins*, mas banhado ao rum. Cf. MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*, p. 122. *Courrier du Brésil*, 22 jun. 1856, n. 25, p. 8.
[147] *Courrier du Brésil*, 31 ago. 1856, n. 35, p. 8.
[148] *Courrier du Brésil*, 5 out. 1856, n. 40, p. 8.
[149] *Courrier du Brésil*, 23 nov. 1856, n. 47, p. 8.

finos, queijos de *Roquefort*" – uma variedade de queijo produzidos com o leite das ovelhas de Roquefort-sur-Soulzon, na França – e *saucissons* recebidos pelos navios.[150] Esse restaurante anunciou também a venda das sofisticadas "*amandes princesses*", que eram amêndoas assadas inteiras, caramelizadas, revestidas com várias camadas de chocolate ao leite e passadas no cacau – uma especialidade apresentada como muito "rara no Brasil".[151] O *Restaurant-Comestibles* não poupou gastos para propagandear seu amplo cardápio, o qual, aliás, era produzido ali mesmo na rua do Ouvidor, n. 107 – com exceção das bebidas, que eram importadas pelos *packets*.[152]

A especificação ou não dos serviços/produtos ofertados parecia ser uma escolha do próprio estabelecimento, pois, ao selecionar o jornal onde publicaria o anúncio, o anunciante comprava o espaço de acordo com o tamanho do anúncio e a quantidade de informações pretendidas. Os cafés e as confeitarias, como já assinalado, igualmente recorreram a publicidade para atrair parte de seus clientes. Um exemplo disso foi o *Café Suisse*, fixado na rua da Assembleia, n. 57, que informou o serviço de "café fresco das 8 horas da manhã às 10 horas da noite", caldos "aos domingos, das 10 horas da manhã às 4 horas da noite" e "porções das famosas linguiças de fígado de porco, às quintas-feiras e aos sábados", no *Courrier du Brésil*, entre os meses de julho e agosto de 1857.[153] O lugar contava ainda com dois tipos de café, o "imperial" e o "nacional",[154] ao custo de 320 réis cada garrafa, e "todas as qualidades de vinhos em garrafas ou em meia garrafas".[155] Foi oferecendo "refrescos, sorvetes, almoços *à la fourchette* e ceias frias" que outro, o *Café Parisien*, na rua da Ajuda, n. 65, se promoveu em 1867, no *La Gazette du Brésil*.[156] Os vinhos, assim como as cervejas, os licores e xaropes, também eram vendidos, em 1875, no *Café Turc* de Virginie Heyriesb Lanc, na rua da Assembleia, n. 89.[157]

Além dessas variadas comidas, cafés e refrescos, os "famosos pães franceses feitos com a melhor farinha" estavam à disposição todos os dias, das 6 horas da manhã às 2 horas da tarde, na confeitaria francesa da rua da Assembleia, n. 71. Neste endereço também era comercializado o "verdadeiro *galette*[158] francês, todos os domingos das 8 horas da manhã ao

[150] *Courrier du Brésil*, 21 jun. 1857, n. 25, p. 7.
[151] *Courrier du Brésil*, 26 jul. 1856, n. 30, p. 7.
[152] Podem ser contados sete diferentes anúncios do estabelecimento do senhor Long publicado no *Courrier du Brésil* entre junho de 1856 e setembro de 1857.
[153] *Courrier du Brésil*, 6 jul. 1857, n. 27, p. 8.
[154] Não há mais especificações sobre a bebida nacional ou imperial.
[155] *Courrier du Brésil*, 6 jul. 1857, n. 27, p. 8.
[156] *La Gazette du Brésil*, 23 dez. 1867, n. 25, p. 4.
[157] *France et Brésil*, 20 jun. 1875, n. 14, p. 4.
[158] O *galette* é uma espécie de bolo redondo e chato. AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*, p. 733.

meio dia", com preços que variavam entre 500 a 1$000 réis.[159] Em outra confeitaria, a *Parisiense*, em 1861 eram servidos "brioches, *savarins, babas, trois-frères, pâtisseries de chou palmistes e de camarrons*, de carne, de vitelo e de presunto" a toda hora e todos os dias.[160] Também localizada na rua da Assembleia, mas no n. 84, a *Confiserie et Pâtisserie* do senhor Auguste Raunier fornecia constantemente "bolos de variados sabores" e "doces finos de todos os tipos; tortas, pão de ló, *savarins, tartelettes*", uma espécie de tortinha recheada, e recebia todo tipo de encomenda, que poderia ser retirada no prazo máximo de uma hora.[161] A *Confiserie et Pâtisserie*, segundo as informações dos anúncios, pareceu não ter demorado a prosperar entre os moradores do Rio. Pouco tempo depois da publicação do primeiro anúncio, outro, também publicado no *Courrier du Brésil*,[162] avisou sobre a inauguração de uma nova unidade da casa comercial, localizada agora na rua do Ouvidor, n. 76. Neste novo local, assim como no primeiro, eram servidos todos os produtos já conhecidos e "uma variedade completa de bolos, de *petites fours*, *dragées*"[163] e de "licores finos".

Na tentativa de sofisticar e singularizar a confeitaria, o anúncio sublinhava que os comestíveis eram produzidos por um "trabalhador recém-chegado de Paris" que adquirira experiência nas melhores confeitarias da capital francesa.[164] As confeitarias, assim como os mencionados cafés e restaurantes, se preocuparam em destacar, como mencionado, em seus anúncios as iguarias produzidas com o objetivo de chamar a atenção dos possíveis clientes e de caracterizar o estabelecimento. A presença de um trabalhador francês e mesmo o uso de máquinas francesas na produção dos alimentos foram formas de alardear a autenticidade na feitura das receitas e, do mesmo modo, dos sabores experimentados, como uma espécie de experiência gastronômica francesa em plena capital do Império.

De um modo geral, os cafés e as confeitarias serviam guloseimas e *pâtisseries* e os restaurantes e os hotéis-restaurantes ofereciam sopas, porções, chouriços, entre outros pratos advindos da culinária francesa. Ao anunciarem essas delícias francesas, os estabelecimentos de comer e beber se apresentavam como ótimas, ou talvez as únicas, opções para a refeição e para o passeio dos cariocas. E não somente pelas ofertas de pratos e bebidas, de acordo com os registros dos anúncios, que essas casas se destacavam como preferências de lazer, mas

[159] *Courrier du Brésil*, 23 jun. 1861, n. 25, p. 7.
[160] *Courrier du Brésil*, 13 out. 1861, n. 41, p. 6.
[161] *Courrier du Brésil*, 17 ago 1856, n. 33, p. 8.
[162] O anúncio da *Confiserie e Pâtisserie* apareceu no *Courrier du Brésil* em 17 de agosto de 1856, pela primeira vez, e em 20 de outubro de 1861, pela última vez. Durante esses cinco anos, são contadas cinco diferentes versões de anúncios.
[163] Uma espécie de confeitos, amêndoas cobertas de açúcar. AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*, p. 549.
[164] *Courrier du Brésil*, 6 set. 1857, n. 37, p. 7.

também pelas salas ou salões recém-reformados, jardins, terraços e bilhares. Esses estabelecimentos, portanto, buscavam divulgar e promover um novo tipo de entretenimento para os cariocas, voltado para a experimentação de uma boa comida estrangeira e a contemplação de belos ambientes decorados e recheados de atrativos.

Com esse propósito de impulsionar uma vida pública aos moldes da francesa, os restaurantes, cafés e confeitarias não deixaram de divulgar as suas opções de lazer nos anúncios desses jornais franceses. Já em 1828, o *Café de l'Univers* informava no *Le Courrier du Brésil* que, depois de ter mudado de proprietário, havia se tornado uma opção para os *rendez-vous* dos cariocas, isto é, passou a funcionar como um ponto de encontro dos homens do Rio de Janeiro oitocentista. O novo dono do café, o senhor Ferret, anunciou também que servia "jantares e ceias quentes, à preços razoáveis" neste estabelecimento situado perto do teatro.[165] Para serem associados aos espaços de *rendez-vous*, os diversos lugares de comer e beber vendiam a ideia de que os serviços – o atendimento, a higiene do local e os espaços – eram cuidadosamente planejados para o conforto de seus clientes. Foi oferecendo esses atrativos que o *Café de l'Univers* e o *Café de la Paix*, instalado na rua do Ouvidor, n. 181, se apresentaram no *Le Courrier du Brésil*. O *Café de la Paix* anunciou, por ocasião de sua inauguração, que levava a paz em seu nome para deixar claro que não negligenciaria pessoas de distintas nacionalidades e que seu responsável "nada deixaria a desejar aos que ali quisessem honrá-lo com a sua presença", além de oferecer um espaço tranquilo para os cariocas que ali desejassem usá-lo para encontrar os amigos.[166]

Subindo um pouco mais a rua do Ouvidor, no n. 213, o restaurante do senhor Roux deixava claro em seu anúncio que o objetivo era satisfazer a todos que para ali entrassem, fosse para procurar um lugar para se hospedar ou fosse para comer um dos seus pratos servidos *à la carte*.[167] Se apresentar como um espaço agradável a seus futuros clientes também foi a tática encontrada pelos senhores Louis e Hipolyte para divulgar o restaurante. Um anúncio do estabelecimento dizia que os proprietários "se atreviam a se gabarem de dizer que aqueles que os honrassem às suas presenças não teriam nada além de elogios para dizer sobre seus pratos ou sobre a exatidão dos serviços ofertados". Além disso, para as pessoas que preferissem realizar suas refeições de maneira mais privada, o lugar tinha à disposição algumas "salas particulares".[168]

---

[165] *Le Courrier du Brésil*, 4 out. 1828, n. 52, p. 4. (Grifos do autor).
[166] *Le Courrier du Brésil*, 15 out. 1828, n. 55, p. 4.
[167] *Le Courrier du Brésil*, [s.d.], n. 34, p. 4.
[168] *Le Courrier du Brésil*, 18 mar. 1829, n. 115, p. 4.

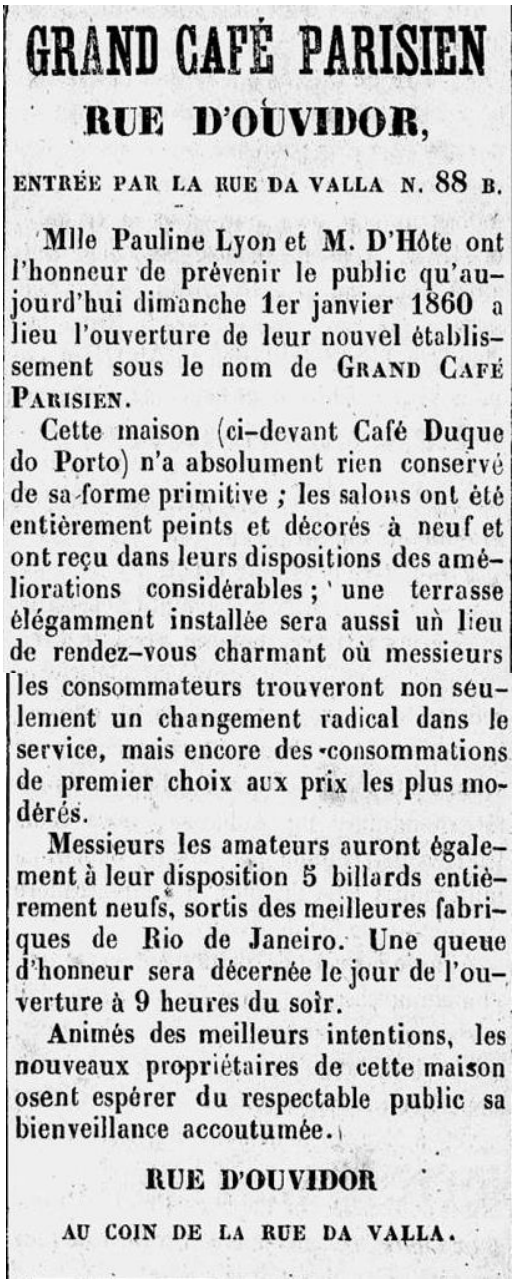
A organização e a disposição dos estabelecimentos de comer e beber foi uma tópica recorrente nos anúncios publicados pelas folhas francesas, tendo-se em vista que tais qualidades pareciam, aos olhos dos leitores e futuros clientes, cada vez mais atraentes. Alguns restaurantes, pois, preferiram chamar atenção para essas características específicas em detrimento da descrição dos cardápios ou dos preços praticados. Este foi o caso de "uma nova casa de restaurante" aberta na rua dos Latoeiros, 64, que dizia se distinguir das demais por não poupar "cuidados na limpeza da casa e na delicadeza dos pratos", tudo isso para agradar seus futuros frequentadores.[169] Um café situado na Praça do Palácio, n. 6, do mesmo modo, se promoveu como um lugar onde "os amantes de um bom café e de licores finos" encontrariam "produtos de primeira qualidade" e "toda a limpeza possível".[170]

Além destes, muitos outros estabelecimentos destacaram a comodidade, a limpeza e o bom atendimento como suas características principais. O já mencionado restaurante do senhor Gaya dizia que servia com "limpeza e celeridade" *table-d'hôte*, que eram refeições com valores e horários previamente estipulados, e aceitava acordos mensais para os que ali desejassem fazer suas refeições diárias.[171] Assim como o do senhor Gaya, o anúncio do *Café de Paris*, na rua dos Latoeiros, n. 47, que apareceu pela primeira vez em 1830, dizia que seus proprietários, o senhor e a senhora Amyot, "tinham a honra de informar ao público que eles continuariam a encontrar tudo o que eles pudessem desejar de um estabelecimento deste tipo e que eles colocariam todos seus cuidados" para possuírem um espaço agradável às pessoas que ali "desejassem honrá-los de suas presenças".[172] Os anúncios desses dois estabelecimentos mostram que as características destacadas seguiam certo padrão de apresentação, isto é, que os lugares de comer e beber desta época sempre procuraram indicar a qualidade dos serviços ofertados. Tais qualidades, juntamente com as anotações acerca dos pratos servidos e o destaque do nome dos proprietários, como mencionado, contribuíam para fazer um determinado café, restaurante ou confeitaria conhecido pelos leitores do jornal e moradores do Rio. Além disso, outras características ressaltadas pelos anúncios dos lugares de comer e beber foram os espaços físicos e as reformas que neles eram realizadas e, igualmente, a existência de atividades de entretenimento, como os bilhares

Foi destacando as características do espaço físico que o *Grand Café Parisien*, de Mademoiselle Pauline e Monsieur D'Hôte, localizado na rua do Ouvidor, mas com entrada

[169] *Le Courrier du Brésil*, 31 out. 1829, n. 158, p. 4.
[170] *Le Courrier du Brésil*, 11 nov. 1829, [s.n.], p. 4.
[171] *Le Courrier du Brésil*, 6 jan. 1830, n. 176, p. 4.
[172] *Le Courrier du Brésil*, 6 fev. 1830, n. 184, p. 4.

pela rua da Vala, n. 88, se apresentou ao público nos anúncios publicados entre 1º de janeiro e 5 de fevereiro de 1860, no *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du* Sud:



GRAND CAFÉ PARISIEN

RUE D'OUVIDOR,

ENTRÉE PAR LA RUE DA VALLA N. 88 B.

Mlle Pauline Lyon et M. D'Hôte ont l'honneur de prévenir le public qu'aujourd'hui dimanche 1er janvier 1860 a lieu l'ouverture de leur nouvel établissement sous le nom de GRAND CAFÉ PARISIEN.

Cette maison (ci-devant Café Duque do Porto) n'a absolument rien conservé de sa forme primitive ; les salons ont été entièrement peints et décorés à neuf et ont reçu dans leurs dispositions des améliorations considérables ; une terrasse élégamment installée sera aussi un lieu de rendez-vous charmant où messieurs les consommateurs trouveront non seulement un changement radical dans le service, mais encore des consommations de premier choix aux prix les plus modérés.

Messieurs les amateurs auront également à leur disposition 5 billards entièrement neufs, sortis des meilleures fabriques de Rio de Janeiro. Une queue d'honneur sera décernée le jour de l'ouverture à 9 heures du soir.

Animés des meilleurs intentions, les nouveaux propriétaires de cette maison osent espérer du respectable public sa bienveillance accoutumée.

RUE D'OUVIDOR

AU COIN DE LA RUE DA VALLA.

Fonte: *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 1 jan. 1860, n. 36, p. 14.

GRAND CAFÉ PARISIEN

RUA DO OUVIDOR

Entrada pela rua da Vala, n. 88 b.

Mademoiselle Pauline Lyon tem a honra de informar ao público que hoje, domingo, 1º de janeiro 1860, ela inaugura seu novo estabelecimento sob o nome de Grand Café Parisien.

Esta casa (em frente ao Café Duque do Porto) não tem absolutamente nada mantido de sua forma primitiva; as salas de estar foram inteiramente pintadas e decoradas e receberam em suas disposições melhoramentos consideráveis; um terraço, elegantemente instalado, que será também um charmoso lugar de encontro onde os senhores consumidores encontrarão não somente uma mudança radical no serviço, mas, igualmente, produtos de primeira qualidade a preços moderados.

Os senhores apreciadores, do mesmo modo, terão à disposição cinco mesas de bilhar inteiramente novas e feitas pelas melhoras fábricas do Rio de Janeiro. Neste dia de abertura, algumas horas serão adicionadas ao tempo de funcionamento, com início às 9 horas da noite.

Animados e com as melhores das intenções, os novos proprietários desta casa ousam esperar do respeitável público sua costumeira bondade.

Rua do Ouvidor

Esquina com a Rua da Vala.

As mudanças operadas nas salas de estar, a construção de um terraço, juntamente com a aquisição dos bilhares tinham como principal propósito deixar o ambiente mais adequado para ser um lugar de reunião, ou melhor, para ser um ponto de encontro dos cariocas. A expectativa dos proprietários do café, segundo o escrito, parecia ser alta, visto que eles

aguardavam que tais modificações contribuíssem para que eles continuassem a usufruir da costumeira fidelidade de seus clientes.

Um ano antes, o anúncio sobre a inauguração do *Café des Saisons*, na rua da Ajuda, n. 66, teve essa mesma preocupação de exaltar que o café tinha um "salão recém-decorado com vista para um jardim, com duas magníficas mesas de bilhar das mais modernas e da melhor fabricação". Além disso, o anúncio informava que o café tinha no primeiro andar uma "elegante sala de estar com uma mesa de bilhar" mais reservada, quartos decorados e uma pensão familiar.[173] Os que ali desejassem fazer suas refeições encontrariam "peças frias, comestíveis, sobremesas, vinhos e licores de todas as qualidades". O escrito foi encerrado com os dizeres de que a "proprietária empregaria todos os seus esforços para merecer a confiança daqueles que quisessem honrá-la frequentando o seu estabelecimento".[174] De forma muito parecida, o *Café Universel*,[175] na rua dos Ourives, n. 63, registrou que tinha passado "para as mãos de dois novos proprietários, os senhores Azevedo e Julien", um brasileiro e um francês, e que oferecia, por esse motivo, "uma linha dupla em relação ao serviço aos consumidores das duas nações". Segundo o anúncio, o lugar tinha sido completamente restaurado, e nenhuma outra casa oferecia o frescor, a elegância, a comodidade e a qualidade de seus produtos.[176]

As descrições sobre as reformas e melhorias realizadas nos estabelecimentos que serviam comidas e bebidas visavam, juntamente com as anotações das comidas, das bebidas e da limpeza e do cuidado, atrair maior clientela, além de garantir a fidelidade já conquistada de seus clientes, tal como grafou o anúncio do *Grand Café d'Orient* – rua do Teatro,[177] n. 33: "Este belo estabelecimento, situado no quarteirão mais aristocrático da cidade e desde há muito tempo vantajosamente conhecido" contava com um serviço de restaurante "feito inteiramente à francesa"[178] e a "toda hora do dia e da noite" disponibilizava "os pratos mais

---

[173] *Courrier du Brésil*, 15 maio 1859, n. 20, p. 7 e *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 12 jun. 1859, n. 7, p. 14. O *Courrier du Brésil* anunciou o *Café des Saisons* entre maio e agosto de 1859, contando com dois diferentes anúncios e o *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* entre junho e setembro de 1859, também com dois anúncios.

[174] *Courrier du Brésil*, 15 maio 1859, n. 20, p. 7 e *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 12 jun. 1859, n. 7, p. 14.

[175] O anúncio do *Café de l'Univers* apareceu em todas as vinte e cinco edições do *Courrier du Brésil* entre 5 de abril e 27 de setembro de 1857.

[176] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 26 jun. 1859, n. 9, p. 15.

[177] A rua do Teatro começava em frente ao Theatro de S. Pedro e terminava no Largo de São Francisco de Paula. Cf. *Planta da cidade do Rio de Janeiro* (1858). Rio de Janeiro, 1858. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart230730/cart230730.jpg. Acessado em: 22/07/2016.

[178] Conforme explicou Rosa Belluzzo, "o serviço de mesa, à francesa, obedecia a um ritual sequencial de pratos. A ordem era a seguinte: sopas, ensopados, guisados, uma carne e sobremesa. Finalizada a refeição, o café

procurados e os mais delicados".[179] O citado anúncio ainda comunicou que "os senhores apreciadores de bilhar também ter[iam] à sua disposição quatro mesas de bilhares excelentes, saídas da oficina do senhor Miranda, o célebre fabricante", além da companhia do administrador do estabelecimento, o senhor Jullien, "conhecido há pelo menos três anos como um dos primeiros jogadores de bilhar do Rio". Outra atração do local era "um delicioso jardim com vista para a rua do Cano", onde os frequentadores poderiam respirar o frescor da noite. Por fim, os proprietários esperavam que todas essas melhorias aumentassem "a estima e a simpatia" dos que desejassem honrá-los com sua confiança,[180] talvez, por isso, tenham recheado os anúncios do *Grand Café d'Orient* com tantos atrativos.

Essa expectativa do senhor Jullien parece ter sido compartilhada por Auguste Ecrepont ao anunciar a abertura de seu estabelecimento no *Courrier du Brésil*, em 1856. O proprietário, "antigo sorveteiro de Tortoni e do Café Anglais à Paris", dizia que tinha "a honra de informar ao público e, particularmente, aos seus amigos" que tinha aberto, no jardim público, "um quiosque elegantemente decorado e iluminado a gás".[181] Nessa divulgação, o local era anunciado como "charmoso e digno de receber famílias", pois "os senhores apreciadores sempre encontra[riam] excelentes sorvetes e refrescos de primeira qualidade", além de mesas dispostas para os que ali desejassem ficar para se refrescar.[182] Já o *Café des artistes*, na rua do Rosário, n. 127, 1º andar, assinalou que, após ser completamente reformado, se distinguia "pela sua extrema elegância e pelo seu bom gosto", perceptível "em sua decoração e em sua distribuição".[183] Ali era ainda encontrado "todo o conforto dos cafés de Paris: bilhares, salões, gabinetes particulares; etc." O serviço, ademais, era feito com grande cuidado, "com a mais alta delicadeza e grande prontidão", e os consumidores poderiam chegar a qualquer hora do dia, pois encontrariam uma boa recepção.[184]

O conforto das "melhores casas de Paris" também serviu de inspiração para os responsáveis do *Café Restaurant de l'Univers*.[185] Nesse café, segundo o anúncio no *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, eram encontrados quartos mobiliados e todo o "conforto de

---

passava a ser servido. BELLUZZO, Rosa. *Machado de Assis*, p. 40. Cf. também: CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*, p. 377-378, v. 2.

[179] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 5 fev. 1860, n. 41, p. 14.

[180] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 5 fev. 1860, n. 41, p. 14.

[181] *Courrier du Brésil*, 26 out. 1856, n. 43, p. 8.

[182] *Courrier du Brésil*, 26 out. 1856, n. 43, p. 8.

[183] *Courrier du Brésil*, 20 nov. 1859, n. 47, p. 8 e *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 13 nov. 1859, n. 29, p. 14.

[184] *Courrier du Brésil*, 20 nov. 1859, n. 47, p. 8 e *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 13 nov. 1859, n. 29, p. 14.

[185] O anúncio do *Café Restaurant de l'Univers* foi publicado entre os meses de março e maio de 1860 no *Courrier du Brésil* e entre os meses de janeiro e maio de 1860 no *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*.

um estabelecimento de primeira classe", porque seus proprietários gostariam de receber "a confiança do honorável público do Rio de Janeiro".[186] Tal como os estabelecimentos anteriormente citados, o já mencionado comércio de comer e beber dos senhores Naderman & Beaumont, na rua dos Ourives, n. 17, 1º andar, se autodefinia como "um restaurante inteiramente parecido com os de Paris", com todo o conforto de um estabelecimento de primeira classe e produtos a preços moderados.[187] Assim, sem entrar na questão da plausibilidade de tais analogias, os anúncios desses estabelecimentos de comer e beber não deixaram de realizar uma oportuna comparação de seus restaurantes, cafés e confeitarias com aqueles estabelecimento instalados na capital da França, seja para o leitor francês se sentir em casa em pleno Rio de Janeiro ou seja para encantar o público brasileiro enamorado pelas referências francesas daquele tempo.

Ainda sobre essas propagandas voltadas para divulgar o conforto e a elegância dessas casas cariocas, o anúncio do café de Madame Adèle Cochard informou que a proprietária tinha aberto "um estabelecimento que deve[ria] estar classificado entre os melhores da capital no que diz[ia] respeito à sua condição e ao seu conforto". O anúncio do restaurante, publicado no *Courrier du Brésil* entre 7 de outubro de 1855 e 20 de janeiro de 1856, contava que ele tinha uma ótima localização, pois ficava perto do Passeio Público e oferecia "uma sala elegantemente mobiliada, com uma cabine de sociedade, com salas de jantar, com um terraço e com um magnífico jardim".[188] Sobre os serviços de alimentação, dispunha de *table d'hôte* todos os dias "com almoços às 10 horas da manhã e jantares às 5 horas da noite". Pela proximidade com o Passeio Público,[189] Madame Cochard também servia ceias na "hora da saída dos teatros", "jantares para a alta sociedade" e pratos para diversas ocasiões festivas.[190]

---

[186] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 1 jan. 1860, n. 36, p. 14.
[187] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 31 ago. 1859, n. 19, p. 16.
[188] *Courrier du Brésil*, 7 out. 1855, n. 47, p. 8.
[189] Joaquim Manoel de Macedo escreveu que o Passeio Público sofreu com altos e baixos desde a sua construção, em meados do século XVIII. Após vários descuidos dos três últimos vice-reis do Rio de Janeiro, D. João VI, D. Pedro I e também no período da minoridade de D. Pedro II, foi com a declaração da maioridade, quando uma nova época se abriu para o Brasil, que o Passeio Público voltou a merecer a atenção do governo brasileiro. Infelizmente, segundo atentou Macedo, o momento de prosperidade foi pouco e, apesar de ser um importante ponto de encontro daquele tempo, o Passeio passou novamente a ser negligenciado pela administração do governo. Em 1860, depois de os jornais da época terem publicado reclamações sobre o desprezo com o principal local de lazer da população e com a visita pouco quista do arquiduque Maximiliano d'Áustria ao local, foram vistos novos pedidos de reforma para o Passeio, como contou Macedo. Assim, o "hábil jardineiro francês, o Sr. A. Glaziou", foi escolhido para trabalhar nas reformas do Passeio; todavia, apesar das várias investidas do governo brasileiro, Macedo apontou que ainda não poderia afirmar haver um Passeio à altura dos cariocas. Entretanto, a partir da história contada pelo célebre escritor, o Passeio Público teve um papel fundamental no crescimento da cidade do Rio de Janeiro e, embora não recebesse a devida atenção para sua manutenção, sempre esteve presente durante os momentos de lazer daqueles homens. Para mais informações ver: MACEDO, Joaquim Manoel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Prefácio de Astrojildo Pereira. Edição revisada e comentada por Gastão Penalva. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 81-133.
[190] *Courrier du Brésil*, 7 out. 1855, n. 47, p. 8.

As anotações dos anúncios sobre as reformas ou sobre as descrições dos ambientes – jardins, terraços e salões – mostram que os lugares de comer e beber, paulatinamente, passaram a oferecer e a dar mais atenção aos aspectos físicos dos comércios e não somente aos alimentos que eram por eles servidos. Além disso, conforme essas casas conquistavam espaço no centro da cidade, elas também povoavam as últimas páginas dos jornais franceses e apresentavam cada vez mais qualidades diferentes para atrair o público. A intenção dos anúncios desses lugares não era apenas informar que eles vendiam comidas e bebidas, era para mostrar que eles igualmente ofereciam diversão para os cariocas oitocentistas. Levando em consideração a existência de uma vida social cada vez mais ativa, o jogo de bilhar[191] foi uma das atividades mais noticiadas pelos anúncios dos jornais franceses da época. Muitos foram os proprietários dos lugares de comer e beber que, mesmo de passagem, anunciaram mesas de bilhar em suas casas. O *Café Impartial*, na rua dos Latoeiros, n. 13, a esse respeito informou em 1856 que seu proprietário tinha "a honra de avisar o público e, principalmente, os frequentadores de sua casa", que ele realizara alguns reparos em suas mesas de bilhar e que continuava "a servir, como de costume, com cuidado e prontidão: café, refrescos, licores e, de maneira geral, tudo o que poderia ser desejado encontrar em um estabelecimento deste gênero".[192]

Nos anos seguintes, os anúncios do *Café Impartial* continuaram a enfatizar o espaço físico e a existência das mesas de bilhar. Em 1857, um outro anúncio afirmou que o estabelecimento tinha uma sala grande, fresca e muito bem arejada, com três bons bilhares, onde os frequentadores poderiam, enquanto jogavam, ver tudo o que se passava nas ruas através das janelas ali instaladas. Além disso, no local também poderiam ser encontrados "todos os consumos das melhores qualidades".[193] Nos anos de 1858, 1859 e 1860, o *Café Impartial* noticiou a sua "boa reputação perante o público em razão de seu bom desempenho,

[191] Não se sabe muito bem quando o bilhar foi inventado, todavia, alguns registros informam que as primeiras mesas de bilhar surgiram na França em meados do século XV e que Luís XI era um praticante do jogo. Além disso, algumas gravuras dos séculos XV e XVI mostram homens pertencentes à realeza jogando algo parecido com um jogo de bilhar. Entretanto, apesar de não ser possível precisar uma data exata para sua invenção, sabe-se que foi um francês chamado Mingaud que criou o taco afilado com sola na ponta, alterando desse modo as regras do jogo. Com o passar do tempo, outros países passaram a praticar o bilhar, mas a França continuou sendo um dos principais que ofereciam esse jogo. Ao longo do século XVIII, a nobreza praticava o bilhar, e, por ser considerado uma prática da elite, ninguém podia instalar um bilhar público sem autorização da Coroa. Cf. STEER, Duncan. *Como jogar bilhar*: um guia essencial para o jogador. Trad. Adriano Messias. São Paulo: Marco Zero, 2009, p. 120-125. No Rio de Janeiro, segundo os anúncios dos jornais franceses, as primeiras mesas de bilhar começaram a existir logo após a chegada da família real, porém seu aumento significativo ocorreu na segunda metade do Oitocentos.

[192] *Courrier du Brésil*, 2 mar. 1856, n. 9, p. 8.

[193] *Courrier du Brésil*, 6 set. 1857, n. 37, p. 7.

de seus excelentes bilhares e da boa qualidade de seus consumos".[194] Em outra ocasião, quatro anos depois da publicação do primeiro anúncio, o café encontrava-se localizado no mesmo endereço e foi destacado como "um dos melhores situados no centro da cidade", ao oferecer "ao público todos os benefícios desejáveis", tanto pelos seus três bilhares quanto pela quantidade de produtos para consumo de toda espécie que estavam à disposição dos frequentadores.[195]

Assim como o *Café Impartial*,[196] em 1856, Madame Victorine contou, em um anúncio publicado pelo *Courrier du Brésil*, que tinha acabado de "ampliar seu estabelecimento" e passava a brindar seu público "com um bom bilhar e com uma sala particular recentemente renovada". Os alimentos continuariam sendo os de "primeira qualidade" e estavam disponíveis na rua da Assembleia, n. 81.[197] Um ano depois o *Café Suisse*, na rua da Assembleia, n. 57, destacou logo na primeira linha de seu anúncio a existência de duas mesas de bilhar em suas dependências.[198] O *Café de l'Univers*, do mesmo modo, informou que seus bilhares tinham sido reformados pela "vantajosamente conhecida oficina do senhor Miranda" e que um novo jogo, conhecido pelo nome de *bagatelle*, encontrava-se gratuitamente à disposição do público.[199] A sala de estar do estabelecimento, por sua vez, tinha passado por grandes reparos e era utilizada para consumo dos "refrescos das melhores qualidades". O proprietário disse, inclusive, que colocava todos "os seus esforços para fazer de seu café um ponto de encontro dos amigos", com serviços à francesa.[200]

Mesas de bilhar reformadas e um "elegante jogo de *bagatelle*" igualmente faziam parte das atrações oferecidas pelo *Café Français*, localizado na rua da Assembleia, n. 81, de responsabilidade do senhor e da senhora Puisséguer. No café, segundo o anúncio, era permanentemente encontrado "o que [havia] de melhor na cidade ou na Europa".[201] As refeições eram servidas em "uma mesa familiar para os que deseja[ssem] comer uma comida caseira, das 10 horas da manhã até às 18 horas da tarde". Os proprietários do estabelecimento, além disso, faziam de tudo para satisfazer a "clientela do presente e a do futuro" com o

---

[194] *Courrier du Brésil*, 11 ago. 1858, n. 15, p. 7 e *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 11 dez. 1859, n. 33, p. 15.
[195] Courrier du Brésil, 2 set. 1860, n. 36, p. 7 e L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud, 30 set. 1860, n. 74, p. 16.
[196] O *Café Impartial* foi anunciado no *Courrier du Brésil* nos períodos de 2 a 16 de março de 1856, de 6 a 13 de setembro de 1857, de 11 a 17 de agosto de 1858, de 11 janeiro a 4 de fevereiro de 1860 e 2 de setembro e 18 novembro de 1860. No *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* ele foi anunciado de 11 a 25 de dezembro 1859 e 30 de setembro e 4 de dezembro de 1860.
[197] *Courrier du Brésil*, 1 jun. 1856, n. 22, p. 8.
[198] *Courrier du Brésil*, 6 jul. 1856, n. 27, p. 8.
[199] *Courrier du Brésil*, 5 abr. 1857, n. 14, p. 8.
[200] *Courrier du Brésil*, 5 abr. 1857, n. 14, p. 8.
[201] *Courrier du Brésil*, 12 jul. 1857, n. 28, p. 7.

propósito de fazer da casa um "grande lugar de recreação".[202] O *Café Français* foi novamente anunciado um ano depois com o esclarecimento de que Madame Victorine Puisséguer, após a morte de seu marido, reabriria o espaço e garantiria aos "antigos frequentadores e amigos" que, assim como no passado, ele seria "a melhor escolha dos consumidores, com um rápido atendimento e preços baratos". O novo espaço, como divulgado, exibia uma grande elegância, comodidade e "três bilhares disponíveis aos senhores apreciadores".[203]

Algum tempo depois, a viúva de Puisséguer deu mais uma vez notícia de seu estabelecimento, agora no *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, "ao avisar ao público e, particularmente, aos seus frequentadores e amigos" que tinha transferido "o café e as suas mesas de bilhares do primeiro andar para o térreo da mesma casa, onde os consumidores encontra[riam] excelentes produtos".[204] Era vendido "café com leite ou com chocolate da melhor qualidade" todas os dias durante o período da manhã. E, no fim do anúncio Madame Victorine informou que não poupava esforços para fazer do seu comércio um dos mais procurados da cidade e esperava, por esse motivo, poder "continuar merecendo a confiança que gentilmente sempre lhe fora cedida".[205]

Dentre os possíveis diferenciais das casas de comer e beber, a posse dos bilhares mostrava-se como mais uma das qualidades a serem destacadas nos anúncios, tanto que algumas dessas casas chegaram a utilizar suas poucas linhas disponíveis para informar sobre suas mesas de bilhar. A esse respeito, o anúncio do *Café des Arts*, situado na rua do Cano, n. 37, registrou somente as seguintes informações: "4 bilhares; produtos de primeira qualidade".[206] Ou o do *Café des Saisons* de Madame Adèle Cochard que, após ter se apresentado, apenas reforçou que dispunha de "quartos mobiliados, 6 bilhares, pensão familiar".[207] Pelos anúncios dos jornais franceses ou, mais especificamente, pelos anúncios do *Courrier du Brésil*, podem ser contados aproximadamente 15 estabelecimentos com mais ou menos 50 bilhares, entre os anos de 1855 e 1862. Aos poucos, a concorrência aumentava, uma vez que as melhorias urbanas, os novos hábitos de passear dos cariocas, as facilidades na importação dos produtos, entre outros fatores, foram determinantes para a fixação de novos comércios, bem como para a longevidade daqueles mais antigos. A concorrência, aliás, pareceu ser uma das preocupações dos proprietários ao compor seus anúncios. O proprietário do *Novo Café*, inaugurado na rua do Ouvidor, n. 136, mas com entrada pela rua da Vala, n.

[202] *Courrier du Brésil*, 12 jul. 1857, n. 28, p. 7.
[203] *Courrier du Brésil*, 5 dez. 1858, n. 49, p. 8.
[204] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 29 abr. 1860, n. 52, p. 15.
[205] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 29 abr. 1860, n. 52, p. 15.
[206] *Courrier du Brésil*, 28 ago. 1859, n. 35, p. 8.
[207] *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, 7 ago. 1859, n. 15, p. 15.

88, ao buscar competir "com os melhores estabelecimentos da cidade do Rio de Janeiro" e fazer frente ao estabelecimento de Madame Victorine, informou em um anúncio no *Courrier du Brésil* que oferecia cinco mesas de bilhar da melhor fabricação e "uma sala de jantar com apenas uma mesa de bilhar para os que procura[vam] um lugar mais reservado". Além disso, o local não deixou de assinalar ao público que comercializava "uma grande variedade de bebida".[208]

Muitas foram, portanto, as anotações dos anúncios das folhas francesas sobre as bebidas e os alimentos vendidos pelas lojas francesas e servidos nos cafés, nas confeitarias e nos restaurantes instalados no centro da cidade. As lojas comercializavam gêneros alimentares importados ou fabricados no Rio, como as *charcuteries*, as *boucheries*, os doces de frutas cristalizadas, as compotas de doces, os chocolates em barra ou em pó, os vinhos, os licores, os champanhes, entre outros. Com o intuito de qualificar as mercadorias comercializadas, os anúncios frequentemente destacavam a procedência dos produtos, como no caso dos anúncios de bebidas alcóolicas que informavam que determinado licor era fabricado pelos monges do convento de *Grand-Chartreuse* ou que os vinhos eram produzidos na região de Bordeaux, pela vinícola de *Château-Laffitte*. As *charcuteries* – um dos alimentos mais presentes nos anúncios –, quando importadas, quase sempre vinham acompanhadas de indicações de sua procedência: "as *saucissons* de Lyon" ou "as *saucissons* de Malakoff". As lojas que vendiam chocolates, do mesmo modo, informavam que traziam chocolates diretamente da França ou produziam na capital imperial chocolates semelhantes aos comercializados pelas casas de Paris. Além disso, de acordo com o destacado ao longo do capítulo, todas as casas buscavam divulgar os nomes dos proprietários em seus anúncios, muito provavelmente como uma espécie de diferenciação dos estabelecimentos e, inclusive, como mostra de que aquela era uma casa administrada por franceses.

Uma grande variedade de pratos originários da culinária francesa – como as *pâtisseries*, o filé de vitela *au suprême*, *pâtés chauds* e *froids*, *petites fours*, brioches, *galette*, *savarins*, entre outros, além das bebidas alcóolicas, dos cafés e dos chás – constituiu os gêneros alimentares mais servidos pelos cafés, pelas confeitarias e pelos restaurantes instalados nas ruas da capital do Império, segundo indicaram os anúncios. Tais mensagens assinalaram que esses lugares tinham um bom espaço físico onde os clientes podiam conversar, realizar alguma atividade – como jogar bilhar –, ou mesmo passar o tempo. Por este motivo, os anúncios destacavam salas, salões, jardins, terraços, bem como detalhavam as

[208] *Courrier du Brésil*, 18 ago. 1858, n. 16, p. 7.

reformas realizadas pelos proprietários dos estabelecimentos. Ao apresentar, desde o início do século XIX, as características físicas e as atividades de entretenimento que ali poderiam ser realizadas, os anúncios procuraram enfatizar que tais espaços eram destinados também à diversão e ao passeio dos cariocas, e não somente eram lugares para alimentação. Essas anotações dão importantes mostras do que era valorizado em um lugar de comer e beber, ou seja, fornecem indícios sobre como os restaurantes, os cafés e as confeitarias teriam assumido uma posição de destaque na vida social dos cariocas. Vida social, a propósito, divulgada como cara, pois ao informar os preços de suas mercadorias e serviços nos anúncios, esses jornais informam igualmente o perfil dos clientes, os quais poderia gastar 1$000 réis em uma caixa de doces, enquanto uma edição de um jornal francês saía por volta de 200 réis.

Tanto as lojas quanto os cafés, os restaurantes e as confeitarias ofereceram aos moradores da cidade do Rio de Janeiro, de acordo com as informações contidas nos anúncios, a possibilidade de consumir novas comidas, novas bebidas e novos pratos. As lojas de comestíveis, assim, procuravam vender produtos tradicionais da culinária francesa e os lugares de comer e beber, além de ofertar pratos franceses, distinguiram-se, sobretudo, por pretenderem ser um outro tipo de comércio, com serviços até então pouco conhecidos dos cariocas, compondo, desse modo, uma nova dinâmica social voltada agora para os passeios nas ruas e para o hábito de comer e beber fora de casa, tendo-se em vista, principalmente, o lazer. Se considerarmos que o anúncio não só divulga o que um comércio quer vender, mas igualmente o que a sociedade quer comprar, os produtos comercializados pelas lojas francesas, como buscamos apresentar, tiveram um papel fundamental na mudança do que se comia e bebia à mesa dos cariocas. Já os lugares de comer e beber, além de oferecerem esses sabores franceses, apresentavam-se como uma opção de passeio daqueles homens oitocentistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois deste passeio pelas folhas francesas publicadas no Rio de Janeiro oitocentista, cabe mais uma vez recorrer a um desses periódicos, o *L'avenir du Brésil*. Com um nome sugestivo, este impresso registrou em 1885, na seção destinada a seus "leitores", que os jornais "só podem nascer onde as ideias estão em movimento, onde o progresso marcha, onde a civilização avança buscando atingir o seu objetivo, a perfeição da humanidade".[209] O jornalista, continuou a folha, nada mais é que um trabalhador que vai "onde há uma agitação de ideias a propagar, a fazer frutificar; onde há interesses a sustentar e a defender; onde há forças para instaurar; enfim, onde há a necessidade de um empurrão rumo ao progresso".[210] Ao mostrar a importância dos periódicos e dos jornalistas para o desenvolvimento e o crescimento de um país, levantando a bandeira de que o "grau de civilização de um povo" deve ser julgado "pelo número de seus jornais", este periódico defendeu seu quinhão na imprensa carioca daquele tempo e justificou o surgimento de mais uma folha francesa na cidade do Rio de Janeiro no século XIX.

Partilhando dessa preocupação do *L'avenir du Brésil*, quase todos os 22 impressos franceses publicados na capital do Império igualmente registraram, como visto na primeira parte deste estudo, os motivos e os objetivos de suas produções e se empenharam em assinalar seu lugar na imprensa carioca desta época, no momento em que a cidade passava por significativas mudanças e tinha a imprensa como o principal meio de comunicação e de divulgação daqueles homens. A partir de uma breve análise dos editoriais de apresentação foi possível observar que a boa localização geográfica da cidade do Rio de Janeiro para a troca de informações entre vários lugares do mundo, a existência de certa liberdade de imprensa, a tentativa de melhorar a imagem dos franceses, da França ou do jornalismo francês e a importância da língua francesa para as discussões mais árduas sobre o futuro de um país foram os temas que figuraram entre as justificativas elencadas pelos editores para a produção de seus jornais e para determinar o papel destes no mundo dos impressos do Rio oitocentista.

Embasados nos motivos que os levaram a ser produzidos, os periódicos franceses ganharam as ruas da cidade do Rio de Janeiro e se envolveram com tudo o que ali acontecia: narraram os acontecimentos e as transformações da capital do Império, emitiram opiniões sobre a política imperial, expuseram a discussão de propostas e projetos de reformulação dos

[209] *L'avenir du Brésil*: journal français. Rio de Janeiro, 28 nov. 1885, n. 1, p. 1.
[210] *L'avenir du Brésil*, 28 nov. 1885, n. 1, p. 1.

serviços públicos e, principalmente, anunciaram os diferentes estabelecimentos comerciais da cidade. Daí a necessidade de analisar mais de perto o que essas folhas francesas escreveram sobre a capital do Império no século XIX, ou melhor, analisar os assuntos que elas escolheram para relatar, com o propósito de tornar a cidade do Rio de Janeiro conhecida por seus leitores. As anotações mais frequentes dos periódicos franceses sobre a capital do Império procuraram descrever e, eventualmente, comentar acontecimentos e eventos ligados, na concepção desses impressos, ao progresso e à modernização da capital imperial. Entre estes, como foi explorado no segundo capítulo, encontram-se publicações sobre os melhoramentos na cidade relacionados às reformas das ruas, do abastecimento e do escoamento de água, a instalação dos sistemas de iluminação e a construção de estradas de ferro e de jardins públicos; acerca da política imperial, reproduziram discursos e projetos políticos e noticiaram a relação dos homens públicos com a cidade carioca; e ainda descreveram as formas de divertimento da cidade, voltadas principalmente para os eventos da vida teatral. Os jornais franceses, pois, foram praticamente unânimes ao afirmar que se instaurava uma nova forma de viver e atuar na cidade, ou seja, que a *vie moderne* chegava às terras fluminenses e se encontrava impressa em suas páginas.

Ainda com o propósito de conhecer o Rio de Janeiro que foi descrito por essas folhas, outra seção desses impressos, a dos anúncios, acabou se destacando pela divulgação de estabelecimentos comerciais, de produtos e serviços, de peças de teatro, ao registrar diversos aspectos da vida cotidiana das pessoas daquele tempo. Dentre esses escritos de propaganda, os de cafés, confeitarias e restaurantes foram aqui analisados pelo número expressivo de anúncios e especialmente por revelarem aspectos importantes daquela anunciada *vie moderne*. Entre as características destacadas por esse tipo de anúncio, a proveniência francesa dos produtos e dos pratos foi um traço presente. Outros enfatizaram os terraços, os jardins e o ambiente agradável como marcas que distinguiriam certos lugares de comer e beber dos de seus concorrentes. E houve ainda os que ressaltaram os bons serviços prestados e os divertimentos ofertados por estas casas, como os jogos de bilhar. O relevo dado pelos jornais franceses e por seus clientes/anunciantes a esses atributos dos estabelecimentos de comer e beber mostram que eles buscaram difundir a ideia de que os cafés, as confeitarias e os restaurantes eram também lugares de passeio e de *rendez-vous* dos cariocas. Além disso, ao percorrer os escritos desses anúncios foi possível perceber que os repetitivos endereços indicavam como determinadas ruas eram mais povoadas de estabelecimentos que outras, como, por exemplo, a rua do Ouvidor, a rua da Ajuda e a rua da Assembleia. A quantidade e a qualidade desse tipo de comércio tornavam determinado endereço mais frequentado e

impulsionavam a ida a essas localidades, algo que contribuiu para a formação de um novo hábito dos cariocas: o de passear, se divertir e comer fora de casa.

Seja pelas justificativas publicadas nos editoriais de primeira edição, pelos artigos sobre a cidade do Rio de Janeiro ou pelos anúncios, principalmente os que propagandeavam as confeitarias, os cafés e os restaurantes, o que se pretendeu mostrar foi como os impressos franceses dão a conhecer alguns indícios da vida social na capital imperial ao longo do século XIX. Apesar da impossibilidade de calcular o alcance desses anúncios e definir precisamente o público leitor, parece, em suma, ter sido com essas publicações, sempre inseridas nas últimas páginas, que as folhas francesas participaram de maneira mais significativa da divulgação e, consequentemente, da introdução de uma nova forma de se relacionar dos cariocas. Ao divulgar em detalhes tais lugares de comer e beber e anunciar os serviços de atendimento até então pouco conhecidos pelos moradores do Rio dessa época, os anúncios apresentavam e incutiam um novo ritmo à cidade, o qual se pautava nos passeios, nos encontros e no hábito de comer fora de casa. Muito mais poderia ser dito ou suscitado a respeito da participação das folhas francesas na imprensa carioca por meio dos anúncios de cafés, confeitarias e restaurantes ou de tantos outros – como o crescente número de peças de propaganda de médicos, remédios e doenças –, mas essas são indagações para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jornais franceses

Ba-ta-clan: chinoiserie franco-brésilienne. Rio de Janeiro, 1867-1868.

Figaro-Chroniqueur: jornal critique, comique, satyrique, anecdotique, récréatif et amusant. Publication anti-politique et anti-scientifique paraissant tous les dimanches. Rio de Janeiro, 1859.

France et Brésil: journal français. Rio de Janeiro, 1874-1875.

L'avenir du Brésil: journal français. Rio de Janeiro, 1885.

L'Écho de l'Atlantique: journal des étrangers, publié sous la protection des lois brésiliennes. Rio de Janeiro, 1858.

L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud: ce journal parait tous les dimanches. Rio de Janeiro, 1859-1860.

L'Empire du Brésil: les guides de L'Etoile du Sud. Rio de Janeiro, 1887.

L'Indépendant: feuille de commerce, politique, et littéraire. Rio de Janeiro, 1827.

La Gazette du Brésil: journal international, politique, commercial, agricole et littéraire. Rio de Janeiro, 1867-1868.

Le Courrier du Brésil: feuille politique, commerciale e littéraire. Rio de Janeiro, 1828-1830.

Le Gil-Blas: journal politique, satirique et artistique. Rio de Janeiro, 1877-1878.

Le Messager du Brésil: journal français. Rio de Janeiro, 1878-1884.

Le Nouvelliste. Rio de Janeiro, 1847-1848.

L'Écho de l'Amerique du Sud: journal politique, commercial e littéraire. Rio de Janeiro, 1827-1828.

Révue Bresilliene. Rio de Janeiro, 1830.

Revue Française: littérature, sciences, beau-arts, politique, commerce. Rio de Janeiro, 1839-1840.

Jornais brasileiros

A Aurora Fluminense: jornal político e literário. Rio de Janeiro, 1827-1839.

Almanak dos negociantes do Império do Brasil. Rio de Janeiro, 1827.

Almanak nacional do comércio do Império do Brasil. Rio de Janeiro, 1832.

Cidade do Rio. Rio de Janeiro, 1887-1902.

Correio Mercantil. Rio de Janeiro, 1848-1868.

O Anarchista Fluminense. Cidade de Nietheroy, 1835.

O Conciliador do Reino Unido. Rio de Janeiro, 1821.

O Spectador Brasileiro. Rio de Janeiro, 1824-1827.

Textos Oitocentistas

ARMITAGE, John. *História do Brazil*: desde a chegada da Real Família de Bragança em 1808, até a abdicação do Imperador D. Pedro I, em 1831. Rio de Janeiro: J. Villeneuve e Comp., 1837.

AZEVEDO, Dr. Moreira de. Biographia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc. João Caetano dos Santos. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro, t. XXXIII, parte segunda, p. 337-357, 3º trimestre de 1870.

AZEVEDO, Dr. Moreira de. Origem e desenvolvimento da Imprensa no Rio de Janeiro. *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 4º trimestre de 1865.

CAMINHA, Adolfo. Editores. In: CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1895.

CARÈME, Antoine. *Le cuisinier parisien*: l'art de la cuisine française au XIXe siècle. Paris: Bétruse et Plon, [s. d.].

Catálogo de livros portugueses que se acham à venda em casa de P. C. Dalbin & Ca. Rio de Janeiro: Tip. Régia, 1820.

Coleção das leis do Brasil de 1821. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889, vol. I.

Coleção das leis do Brasil de 1821. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889, vol. II.

D'HEILLY, Georges. *Dicionnaire des Pseudonymes*. Paris: E. Dentu, Libraire-Éditeur, 1869.

Diccionario Bibliographico Portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870, tomo nono (Segundo do suplemento: C-G).

DRONNE, L.-F. *Charcuterie ancienne et moderne*: traité historique et pratique. Paris: Eugène Lacroix, 1869.

HAMONIÈRE, G. *Le guide de conversation bresilienne et française en trois parties*: la première contenant un Vocabulaire de mots usuels par ordre alphabétique; la seconde, soixante dialogues sur differens sujets; et la troisième, um recueil d'idiotismes, d'expressions familières et de proverbes: le tout suivi d'un Tableau comparatif des Monnaies de France et du Brésil. Rio de Janeiro: Imprimeur-Libraire de sa Majesté l'Empéreur, 1825.

LEI n. 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim601.htm. Acessado em: 22/06/2015.

LUCHET, Auguste. Une répresentation a bénéfice. In: *Paris, ou le livre des cent-et-un*. Paris: Ladvocat, 1832, tome neuvième.

DUVERGIER, J. B. *Collection complète des lois, décrets, ordonnances, réglemens, et avis du conseil-d'état*. Paris: Guyot et Scribe; Charles-Béchet, 1826, tome seizième.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Anno Biographico Brazileiro*: Primeiro Volume. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico, 1876.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Anno Biographico Brazileiro*: Segundo Volume. Rio de Janeiro: Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artístico, 1876.

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Prefácio de Astrojildo Pereira. Edição revisada e comentada por Gastão Penalva. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

O Poder Legislativo no Rio - Império. Disponível em: http://www.camara.rj.gov.br/historia_imperio.php?m1=acamrio&m2=historia_camara. Acessado em 11/07/2016.

SANTOS, Padre Luiz Gonçalves dos. *Memórias para servir a história do reino do Brasil*: divididas em três épocas da felicidade, honra, e glória, escritas na Corte do Rio de Janeiro no ano de 1821 e oferecidas à S. Majestade El Rey Nosso Senhor D. João VI. Lisboa: Impressão Régia, 1825, tomo I.

Tratado de Paz entre o Príncipe Regente D. João e seus aliados e Luís XVIII Rei da França. In: Coleção de tratados, convenções, contratos e atos públicos celebrados entre a Coroa de Portugal e as mais potências desde 1640 até ao presente por José Ferreira Borges Castro. Lisboa: Imprensa Nacional, 1857, tomo IV.

Estudos

ABREU, Márcia. Libraires et editeurs français à Rio de Janeiro: les cas de Paul Martin et Pierre Constant Dalbin, p. 17-30. In: COOPER-RICHET, Diana et MOLLIER, Jean-Yves. *Le Commerce Transatlatique de Librairie*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012.

ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

ALENCAR, José. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893.

ALGRANTI, Leila Mezan. Tabernas e Botequins: cotidiano e sociabilidades no Rio de Janeiro (1808-1821). *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, jul./dez. 2011.

AZEVEDO, Domingos. *Grande Dicionário Francês/Português*. Lisboa: Bertrand Editora, 1992.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro (org.). *Machado de Assis*: crítica literária e textos diversos. São Paulo: Editora UNESP, 2013

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*: história da imprensa brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1990, v. 1.

BARMAN, Roderick J. *Imperador Cidadão*. Trad. Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

BELLUZZO, Rosa. *Machado de Assis*: relíquias culinárias. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BERGER, Paulo. *A Tipografia no Rio de Janeiro*: impressores bibliográficos 1808-1900. Rio de Janeiro: Cia. Industrial de Papel Pirahy, 1984.

Borgonha e Bordeaux, o tao do vinho. Disponível em: http://www.degustadoresemfronteiras.com.br/dsf/cursos-e-palestras/artigos/borgonha-e-bordeaux-o-tao-do-vinho-da-franca/. Acessado em 26/05/2016.

CAFEZEIRO, Edwaldo; GADELHA, Carmen. *História do Teatro Brasileiro*: um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, EDUERJ, FUNARTE, 1996.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*: cozinha brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968, v. 2.

COSTA, Emília Viotti da. Política de terra no Brasil e nos Estados Unidos. In: COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*: momentos decisivos. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CRULS, Gastão. *A Aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1965.

Cuisine à la française: un patrimoine à partage. Disponível em: http://www.cuisinealafrancaise.com/fr/recettes/desserts-et-boulangerie/glaces-sorbets-confiseries/dattes-fourrees. Acessado em 04/06/2016.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*: formação do patronato político brasileiro. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e Letra*: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: EDUSP, 1994.

FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. A presença francesa no mundo dos impressos, p. 41-52. In: KANAUSS, Paulo... (et al.) organizadores. *Revistas Ilustradas*: Modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2011.

FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz. Comércio de Livros: livreiros, livrarias e impressos. *Escritos*. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, ano 5, n. 5, 2011.

FIGUEIREDO, Cláudio; SANTOS, Nubia Melhem; LENZI, Maria Isabel Ribeiro (org.). *O Porto e a cidade*: o Rio de Janeiro entre 1565 e 1910. Rio de Janeiro, Editora: Casa da Palavra, 2005.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. Trad. Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FONSECA, Gondim da. *Biografia do Jornalismo Carioca* (1808-1908). Rio de Janeiro: Livraria da Quaresma, 1941.

FRANÇA, Jean M. C. *Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista*. Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. São Paulo: Global, 2008.

GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Souza, 1954.

GLABER, Louise. Estrada de Ferro de D. Pedro II. *Mapa*: Memória da Administração Pública Brasileira, 22 jun. 2015. Disponível em: http://linux.an.gov.br/mapa/?p=8369. Acessado em 18/12/2015.

GUIMARÃES, Lucia M. Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a. 156, n. 388, jul./set., p. 459-613.

GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricos*, n. 1, caminhos da historiografia. Rio de Janeiro, 1988, p. 5-27.

GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves de, (orgs.). *Dicionário do teatro brasileiro*: temas, formas e conceitos. São Paulo: Perspectiva; SESC São Paulo, 2006.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*: sua história. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2012.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de História do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LIMA, OLIVEIRA. *D. João VI no Brasil*: 1808-1821. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1908.

LIMA, Oliveira. *História Diplomática do Brasil*: o reconhecimento do Império. Rio de Janeiro: Garnier, 1897.

LUSTOSA, Isabel. *D. Pedro I*: um herói sem nenhum caráter. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos*: a guerra dos jornalistas na Independência, 1821-1823. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das letras*. São Paulo: EDUSP, 1973.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MALERBA, Jurandir. *O Brasil Imperial* (1808-1889): Panorama da história do Brasil no século XIX. Maringá: Eduem, 1999.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MENEZES, Pedro da Cunha; BANDEIRA, Júlio. *O Rio de Janeiro na rota dos Mares do Sul*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2004.

MEYER, Marlyse. *Do Almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil*: Da era colonial à Regência (1500-1840). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MONTAGNÉ, Prosper. *Larousse Gastronomique*. Paris: Librairie Larousse, 1938.

MONTANARI, Massimo (org.). *O mundo na cozinha*: história, identidade, trocas. Trad. Valéria Pereira da Silva. São Paulo: Estação Liberdade: Senac, 2009.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro*: 1808-1822. São Paulo: EDUSP; Kosmos, 1993.

MOREL, Marco. *O período das Regências* (1831-1840). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. A Vida Política. In: SILVA, Alberto da Costa e. *Crise Colonial e Independência*: 1808-1830. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2011, v. 1.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. A “guerra das penas”: os impressos políticos e a independência do Brasil. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, dez. 1999.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Livreiros franceses no Rio de Janeiro*: 1799-1824, p. 7. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/bb3aea30006796253008218e5bdda0c1.pdf>. Acessado em 30/05/2015.

PEREIRA, Milena da Silveira. *A crítica que fez história*: as associações literárias no Oitocentos. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

PERIQUITO, Margarida. O Orlando Furioso. Génese. In: ARIOSTO, Ludovico. *Orlando Furioso*. Tradução Margarida Periquito. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2007.

PONDÉ, Francisco de Paulo e Azevedo. *O Gás na Iluminação e na Calefação da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Companhia Estadual de Gás - CEG - GB, 1971.

RENAULT, Delso. *O Rio Antigo nos anúncios de jornais* (1800-1850). Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

RENAULT, Delso. *Rio de Janeiro*: a vida da cidade refletida nos jornais (1850-1870). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

ROCHA, Antonio Penalves (org.). *Visconde de Cairu*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

SALIBA, Elias Tomé. *Raízes do Riso*: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos tipógrafos. *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. A arcádia francesa chega ao Brasil: as telas melancólicas de Nicolas-Antoine Taunay. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). *Cinco séculos de presença francesa no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Vida Privada e Quotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

SILVA, Maria Lais Pereira da. *Os transportes coletivos na cidade do Rio de Janeiro*: tensões e conflitos. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência*: retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Ed. UFF, 1999.

STEER, Duncan. *Como jogar bilhar*: um guia essencial para o jogador. Trad. Adriano Messias. São Paulo: Marco Zero, 2009.

Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=40&cdP=18. Acessado em 18/11/2015.

Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=55&cdP=19. Acessado em 18/11/2015.

Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/TeatroXPeriodo.asp?cod=51&cdP=18. Acessado em 02/11/2015.

Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ctac.gov.br/centrohistorico/temahistorico.asp?cod=18. Acessado em 09/11/2015.

TERRA, Carlos Gonçalves. O prazer no jardim. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (org.). *Vida divertida*: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

VIDAL, Laurent. LUCA, Tania Regina de (orgs.). *Franceses no Brasil* - séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

Mapas

A Capital do Brasil. Rio de Janeiro: Lithog. De Steinmann e Cia, 1831. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart326112/cart326112.jpg. Acessado em: 23/07/2016.

Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro levantada pelo engenheiro Luiz Schreiner (1879). Rio de Janeiro: Casa de G. Leuzinger e Filhos, 1879. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart1360096/cart1360096.jpg Acessado em: 22/07/2016.

Planta da cidade do Rio de Janeiro (1858). Rio de Janeiro, 1858. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart230730/cart230730.jpg. Acessado em: 22/07/2016.

Planta da cidade do Rio de Janeiro e subúrbios (1900). Rio de Janeiro: Editores Laemmert e Cia, 1900. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart451453/cart451453.jpg. Acessado em 02/08/2016.

Planta da muito leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (1852). Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1852. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart309952/cart309952.html. Acessado em 22/07/2016.

TRADUÇÃO DOS EDITORIAIS DE PRIMEIRA EDIÇÃO DOS JORNAIS FRANCESES PUBLICADOS NO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX

***L'INDÉPENDANT*:** feuille de commerce, politique et litteraire. Rio de Janeiro: Imprimerie Impèriale de P. Plancher-Seignot, 1827.

O *L'Indépendant* foi o primeiro jornal francês publicado no Rio de Janeiro no século XIX. Redigido por Pierre Plancher e produzido por sua tipografia, Imprimerie Impèriale de P. Plancher-Seignot, situada na rua do Ouvidor, n. 95, o periódico contou com apenas dez edições. A primeira data, de 1º de abril de 1827, e a última, de 24 de junho do mesmo ano, todas disponíveis no site da Hemeroteca Digital, associado à Biblioteca Nacional. O *L'Indépendant*, além disso, podia ser adquirido por assinaturas que variavam de três, seis e 12 meses ao custo de 1$600, 2$800 e 4$800 réis, respectivamente. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

Prospecto

Como era de esperar, a aparição de uma folha periódica escrita em francês no Rio de Janeiro causaria certa surpresa ao público, por isso, acreditamos ser necessário explicar, em poucas palavras, aos nossos leitores, os motivos que nos levaram a publicá-la.

São vários os motivos, e os mais decisivos estão fundados sobre o exemplo e – como podemos bem acreditar – sobre a esperança de um pleno sucesso de nossa empresa. De fato, ninguém ignora que na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, na Holanda, etc. se publicam jornais em língua francesa. Em nosso continente americano, em Nova York e Buenos Aires, também existem jornais franceses. Além disso, os próprios turcos, os selvagens Osmanlis, a partir do momento em que sentiram a necessidade de influenciar a opinião na Europa, perceberam que precisariam utilizar um idioma cuja universalidade é geralmente reconhecida. Do mesmo modo, vemos algo parecido em Smyrne, sob os auspícios de um *Pacha* de três caudas, um S*pectateur Oriental*, que luta diariamente e destrói há mais de cinco anos os pobres gregos, ou melhor – é necessário dizer – , um pouco turcos, mas enfim inteligíveis para as pessoas que sabem o francês. Agora, nós lhes pedimos, se as folhas periódicas redigidas em francês têm sucesso em cidades como Londres, Frankfurt, Nova York, etc., ou seja, nos países onde as obras periódicas nacionais têm um público perfeitamente consciente das flutuações da política, da caminhada do espírito humano e dos eventos, mesmo que sejam os menos

importantes desse mundo, o que não deve fazer a nossa folha hebdomadária francesa em uma capital rica, populosa, esclarecida? No entanto, não é culpa dos jornais se não temos na Europa a reputação de pessoas mais lamentavelmente atrasadas das duas Américas. Um jornal francês se sustenta em Buenos Aires, e ele cairia muito bem no Rio de Janeiro, a verdadeira metrópole da América do Sul, o ponto central das relações entre a Índia, a Europa e o Grande Oceano Pacífico; no Rio de Janeiro, onde vemos uma competição prodigiosa de estrangeiros de todos os países cujo meio de comunicação intelectual é o francês; no Rio de Janeiro, enfim, onde toda pessoa cujo espírito recebeu alguma cultura fala ou pelo menos entende e lê o francês? Isso é contra toda probabilidade!...

(Parte ilegível) Há muito tempo que se diz: a comida mais suculenta não é a que melhor convém aos estômagos mais fracos. A liberdade da imprensa, a garantia de toda a liberdade, o freio do poder sem o qual o governo constitucional não seria a longo prazo um escárnio constitucional, essa liberdade, nos diriam, tão preciosa e tão benéfica para si, pode ter, no entanto, graves inconvenientes quando tudo de uma vez que está estabelecido no meio de um povo sem uma experiência revolucionária e cuja formação política ainda está por fazer. A discussão de questões que aparecem, num primeiro momento como as mais simples, inflama muitas vezes os espíritos porque um povo em revolução (e nós consideramos revolução toda mudança brusca e fundamental em uma forma de governo), a imensa maioria de seus cidadãos, não tem os princípios fixos que somente a experiência dá aos povos, faltam as noções necessárias para preservar o efeito contagioso de uma polêmica apaixonante. Quantas vezes, durante a memorável revolução francesa, não se chegou ao ponto de os mais generosos defensores da liberdade do povo desejarem que a parte bruta desse mesmo povo fosse mantida fora desses debates? Quantas vezes eles não desejaram e esperaram em vão ter à sua disposição um meio de publicidade que não estava ao alcance dos homens vulgares e, portanto, muito menos provável do que aquele que foi estabelecido? O que esses espíritos esclarecidos e esses verdadeiros patriotas desejam nós temos em nosso poder. O meio de comunicação exclusivo ao alcance de inteligências um pouco desenvolvidas é a língua francesa. É neste idioma – que pode ser considerado o idioma da parte superior da população, que realmente e por toda parte constitui a população – que as questões mais árduas e as mais delicadas da organização social podem, entre nós, ser discutidas sem perigo.

L'INDEPENDANT, escrito sabiamente dentro dos princípios monárquicos e francamente constitucionais, será, nós esperamos, uma arena sempre aberta a essa polêmica livre, mas decente, e as úteis verdades que servirão, para o meio, o desenvolver e o derramar,

serão a prova de que a notícia publicada em uma folha francesa não constituirá somente o interesse pessoal de seu proprietário.

L'ÉCHO DE L'AMERIQUE DU SUD: journal politique, commercial e littéraire. Rio de Janeiro: Imprimerie Impèriale de P. Plancher-Seignot, 1827 e Imprimerie de L'Écho de l'Amérique du Sud, 1828.

O *L'Écho de l'Amerique du Sud* passou a ser publicado em 1827, depois de o *L'Indépendant* ter parado com suas publicações. Ao longo de seu primeiro ano, foi produzido pela tipografia Imprimerie Impèriale de P. Plancher-Seignot; já em 1828 foi produzido pela Imprimerie de L'Écho de l'Amérique du Sud. O chefe de redação deste periódico foi E. Sevène; seu escritório ficava localizado na rua da Direita, n. 11, em 1827, e na rua da Quitanda, n. 63, no ano seguinte. Ao longo desse período, o jornal contou com 74 edições, 51 em 1827, sendo a primeira edição de 30 de junho, e 23 em 1828, sendo a última em 29 de março – todas as edições estão disponíveis no site da Hemeroteca Digital – e podia ser adquirido por assinaturas de três, seis e 12 meses, ao custo de 2$400, 4$800 e 9$600 réis, respectivamente. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

AVISOS

Para seguir as convenções feitas entre M. P. Plancher e este editor, o L'Indépendant, deixou de ser publicado. Os senhores assinantes receberão os dois primeiros números do L'Écho para completar o primeiro trimestre da assinatura, e assim por diante.

Os novos assinantes que desejarem receber os dez números do L'Indépendant sempre os encontrarão na casa de M. Plancher e no escritório do jornal.

Eu aproveito essa ocasião para declarar que M. Plancher está inteiramente fora da redação do L'Écho de l'Amerique du Sud, que sairá às quartas-feiras e aos sábados de cada semana, e que eu sou o editor-proprietário e redator responsável.[1]

E. SEVENE.

PROSPECTO

[1] Grifos do autor.

Desde que o *L'Indépendant* foi universalmente proclamado sobre o vasto continente da América do Sul, desde que nessa parte do Novo Mundo a força das armas se pronunciou em favor do voto do povo e do bom direito, os novos governantes tomaram o lugar das metrópoles e sentiram a necessidade de cercar a luz da civilização para formar o espírito dos cidadãos das instituições liberais. As folhas periódicas, animadas com o fôlego criativo da liberdade de imprensa, espalham os bons feitos da instrução; sua multiplicidade sempre aumenta, atestando as poderosas vantagens dessa mesma liberdade e mostrando ao mesmo tempo que os novos governantes da América do Sul, ao permitir o livre desenvolvimento do pensamento, são colocados no único caminho da salvação que garante sua futura existência.

Publicando uma folha periódica em francês, nossa intenção é sustentar os princípios da legislação que os novos governos da América do Sul proclamaram na era de sua Independência. Nosso objetivo é desenvolver na esfera de seus inúmeros benefícios – o governo representativo – a presença da generosidade de S. M. Dom Pedro à nação brasileira. Nosso zelo e nossos esforços não serão esquecidos para cumprirmos dignamente os deveres de tal importância.

O Rio de Janeiro, ponto central de relações entre a América do Norte, a Europa, a Índia e o Oceano Pacífico, nos abre para fáceis comunicações com esses países; o número e a rapidez das comunicações são um presságio favorável ao sucesso de nossa empresa. Registrar, a partir de fontes credenciadas, as notícias políticas que incitam no Brasil o interesse e a curiosidade; publicar os discursos pronunciados nas assembleias legislativas da Europa e dos Estados Unidos, notáveis para a importância de questões ou para sua novidade; expor com senso crítico os documentos da história contemporânea; fornecer ansiosamente os conceitos relevantes ao comércio da França, da Inglaterra e de outras nações com o Brasil; são estes os primeiros ensaios introduzidos em nossa caminhada. Mas esses ensaios não chegarão ao ponto de parar de transmitir ao Brasil, que se tornou nossa pátria adotiva, as notícias e os escritos que emprestaremos a nossa pátria mãe; nós nos esforçaremos a pagar um tributo da mesma natureza da França que espalha pelo mundo inteiro os benefícios de sua civilização, cujas língua e obras literárias tornaram-se de uso universal.

O Brasil, sob o governo representativo, é chamado a interpretar um importante papel na história das nações do continente americano. É no seio da capital que seu Augusto Monárquico escreveu esta carta constitucional destinada a regenerar uma nação da Europa; carta cuja aparição inesperada será citada como um fenômeno das idades futuras tanto quanto para a época atual, em que ela provoca na Europa entusiasmo dos amigos esclarecidos das monarquias constitucionais. Se essa grande e bela parte do continente americano marca

vantajosamente seu lugar na história contemporânea, ela oferece, ao mesmo tempo, um vasto campo de observações sobre tudo o que contém em seu seio, seja considerando-se as riquezas de seu solo, de suas minhas de ouro e de diamantes, seja examinando-se as incontáveis variedades de seus produtos agrícolas. Bem que a França possui uma massa de conhecimentos sobre tudo o que interessa ao comércio, à indústria e à agricultura do Brasil; nós acreditamos que é nosso dever fornecer fiéis exposições sobre as três fontes da felicidade do público – felizmente, se pudermos retificar para noções exatas e verdadeiras alguns erros que estão deslizando no espírito de nossos compatriotas sobre a riqueza dos estados americanos e sobre os perigos das fortunas que as mudanças políticas ocasionaram.

Nosso dever é também publicar sucessivamente muitos artigos sobre questões de interesses gerais. A revista dos trabalhos da assembleia legislativa do Brasil, cuja onipotência deve ser altamente proclamada no governo representativo, manterá em cada número um lugar em que competirá algumas vezes com os despachos oficiais do governo. Próximo a essa avaliação, examinaremos o estado da instrução pública, o progresso do conhecimento, o espírito público, o estado do comércio francês, inglês e português; as melhorias que reclama a agricultura, a escravidão dos negros, a navegação dos rios, enfim, os diversos modos da colonização estrangeira. Sem limitar nossos olhares ao vasto horizonte do Brasil, nós traremos nossa visão com um tour sobre a Colômbia, o Peru, o Chile e compreenderemos em nossa geral investigação dois países tão próximos em seus territórios, mas tão diferentes em seus estados políticos internos, Argentina e Paraguai; um, atormentado pela liberdade e pela guerra; outro, dotado de um silencioso e imóvel ditador meio jesuíta, meio chinês. Enfim, para completar o quadro histórico da América do Sul, definiremos os intervalos de nossa folha periódica e as notícias biográficas sobre os homens que dramatizam extraordinariamente durante os diversos períodos de sua independência.

Esses são os ensaios políticos e literários que nós nos propomos submeter ao julgamento do público. Amigos da ordem e das instituições que asseguram a tranquilidade pública, colocamos nosso negócio sob a salvaguarda das leis. Nosso jornal não será ponto do eco de paixões políticas; paixões que duram apenas por um dia curto e doloroso. Queremos uma existência duradoura, aquela em que o governo representativo garanta que cobram os princípios de uma sábia liberdade e que se lembre do antigo preconceito filosófico – “Essa liberdade é uma bebida inebriante, ele deve ter cuidado, porque este mordomo desajeitado pode pagar com muita liberalidade”.

LE COURRIER DU BRÉSIL: feuille politique, commerciale e littéraire. Rio de Janeiro: Imprimerie du Courrier du Brésil, 1828-1830.

O *Le Courrier du Brésil* foi publicado entre os anos de 1828 e 1830 pela tipografia Imprimerie du Courrier du Brésil e teve como chefe de redação o francês René Ogier. O escritório da folha ficava localizado na rua da Quitanda, n. 63, em 1828, e na rua da Cadeia, n. 142, em 1829 e 1830. O jornal podia ser adquirido por assinaturas de dois, quatro e doze meses ao custo de 2$000, 4$000 e 10$000 réis, respectivamente. As edições do *Le Courrier du Brésil* podem ser consultadas gratuitamente pelo acervo do Google Books.

Infelizmente, a primeira edição desse jornal francês não foi encontrada.

REVUE BRESILIENNE: sur les affaires intérieures de l'Empire, la politique, et sur la statistique locale. Rio de Janeiro: Imprimerie de Gueffier et C., 1830.

A *Revue Bresilienne* passou a ser publicada em 1830. Seu chefe de redação foi o francês Pierre Gueffier, que a produziu em sua tipografia, Imprimerie de Gueffier et C. Teve escritório na rua da Quitanda, n. 79 e podia ser comprada por uma assinatura de quatro meses, ao custo de 4$000 réis. Está disponível para consulta apenas seu primeiro número, e por esse motivo não é possível assinalar a quantidade de edições existente. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

A *Revue Brésilienne* aparece, de 3 a 5 vezes por mês, com 64 páginas de impressão, em um belo papel e com novos personagens. A cada ano ela formará três volumes.

O preço da assinatura é de 4$000 réis por quatro meses, pagáveis na casa de Gueffier et C., impressores, rua da Quitanda, n. 79, que respondem pelo cumprimento das condições da assinatura.

LE MESSAGER: journal politique, literaire et comercial. Rio de Janeiro: Imprimerie de P. Gueffier et C., 1831-1833.

O *Le Messager*, assim como a *Revue Bresilliene* citada anteriormente, teve como seu chefe de redação Pierre Gueffier. O escritório também estava localizado na rua da Quitanda, n. 79, e o preço de assinatura era de 4$000 réis a cada quatro meses. Estão disponíveis para

consulta, no site da Hemeroteca Digital, 24 números produzidos em 1831, 97 números em 1832, e 112 números em 1833.

Infelizmente, a primeira edição desse jornal francês não foi encontrada.

REVUE FRANÇAISE: littérature, sciences, beau-arts, politique, commerce. Rio de Janeiro: Imp. C. H. Furcy, 1839-1840.

A *Revue Française* foi publicada entre os anos de 1839 e 1840 e contou com 84 números em cada ano, que podem ser consultados no site da Hemeroteca Digital. O escritório do jornal ficava localizado na rua do Cano, n. 151, e seu chefe de redação foi C. H. Furcy. Podia ser adquirida por uma assinatura de quatro meses ao valor de 2$000, ou a 640 réis cada número. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

A NOSSOS LEITORES

Buscando hoje fundar no Brasil sob o título de *Revue Française* uma publicação mensal, como aquelas da França e da Inglaterra, acreditamos ser úteis tanto a nossos compatriotas quanto à nação hospitaleira, com modos gentis e liberais, e que ela torne menos dura a distância de nossa terra natal.

Com efeito, em um país onde a língua francesa se espalha a cada dia e faz parte essencial da educação, em um país cuja imensidão dos mares lhe separa da França, qual é o brasileiro, qual é o francês, que não encontra qualquer utilidade, qualquer charme, mesmo a uma publicação exclusivamente destinada a analisar a literatura, as ciências, as artes, a indústria e a política de um país que fez sua civilização justa, rival ou modelo dos outros países da Europa? Qual é o pai de família, de qualquer nação que seja, que não apreciará uma acolhida destinada a oferecer constantemente, para a escolha de seus artigos, a reunião dos princípios fundamentais da moral?

Poderá, portanto, a *Revue Française* responder às esperanças de seu fundador, reclamar em breve a extensão de seu quadro suscetível e pegar o lugar de todas as salas da capital, considerada por todas as pessoas que entendem a nossa língua uma distração útil ajuntando-se aos prazeres da casa!

H-Furcy.

L'ALCYON: litterature, sciences, arts e theatres. Rio de Janeiro: Imprimerie de Cremière, 1841.

O *L'Alcyon* foi publicado pela Imprimerie de Cremière, localizada na rua do Ouvidor, n. 104. Há apenas a edição número 10 deste periódico, de 1841, disponível no site da Hemeroteca; portanto, não há mais informações a respeito de sua produção, além de também não haver indícios sobre o nome de seu editor. Sabe-se, entretanto, que a folha era uma publicação semanal, ou melhor, conforme as informações anotadas na primeira página do impresso, sabe-se que ele saía todos os sábados. O *L'Alcyon*, além disso, poderia ser comprado por 100 réis cada número ou por uma assinatura de seis meses ao valor de 2$000 réis.

Sua primeira edição, infelizmente, não foi encontrada.

LE NOUVELISTE. Rio de Janeiro: Imprimerie Française, (1836)1847-1848.

O periódico *Le Nouvelliste* foi publicado pela Imprimerie Française, situada na rua São José, n. 64, por mais de 12 anos, de 1836 a 1848, conforme indicações no impresso. Todavia, o site da Hemeroteca Digital possui apenas as edições publicadas entre 1847 e 1848, com 22 e 24 números, respectivamente. Não há informações a respeito do chefe de redação. O escritório do jornal ficava localizado no mesmo endereço acima, e custava 3$000 réis uma assinatura de três meses, ou 120 réis cada número.

Infelizmente, a primeira edição desse jornal francês não foi encontrada.

L'ÉCHO FRANÇAIS: revue des journaux de France. Rio de Janeiro: Imprimerie Parisiense, 1849.

O *L'Écho Français* foi publicado pela Imprimerie Parisiense e teve escritório localizado na rua da Quitanda, n. 68. Poderia ser adquirido em assinatura de três meses pelo valor de 4$000 ou de 12 meses por 15$000 réis. Infelizmente, não foram encontradas informações a respeito de seu chefe de redação bem como de sua periodicidade, visto que há apenas a segunda edição, publicada em 1849, disponível para consulta no site da Hemeroteca Digital.

Infelizmente, a primeira edição desse jornal francês não foi encontrada.

COURRIER DU BRÉSIL: ce journal parait tous les dimanches. Rio de Janeiro: Imprimerie de George Leuzinger, 1854, Tipografia Americana de José Soares de Pinho, 1855 e Imprensa de N. Vianna & Fils, 1856-1862.

O *Courrier du Brésil* teve como chefe de redação o francês Ad. Hubert e foi publicado entre os anos de 1854 e 1862 por três tipografias: a *Imprimerie de George Leuzinger*, em 1854, a *Tipografia Americana de José Soares de Pinho*, em 1855, e de 1856 a 1862 a *Imprensa de N. Vianna & Fils*. Teve escritório localizado em vários endereços ao longo desses nove anos. Em 1854 ficou na rua do Ouvidor, n. 87; em 1855 mudou-se para a rua do Ouvidor, n. 107; de 1856 a 1857 ficou na rua do Rosário, n. 104, e depois no n. 100 em meados de 1857 e em 1858; em 1859 o endereço foi a rua do Rosário, n. 94 e nos anos finais, de 1860 a 1862, voltou para a rua do Ouvidor, mas dessa vez no n. 112. O jornal poderia ser adquirido por assinaturas de três, seis e 12 meses, por 3$000, 6$000 e 12$000 réis, respectivamente. Para consulta, estão disponíveis quatro edições de 1854, 13 de 1855, 51 de 1856, 36 de 1857, 37 de 1858, 52 de 1859, 52 de 1860, 52 de 1861 e 32 de 1862 no site da Hemeroteca Digital. Totalizam-se, portanto, 329 edições ao longo dos nove anos em que *Courrier du Brésil* foi publicado no Rio de Janeiro.

Sua primeira edição, infelizmente, não traz um editorial de apresentação.

L'ÉCHO DE L'ATLANTIQUE: journal des étranges, publié sous la protection des lois bresilliennes. Rio de Janeiro: Tipografia Americana de José Soares de Pinho e Tipografia de J. X. de S. Menezes, 1858.

O *L'Écho de l'Atlantique* foi publicado no ano de 1858 e contou com 17 edições, as quais estão disponíveis para consulta no site da Hemeroteca Digital. Os chefes de redação assinavam como A. Deyme & C. Editores e Proprietários, e o escritório ficava localizado na rua São José, n. 23 e depois na rua do Ouvidor, n. 59. O custo do jornal variava de acordo com o tipo de assinatura que poderia ser de três, seis ou 12 meses, por 4$000, 8$000 e 15$000, respectivamente, ou a 180 réis cada número. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

O jornalismo francês foi degradado de tal maneira no Rio que uma espécie de posição desfavorável parece pesar sobre ele. Estávamos bem conscientes desse sentimento. Nós também não esperávamos realizar essa transformação, mas, tendo em vista as simpáticas

benevolências e os numerosos incentivos que recebemos, decidimos realizar esse pequeno empreendimento.

Nós entramos nessa carreira com uma confiança tranquila. Nossa linha de condução está claramente desenhada. Nós pertencemos ao nosso tempo e à nossa época; temos nossas aspirações, nossas crenças, e nossa causa não é agradar muito a Deus. Mas queremos nos manter longe dos partidos por acreditarmos ser a postura correta.

Para os brasileiros, somos um órgão benéfico. E não há uma razão para sermos o contrário. Nós nos apresentamos como um amigo, um amigo sincero. Não esperamos elogiar as ofertas que denotam a fraqueza daqueles que as ordenam: eles só fazem muito mal ao país. No Brasil, muito pelo contrário, nada é perfeito; há lugar para o progresso e para reformas. Cabe à imprensa do país tocar as questões de grande importância e, portanto, a solução pode perturbar a autonomia do império. Nós combateremos o segundo reinado.

Se nossa crítica fere algum interesse, lembramos que a liberdade de imprensa consiste em dizer não somente o que é bom, mas também o que pode desagradar.

Se nosso jornal realizar o sucesso que esperamos, seguindo dia após dia a discussão de todas as questões interessantes, ele fará o Brasil ser mais conhecido na Europa em detrimento de todos esses escritos especiais de que não conhecemos a origem e que suspeitam a sinceridade. Ora, conhecer o Brasil não é dignamente apreciado, e esse resultado não é o desejado pelos brasileiros orgulhosos de seu país?

À obra, portanto.

L'ÉCHO DU BRÉSIL ET DE L'AMÉRIQUE DU SUD: ce journal parait tous les dimanches. Rio de Janeiro: Imprimerie Moderne, 1859 e Typographia de Quirino & Irmão, 1860.

O *L'Écho du Brésil et de L'Amérique du Sud* publicou 78 edições entre os anos de 1859 e 1860, todas disponíveis para consulta no site da Hemeroteca Digital. O chefe de redação foi o francês Altève Aumont e foi publicado pela tipografia Imprimerie Moderne, localizada na rua d'Ajuda, n. 73, em 1859, e pela Typographia de Quirino & Irmão, rua São Pedro, n. 262, em 1860. Em 1859, o escritório do jornal estava situado na rua do Rosário, n. 100, e em 1860 na rua do Ouvidor, n. 69. Podia ser adquirido por assinaturas de três, seis e 12 meses, ao valor de 3$000, 6$000 e 12$000 réis, respectivamente. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

PROGRAMA

Fundamos uma nova folha francesa no Rio de Janeiro com a firme convicção de que nós podemos ter de utilidade aos nossos conterrâneos no Brasil, ao Brasil e às pessoas envolvidas com a Europa e América do Sul.

Já são publicados dois jornas franceses no Rio de Janeiro que são, sem dúvida, muito úteis, uma vez que eles existem. Não nos afirmamos como adversários dessas pessoas; como consequência, desejamos aos antigos, como convém, um novo vir, uma longa e próspera vida. Seria melhor se os interesses franceses no Brasil fossem defendidos por muitos campeões: o todo é entender bem esses interesses.

Para nós, este é o mercado que pensamos dever seguir para chegar ao triplo objetivo que acabamos de indicar.

No que concerne à política francesa, acreditamos que o tom que deve ser utilizado para a redação de um jornal francês publicado longe da França deva ser diferente em relação ao que foi publicado no mesmo local ou em países vizinhos.

Napoleão I disse: "É necessário lavar a roupa suja em família". Esse ditado, de forma trivial, é uma grande verdade e uma nobre ideia. Vamos lutar enquanto estamos em movimento; faremos (se tal é nossa convicção) uma guerra sem relaxar ao governo francês, quando estivermos na França. Mas fora de nosso país respeitamos a França porque este é o primeiro dever de um cidadão quando ele está em uma terra estrangeira. A duas milhas da pátria, nós não sabemos a diferença entre a nação e o governo; os atos aqui são aprovados por lá e uma é solidária à outra; não procuraremos jamais degradar a França, isso seria degradar a nós mesmos. Essa é uma maneira de pensar que nós nunca deixaremos; tomamos um compromisso solene diante de nossos leitores, o nosso juiz público, e diante de nossa consciência, nosso juiz íntimo.

No entanto, isso não quer dizer que faremos elogios mesmo quando nos depararmos com ações más e facilmente repreensíveis: longe disso, quando em uma questão houver controvérsia, discutiremos com calma, daremos razão a favor e contra, mas sempre com moderação, sem nos colocar como defensores de partes extremas, sem nos deixar entreter pela paixão, sem jamais fazermo-nos cúmplices do ódio.

Em suma, *L'Écho du Brésil* será o eco da opinião geral, mas sem esquecer que ele é francês.

Nós sabemos que nem todo mundo concorda com nossa opinião a respeito da linha que um jornalista francês em terras estrangeiras deve seguir, mas pode ser tomado como um crime os outros se enganarem sobre a boa-fé e obedecerem suas convicções?

Ora, aqui está agora o que nós pretendemos fazer no que concerne a nossa colônia: além da proteção oficial acertada pelos nacionais com as autoridades que representam a França – o ministro do ponto de vista político, o cônsul sob o ponto de vista comercial –, temos outra maneira de ajudar a trazer os franceses, seja como apoio público às suas ações, seja no caso em que a intervenção oficial é impossível ou inoportuna. Queremos falar de publicidade, que no Brasil, mais que em outro lugar, influencia a opinião pública. Esperamos que *L'Écho du Brésil* seja o campo cortês no qual serão apresentadas e discutidas entre os franceses as questões mais importantes, para a honra do país e dos particulares, de elucidar e de esclarecer, mesmo em tempos em que receberá e apoiará as reclamações que podem ter elevado nossa nação contra os estrangeiros. Sob esse relatório, nós olharemos a colônia inteira como nossa colaboradora. Não há necessidade de dizer que não temos a intenção de falar sobre questões de personalidade e que a vida privada será sempre escrupulosamente respeitada.

Enfim, para nos resumir: *nós desejamos que L'Écho du Brésil seja o órgão nacional da colônia francesa no Brasil.*[2]

Nossa colônia é eminentemente comercial, é no comércio que se sustentam suas forças, é nele que residem todos os seus interesses e que jaz à futura fortuna como à fortuna presente. Assim, a parte comercial e financeira receberá no *L'Écho du Brésil* um desenvolvimento muito considerável e que está, como estamos convencidos, destinado a contratar grandes serviços. Nenhum jornal até hoje deu de maneira contínua, imparcial e completa informações cuidadosamente recolhidas e claramente classificadas sobre a situação do lugar, sobre o estado do mercado, sobre as variações da bolsa, resultando uma desordem e uma incerteza que são incontestáveis a muitas causas de desastres inesperados, de falhas imprevistas que desde muitos anos perturbam os afazeres.

L'Écho du Brésil quer realizar, segundo suas forças, uma reforma completa do estado das coisas, com uma série de artigos que apresentam uma verdade diária da situação comercial e financeira do lugar, e apresentar tabelas de resumo das operações financeiras da semana. Para citar um exemplo do que queremos fazer sobre isso, nos colocamos em disposição de oferecer em cada número, muito em breve, uma lista completa da Bolsa. Para

[2] Grifos do autor.

todos os envolvidos com as especulações financeiras, não é preciso enfatizar o valor justo de tal trabalho.

Ao mesmo tempo que *L'Écho du Brésil* conterá um resumo muito completo e detalhado das notícias da Europa, e principalmente da França, ele terá uma parte consagrada ao Brasil. A ignorância de nossa colônia sobre tudo o que concerne ao Brasil se situa em um degrau inacreditável; é muito justo que conheçamos a nação hospitaleira para onde trazemos nossos produtos, o que nos alimenta e nos enriquece; *nosso jornal terá, para a política, os homens e as coisas do Império de D. Pedro II um lugar especial – o primeiro.*[3]

Toda a América do Sul será também passada em revista. Nossos interesses com Buenos Aires e Montevideo, por exemplo, são bastante consideráveis para que os diversos eventos dos países não sejam indiferentes. É por isso que nosso jornal tem o título de *Écho du Brésil e de l'Amérique du Sud.*

Esperamos que nosso jornal seja também constantemente concebido como a melhor fonte para os franco-brasileiros que querem ter notícias da Europa – ao mesmo tempo que será indispensável aos europeus que desejam se manter a par do que está acontecendo no Brasil e nos estados vizinhos. De resto, nossas antigas relações com a imprensa europeia asseguram que será no *L'Écho du Brésil* que os jornalistas franceses, ingleses, belgas, alemães, italianos e suíços terão suas informações sobre toda a América do Sul, nós os pouparemos das longas e chatas compilações dos jornais cotidianos do Brasil e das Repúblicas, cuja língua é um pouco familiar e muitas vezes desconhecida.

Aqui então, para entrar em mais detalhes, como dividiremos o *L'Écho du Brésil: 1º Brésil, 2º Amérique du Sud; 3º Europe; 4º Varietés, 5º Commerce.*[4]

BRASIL – Cada número conterá um Boletim com o resumo dos principais fatos políticos da semana. Em seguida, um artigo especial sobre a questão da ordem do dia: segundo as circunstâncias, o artigo tratará apenas de assuntos brasileiros ou de assuntos que se referem aos interesses franceses no Brasil. Depois, virá um rápido resumo das discussões e do trabalho do Senado e da Câmara dos Deputados – resumo a que não faltará interesse, no momento em que as paixões políticas montam os mais altos níveis da cólera. E quando os jornais brasileiros contiverem qualquer artigo que esclareça uma questão importante ele será apresentado em sua maneira mais genuína, pois será traduzido para nossos leitores. Uma *Gazette de la Ville* resumirá a semana literária, artística e teatral e fará uma crônica do mundo e dos salões que será redigida com um cuidado particular, pois nesta faremos uma inovação

[3] Grifos do autor.
[4] Grifos do autor.

que não é perigosa, do ponto de vista das suscetibilidades particulares. *As notícias diversas* constituirão os fatos de interesse secundário. Por fim, um grande espaço será consagrado a *Variedades brasileiras* e a uma *Galeria biográfica*: o Brasil é pouco e mal conhecido na Europa; uma das várias maneiras para atrair atenção a esse país é tornar conhecidas suas instituições, sua administração e seus homens notáveis; também publicaremos, sucessivamente, uma *História de todas as colônias fundadas no Brasil, os Estudos sobre todos os ramos da administração, sobre o comércio, a indústria, a agricultura, as finanças, a marinha e o exército, a justiça, a escravidão, a instrução pública, etc., etc.*[5]

ESTADOS DA AMÉRICA DO SUL – Todas as notícias importantes de Montevideo, Buenos Aires, Chile, Peru, Equador serão recolhidas pelo *L'Écho du Brésil*, e seus correspondentes particulares serão enviados a diversos países.

EUROPA – Daremos a essa parte toda a importância que ela merece, principalmente no que diz a respeito à França. A posição que nós ocupamos no jornalismo em Paris nos permitiu enviar o melhor correspondente de um dos maiores jornais da Europa; nós teremos também para cada *paquebot uma correspondência particular de Paris* que, por sua extensão, o interesse de suas notícias, o alto apreço com que seus eventos serão julgados, o charme de sua redação, obterá um grande sucesso perto de nossos leitores. Em diversos números do mês virão em seguida os *Courriers du Palais*, que relatarão as aventuras do tribunal e a cor dos inquéritos judiciais. Em seguida, os *Resumos das notícias de todos os Estados da Europa, extratos dos principais jornais* sobre a grandes questões do momento.[6]

VARIEDADES – Escolheremos, dentre as publicações mais novas, os romances mais interessantes, e em cada número três páginas por mês serão por eles consagradas. E, segundo o lugar que nos resta, ofereceremos as *Anedotas*, *as palavras para rir* (piadas) e os *artigos científicos* que tratam de temas interessantes ao país.

PARTE COMERCIAL – Já mencionamos a importância que atribuímos a ela. Esperamos trazer grandes melhorias a esta especialidade. Publicaremos, com a chegada de cada *paquebot*, uma *Correspondência comercial e financeira da Europa*; a cada semana, um *Boletim do lugar do Rio*; a cada mês, um *Resumo* dos afazeres desde a partida do último navio. Por fim, uma *Tabela completa das operações da Bolsa*.[7]

Para chegar a tratar dos temas de uma forma tão completa, precisamos de um quadro global; também não teremos hesitação em dar ao *L'Écho du Brésil* um formato volumoso,

[5] Grifos do autor.
[6] Grifos do autor.
[7] Grifos do autor.

mantendo uma assinatura anual de 12 mil réis, preço de jornais de menor formato, persuadidos de que o número de assinantes cresceria em razão do bom mercado e da multiplicidade de informações.

No mais, todas as vezes que a chegada e a partida dos navios não coincidirem com a publicação do jornal, faremos um *suplemento* para que nossos leitores tenham as notícias da Europa no dia seguinte à entrada do packet e para podermos enviar à Europa os fatos políticos e comerciais do Brasil e da América do Sul até a véspera do lançamento do tronco inglês.

Apesar de tudo o que fazemos, todo o cuidado que desprendemos para tornar nosso jornal útil e o mais interessante possível, nós não ignoramos tudo o que nos resta fazer, vamos fazer algo novo para melhorar esta publicação, vamos torná-la mais fácil, sendo nós ajudados em termos materiais, pelas assinaturas, e do ponto de vista da redação, por meio das informações que podem ser enviadas.

Altève Aumont

FIGARO-CHRONIQUEUR: jornal critique, comique, satyrique, anecdotique, récréatif et amusant. Rio de Janeiro: Imprimerie Moderne de Georges Bertrand, 1859 (?).

O *Figaro-Chroniqueur* teve seu escritório localizado na rua do Ouvidor, n. 112, na Livraria Waldemar, e foi impresso pela Imprimerie Moderne de Georges Bertrand, na rua d'Ajuda, n. 73. Arthur du Mouton era o chefe de redação deste jornal, que podia ser adquirido por assinaturas anuais ao custo de 12$000. O primeiro número do *Figaro-Chroniqueur* foi publicado em 1859, mas, infelizmente, não estão disponíveis para consulta todas as edições dessa folha francesa. Portanto, não existem mais informações a seu respeito. No site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional estão disponíveis apenas quatro números produzidos em 1859. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

PROGRAMA, PROSPECTO

Prefácio, prólogo, introdução, avisos, enfim... o que se quer

Fui acordado esta manhã muito cedo pelo som da minha porta abrindo de repente, deixava entrar um indivíduo com tanta pressa que ele caiu de nariz sobre meus pés.

Energicamente, esfreguei os olhos de espanto e descobri que o personagem bélico não era nada mais nada menos que meu amigo Bertrand, personagem tão famoso no Velho Mundo que eu não podia acreditar em meus olhos.

Com sua polidez habitual começou com essas palavras:

- Meu filho... Desculpa, você ainda pensou que eu estava com meu mestre Robert-Macaire. Então, você vai publicar um jornal?

- Sim.

- Um jornal!!??

- Sim.

- UN JOURNAL!!!???

- Sim! Sim! SIM!

- Bem. Podemos alugar um Hipogrifo?

- Um Hipogrifo!

- Amigo, o que te incomoda?

- Você não sabe o que é um Hipogrifo?

- Se por Hipogrifo eu entendo animal fantástico com asas e patas, ou com patas e asas, como você preferir, irmão de Pégaso, que foi montado por Astolfo quando ele foi pedir à lua um julgamento para Roland Furieux, a lua lhe deu e o fez Furieux Roland.

- É isso. Agora, onde eu poderia alugar um?

- Por que fazer?

- Sem dúvida, para ir buscar seu juízo, para que eu comece a acreditar...

- Não, meu filho – o teu –, à falta de Hipogrifo eu bem me servirei de uma bola se não tiver outra maneira de voar pelos ares sem ajuda indispensável de uma... corda.

- Amigo Bertrand, você quer fazer o brincalhão; a meu ver, querer ser jornalista não é uma questão de brincadeira. Você me fala de Hipogrifos, de balões, de lua...

- Eu explico. Na lua há (se Aristóteles não mente) uma grande loja onde encontra-se uma multidão de acéfalos. Lá, em compartimentos ou frascos hermeticamente fechados e seus respectivos rótulos, tudo é classificado em perfeita ordem, e como os jornalistas fazem parte da categoria dos mais loucos, eles devem ter a honra de um quarto particular...

- Eu sou, eu sou. Mestre Bertrand me chama de louco, porque eu quero ser jornalista.

- Que fleuma! Então, eu não te tratarei mais de animal, imbecil, besta antidilúvio, mastodonte e quintessência de bilhões de convalescença concentrado! Qual ser infernal que aqui me veio à cabeça – Rio de Janeiro – podemos implantar um *papelinho* como você propôs a escrever?

- E por que não? Eu me ocuparei de fazer rir sem ofender. Você verá que entre nós há jornalistas que honram o país.

- Bem, bem, mas esses são os jornalistas mais sérios, e você fala de um jornal crítico, cômico, satírico, que eu sei... E o que isto é?

- Isto é que você vai fazer o bobo, o malabarista, o arlequim, o palhaço.

- Eu perdoo suas palavras feias, meu pobre Bertrand, porque eu sei que elas emanam de sua amizade e de seu bom coração; mas saiba que pode aprender enquanto se diverte. Os jornalistas devem escrever para todos os gostos.

- Mesmo para os maus?

- Isso eu tentarei evitar. Há leitores de artigo longo e cansaço sério.

- É verdade, eu sou um deles.

- Muito bem, essa classe de leitores cai na isca. As ideias sérias e importantes podem se representar com máscara de Momus. Os antigos adotaram: Aristófanes, Lucian, entre os gregos; os escritores latinos, cômicos e satíricos desde Erasmo; Rabelais, Molière et Voltaire na França; Ster, Swif na Inglaterra, etc., etc.

- Eu vejo que você se propõe, nada mais nada menos, se colocar *humildemente* ao nível dessas trombetas famosas.

- Não, Senhor. Eu só queria te mostrar os imensos benefícios que podem ser obtidos a partir das tiras cômicas.

- Sim, mas é perigoso. Forçosamente você se lançará em personalidades.

- Eu não atacaria nem a honra nem o caráter de ninguém.

- Isso é muito difícil.

- Você me conhece o suficiente para saber que o contrário será impossível.

- Então, o que você vai falar com aquele monstro de mil cabeças chamado *Público*.

- De tudo.

- Diabo! Você terá muito a dizer. Noveau Pie de la Mirandole, nova edição do Dicionário Bescherelle. E qual é o título de sua folha de papel?

- *Figaro-Chroniqueur*. Ele será distribuído em todos os lugares, nos cafés, nos teatros, nas ruas...

- *Figaro-Chroniqueur*!! Que título!

- E o que ele faz de extraordinário?

- Oh! Nada...

- Assim, você está muito decidido?

- Como um verdadeiro *Corsário*.

- Nada pode te dissuadir?

- Nem a crítica de todo os meus colegas, nem mesmo o futuro da *União*.

- Agora, tudo acabou entre nós!! Toda amizade foi rompida!....

- Não...meu amigo.... não será!!

- Contudo, eu te prometo uma assinatura ao seu *Figaro-Chroniqueur*.

- Eu aceito....

- A amizade, você me tornará quando vir a obra.

- Deus queira.

- Dizendo essas palavras, Bertrand saiu tragicamente levantando aos céus suas mãos agitadas com um ar de desespero telegráfico desagradável desolando a alma.

- Eu permanecia absorvido e submergido em uma lagoa de reflexões muito amargas, eu teria me afogado se não tivesse ouvido dois pequenos acidentes cerebrais à minha porta.

- Entre!

- A porta se abriu e deu passagem a um aprendiz de nossa impressora.

- Senhor, meu patrão pergunta se você não pode enviar a cópia...

- Seu! Aqui o Prefácio.

Citrouillard.

LE NOUVELLISTE de Rio de Janeiro: journal politique, littéraire et commercial, paraissant deux fois par semaine le Dimanche et le Jeudi. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemmert, 1863 (?).

O *Le Nouvelliste* teve escritório localizado na rua da Direita, n. 46, e foi impresso pela Typographia Universal Laemmert. Seu chefe de redação foi L. A. de Nerciat, e podia ser adquirido por assinaturas de três, seis e 12 meses pelo valor de 5$000, 8$000 e 10$000 réis, respectivamente. Não estão disponíveis todas as edições para consulta no site da Hemeroteca Digital.

Infelizmente, a primeira edição desse jornal francês não foi encontrada.

LA GAZETTE DU BRÉSIL. Rio de Janeiro: Typ. de Domingos Luiz dos Santos; Typographie de la Gazette du Brésil, 1867-1868.

O *La Gazette du Brésil* foi publicado entre os anos de 1867 e 1868 em 61 números, disponíveis para consulta no site da Hemeroteca Digital. Teve escritório localizado na rua dos Ourives, n. 45, em 1867, e na rua S. José, n. 30, em 1868. Podia ser adquirido por assinaturas

de três meses pelo valor de 5$000 réis, e seu chefe de redação foi o francês Louis Sauvages. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

O jornal *La Gazette du Brésil* foi fundado com o objetivo de aumentar as relações entre o Brasil com a Europa e, particularmente, com a França.

Como folha política, ela manterá seus leitores informados sobre todos os eventos da Europa e tudo o que se faz no Brasil. Ela exporá as verdadeiras ações do governo brasileiro do dia em questão; ela os explicará e os comentará a fim de sustentar, em justa medida, os interesses de todos os enquadrados no Império da América do Sul.

Como folha literária, seguirá a par com o movimento da literatura e das artes; de análises, de relatório, de críticas detalhadas, ela fará conhecer as obras dos escritores brasileiros, os trabalhos das sociedades científicas, as criações dos artistas cujos número e valor aumentam a cada dia.

Como folha comercial e financeira, ela dirá o que se faz e o que se pode fazer, que significa que ela anotará os resultados obtidos que garantirá a conclusão dos homens de capacidade e de experiência reconhecida, para encorajar os trabalhadores, pelo espetáculo da numerosa vantagem de uma sólida união característica de entre os brasileiros e os franceses, na continuação de um objetivo próspero.

A colônia francesa estabelecida no Brasil pode contar com a *Gazette*; ela apoiará, ela será seu intermediário, ela jamais dará motivos para agitar sérios interesses a fim de discutir ou defender. Nós seremos úteis aos nossos compatriotas trazendo a pátria mãe ao conhecimento do país habitado por seus filhos emigrados. Buscaremos ser úteis ao fabricante, ao negociante, ao artista, ao primeiro, porque todas as vezes que nós nos ocupamos da fabricação no Brasil nunca nos esquecemos de assinalar a opinião pública, o impulso dado à indústria pelos franceses e de mostrar o progresso que lhe devemos.

Seremos úteis ao negociante, ao fazer saber as transportadoras, e aos comissários estrangeiros, pelo preço corrente do lugar, as transações realizadas, a situação de mercado.

Seremos úteis aos artistas dando-lhes a maior parte possível de publicidade para registrar seu sucesso. Ponto de carreira possível para o artista não ser esquecido! Falaremos, portanto e frequentemente, de pintores, músicos, de cantores; diremos realmente tudo o que pensamos; ao bem nós diremos todo o alto, ao mal, todo o baixo.

A França tem companhias comerciais, financeiras e industriais da mesma importância que a das grandes nações. Suas casas bancárias, seus estabelecimentos de créditos, suas

companhias marítimas, suas sociedades comerciais, seus sítios de construção naval não precisam ser representados na impressa do Brasil?

Ninguém respondeu negativamente, porque todo homem amigo do progresso compreende que em um novo país deve-se, sempre que possível, adotar a perfeição; e que não pode encontrar para o estudo comparado o que aqui se faz, na casa de todos os outros povos.

Nós nos ocuparemos ativamente da colonização. “O que é a necessidade de tempo para ser realizado?”, disse Napoleão. O Império do Brasil tem uma necessidade absoluta de colonização. O grande império, em que qualquer província é maior que a França, precisa ser povoado. A hora chegou; é necessário que as cidades, os vastos campos, os ricos vales, as belas montanhas, que todo o país.... façam uma chamada a todas as populações colonizadoras. Este é um dever de que nós vamos participar.

A meu ver há cinco povos que podem vantajosamente colonizar o Brasil: os alemães, os portugueses, os ingleses, os americanos e os franceses. É necessário provar o valor dos colonos alemães? Nós os consideramos os melhores do mundo, pois ou eles morrem ou eles se anexam.

Os portugueses já fizeram suas provas nas obras publicadas por nós em Lisboa; há seis meses em Portugal, nós teríamos dito todo o bem que nós pensamos dos descendentes de Vasco da Gama.

Os ingleses são sempre colonos úteis.

Se a emigração americana é bem compreendida, ela será também de grande socorro. Não é necessário se iludir, os norte-americanos dificilmente conseguiriam se estabelecer no Brasil, sua raça anglo-saxônica, seus modos, sua natureza se opõem ao sucesso de sua colonização. Mas não é o mesmo com os americanos do sul. Eles provêm de uma raça latina, eles têm a religião, os modos e os hábitos dos brasileiros.

Ou, é o momento certo para chamar esses valentes plantadores das margens do Mississipi. A terra sob seus pés é ainda embebida do sangue de seus irmãos mártires, e muitos preferem se exilar do que baixar a cabeça sob o jugo de seu conquistador.

Ainda uma vez, o Brasil se deve beneficiar desta situação e oferecer uma parcela a mais da hospitalidade desses homens orgulhosos e resolutos.

Há braços na França mais do que suficientes para a cultura da terra. Ou seriam o destaque nossos agricultores bascos, os do Sul, do país de Bigorres, da Franche Comté, da Normandia, etc. A colonização francesa apresentará os imensos serviços à indústria e ao comércio.

Durante toda a duração da guerra do Paraguai, o *La Gazette du Brésil* publicará as notícias do campo de batalha, ocupando-se não somente dos generais que reportam as vitórias, mas também dos soldados que pagam seu sangue com tanta abnegação para sua pátria e o Imperador. Todas nossas ações estão tomadas. Nós temos amigos do exército, nós temos um correspondente em Buenos Aires, nós temos um no Rio, portanto, temos todas as relações necessárias para estar bem informados.

Esta publicidade dada às coisas da guerra... (neste trecho, parte do editorial encontra-se desgastada pelo tempo e está ilegível). Eles não podem tê-los pelo trabalho duro, os homens do trabalho cotidiano que têm apenas algumas horas para escrever artigos longos podem ser obtidos. Supomos que eles pudessem ver nos jornais brasileiros, que é bastante possível fora de Paris e Londres, o que acontece lá? É que uma folha enigmática ele logo coloca de lado, incapaz de decifrar.

Todos os homens de letras não fazem como M. de Lamartine, que aprende o português para poder ler Camões. Ou faz nosso jornal escrito em francês a língua universal destruir suas dificuldades.

Um jornal francês publicado no Rio de Janeiro é chamado a fazer um serviço a todos. Para chegar lá ele deve se manter em boas relações, boa inteligência com todo o mundo. No Rio de Janeiro, a liberdade de imprensa – de que podemos desfrutar largamente – é toda vez mal compreendida; a licença e o abuso se escorregam facilmente. Tal antipatia é um desprazer individual a qualquer miserável; do mesmo modo, o último a pegar a pluma e escrever nos jornais mil horas sobre seu conto. À nossa vista, o silêncio é sozinho a arma que pode servir um cavaleiro, posto que ele é também folgadamente atacado sob a vela de anônimo. Pois, o que responder? Injúria por injúria; é se sair ou todo mês deixar de acreditar que é mau o aluno; defender-se e procurar se limpar da lama que não nos tem afetado; é se colocar no ridículo e rir a galeria que não pergunta o sabor do pequeno escândalo.

Faremos, portanto, como nocivos a nossa empresa e aos interesses de nossa causa as discussões ociosas, as querelas inúteis, os afazeres puramente pessoais; em uma palavra, tudo que nada liga ao interesse da França e dos franceses, do Brasil e dos brasileiros.

Mas responderemos aos ataques francamente dirigidos a nós, porque devemos fazer respeitar nossas opiniões como nós sabemos respeitar a dos outros. E também porque não refutar um ataque, fazer a figura descoberta, constitui uma culpada fraqueza.

(Ilegível)... compreendido e ajudado por nossos compatriotas que sabem que nossa pátria precisa ser conhecida no Brasil, e para os brasileiros a que nós queremos ser úteis.

Confiantes em nossa boa resolução, nosso ardente desejo de fazer o bem, nossa vontade de prestar serviço, entramos nesta empreitada cheios de esperanças para o futuro.

BA-TA-CLAN: chinoiserie franco-brésilienne. Rio de Janeiro: Imp. e Lith. de Ba-ta-clan, 1867-1871.

O *Ba-ta-clan* foi publicado entre os anos 1867 e 1871, e todas as suas edições estão disponibilizadas pelo site da Hemeroteca Digital. O jornal foi impresso pela tipografia Imp. e Lith. de Ba-ta-clan, localizada na rua S. Antonio, n. 29, e Charles Berry foi o chefe de redação. O escritório da redação ficava na rua do Ouvidor, n. 169; o jornal podia ser adquirido por assinaturas mensais de 5$000 ou por 500 réis cada número. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

O golpe de bumbo

De Rigueur

Os jornais nascem desde há algum tempo... *que é como um buquê de dente-de-leão*.[8]

Também é verdade dizer que eles se desligam com uma facilidade como o gás!...

Apesar disso, cada um deles, ao abrir a pálpebra fazendo sua primeira risadinha ao assinante, não deixa de dizer que ele vem para preencher uma vida, preencher uma lacuna, que se baseia a fim de... e, sob o pretexto do programa, o chefe de redação vos barra duas colunas de pathos nas quais um gato não encontrará os seus filhotes e que o leitor devora, de boca aberta, sem compreender um conjunto de palavras, o que não o impede de exclamar quando chegou ao ponto final: “Eis aqui um coelho com talento especial para amarrar essas frases!”.

É preciso admitir que um programa de apresentação é uma coisa rudemente besta; mas, enfim, é de uso, como os discursos das Majestades ao abrir as sessões legislativas em todos os países constitucionais, e o uso não quer dizer que estamos indo contra aquela coisa.

É verdade que os programas, e também o discurso do trono, não estão comprometidos com absolutamente nada.

Sacrificando, assim, o seu uso, vamos alegremente ao nosso pequeno programa!

[8] Grifos do autor.

Ba-ta-clan foi fundado com o objetivo...com o objetivo.... Ah! Mas não! Eu não posso admitir essas coisas! Eu não posso vos dizer, meus caros leitores, e a vocês, minhas mais caras leitoras, que o *Ba-ta-clan* é fundado com o objetivo de rir de vocês pelos seus ridículos. Vocês vão achar que é ruim, isso sim!

Olhe, você quer acreditar em mim, dispense nossas promessas. Você não perderá nada, eu vos juro, e vocês não vão nos colocar no caso de nos expor e nos faltar.

Tudo o que eu posso vos afirmar é que todos, negociantes e homens da política, revendedores para a casa de banho e grandes damas, caçarolas de trottoir e de salões, raspadores e financeiras, vocês reconhecerão seus amigos no maior espelho mágico que nós colocaremos sobre seus olhos, mas nós confiamos muito na alta opinião que vocês têm de si mesmos por medo de vocês não poderem distinguir seus traços.

É, portanto, conveniente, nada de programa! De resto, isso iria nos atrapalhar, pois o *Ba-ta-clan* promete ter uma independência característica que o permitirá mudar de opinião com a mesma facilidade como se ele fosse um grande jornal sério.

A fixidez das ideias sempre parece aos seus redatores algo pertencente aos pequenos espíritos.

Agora, seguimos a música! O campo está aberto, as máscaras vão desfilar.

FRANCE ET BRÉSIL: journal français. Rio de Janeiro: Typ. de J. J. Lopes, 1874 e Typographia da Paix, Typographie Cosmopolite, 1875.

O acervo da Hemeroteca Digital disponibiliza apenas a primeira edição de 1874 do *France et Brésil*; de acordo com as anotações desse único número, o jornal foi impresso pela Typ. de J. J. Lopes e podia ser adquirido por uma assinatura mensal de 2$000 ou a 300 réis cada número. Infelizmente, o endereço do escritório desta folha francesa não foi mencionado nesta edição. Em 1875, estão disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital apenas suas edições 13, 14, 15 e 17. Neste ano, o jornal foi produzido pela Typographia da Paix e a Typographie Cosmopolite. Os valores de compra continuaram os mesmos do ano anterior e, assim como apresentado pelo único número de 1874, não há informações a respeito do chefe de redação e do endereço do escritório. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

França e Brasil

O aparecimento de um novo jornal sempre produz certa sensação no mundo político, literário e comercial, no entanto, modestos sejam os auspícios sob aqueles em que ele aparece. Desde muito tempo a colônia francesa do Rio de Janeiro estava privada de um jornal para bem defender seus interesses muitas vezes prejudicados, já que os homens pertencentes às outras nações têm seus jornais; a Inglaterra, *Anglo-Brésilian-Times*, a Alemanha, *Allegemeine-Deudschezeiteag*, Portugal tem como defensores os jornais publicados no Rio de Janeiro no idioma nacional, que é comum para às duas nações. A França, sozinha, fica isolada da grande confraternização dos povos. Qual é a causa? Será que é porque nós somos descendentes de nossa posição de *Grande Nation*, como chamamos a *Grande Allemagne*? Será por causa do sangue gelado em nossas veias? Será que é porque somos indiferentes aos eventos que passam aos nossos olhos? É quase impossível determinar as causas. A publicação que nós empreendemos hoje sem anúncios pomposos tem como objetivo elevar nossa moral abatida, relembrar à nossa mãe pátria que ela ainda existe de longe aos seus filhos que foram em busca da prosperidade, e que todos nós desejamos ver retomar essa posição a que ela tem direito para a civilização, ciência, indústria e comércio, não essa posição fantasmagórica em que eles nos têm feito acreditar, o último Bonaparte e seus assassinos, e as comunidades de dolorosas memórias, mas essa posição que lhes aparece como nação civilizada, amiga do progresso e da ordem.

Ajudado por hábeis colaboradores, nós esperamos atingir nosso objetivo que nos propomos se nossos compatriotas fizerem uma boa acolhida à nossa ideia; nossa intenção é publicar nossa folha, em princípio, na véspera da partida dos vapores franceses de cada mês, oferecendo uma revista comercial com as melhores fontes. E, como esperamos, nossa expectativa não é enganar, pois nossa publicação também sairá na véspera da partida dos vapores ingleses de Southampton ou do Pacífico. Para a publicação desse primeiro número nós confiamos na força do nosso progresso. Em seguida serão feitos anúncios dos principais jornais e sua primeira aparição regular, aceitando os assinantes mensais ao preço de 2$000, e nos abriremos para nossa colônia anúncios a preço de 80 rs a linha.

Nosso objetivo é fazer conhecido o Brasil na Europa sob seu verdadeiro ponto de vista, que nós passamos na revista da política do Brasil, seus principais homens de estado, seu comércio, sua indústria, colonização, instrução, vozes de comunicação, justiça, religião, etc.

Esse primeiro número compreenderá uma descrição do Brasil, da política, os *faits divers* quinzenais, variedades, parte comercial, um folhetim e uma revista teatral.

LE GIL-BLAS: journal politique, satyrique et artistique. Rio de Janeiro: Typographia de la Gazeta de Notícias, 1877-1878.

O *Le Gil-Blas* foi publicado entre os anos de 1877 e 1878, com 12 e 34 edições, respectivamente, todas disponíveis no acervo do site da Hemeroteca Digital. O jornal teve seu escritório localizado na rua Nova do Ouvidor, n. 37, e foi impresso pela Typographia de la Gazeta de Notícias, na rua Sete de Setembro, n. 72. Seu chefe de redação assinava o mesmo nome do jornal, Gil Blas, ou o nome de *Fantasio*, conforme anotado em seus números seguintes. Podia ser adquirido por uma assinatura trimensal de 2$000 ou por 200 réis separadamente. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

Por que e como "Gil Blas" veio ao mundo

Senhoras!... Senhores!... Caros leitores e caras leitoras!...

Hum! Hum!

Bom! Eis que a emoção inseparável de um primeiro número me agarra à garganta.... No entanto, embora eu tivesse prometido colocar uma cara boa, eu não estava preparado para um pequeno discurso de amor.

Mas...*uma voz na minha garganta*,[9] como diria o bom homem de Virgílio.

Afinal, o que é um bom prefácio? Se *Gil Blas* deve vos incomodar, isso só aumentaria o seu tédio. Pois, ao contrário, ele deveria vos encantar. Cala-se meu coração!

Limito-me a dizer, portanto, que meu nome vocês já conhecem, considerando a surpreendente perspicácia da qual eu tenho o prazer de propor a vocês, a saber, que eu virei de vez em quando, sempre tentando estar o menos inebriante possível, contar o que se passa do outro lado do oceano, em um pequeno pedaço de terra que chamamos França e que nós temos, eu gosto de acreditar, levado a cada parcela desse mais profundo recanto do nosso coração.

Atacar os costumes e as ideias de seu tempo não é uma tarefa fácil; lá, onde a voz de um atleta faz tudo tremer, o estudioso se desliga sob as ervilhas da indiferença que o circundam. Mas, por que minha fraqueza, da qual eu tenho consciência, não me para? Isso é orgulho? Mil vezes não. Talvez eu esteja orientado para lançar essa ideia no meio do caminho para que outra pessoa mais digna que eu absorva lhe aprove a intenção, dando-lhe, enfim, um corpo.

[9] Grifos do autor.

Sem nenhuma pretensão à dignidade do Conselho Municipal, eu acredito ser supérfluo adicionar aqui uma profissão de fé política; de resto, França e República são, de agora em diante, duas palavras únicas para o mesmo lugar, que a espada de Alexandre Mac-Mahon será hoje impotente para resolver este nó górdio novamente.

Se o *Gil Blas* é capaz de cumprir seu objetivo, ou seja, se é capaz de a todos nos unir em uma comunidade perto de ideias e, assim, dar o seu pequeno grão de areia para a construção de um sublime edifício da Liberdade, qualquer que seja o resto da nossa mediocridade, eu terei que reivindicar uma paternidade da qual eu serei sempre orgulho.

***LE MESSAGER DU BRÉSIL*:** journal français. Rio de Janeiro: Typographia de la Gazeta de Notícias, 1878-1881 e Typographia do Le Messager du Brésil, 1882-1884.

O *Le Messager du Brésil* foi o novo nome do já publicado *Le Gil-Blas*, a partir de meados de 1878 até o ano de 1884. O jornal, de acordo com a despedida publicada nos últimos números do *Le Gil-Blas*, apareceu em razão da necessidade de uma reformulação. Ao longo de quase seis anos de publicação, estão disponíveis para consulta no acervo da Hemeroteca Digital 17 edições de 1878, três de 1880, uma de 1882, 81 de 1883 e 54 de 1884. Seu escritório ficava localizado na rua nova do Ouvidor, n. 37, em 1878, na rua Gonçalves Dias, n. 47, em 1880, e na rua Sete de Setembro, n. 131, entre 1882 e 1884. Podia ser adquirido por assinaturas de três, seis e 12 meses por 2$000, 4$000 e 9$000 réis, respectivamente, ou a 200 réis cada número. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

NOSSA TRANSFORMAÇÃO

Fundando no Rio de Janeiro um jornal francês, nós tivemos por único objetivo fornecer à colônia francesa um órgão capaz, caso necessário, de defender seus interesses, tudo isso com o conhecimento de nossos compatriotas.

O início favorável e simpático que fez o Gil-Blas, desde o dia de sua aparição tanto para o público francês quanto para o brasileiro, nos mostrou claramente que nossa empresa veio para preencher uma lacuna importante.

Satisfeito com esta votação e orgulhoso de tê-la obtido (dado que a nós não solicite), agradecemos unicamente ao público e à imprensa livre que tem continuamente nos encorajado

e faremos o nosso melhor possível para merecer constantemente essa boa opinião que eles formaram de nossas intenções.

Fundador e redator chefe do Gil-Blas, um sério dever nos foi imposto cara a cara pelos nossos assinantes; nós pensamos que nosso primeiro teste nos imporia a obrigação de uma transformação que o tornasse, ao sentir do órgão francês no Brasil, o mais digno de nossa colônia: isto é, mais harmonia com as justas aspirações de nossos leitores.

Não nos parece conveniente nos limitarmos a segurar perante nossos assinantes os compromissos colocados pelo Gil-Blas; nós pensamos que deveríamos seguir nosso objetivo, provar para aqueles que nos deram a sua simpatia e sua confiança que nós jamais diminuiríamos do que eles se agitam para satisfazer as justas exigências.

É hoje o momento de lembrarmos o sábio conselho com que chegamos, isso e lá, desde a fundação de nossa empresa; avisos dos quais não podemos desfrutar enquanto o jornal ainda tiver que lutar contra todas as dificuldades materiais de um primeiro dia.

Nosso primeiro cuidado deveria ser – e nossos últimos números são a prova de que nós não podemos falhar – melhorar o que poderia ser realizado, na parte material ou na parte intelectual.

Nossa abordagem será a mesma que no passado [*no outro jornal*]: *Verdade* será nosso lema: nenhuma consideração nos forçará a desistir.

Nós seremos verdadeiros quando falarmos daqueles que deixaram de existir; nós também seremos verdadeiros quando falarmos desses que deixaram de existir para aqueles que ainda não começaram a existir.

Em suma, nos prenderemos ao lema do orador romano: *Amigo gato, um melhor amigo*.[10] Catão é meu amigo, mas eu prefiro a verdade.

Nós respeitaremos sempre a vida privada do homem, ela pertence apenas a ele mesmo: sua vida pública, entretanto, pertence a todos; vamos realizar uma severa investigação, e sempre vamos estudá-lo sem bajulação, mas também sem uma personalidade ofensiva.

Quanto às partes política, literária, artística, científica e comercial do jornal, nós devemos dizer que nossas relações, que se estendem dia após dia, nos permitam contar com uma colaboração cuidadosa e devota; que nossas relações comerciais estejam bem estabelecidas com Paris, de onde um correspondente fará chegar sempre em primeira mão todos os primores literários.

[10] Grifos do autor.

Nossas relações com quase todas as províncias do Brasil que recebem regularmente nossos jornais nos permitam informar da melhor maneira possível. Sob esse ponto de vista, nós não deixaremos nada a desejar.

Essas melhorias são apenas o primeiro passo, outras mais também estarão presentes no futuro, e nós vamos esperar pouco a pouco e fazer o nosso jornal aparecer quotidianamente.

Assim, como tem sido feito até hoje, para alcançar a meta que ele propõe, o *Messager du Brésil*, que sucede o *Gil-Blas*, publicará tudo o que é natural ser de interesse da colônia francesa do Brasil e de nossos compatriotas do outro lado do mar.

Assim, estabelecendo uma comunhão de pensamentos e pontos de vista de todos, o jornal se tornará por todas essas razões uma tribuna aberta às belas concepções, a todos os projetos relevantes e humanitários, o ponto central onde o dever converge das nobres tendências, dos generosos esforços.

Que ele nos permita, portanto, convidar todos os nossos compatriotas – independentemente de suas opiniões políticas –, para nos enviar tudo o que eles acreditam ser suscetíveis para realizar o pensamento que nos fez trazer o jornal francês: relatórios interessantes, medidas administrativas, projetos úteis, denúncias de abuso, descobertas que beneficiam a humanidade: enfim, tudo o que será dignamente julgado nós nos apressaremos a lhe dar um lugar em nossas colônias.

A profunda convicção de que nós estamos todos bem, de que nos foi destinado produzir uma semelhante empresa, nos sustentará em uma carreira tão difícil como a que abraçamos.

Nós avançaremos ousada e corajosamente nas listas, sempre prontos para combater os abusos, sempre prontos a apoiar os generosos esforços e os bons pensamentos.

Nosso ideal é arrancar da força da tenacidade do espírito e da moral de todos essas delimitações de estado, essas diferenças de castas, de posições sociais, de religiões, que impedem ainda a todos os homens do século XIX de formar uma família, de formar um povo de irmãos.

Aqui, portanto, o nosso socialismo!!

Com isto em mente, na esperança de que permaneçam todos que nos acompanharam até aqui com sua simpatia e sua generosidade, não recusaremos o apoio para a realização de um projeto tão útil e tão benéfico para todos.

A DIREÇÃO

L'AVENIR DU BRÉSIL: journal français. Rio de Janeiro: Typ. Mont'Alverne, 1885.

O *L'avenir du Brésil* foi publicado pela primeira vez em 28 de novembro de 1886 pela tipografia Mont'Alverne, localizada no Largo da Carioca, n. 3. Não há informações sobre a quantidade de números existentes, pois no acervo disponível no site da Hemeroteca Digital só consta a primeira edição. O chefe de redação do jornal foi o francês P. Labarrière, e seu escritório estava localizado na rua Sete de Setembro, n. 83, 1º andar. O periódico podia ser comprado em uma assinatura anual ao custo de 12$000 réis. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

A NOSSOS LEITORES

"Nós podemos, escreveu Laboulaye, julgar o grau de civilização de um povo pelo número de seus jornais".

Esta reflexão de um célebre economista francês é, por si só, suficiente para justificar a aparição desta modesta folha que nós apresentamos hoje ao público.

Os jornais, de fato, não podem nascer onde as ideias estão em movimento, onde o progresso marcha, onde a civilização avança buscando atingir o seu objetivo, a perfeição da humanidade.

O jornalista não é nada mais que um trabalhador e, como tal, ele vai onde o trabalho o atrai, ou seja, onde há uma agitação de ideias a propagar, a fazer frutificar; onde há interesses a sustentar e a defender; onde há forças para instaurar; enfim, onde há um golpe de ombros a dar ao progresso.

E qual é o mais vasto campo que nunca antes fora oferecido à atividade do jornalista que não o Brasil atual?

Por sua imensidão, este país está apto a servir de vertedouro ao excesso da população mundial. Pelas imensas riquezas, os três reinos da natureza têm-se aqui acumulado, e, graças à diversidade de seus climas, constituirá por si só um mundo que poderia se isolar dos outros países do globo, pois ele não é ponto do objeto, uma vez que a primeira necessidade, desde o tecido ao imóvel de grande luxo que o Brasil, da superfície a suas entranhas, não possuía e não pode produzir, pelo menos tem o equivalente.

E este país, cujos tesouros são suficientes para transformar a crise econômica que abalou todos os estados; este país trabalha pelas novas ideias que atualmente regem as sociedades – apesar das resistências do passado e graças às impaciências do futuro, este país

chegou hoje à crise fatal para a qual deve ser comprovada toda a sociedade antes de finalmente ter um lugar na grande família civilizada.

E nós, estrangeiros, nós, franceses estabelecidos neste país, que conhecemos os recursos, que sabemos qual é o campo fecundo que oferece à atividade europeia, temos o dever de revelar a nossos compatriotas a existência desses incomparáveis depósitos confiados pela Providência ao Império da América do Sul, não para uso exclusivo de um povo, mas para o bem-estar de toda a humanidade!

Portanto, este acima é o nosso objetivo, o objetivo para o qual nós vamos estender ao alcance de nossas forças.

Fazer conhecer o Brasil na França, na Europa, no Mundo; propagar o conhecimento de seus tesouros e dos recursos que ele oferece aos europeus laboriosos; dissipar os preconceitos, refutar os [*ilegível*] remanescentes sobre sua conta; finalmente, desenhar sob o belo céu e sobre o terreno fértil o maior número possível de trabalhadores que desejam, senão a fortuna, pelo menos uma vida fácil e tranquila, [*ilegível*] neste objetivo de abrir as colunas do *l'Avenir du Brésil*.

A trajetória é certamente ampla, e para preenchê-la nós temos a pretensão de trazer a contingência de nossa boa vontade e de nossos esforços.

Nós buscaremos aproveitar o exemplo daqueles que nos procederam neste caminho – primeiramente, o *Le Messager du Brésil*, que durante muito tempo foi a única voz francesa que ressoava no concerto da imprensa brasileira; a *Revue Commercial, Financière e Maritime*, cujo eclipse, graças ao mérito, ao trabalho, à abnegação de seu diretor, foi apenas momentâneo, uma vez que a *Revue* deverá ter lugar na imprensa no próximo mês. A França, após ter tomado sua parte de trabalho laborioso, vai continuar sob outra forma, transformando-se em correspondência política para o exterior; o *Sud-Américain*, finalmente, que também permanece na brecha e graças ao talento do seu editor-chefe, graças ao desinteresse de alguns franceses dedicados, mantém-se aqui alto e fecha a bandeira da França no Rio de Janeiro. Nós gostaríamos de saudar o senhor Xavier de Ricard, o jornalista consciente e honesto que, após ter brilhado na imprensa parisiense durante muitos anos [ilegível] e no Paraguai, encontraremos aqui a cada semana para apreciar o seu estilo fácil e brilhante, suas ideias liberais e seu amor profundo pela pátria mãe.

A nossos colegas brasileiros, pedimos licença para tomar um lugar humilde em sua gloriosa falange, garantindo, antecipadamente, que eles sempre vão encontrar em nós lealdade, amizade e respeito.

A Direção.

L'EMPIRE DU BRÉSIL: les guides de L'Etoile du Sud. Rio de Janeiro: Laemmert e C., 1887.

O *L'Empire du Brésil* começou a ser publicado em 1887, mas sua data final de publicação não pode ser prevista, pois só existe a primeira edição disponível no acervo da Hemeroteca Digital. Além disso, outras informações a seu respeito como, por exemplo, o valor do jornal, o endereço do escritório ou o nome do chefe de redação, também não estão disponíveis nesta única edição. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

PREFÁCIO

Nosso objetivo é, e tem sido sempre, fazer o Brasil ser conhecido na Europa.

As informações que nós publicamos se dirigem primeiro aos que leem: ao sábio, ao viajante, ao curioso; estes são aqueles que falam, que discutem, que contam; é para eles que os conhecimentos se ampliam, que os erros se retificam, eles agem por meio da palavra e dão conselho para aqueles que não leem ou leem mal; se têm uma ideia justa e param em um país, eles são capazes de se expressar, de fazer aceitar.

O exemplo e o ensinamento vêm do alto. Quando aqueles que leem sabem, não há dúvida de que o Brasil é um país são, que é o contrário do mundo que não oferece nenhum futuro, que há um lugar para uma população igual à da Europa, que a cultura é fácil e que a indústria não deixa de nascer; não temos mais medo do que eles fazem contra o imigrante de maneira a afastar o grande império sul-americano; ao contrário, veremos que eles serão os primeiros a aconselhar a todos aqueles que enviam ou precisam mudar de países, seja por um instinto secreto que empurra a humanidade para expandir, para aumentar seu domínio, seja para melhorar sua posição, desfrutar da liberdade que o desenvolvimento da personalidade humana torna cada vez mais caro, veremos, nós dizemos, que os maiores espíritos da Europa dirigirão eles mesmos no curso da emigração para as terras abençoadas da *Terra de Santa Cruz*.

A capital do Brasil e seus arredores, isto é, o cérebro do império, o ponto orientador, serão o primeiro alvo de nossas atenções. Nós passaremos depois à província do Rio de Janeiro que conta com muitas cidades prósperas, uma agricultura progressiva, boas vias de comunicação, escolas, etc.

Para um relacionamento natural do centro com a periferia, nós nos ocuparemos depois das ricas e prósperas províncias limítrofes da primeira: São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo; em São Paulo estaremos perto da fértil província do Paraná, que faz parte há poucos anos. Visitaremos Santa Catarina e São Pedro do Rio Grande do Sul, lugares europeizados em parte, em razão da grande influência de colonos de diversas nacionalidades.

Nosso trabalho se estenderá, em seguida, às outras províncias do Brasil sucessivamente, até chegarmos aos limites indecisos que separam o império da Guiana Francesa.

A empresa, como se vê, é ampla, e nós esperamos finalizá-la com a ajuda de Deus e de nossos leitores.

O Brasil não será mais o país menos conhecido de todos aqueles da América do Sul, nós iremos fornecer a todos um *vade-mecum* sóbrio e fiel, que permite fazer você viajar para lá em espírito, visitar e estabelecer em realidade e em conhecimento de causa.

O primeiro *Guides de l'Etoile du Sud* contém:

1. A cidade do Rio de Janeiro.
2. O município neutro.
3. A província do Rio de Janeiro.

A Redação.

ALMANACH DU BRÉSIL REPUBLICAIN. Rio de Janeiro: Imprimerie-Librairie du Brésil Républicain, 1895 e Besnard Frères, 1896.

O *Almanach du Brésil Republicain* tem apenas a primeira edição de 1895 e a primeira edição de 1896 disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital. Foi publicado pela Imprimerie-Librairie du Brésil Républicain, em 1895, localizada na rua d'Alfândega, n. 124, e pela tipografia Besnard Frères, em 1896, localizada na rua d'Alfândega, n. 124. Teve como chefe de redação Monsieur A. F. Reynaud e podia ser comprado a 3$000 réis cada número. Segue abaixo a tradução de seu editorial de apresentação.

PREFÁCIO

O almanaque é por excelência o livro da família.

Cada dia nós consultamos seu calendário, cada dia nós percorremos para buscar qualquer uma das mil informações úteis e indispensáveis que se encontram reunidas e que são

necessárias a cada instante, como uma data, um endereço, uma indicação qualquer; ou ainda um conselho prático para a mãe de família e dona de casa, uma receita de cozinha, de métodos usuais e econômicos, de remédios simples e vulgares, de informações sobre a higiene geral, etc.

O almanaque reúne o útil ao mais agradável e sempre oferece ao leitor curioso uma leitura variada, instrutiva e interessante.

Isso é o que explica o imenso sucesso desses pequenos livros que, sob diversos formatos e uma tão grande variedade de títulos, são impressos na Europa e na América aos milhares de exemplares.

Muitas vezes formam sozinhos a biblioteca de uma família pobre, de uma família de trabalhadores, e são bem raras as casas em que não se encontra pelo menos um almanaque.

O comércio foi rapidamente compreendido com as imensas vantagens que ele poderia tirar de uma publicidade tão extensa e, por assim dizer, permanente. Um anúncio em um almanaque cai sob os olhos dos leitores cada vez que ele é folheado durante o decorrer de todo o ano; grava-se fortemente em sua memória, e quando o leitor passa a precisar do objeto anunciado ele não procura, vai direto ao endereço anunciado em seu guia.

Um almanaque em língua francesa ainda não existe no Brasil, ele naturalmente pertencia a um jornal francês para preencher essa lacuna. É o que vem fazer o *Brésil Républicain*, apesar das grandes dificuldades e dos serviços consideráveis de uma tal empresa.

Nós tentamos fazer o nosso almanaque também interessante e, ao mesmo tempo, completo – isto é, também útil sempre que possível.

Os anúncios, intercalados ao longo do texto e impressos em papéis coloridos e brilhantes, devem se destacar e não passar despercebidos por nenhum leitor.

Sem dúvida, nesse primeiro ano nós não temos a pretensão de alcançar a perfeição, mesmo porque o tempo nos falta para conseguir um número de assinantes; dadas as dificuldades e as distâncias das comunicações no Brasil, tornam-se difíceis de reunir.

Mas no próximo ano nós faremos melhor; no terceiro ano, melhor ainda, sempre nos esforçaremos para satisfazer nosso amigos e leitores.

O *Brésil Républicain* oferece gratuitamente seu almanaque a seus assinantes. É um bônus que acreditamos ser tão bom quanto qualquer outro pelo que seremos certamente gratos.

TABELA DOS JORNAIS FRANCESES PUBLICADOS NO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX

	TÍTULO DO PERIÓDICO	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO	TIPOGRAFIA	ESCRITÓRIO	PREÇO DOS ANÚNCIOS	VALOR DO PERIÓDICO E OUTRAS INFORMAÇÕES
1	L'Indépendant	1827	1827: A l'Imprimerie Impèriale de P. Plancher-Seignot. Rua do Ouvidor, 95.	1827: Rua do Ouvidor, 95.	Não há informações	Assinatura por 3 meses 1$600, 6 meses 2$800 e 12 meses 4$800 réis. Chefe de Redação: Pierre Plancher.
2	L'Écho de l'Amérique du Sud	1827 – 1828	1827: A l'Imprimerie Impèriale de P. Plancher-Seignot. 1828: Imprimerie de L'Écho de l'Amérique du Sud de R. Ogier.	1827: Rua da Direita, 11. 1828: Rua da Quitanda, 63.	Não há informações	Assinatura por 3 meses 2$400, 6 meses 4$800 e 12 meses 9$600 réis. Chefe de Redação: E. Sevène.
3	Le Courrier du Brésil	1828 – 1830	1828 – 1830: Imprimerie du Courrier du Brésil.	1828: Rua da Quitanda, 63. 1829-1830: Rua da Cadeia, 142.	Não há informações	Assinatura por 2 meses 2$000, 4 meses 4$000 e 12 meses 10$000 réis. Chefe de Redação: R. Ogier.
4	Revue Brésilliene	1830	1830: Imprimerie de Gueffier et C. Rua	1830: Rua da Quitanda, 79.	Não há informações	Assinatura por 4 meses 4$000

	TÍTULO DO PERIÓDICO	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO	TIPOGRAFIA	ESCRITÓRIO	PREÇO DOS ANÚNCIOS	VALOR DO PERIÓDICO E OUTRAS INFORMAÇÕES
			da Quitanda, 79.			réis. Chefe de Redação: Gueffier et C.
5	Le Messager	1831 – 1833	1831 – 1833: Imprimerie de Gueffier et C.	1831 – 1833: Rua da Quitanda, 79.	Não há informações	Assinatura por 4 meses 4$000 réis. Chefe de Redação: Gueffier et C.
6	Revue Française	1839 – 1840	1839 – 1840: Imp. C. H. Furcy.	1839 – 1840: Rua do Cano, 151.	Não há informações	Assinatura por 4 meses 2$000 ou 640 réis por número. Chefe de Redação: C. H. Furcy.
7	L'Alcyon	1841	1841: Imprimerie de Cremiere.	1841: Rua do Ouvidor, 101.	Não há informações	Assinatura por 6 meses 2$000 réis ou 100 réis por número. Chefe de Redação: não menciona.
8	Le Nouvelliste	1847 – 1848[1]	1847 – 1848:	1847 – 1848: Rue	Cada linha: 80 réis ou	

[1] Le Nouvelliste indica que, em 1847, estava em seu décimo primeiro ano de publicação, todavia, não foram encontrados os números anteriores em nenhuma base de acervo.

	TÍTULO DO PERIÓDICO	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO	TIPOGRAFIA	ESCRITÓRIO	PREÇO DOS ANÚNCIOS	VALOR DO PERIÓDICO E OUTRAS INFORMAÇÕES
			Imprimerie Française. Rue Saint-Joseph, 64.	Saint-Joseph, 64.	60 réis para assinantes do jornal.	Assinatura por 3 meses 3$000 ou 120 réis cada número. Chefe de Redação: não menciona.
9	L'Écho Français	1849	1849: Imprimerie Parisiense.	1849: Rua da Quitanda, 68.	Cada linha: 40 réis (não importa a língua)	Assinatura por 3 meses 4$000 e por 12 meses 15$000 réis ou 160 réis cada número. Chefe de Redação: não menciona.
10	Courrier du Brésil.	1854 – 1862	1854: Imprimerie de George Leuzinger. 1855: Tipografia Americana de José Soares de Pinho. 1856 – 1862: Imprensa de N. Vianna & Fils.	1854: Rua do Ouvidor, 87 na Livraria de Pinto & Waldemar. 1855: Rua do Ouvidor,107. 1856 – 1857: Rua do Rosário 104. 1857 – 1858: Rua do Rosário 100. 1859: Rua do Rosário, 94. 1860-1862: Rua do Ouvidor, 112.	Não há informações	Assinatura por 3 meses 3$000, 6 meses 6$000 e 12 meses 12$000 réis. Chefe de Redação: M. Ad. Hubert.

	TÍTULO DO PERIÓDICO	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO	TIPOGRAFIA	ESCRITÓRIO	PREÇO DOS ANÚNCIOS	VALOR DO PERIÓDICO E OUTRAS INFORMAÇÕES
11	L'Écho de l'Atlantique	1858	1858: Tipografia Americana de José Soares de Pinho. Rua Alfândega, 21; Tipografia de J. X. de S. Menezes. Rua do Cano, 165.	1858: Rua São José, 23 e Rua do Ouvidor, 59.	Cada linha: 80 réis	Assinatura por 3 meses 4$000, 6 meses 8$000 e 12 meses 15$000 ou 180 réis cada número.
12	L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud	1859 – 1860	1859: Imprimerie Moderne. Rua d'Ajuda, 73. 1860: Typ. de Pinheiro e Cia. Rue d'Ajuda, 73. / nº 45. Typographia de Quirino & Irmão. Rua São Pedro, 262.	1859: Rua do Rosário, 100. 1860: Rua do Ouvidor, 69 na Livraria Garnier.	Não há informações	Assinatura por 3 meses 3$000, 6 meses 6$000 e 12 meses 12$000 réis. Chefe de Redação: Altève Aumont.
13	Figaro-Chroniqueur	1859	1859: Imprimerie Moderne de Georges Bertrand. Rua d'Ajuda, 73.	1859: Rua d'Ouvidor, 112. Livraria Waldemar.	Não há informações	Assinatura por 12 meses 12$000 réis. Chefe de Redação: Arthur du Mouton.

	TÍTULO DO PERIÓDICO	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO	TIPOGRAFIA	ESCRITÓRIO	PREÇO DOS ANÚNCIOS	VALOR DO PERIÓDICO E OUTRAS INFORMAÇÕES
14	Le Nouvelliste	1863	1863: Typographia Universal Laemmert.	1863: Rua da Direita, 46.	Cada linha: 80 réis para assinantes e 120 réis para não assinantes.	Assinatura por 3 meses 5$000, 6 meses 8$000 e 12 meses 10$000 réis. Chefe de Redação: L. A. de Nerciat.
15	La Gazette du Brésil	1867 – 1868	1867: Typ. de Domingos Luiz dos Santos. Rua Nova do Ouvidor, 20. 1868: Typographie de la Gazette du Brésil. Rua S. José, 30.	1867: Rua dos Ourives, 45. 1868: Rua S. José, 30.	Cada linha: 120 réis.	Assinatura por 3 meses 5$000 réis. Chefe de Redação: Louis Sauvages (1867) e M. Georges Gatineau (1868).
16	Ba-ta-clan	1867 – 1871	1867 – 1871: Imp. E Lith. de Ba-ta-clan. Rua S. Antonio, 29.	1867-1871: Rua do Ouvidor, 169.	Não há informações	Assinatura por mês 2$000 ou 500 réis cada número. Chefe de Redação: Charles Berry
17	France et Brésil	1874 – 1875	1874: Typ. de J. J. Lopes. Rua da Trindade, 2.	Ilegível	Cada linha: 80 réis.	Assinatura por mês 2$000 ou 300 réis cada número.

	TÍTULO DO PERIÓDICO	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO	TIPOGRAFIA	ESCRITÓRIO	PREÇO DOS ANÚNCIOS	VALOR DO PERIÓDICO E OUTRAS INFORMAÇÕES
			1875: Typographia da Paix. Rua Sete de Setembro, 21; Typographie Cosmopolite. Rua de Gonçalves Dias, 19.			Chefe de Redação: Não é mencionado.
18	Le Gil-Blas	1877 – 1878	1877 – 1878: Typographia de la Gazeta de Notícias. Rua Sete de Setembro, 72.	1877 – 1878: Rua nova do Ouvidor, 37.	Não há informações	Assinatura por 3 meses 2$000 ou 200 réis cada número. Chefe de Redação: Gil-Blas/Fantasio.
19	Le Messager du Brésil (Continuação do Le Gil-Blas)	1878 – 1884	1878 – 1880: Typographia de la Gazeta de Notícias. Rua Sete de Setembro, 72. 1882 – 1884: Typographia do Le Messager du Brésil rua Sete de Setembro, 131.	1878: Rua nova do Ouvidor, 37. 1880: Rua Gonçalves Dias, 47. 1882 – 1884: Rua Sete de Setembro, 131.	Cada linha: 100 réis.	Assinatura por 3 meses 2$000; 6 meses: 4$000; 12 meses: 9$000 ou 200 réis cada número Chefe de Redação: Não é mencionado.
20	L'a venir du Brésil	1885	Typ. Mont'Alverne. Largo da Carioca, 3.	1885: Rua Sete de Setembro, 83, 1º andar.	Cada linha: 200 réis.	Assinatura por 12 meses 12$000 réis.

	TÍTULO DO PERIÓDICO	PERÍODO DE PUBLICAÇÃO	TIPOGRAFIA	ESCRITÓRIO	PREÇO DOS ANÚNCIOS	VALOR DO PERIÓDICO E OUTRAS INFORMAÇÕES
						Chefe de Redação: P. Labarrière.
21	L'Empire du Brésil	1887	1887: não menciona.	1887: não menciona.	Não há informações	1887: não menciona.
22	Almanach du Brésil Republicain	1895 – 1896	1895 – 1896: Besnard Frères. Rua da Alfândega, 124.	1895-1896: Rua da Alfândega, 124.	Não há informações	300 réis cada número Chefe de Redação: A. F. Reynaud.